

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão

FONOLOGIA SÍNCRONICA E DIACRÔNICA

DO

BANIWA-SIUSI

- UM TRATAMENTO NÃO-LINEAR -

por

Maria Cristina Victorino de França

Dissertação apresentada ao Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC -, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística (Opção - Línguas Indígenas).

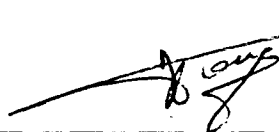
Florianópolis - SC

1993

Faruk Nome

Prof. Faruk Nome
Coordenador
UFSC - Pós-Grad. Linguística

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot (UFSC)

orientador

David L. Payne

Dr. David Lawrence Payne (SIL-Oregon)

Lucy Seki

Prof. Dra. Lucy Seki (UNICAMP)

Prof. Dr. Dario Pagel (UFSC)

Ao meu pai Pedro, por incentivar constantemente minha formação acadêmica, à minha mãe Antônia, por tentar compreender meu trabalho e ao meu informante Celestino, por ajudar a imortalizar a língua de seu povo.

DEUS PREFERIU CONTAR COM VOCE

*Só Deus pode criar,
Mas você pode valorizar o que Ele criou.*

*Só Deus pode dar a vida,
Mas você pode transmiti-la e respeitá-la.*

*Só Deus pode dar a fé,
Mas você pode dar o seu testemunho.*

A.D.

AGRADECIMENTOS

É quase impossível agradecer nominalmente a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a elaboração desta dissertação. Quando se fazem os últimos retoques, últimos detalhes, é como se estivéssemos dando à luz a um filho. Foram dias, noites, de segunda a segunda, sem aceitação de sábados ou feriados.

Família, amigos, colegas, professores, amigos da sociedade como um todo e colegas da APG - UFSC, além de, durante esses 25 meses, ter que repartir minha convivência entre Barra Bonita (SP), Porto Velho (RO), Guajará-Mirim (RO), São Gabriel da Cachoeira (AM) e Florianópolis (SC), onde inúmeras amizades puderam ser seladas, todos participaram e partilharam comigo a conclusão deste trabalho.

Portanto, esta dissertação é fruto da dedicação de pessoas que acreditam e valorizam a pesquisa.

Aqui, deixo registrados meu carinho e minha gratidão a algumas pessoas em particular.

AGRADEÇO:

- A DEUS, PORQUE TODAS AS COISAS COOPERAM PARA O BEM DAQUELES QUE O AMAM E PORQUE NENHUMA FOLHA DA ÁRVORE CAI SE NÃO FOR DA SUA VONTADE.

- Aos meus pais, Pedro Victorino de França e Antônia Marcon de França, por compreenderem minha ausência nos momentos de dor e pesares mais difíceis de nossa família.

- Aos meus irmãos, Maria Aparecida, Pedrinho e Antônio Fernando.

- Ao meu avô, Ricieri Marcon (in memoriam), pelo incentivo.

- À Milmores, a amiga de tantos anos, por ter, inúmeras vezes, solucionado meus problemas em Porto Velho.

- À ISaurinha, (in memoriam).

- A todos os meus amigos, em particular a Valdir, Claudete, Gabrielita, Iara, Nilcéia, Salete, Neiva, José Carlos, Jader, Rafael, Clóvis, D. Iria, Lucimara e Laércio.

- Ao Coordenador do Curso - Prof. Dr. Faruk Nome.

- A todos os professores do Curso.

- À Suzana, secretária do Curso.

- À Associação de Pós-Graduandos da UFSC (APG).

- Ao Comando da Polícia Militar do Amazonas.

- Ao Corpo de Bombeiros de Manaus.

- Ao Batalhão de Engenharia e Construção e ao Batalhão Especial de Fronteira, em São Gabriel da Cachoeira (AM).

- Ao Programa CAPES/PICD.

- À UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA- UNIR.

- Ao Campus Pérola do Mamoré, da Universidade Federal de Rondônia, em Guajará-Mirim.

- Ao Alberto, pelo amor, pela compreensão, pela paciência, pela espera e por entender minha ausência em muitos finais de semana.

- Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, a quem eu carinhosamente chamava de mestre amado, que com competência, acabou transformando minha orientação num verdadeiro curso de Linguística, indicando-me caminhos, sugerindo-me hipóteses, corrigindo, ajudando-me a superar todas as vicissitudes desses meses, acreditando em meu trabalho, além da amizade construída.

- Aos meus informantes Sr. Francisco e, principalmente, Celestino Benjamin da Silva, pelas informações prestadas e a seriedade com que foi conduzida a coleta dos dados, culminando, agora, neste trabalho.

ABREVIATURAS

1PL	1a pessoa do plural
1SG	1a pessoa do singular
2PL	2a pessoa do plural
2SG	2a pessoa do singular
3PL	3a pessoa do plural
3SG FEM	3a pessoa do singular feminino
3SG INDEF	3a pessoa do singular indefinido
3SG NAO FEM	3a pessoa do singular não feminino
ABS	Absoluto
ASP	Aspecto
CL	Classificador
COLET	Coletivizador
DEIT	Deítico
DEIX	Deixis
DEP	Dependente
DM	Decomposição morfológica
ELARN1	1a Expedição Lingüística ao Alto Rio Negro
GM	Glossa do morfema
INTR	Intransitivo
LOC	Locativo
NG	Notas gramaticais
NOMIN	Nominalizador
P	Processo
PASS	Passado
PE	Prefixo estativo (Atributivo)
PLUR	Plural

POSS	Possessivo
PRIV	Privativo
PROG	Progressivo
R	Regra
REFL	Reflexivo
REL	Relacionador
RESTR	Restritivo
RM	Regra Morfológica
T	Gerald Taylor
TEM	Tematizador
TP	Tradução do Português
TRANS	Transitivo
TX	Texto

S U M Á R I O

Introdução.....	003
1.0 Introdução etnolingüística.....	006
1.1 A família lingüística Arawák.....	006
1.2 O complexo dialetal Baniwa do Içana.....	016
2.0 Fonologia Sincrónica do Baniwa-Siusi.....	025
2.1 Sistemas fonológico e fonético.....	025
2.1.1 Os sons e os fonemas sistemáticos.....	025
2.1.1.1 Consoantes.....	025
2.1.1.2 Vogais.....	026
2.1.2 Os traços distintivos.....	028
2.1.2 Estruturação silábica.....	037
2.2 Prosódia: língua tonal ou acentual?.....	040
2.2.1 A imprescindibilidade do controle morfoprosódico.....	043
2.2.2 Considerações tipológico-comparativas sobre a prosódia Arawák.....	045
2.2.3 Distribuição fonotática superficial do acento "pitch".....	047
2.2.4 Sistema tonal subjacente.....	048
2.3 Análise fonológica não-linear.....	050
2.3.1 Morfologia & Fonologia Lexical.....	050
2.3.2 Fonologia Auto-segmental.....	055
2.3.3 Regras lexicais e processos pós-lexicais.....	057
2.3.3.1 Regras lexicais.....	062
2.3.3.2 Processos pós-cíclicos.....	102
2.3.4 Nativização dos empréstimos.....	112
2.3.4.1 Corpus representativo.....	112
2.3.4.2 Alguns processos de codificação perceptual.....	113

3.0 Fonologia Diacrônica.....	115
3.1 Sistemas fonológicos do Proto-Maipure e do Baniwa-Siusí.....	115
3.1.1 Consoantes.....	115
3.1.2 Vogais.....	117
3.2 Cognatos Baniwa-Siusí dos étimos do Proto-Maipure.....	118
3.3 Regras fonológicas de deriva diacrônica.....	127
3.3.1 Oclusivas bilabiais.....	127
3.3.2 Oclusivas alveolares.....	128
3.3.3 Oclusivas velares.....	129
3.3.4 Africadas surdas.....	130
3.3.5 Fricativas alveolar/alveo-palatais.....	130
3.3.6 Nasais.....	130
3.3.7 Líquidas.....	131
3.3.8 Glides.....	131
3.3.9 Vogais.....	132
4.0 Tratamento informatizado docorpus.....	145
4.1 Intergerenciamento de 'softwares'.....	145
4.2 Amostra de análise interlinearizada.....	186
4.3 Dicionário Português-Siusí.....	206
5.0 Anexos.....	262
6.0 Referências bibliográficas.....	277

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a apresentação de aspectos da fonologia sincrônica e diacrônica da língua Baniwa (dialeto Siusi), membro da família linguística Maipure-Arawák. O primeiro capítulo situa o Baniwa dentro de seu contexto histórico, geográfico e etnológico. O segundo capítulo propõe uma interpretação não-linear das regras fonológicas, com o uso dos modelos auto-segmental e lexical. O terceiro estabelece as regras de fonologia histórico-comparativa. Num quarto capítulo é organizado um mini-dicionário extraído de um corpus interlinearizado pelo programa IT, perfazendo um total de 2.500 entradas lexicais. Contém também a apresentação de um intergerenciamento de 'softwares' (WORD5, SHOEBOX, IT, CHIWRITER), cujo roteiro poderá ser utilizado para a descrição de outras línguas.

RÉSUMÉ

L'objectif du présent travail consiste à présenter les aspects principaux de la phonologie synchronique et diachronique de la langue Baniwa (dialecte Siusí), membre de la famille linguistique Maipure-Arawak. Le premier chapitre situe le Baniwa dans son contexte historique, géographique et ethnologique. Le second chapitre propose une interprétation non-linéaire des règles phonologiques, en utilisant les modèles auto-segmental et lexical. Le troisième établit les règles de phonologie historico-comparatives. Le quatrième chapitre comprend un mini-dictionnaire obtenu à partir d'un corpus interlinéarisé au moyen du programme IT, ce qui fournit un total de 2.500 entrées lexicales. Il contient aussi la présentation d'une intégration organisée de 'softwares' (WORD5, SHOEBOX, IT, CHIWRITER), que pourra être utilisé pour la description d'autres langues.

INTRODUÇÃO

Durante a visita do então mestrando Laércio Nora Bacelar, da UNB, no Campus de Guajará-Mirim (RO), em abril de 1990, para coleta de dados sobre a língua Kanoe, sob orientação do Prof. Dr. Aryon Dall' Igna Rodrigues, tive a oportunidade de inteirar-me sobre as pesquisas nas áreas de línguas indígenas, desenvolvidas no Brasil. Como eu trabalhava numa área, cuja presença de índios era constante, inclusive já tivera a oportunidade de visitar inúmeras vezes, junto com meus alunos do curso de Letras e Pedagogia, aldeias indígenas, nos arredores de Guajará-Mirim, as longas conversas com Laércio despertaram sobremaneira meu interesse em estudar, sistematicamente, essas línguas. Assim pensando, Laércio pôs-me em contato, por telefone, com o Prof. Aryon, o qual sugeriu-me a elaboração de um projeto a ser desenvolvido na própria área de Guajará-Mirim e mais tarde extendido ao estado de Rondônia. O projeto visava ao levantamento das línguas da região, objetivando sua situação atual, como número de línguas ainda faladas, línguas extintas, número de falantes, línguas estudadas, etc.

O Prof. Aryon e Laércio sugeriram que participasse de um curso de Lingüística Indígena, a nível de especialização, promovido pelo CNPq, em Goiânia, durante o mês de julho de 1990, o qual, certamente, dar-me-ia subsídios para realizar o projeto e pôr-me-ia em contato com pesquisadores envolvidos com línguas indígenas.

Nesse curso, pude, pela primeira vez, realizar

transcrições fonéticas de informantes de duas áreas de Goiás: os índios Kraho e os índios Karajá.

Ainda, como consequência, desse curso, o doutorando Valdir Vegini, da Universidade Federal de Santa Catarina, pôs-me a par do Curso de Mestrado em Linguística, opção em Línguas Indígenas, promovido pela Coordenação de Pós-Graduação em Linguística, na USFC, despertando -me o interesse pela idéia de poder fazer o mestrado lá.

Após submeter-me ao exame de seleção e ser aprovada, a Universidade Federal de Rondônia - UNIR - concedeu a licença para cursar o mestrado.

O segundo trimestre de 1991 foi decisivo para minha formação acadêmica por duas razões. A primeira foi a visita à Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, para a coleta de material bibliográfico e a segunda, a minha participação na 1a. Expedição Linguística ao Alto Rio Negro (ELARN I), em São Gabriel da Cachoeira, sede do município do mesmo nome, que se localiza aproximadamente a 200 KM ao sul da fronteira Brasil-Colômbia-Venezuela, e a 20 KM ao sul da linha do Equador, no Estado do Amazonas. Região denominada de "Cabeça do Cachorro" pelo Exército, em função do seu formato na geografia do Brasil político. Essa expedição, que foi promovida pelo Projeto Integrado de Pesquisas do CNPq "Classificação da Família Arawák e Reconstrução do Proto-Maipure", e coordenada pelo Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, com outros vinte e um integrantes, dentre

professores, pós-graduandos (doutorandos e e mestrandos) e bolsitas de iniciação científica. (Anexos 1-8)

Minha estada em São Gabriel, por cerca de quase três meses, deu-me a oportunidade de manter contato direto e diário com os informantes, permitindo-me ampliar e aperfeiçar minhas fronteiras no conhecimento das línguas indígenas, bem como, intereirar-me de alguns aspectos da cultura dos Baniwa.

O informante Celestino Benjamin da Silva, hoje da comunidade de Tunuí, mas originário de Tayaçu, Médio-Içana, falava Siusí. O pai era Siusí e a mãe Hohódene. Ele tinha 18 anos e estava preparando-se para servir o Exército. Foram elaborados questionários e listas de palavras; e as informações fornecidas foram, a princípio, transcritas foneticamente em cadernos, à medida que eram solicitadas ao informante, e, a posteriori, todo material transcrito foi gravado em 13 fitas magnetofônicas de 60 minutos cada. Com ele pude coletar o maior número de dados sobre a língua Baniwa do Içana, o que contribuiu, sobremaneira, para a realização desta dissertação, Celestino suportou, pacientemente, horas a fio, o trabalho de fornecer-me dados e mais dados, para minha futura análise; bem como do informante Sr. Francisco Brazan. Esse informante tinha 34 anos e morava há 20 em São Gabriel da Cachoeira. Além dos dados fornecidos por Celestino e Sr. Francisco, reúni dados inéditos da ELARN1 transcritos por Souza Mello (1991), França (1991), Hurko (1991), Salazar (1991) e Gomes et alii (1992), bem como textos de Koch-Greenberg (1911), Taylor (1991),

Nimuendajú ([1927] 1955) e Brüzzi (1956).

Infelizmente, por problemas financeiros, não pude retornar a São gabriel da Cachoeira, pois considero imprescindível a ida a campo pelo menos duas vezes, a fim de que o pesquisador possa sanar dúvidas e testar hipóteses que, naturalmente, vão surgindo ao longo do período da análise dos dados.

Espero poder, com esta dissertação, contribuir para o conhecimento desta língua, assim como, para melhor conhecimento das demais línguas aparentadas da família Arawák.

1.0 Introdução etnolingüística

1.1 A família lingüística Arawák

Desde que a América foi descoberta pelos europeus, no final do século XV, as línguas dos povos ameríndios vêm sendo documentadas, a princípio por padres, principalmente jesuítas e franciscanos, por navegadores, historiadores ou por antropólogos¹.

Mesmo a despeito da tentativa desses homens, de documentarem ou de analisarem essas línguas, por quase cerca de 400 anos², esses estudos registraram-se, geralmente, à elaboração de listas de palavras e seus respectivos significados. O que Mosonyi (1968) denomina de '*lingüística de superfície*': vocabulários de aspecto geralmente deplorável, elaborados por aficionados, traduções - geralmente muito deficientes - de passagens bíblicas e outros trechos religiosos, cartilhas ocasionais e, sobretudo, uma proliferação quase infinita de classificações lingüísticas, às vezes muito ambiciosas - organizadas com base na comparação de vocabulários curtos e inexatos. E, se considerarmos o avanço

¹ O primeiro antropólogo a trabalhar no Brasil foi o alemão Karl von den Steinen, em 1884.

² Payne (1990) observa que em 400 anos inúmeras descrições morfológicas foram acumuladas, algumas constituem-se de quadros de paradigmas verbais, ou listas de afixos e a descrição de seus significados. Payne ainda menciona, como exemplo clássico elaborado por von Kinder, em 1936, a gramática de Huitoto que lista todas as conjugações do verbo iye 'ser, estar', em todas as pessoas e números em cerca de 50 configurações de tempo, aspecto e modo.

dos estudos teóricos lingüísticos das línguas ameríndias desenvolvidos até a década dos anos 70, defrontar-nos-emos com um quadro bastante lamentável acerca da documentação dessas línguas. Matteson (1964), durante o XXXV Congresso Internacional de Americanistas, no México, declara a satisfação com que os lingüistas receberam o registro de onze línguas da família Arawák: "Ya tenemos a la mano datos adecuados sobre once lenguas de la familia aruaca. Después de tantos años de retraso y frustración en los esfuerzos por establecer sub-classificaciones dentro de la familia aruaca, los lingüistas recibieron con satisfacción estos registros compilados por investigadores preparados..."

Até 1977, conforme Derbyshire e Pullum (1991:3), das cerca de 200 línguas ameríndias ³ ainda vivas na região Amazônica, praticamente nenhuma descrição sintática detalhada ou esboços estruturais puderam contribuir para o desenvolvimento da teoria lingüística moderna. Como destacou Seki(1991), os recentes estudos de tipologia lingüística têm registrado a presença, em línguas indígenas, de características não atestadas ou raras em outros continentes. Esses estudos têm revelado também fatos que constituem evidências de violação de princípios tido como

³ Na introdução do *Handbook of Amazonian Languages*, de 1991, volume III, Derbyshire e Pullum, fazem referência à citação de dois autores, acerca do número de línguas vivas da região Amazônica. Uma delas diz respeito a Kaufman (1990), onde o autor estabelece um total de 203 línguas faladas em regiões que ele designa de Amazonia Ocidental I, Amazonia Ocidental II, Planícies do Norte, Planícies do Sul, Brasil Oriental, Brasil Nordeste, Amazonia Central e Amazonia do Norte. A outra citação refere-se ao trabalho de Grimes (1988), cujo número de línguas vivas no Brasil totaliza 201.

universais, estabelecidos por teorias sintáticas ou que corroboram as postulações básicas e o valor explanatório de certos modelos de análise, demonstrando assim, a relevância que tem o conhecimento das línguas indígenas para o desenvolvimento da teoria lingüística.

Apenas para enfatizar a necessidade, a urgência e a importância do conhecimento dessas línguas, é válido citar alguns trabalhos de lingüistas que se arvoraram a estudar essas línguas e depararam-se com características tipológicas raras ou inexistentes no resto do mundo: trabalhos como o de Harrison (1986), sobre a língua Guajajara; Payne (1986) e Payne e Payne (1990), sobre a língua Yagua; o de Rodrigues (1990), sobre a língua Tupinambá; Weir (1990), sobre Nadeb; Chapman e Derbyshire (1991), sobre Paumari; e outros não menos importantes para o desenvolvimento da teoria lingüística. Dentre as inúmeras famílias lingüísticas da

América do Sul, há, particularmente, uma delas, que se destaca por sua importância. Trata-se da família Arawák. Para Meillet e Cohen (1927), a família Arawák é uma das mais importantes famílias lingüísticas, senão a mais importante, da América do Sul. Voegelin e Voegelin (1977), declaram: "...the 'largest' of families in Equatorial division of the phylum..." Mosonyi (1968), observa que " ...é a mais extensa da América do Sul e que abarca o maior número de línguas." Mason (1950), refere-se a ela dizendo que provavelmente deve ser a mais importante da América do Sul, tanto pela extensão como pelo número de línguas e dialetos que a compõem. Mason lista 122 línguas e dialetos em sua classificação. Noble (1965), faz

referência a 89 línguas. Loukotka (1968), menciona 154 idiomas Arawáks. Tovar e Tovar (1984), declaram que é a família lingüística mais extensa da América do Sul. Chamberlain (1913), a reconhece como "...one of the most widely distributed of all the native languages of continent...". Para Wise (1987): "La familia arawaka maipuran, é decir, la 'línea principal' de la macro-familia arawaka es una de las más grandes y dispersas de la América Latina." Hoff, em 1955, ao apresentar um estudo comparativo das línguas do Caribe e Arawák cita: "The two languages, used by the greatest number of speakers, Kalina (Carib, Caribisce, Caribe, Galibi) and Lokono (Arawak) are found in lowlands of Surinam and in the countries by which it is bounded to the East and West..." Koch-Grünberg (1986), lista cinco grupos: Arawa, Maipuran, Chapacura, Guamo e Uro. De acordo com Ruhlen (1976) pelo menos: "...100 languages are included in the large Arawakan family..." (Anexo 09)

Para Derbyshire e Pullum (1991:12): "Arawakan is thus the largest South American family, in number of languages as well as geographical extension."

Payne (1987) declara que a família lingüística Arawák é considerada a mais extensa família autóctone da América do Sul, levando-se em conta tanto o número de línguas conhecidas, bem como a sua extensão geográfica.

Conforme Payne (1991a) : "La familia lingüística arawaka ha sido considerada como una de las familias más extensas en América Latina..."

Com relação à extensão geográfica, as línguas Arawák são

faladas desde a América Central até as cabeceiras do rio Paraguai, na América do Sul. (Anexo 12)

Embora não se conheça ao certo o local onde Colombo desembarcou pela primeira vez nas Américas, sabe-se que descobriu dezenas de ilhas, dentre elas Hispaniola, dividida atualmente entre Haiti e República Dominicana. E os primeiros contatos travados com os nativos da região foram com os Taino. Esses índios falavam uma língua hoje extinta da família Arawák. Os Taino, que assim se autodenominavam, espalhavam-se, além de no Haiti e República Dominicana, pela Jamaica, Cuba e Porto Rico. Atualmente, na América do Sul, os falantes da família Arawák são encontrados nos quatro extremos do continente.

É conhecido que a região de maior concentração das línguas da família Arawák encontra-se à margem do Alto Rio Negro, cuja situação histórico-social dificultou o acesso de pesquisadores à área (Rodrigues, 1986). E, conseqüentemente, inúmeras dessas línguas ainda são totalmente desconhecidas, algumas em processo de extinção e outras já extintas.

Em 1782, o missionário italiano Filippo Salvadore Gilij, que vivia na Venezuela, designou, pela primeira vez, o nome de uma língua local, Maipure, para referir-se à família Arawák. A literatura atual tende a utilizar o termo original "maipuré" ou para referir-se ao grupo principal de línguas, e empregar o termo "arawaka" para referir-se à família que vincula as línguas maipure com outras línguas mais distantes.

O termo "Arawak" foi adotado da língua "Arawak"

(Lokono), falada ao longo da costa das Guianas. Embora a classificação de Gilij tenha sido bastante perspicaz, mais tarde ela foi obscurecida por outras classificações baseadas em aspectos geográficos, como a de Lorenzo Hervas y Panduro (1800), que desconsideraram as relações mais distantes referidas por Gilij. Posteriormente, em 1863, Martius apresentou uma classificação das línguas indígenas americanas, cuja maioria eram Tupi ou Jê. As outras foram distribuídas no menor número possível de grupos. Um desses foi o grupo 'Guck ou Coco', cujos membros possuíam termos similares para designar 'irmão da mãe'. Todas as línguas Arawák, listadas por von Martius, estão incluídas no grupo, juntamente com o grupo Macusi, uma língua Carib, além de algumas outras línguas relacionadas de maneira muito distante com as línguas Arawák.

Steinen, em 1886, ao criticar a teoria 'Guck', apontou o fato de que muitos cognatos para coco podem ser encontrados em Kechua, uma língua supostamente não relacionada. Ele defendeu a utilização de termos, como por exemplo, partes do corpo, ao invés de termos culturais (Kulturwörter), para a sua classificação lingüística. Procurou demonstrar ainda que o grupo de Gilij, tanto quanto outras línguas desconhecidas do missionário, compartilhavam termos de partes do corpo, e que tais palavras regularmente se iniciavam com o prefixo possessivo nu- ou p-. Disso resultou uma lista extensa de Nu-Sprachen ou membros de um grupo Nu-Aruac.

Em 1891, Brinton, embora divergisse em determinados pontos das classificações anteriores às dele, incluiu o Taino na família Arawák. Isso veio representar um avanço

importantíssimo para o desenvolvimento histórico da noção de Arawák, porque vem demonstrar a antigüidade da família.

Rivet, (1924/1952), embora não explicasse seus métodos de classificação, encarregou-se de classificar as línguas do Novo Mundo, sendo possível deduzir de seus artigos que ele se fundamentou, principalmente, na comparação de listas lexicais, onde ele considera que as línguas que compartilham o maior número de palavras pertencem a um mesmo grupo. Ele agrupa os dialetos da família Arawák segundo suas afinidades lingüísticas:

FAMILIA ARAWÁK	-Norte Amazônico	-dialetos do Orenoco e dos afluentes setentrionais do rio Amazonas (rio Negro, rio Içana, etc..)
		-outros..
FAMILIA ARAWÁK	-Pré-Andino	
	-Boliviano	
	-Arawá ⁴	
	-Guinão	
	-Uru-Pukina	
	-Takana	

Créqui-Montfort e Rivet, num estudo sobre Saraveca, em 1913, notaram a ocorrência dum grande número de cognatos entre o Paressí, uma língua do sul, e diversas línguas Arawák faladas ao norte do Amazonas, levando-os, por isso, a incluírem as outras línguas do sul, num grupo distinto, denominado 'Pre-Andine'.

Em 1952, Rivet reiterou sua classificação, embora o

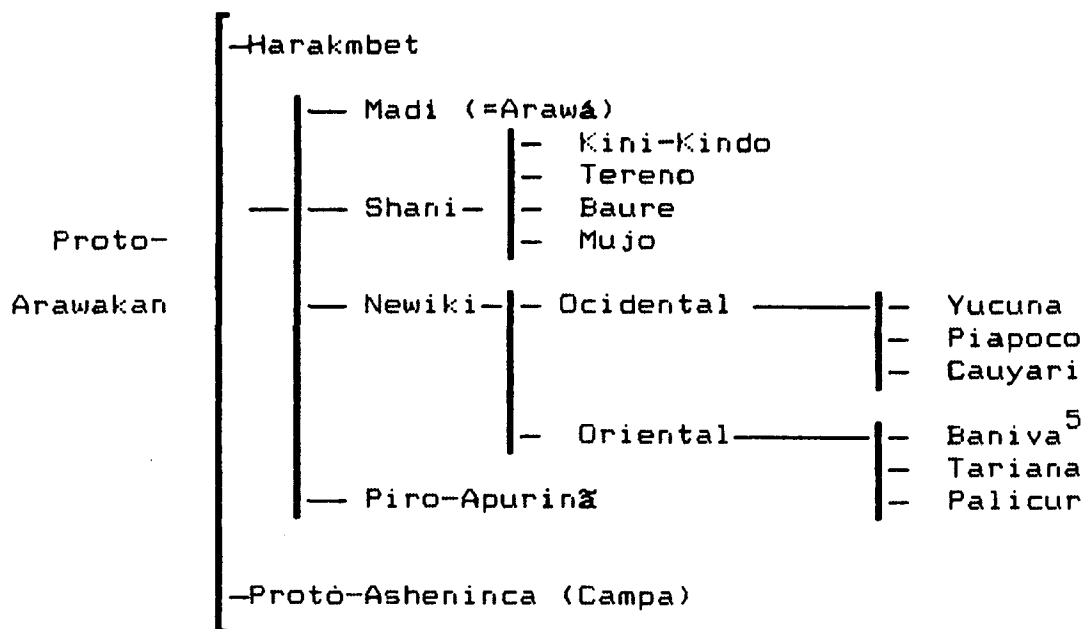
⁴ Neste grupo, Rivet coloca línguas da família Arawák que não é o mesmo de Arawá (Rodrigues, 1986).

Taruma tenha sido excluído da família Arawák e algumas línguas foram incorporadas ao grupo Pré-Andino.

Greenberg apresentou, em 1956, uma classificação, onde o Arawák é incluído numa família bem maior, o Andino-Equatorial, onde encontramos o Macro-Arawák ao lado do Macro-Tucano, do Tupi-Cariri e Andino. Exceto por algumas línguas e grupos que, geralmente, não são incluídos na família, Greenberg não listou os componentes de Arawák. E Noble, na sua classificação de 1965, não incluiu o Chapacura-Wanhanan aos mesmos grupos mencionados por Greenberg. (Anexos 09 e 11) Rowe (1973) apresenta um mapa das principais tribos indígenas da América do Sul. (Anexo 12) Ainda temos em Greenberg:

Proto-Arawakan (latu sensu)	—Arawák = Arauák (strictu sensu) = Maipure (latu sensu)
	—Aruá = Arawá (Brasil)
	—Chapacura (Bolívia)
	—Uru-Chipaya (Bolívia)
	—Harakmbet (Peru)

A primeira tentativa de uma reconstrução Proto-Arawák encontramos em Matteson (1972):



Recentemente, Valenti(1986) dedicou, em sua tese doutoral, intitulada "A reconstruction of the Proto-Arawakan - Consonantal system", um apêndice, onde ela lista, num quadro, a localização geográfica de 54 línguas Arawák. No entanto, esse quadro apresenta uma série de discrepâncias de caráter geográfico, ortográfico denominacional, além de notadas omissões de ordem taxionômica.

A classificação de Kaufman (1990), agrupa as línguas da Amazônia em quatro "stocks" (=tronco):

1. Arawakan, na região Oeste 1
2. Tukanoan, na região Oeste 2
3. Tupian, na região Central
4. Kariben, na região Norte

Payne (1991b: 489) estabeleceu a primeira classificação científica da família Arawák-Maipure, baseada no cálculo

⁵ Baniva = Baniwa = Maniva.

Maniva = mandioca, donde, Baniwa = cultivadores de mandioca.

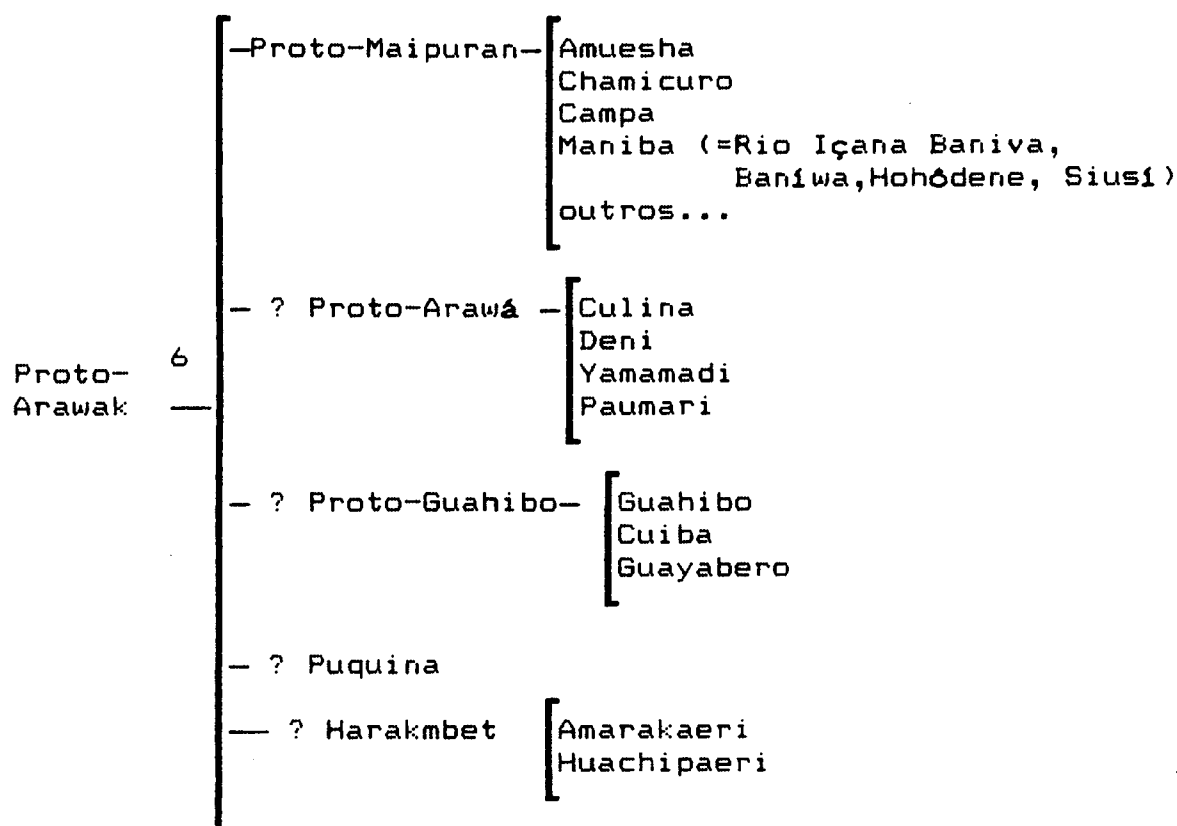
Baniwa do Içana é diferente de Baniwa do Guainia apenas falado na Venezuela.

estatístico de cognatos lexicais entre 24 línguas bem documentadas:

OCIDENTAIS:		Amuesha Chamicuro
CENTRAIS:		Paresi Waura
SULINAS:	BOLÍVIA-PARANA:	Terêna Baure Ignaciano
	PURUS:	Piro Apurinã
	CAMPA:	Machiguenga Asheninca
ORIENTAIS:	PALICUR:	Palicur
NORTISTAS:	WAPISHANA:	Wapishana
	CARIBENHO: GARIFUNA: TA-ARAWAK	Garifuna Lokono Guajiro
	CONTINENTAL: YAVITERO:	Yavitero
	NORTE-AMAZONICO: RESIGARO:	<u>Resigaro</u>
	RIO NEGRO:	<u>Achaga</u> <u>Cabiyari</u> <u>Curripaco</u> <u>Piapoco</u> <u>Tariana</u> <u>Yucuna</u>

Payne (1991b:356/490) observa a respeito de sua classificação que 'in conclusion, the phonological, lexical and grammatical data together support my new classification of Maipuran languages, which in turn give a reasoned basis on which to begin the more definitive reconstructions of each of the sub groups of Maipuran, as sufficient material becomes available, and eventually achieve a more definitive reconstruction of Proto-Maipuran to supersede the preliminary reconstruction done here'.

Quanto ao seguinte hipotético tronco Arawák, Payne (1991b:365) não se pronuncia a seu respeito:



1.2 O complexo dialetal Baniwa do Içana

Não menos problemático, do que a classificação das línguas Arawák, parece ser o que se pode denominar de complexo dialetal Baniwa.

O emprego do termo Baniwa tem ocorrido de forma confusa e incoerente. Muitos autores têm-no confundido, ora considerando-o língua, ora dialeto, ora no lugar de outra língua, ora como dialeto de outra língua. Isso tem dificultado sobremaneira a

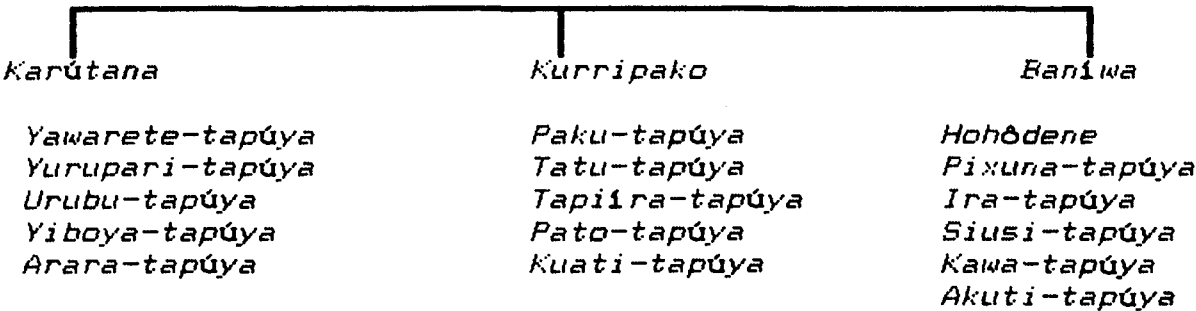
⁶Payne (1991b) marcou com "?" alguns protos por não querer ainda afirmar que sejam Arawák.

classificação do Baniwa, principalmente por causa da escassez de dados disponíveis e já analisados, uma vez que o acesso às regiões onde a língua tem sobrevivido até aos dias de hoje, é bastante difícil.

O Baniwa do Içana, enquanto família Arawák do rio Içana e seus afluentes, principalmente, rio Aiari e Cuiari, faz parte do que se convencionou chamar de *Complexo Lingüístico Baniwa-Kurripako* e abrange cerca de vinte grupos diferentes, tradicionalmente reunidos em três grandes grupos:

- Karútana (falado no baixo Içana)
- Kurripako (falado no alto Içana)
- Baniwa do Içana (falado no médio Içana)

BANIWA DO IÇANA



Rogrigues (1986), apresenta alguns dos nomes grupais do Baniwa do Içana, da seguinte forma:

Língua Baniwa do Içana	Língua Geral	Significado
Adáru-minanei (Karútana)	Arára-tapúya	Gente da arara
Adzáneni, Adyánene, Adyána (Koripáka)	Tatu-tapúya	Gente do tatu
Aini-dákenei, Máulieni	Káwa-tapúya	Gente da vespa
Awádzurunai	Akuti-tapúya	Gente da cutia
Dzawí-minanei (Karútana)	Yawareté-tapúya	Gente da onça

Dzúreme, Dzúremene	Yabóya-tapúya Búia-tapúya	Gente da jibóia
Héma-dákene (Koripáka)	Tapiíra-tapúya	Gente da anta
Hohódene, Hóho		?
Kadaupurítana, Kataporítana	Pixúna-tapúya	Gente do preto ?
Kapité-mnanei (Koripáka)	Kuatí-tapúya	Gente do quati
Karútana (vide Adáru-minanei, Dzawí-minanei, Mapátse-dákenei, Wádzoli-dákenei)		
Koripáka, Koripáko, Kuripáka (vide Adzáneni, Kapité-mnanei, Kumadá-mnanei, Payualíene)		
Kumadá-mnanei, Kumándene (Koripáka)	Ipéka-tapúya Pato-tapúya	Gente do pato
Mápanai, Mápa-dákenei	Ira-tapúya	Gente da abelha
Mapátse-dákenei (Karútana)	Yuruparí-tapúya	Gente do jurupari
Maulieni (vide Aini-dákenei)		
Moríwene	Sukuriyú-tapúya	Gente da sucuri
Payualíene, Padzoalíene (Koripáka)	Pakú-tapúya	Gente do pacu
Wádzoli-dákenei (Karútana)	Urubú-tapúya	Gente do urubu
Walipéri-dákenei	Siusí-tapúya	Gente das Pléiades

Esses grupos espalham-se ao longo de toda a margem do rio Içana, no extremo norte do Estado do Amazonas, na região do Alto Rio Negro. Sendo esse um dos motivos de muitos autores denominarem a língua de Baniwa do Içana, mas muitas vezes é confundido com o Baniva da Guainía (do grupo Baniwa-Yavitero) da bacia do baixo Orinoco e com Corripaco, que muitos têm considerado um dialeto do Baniwa, baseando-se na expressão para "não tem" [korripako] ou [kurripako]. (Anexo 13)

Segundo Galvão (1959:5) "...essa é uma região de fronteira, não no sentido de confinar com repúblicas vizinhas, mas no de significar uma área onde ainda se processa um encontro de culturas, a indígena e a nacional e a emergência de uma nova sociedade mestiça e a campesina."

Oliveira (1975:1) obteve informações contraditórias, quando de sua estada na região do Alto Rio Negro, sobre a localização exata dos Baniwa: "Segundo alguns representantes da sociedade regional envolvente, eles se encontram ao longo do rio Içana, sendo mesmo conhecido como o rio dos *Baniwa*, enquanto que para outros as aldeias desses índios acham-se fixadas acima de Carará-Poço, no médio Içana. (Anexo 14)

Já em Oliveira (1979), há um mapa do Alto Rio Negro, desenhado por um índio Baniwa, com as respectivas localizações dos Baniwa, mais detalhado que o mapa encontrado em Oliveira (1975). (Anexo15)

O Journal de la Société des Américanistes de Paris publicou, em 1913, um trabalho de Chamberlain, onde o autor elaborou uma lista provisória com a nomenclatura e distribuição das principais tribus e sub-tribus do tronco lingüístico Arawák. Das 150 tribus e sub-tribus apresentadas por Chamberlain, 45 estão relacionadas com o complexo dialetal Baniwa, as quais são:

- Adzáneni
- Baniwa
- Cadanapurítana
- Caruzana
- Coatí

-Ciuçi
-Curri-carro
-Dérunei
-Dzáui-minanei
-Häma-dákeni
-Huhúteni
-Ipéka
-Iyäine
-Izanéni
-Kapíti-minanei
-Karútana
-Katapolítana
-Káua
-Kauyarí
-Korekarú
-Kuatí
-Kumáta-minanei
-Kumätene
-Mabátsi-dákeni
-Maníva
-Matapý-tapuyo
-Mau(a)liueni
-Maúlieni
-Molliueni
-Oalíperi-dákeni
-Padzóaleni
-Payoarini
-Quatí

- Siusí
- Suassú
- Sukuriyú-tapuyo
- Tapiíra
- Tatú
- Tatú-Tapuyo
- Uainambú-tapuyo
- Uariperidáqueni
- Uátsoli-dákeni
- Yibóya-tapuyo
- Yuruparú-tapuyo

Loukotka (1935), listou catorze sub-divisões da família Arawák, e no grupo da Guiana incluiu Baniva, Siusí e Ipeca.

De acordo com a classificação de Nimuendaju(1955), os dialetos do Baniwa do Içana apresentam-se organizados da seguinte forma:

- Baniwa-Içana = Baniwa = Issana = Baniva = Maniba = Baniba = Kohoroxitari
- Karútana = Carútana = Karuzana = Carruzana = Carusana
- Adáru-minanei = Arána-tapúya = Adaru
- Dzáwi-minanei = Dzawi = Dzavi = Yawareté-tapúya = Yawareté = Javarete = Korekaru
- Mapátse-dákenei = Mapache = Yuruparí-tapúya = Yuruparí = Juruparí
- Wádzoli-dákenei = Wadzoli = Uadzoli = Urubú-tapúya = Urubu
- Koripáka = Koripáko = Kuripáka = Kurripako = Curricaro = Curipaca = Curricuri = Coripáca = Coripaco = Curripaco = Korispaco = Korripaco

- Adyánene = Adzáneni = Adyána = Adzánene = Adiana = Izaneni =
Tatú-tapúya = Tatu
- Kapité-mnanei = Capite = Kuatí-tapúya = Cuati = Costi =
Karite-minanei
- Kumadá-mnanei = Kumándene = Kumãdene = Ipéka-tapúya = Ipeca =
Páto-tapúya
- Payualiene = Padzoaliene = Paioariene = Payuliene =
Palioariene = Payoarini = Pakú-tapúya = Pacu
- Héma-dákene = Tapiíra-tapúya
- Kárru = Kárru
- Unhun = Enhen
- Aini-dákenei = Máulieni = Mauryene = Káwa-tapúya - Káua =
Sukuružú
- Awádzurunai = Akutí-tapúya = Acutí
- Dzúremene = Dzurememe = Dzúreme = Yibóya-tapúya = Búia-tapúya
= Búya-tapúya = Žiboya
- Hohódene = Huhúdeni = Huhúdene = Hohodeni = Huhúteni =
Hohodena = Hóho = Caua
- Kadaupurítana = Kataporítana = Catapolitani = Katapolítani =
Cadaupurítana = Kadaupurítana
- Mápa-dákenei = Mápanai = Ira-tapúya = Ira
- Moríwene = Morivene = Moriwene-máuline = Sucuriyú-tapúya =
Sucuriyu
- Walipéri-dákenei = Valíperi-dákeni = Veriperidakeni =
Waliperi = Wariperzdékene = Ualiperedakenai = Siusí-tapúya =
Siwsí = Siusí = Siuci = Seuci = Siusy = Cumata
- Paraiuára-tapúya
- Uçá-tapúya

Brüzzi (1977:33), numa de suas listas, faz referência à Banibá - Baniva (Baníua, Banibá, Uaníva, Maniva) dizendo: "Mais do que um tribo, é um conjunto de tribos Arwake. Embora se encontrem membros dessas tribos dispersos em uma ou outra localidade do Uaupés, seu habitat é o rio Içana." Brüzzi ainda menciona a divisão apresentada por Curt Nimuendajú, em *Idiomas*

indigenas del Brasil: Baniwas Ocidentais e Baniwas Orientais.

Registramos, aqui, apenas a referência aos Baniwas ocidentais:

Karútana (Baniwa do Içana, em Santa Ana) compreendendo 4 classes:

Mapátse-dákenei ou Yurupari tapuya, Wádzoli-dákenei ou Urubú-tapuya, Dzawí-minanei ou Yauareté-tapuya e Adarú-minanei ou Arara-tapuya.

Kadaupuritana (com duas formas: Baniwa de Tunuí e do Mariuá).

Moriwene ou Sukuruzú-tapuya (Baniwa de Seringa-Rupitá).

Walíperi-dakenei ou Siwsí-tapuya ou Estrela-tapuya (Baniwa de Carurú-poço, rio Aiarí).

Hohódene (Baniwa do Yandú-cachoeira, rio Içana).

Máulieni ou Kawa-tapuya (Baniwa do Uirá-uaçú, rio Aiarí).

Payuliene ou Pakú-tapuya (Baniwa do Acutí-igarapé, rio Içana).

Adyáneme, Adyána ou Tatú-tapuya (Baniwa de Santa Rosa, rio Içana).

Kumadá-minánei ou Ipeka-tapuya (Baniwa de S. Pedro, rio Içana).

Kapité-minánei ou Coatí-tapuya (Baniwa de Camuti-poço, rio Içana).

Em 1968, Loukotka, na classificação do grupo Baníva, apresenta duas línguas: Baníva e Yavitero (Pareni ou ainda Yavitano) e inclui no grupo Baré, o dialeto Siusí, como uma das línguas do grupo (Walíperi-dákenei ou Uereperidákenei). E quanto ao grupo Ipéca, inclui Ipeca (ou Kumada-minanei ou Baníva do Rio Içana).

Como Rodrigues (1986) observou: "as relações das línguas da família Aruák entre si são ainda pouco conhecidas nos seus detalhes...Essa falta de estudos comparativos afeta sobretudo línguas ou grupos de línguas a que se tem atribuído filiação à

família Aruák, mas até agora sem a apresentação de evidências claras."

Embora inúmeros pesquisadores estejam engajados em estudos histórico-comparativos, tanto no Brasil, quanto em países, como a Venezuela, Peru, Colômbia, Bolívia), há ainda uma imensa colcha de retalhos a ser, minuciosamente, reconstituída acerca do parentesco dessas línguas.

2.0 Fonologia Sincrônica do Baniwa-Siusi

2.1 Sistemas fonético e fonológico

2.1.1 Os sons e os fonemas sistemáticos

São atestados 70 sons consonantais e 23 sons vocálicos, que derivam da aplicação ordenada de 35 regras lexicais e dos 17 processos pós-lexicais aplicados aos 15 fonemas consonantais e 4 fonemas vocálicos que compõem o sistema subjacente.

Inventário dos fonemas e dos sons:

2.1.1.1 Consoantes

Sistema fonol. Siusi	BIL.	DENT.	ALV.	A-P.	RETR.	PAL.	VEL.	GLOT.
OCLUSIVAS SURDAS	p	t̪	t	.	.	.	k	.
OCLUSIVAS SONORAS	b	.	d
AFRICADA SURDA	.	.	ts
AFRICADA SONORA	.	.	dz
NASAIS	m	.	n
FLAPE LATERAL	.	.	ɭ
APROXIMANTES	ɻ	j	w	h

CONSOANTES FLUTUANTES:

C e V no 'skeletal tier' e sem associação

H = 'floating' glotal, só associado ao 'skeletal tier'

Enquanto que a presença de /h/ é indicada pela metátese seguida de aspiração/ensurdecimento da consoante precedente e

pela coalescência /ai/ --> [e] em vez de [aj], a presença do /H/ flutuante detecta-se somente pela fusão vocálica.

Sistema fonético Siusí	BIL	DENT	ALV.	A-P.	RETR	PAL.	VEL.	GLOT
OCLUSIVAS SURDAS	p	t̪	t	.	.	.	k	ʔ
OCLUSIVAS SONORAS	b
OCLUSIVAS ASPIRADAS SU	ph	.	th	.	.	.	kh	.
AFRICADA SURDA	.	.	ts
AFRICADAS ASPIRADAS SU	.	.	tsh	tʃh
AFRICADA SONORA	.	.	dz
NASAIS	m	.	n	.	.	ɲ	.	.
NASAIS SURDAS	ɱ	.	ɳ	.	.	ɳ̥	.	.
FLAPE LATERAL SONORO	.	.	ɭ
FLAPE LATERAL SURDO	.	.	ɭ̥
APROXIMANTES SONORAS	ɻ	j	ɰ	.
APROXIMANTES SURDAS	ɻ̥	j̥	ɰ̥	h

OBSTRUINTES PALATALIZADAS: pʲ, tʲ, kʲ, bʲ, dʲ, phʲ, thʲ, khʲ, ʃʲ, hʲ, tʃhʲ, dʒʲ,

SOANTES PALATALIZADAS: mʲ, ɱʲ, ɭʲ, ɻʲ, ɻ̥ʲ, ɰʲ

OBSTRUINTES LABIALIZADAS: pʷ, tʷ, kʷ, bʷ, dʷ, phʷ, thʷ, khʷ, ʃʷ, hʷ, tsʷ, tshʷ, dzʷ

SOANTES LABIALIZADAS: mʷ, nʷ, ɲʷ, ɱʷ, ɳʷ, ɳ̥ʷ, ɭʷ, ɻʷ, ɻ̥ʷ, ɰʷ

2.1.1.2. Vogais

Sistema fonológico Siusí

VOGAIS ALTAS	i u
VOGAL MÉDIA	e
VOGAL BAIXA	a

VOGAL FLUTUANTE V (no 'skeletal tier' e sem associação)

TONS FLUTUANTES ALTO ǂ e BAIXO ǃ (no tier tonal só associado ao 'skeleton')

Não há ditongos nem vogais longas mas só vogais breves contíguas associadas a um único V no 'skeletal tier'.

Sistema fonético Siusí:

VOGAIS ALTAS	i	u	i:	u:	ɨ	ʉ
VOGAIS MÉDIAS ALTAS	e	o	e:	o:	ɛ	ɔ
VOGAIS MÉDIAS BAIXAS	ɛ	ɔ	ɛ:	ɔ:		
VOGAIS BAIXAS	a		a:		ǣ	

DITONGOS DECRESCENTES: ej, aj, uj, oj, ɛ_, ǣ_, ʉ_, ɔ_

Cada vogal fonética pode ser breve ou longa, acentuada ou átona, oral ou nasal, havendo uma única vogal acentuada ('PITCH') para cada realização fonética de uma palavra fonológica.

LIMITES:

LIMITES FONOLÓGICOS: ##, #, ǂ, =, -, +, \$

LIMITES FONÉTICOS: ##, \$

2.1.2. Os traços distintivos

O conceito de traço distintivo foi incorporado pela teoria auto-segmental de um modo *sui generis*.

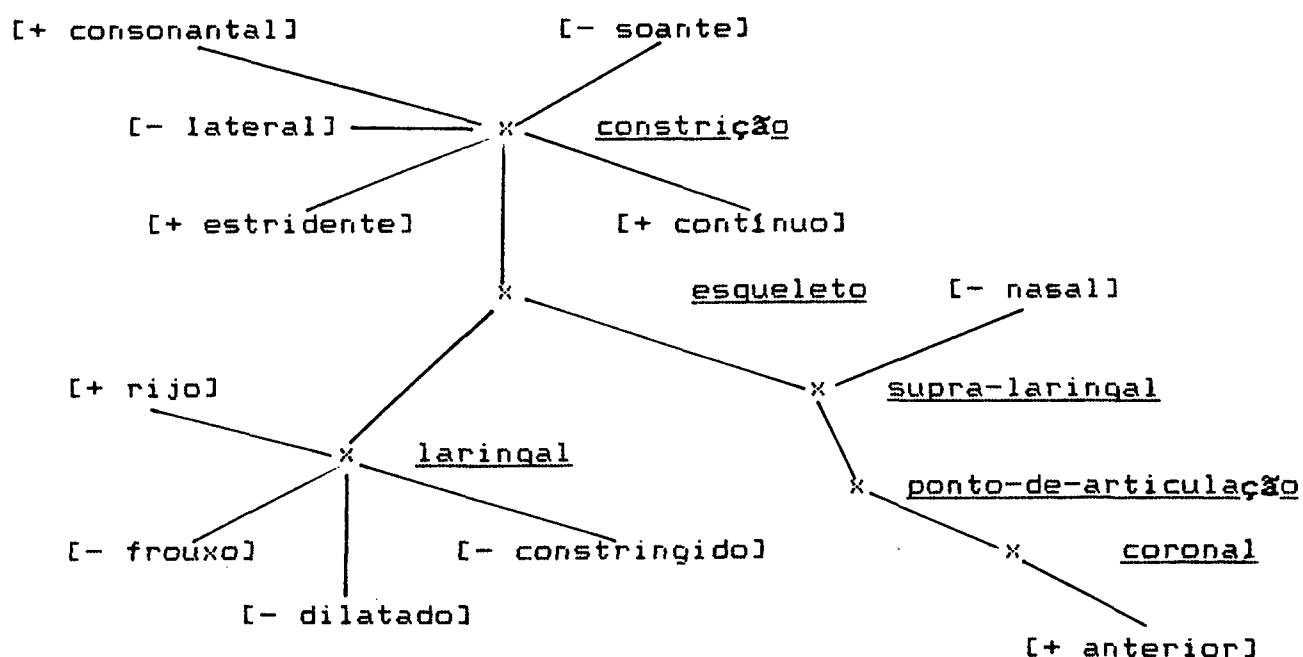
O termo 'traço' é tradicionalmente usado para cobrir duas noções logicamente distintas, mas que, na prática comum, são frequentemente confundidas. Uma primeira concepção dos traços é aquela conhecida como classificatória, segundo a qual os traços servem para definir e, até um certo ponto, predizer as possíveis classes naturais das línguas humanas, que são definidas pelas diversas intersecções dos conjuntos de segmentos possuidores de traços +F ou -F. A segunda concepção dos traços é qualificada de componencial, na qual eles servem para especificar as diversas características ou 'cues' simultâneas que compõem um determinado evento articulatório ou acústico.

No âmbito da fonologia auto-segmental existem dois modelos teóricos opostos que estão, atualmente, disputando o mercado da fonologia moderna: o modelo conhecido como 'Class-Node Model' (ou 'Feature-Hierarchy Model') de Mohanan (1983) e Clements (1985) e o outro conhecido como 'Spiral-Notebook Model' (ou 'Rollodex Model'), proposto no meio da década de 70 por Halle (1900) e por Goldsmith (1976).

Na presente interpretação, foi adotado o modelo do 'caderno de espiral'.

Ambos os modelos propõem que todos os traços são auto-segmentos colocados em 'tiers' separados, o que implica que a assimilação de qualquer traço é possível. Contudo, as duas teorias divergem no que diz respeito ao tratamento das assimilações que envolvem mais do que um único traço.

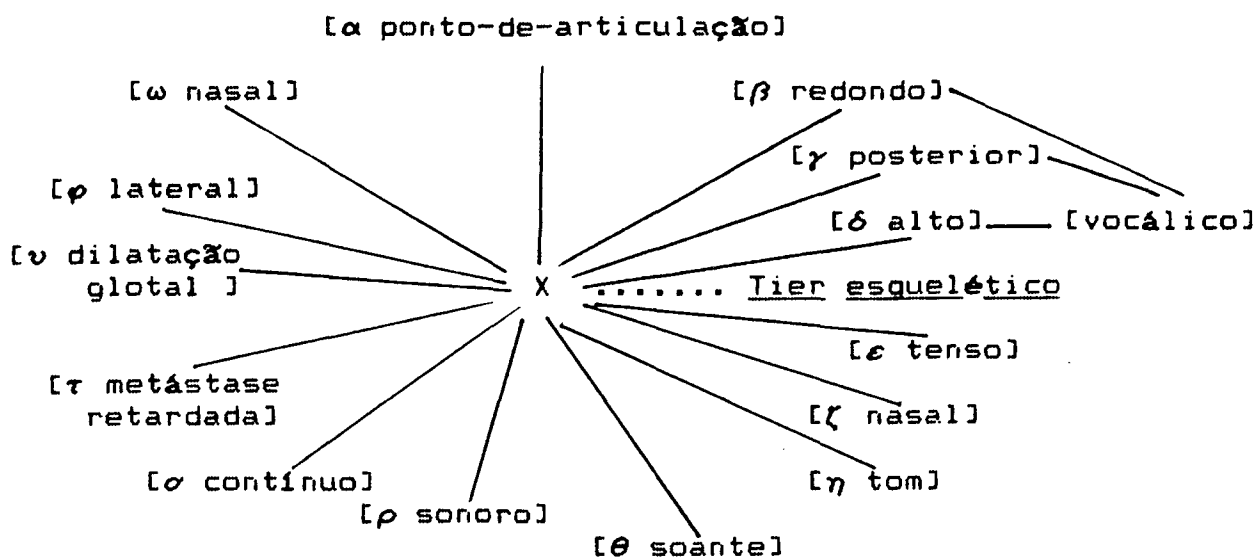
Para o modelo dos 'nós de classe' é crucial o uso de auto-segmentos mais abstratos, colocados em tiers próprios, que servem para organizar o agrupamento dos traços individuais. Tais nós auto-segmentais servem como espécies de estações rodoviárias para passagem de informação para cima ou para baixo dentro de uma arborização de traços. Por exemplo, na composição auto-segmental de /s/, segundo o 'Class-Node Model', os traços [x esqueleto], [x constrição], [x laringeo], [x supra-laringeo], [x ponto-de-articulação] e [x coronal] são nós auto-segmentais de classe sem conteúdo fônico específico:



Goldsmith (1990) apresenta argumentos polêmicos que revelam o enfraquecimento da primeira face atratividade do modelo dos traços hierarquizados de Clements, e mantém sua preferência para o 'spiral-notebook model' (ou 'rollodex model', ou ainda 'bottlebrush model'), o qual, de um certo modo, está muito mais próximo do segmento tradicional considerado como um 'feixe de

traços' do que de uma estrutura de traços hierarquicamente organizada. Contudo, ao contrário do modelo gerativo clássico, que os considerava como elementos de um conjunto não-ordenado, os traços especificados são considerados como auto-segmentos, cada um no seu próprio tier separado, e formando um mapeamento com o tier esquelético.

Os traços fonológicos do Baniwa listados nas matrizes abaixo seriam assim dispostos ao redor do tier esquelético, ou tier CV, situado numa posição central. Quanto aos traços que se assimilam natural e conjuntamente como uma unidade, eles podem ser identificados, de modo consistente com a geometria do sistema, através de conexões associativas entre os traços co-atuantes, a partir de um tipo de traço (como, por exemplo, [vocalico] abaixo) que não é um auto-segmento mas sim a denominação de um conjunto de tiers auto-segmentais que se associam livremente no decorrer de um determinado processo. Na formalização das regras, esses conjuntos de traços auto-segmentaisco-atuantes são freqüentemente alistados num mesmo par de colchetes, sem que haja, necessariamente, menção explícita da denominação do feixe.



MATRIZES FONOLÓGICAS/FONÉTICAS:

A especificação α do traço [ponto-de-articulação], que é multinário e não binário como os demais, corresponde aos seguintes valores escalares:

1 = [bilabial]	6 = [(fronto) palatal]
2 = [labiodental]	7 = [velar]
3 = [dental]	8 = [uvular]
4 = [alveolar]	9 = [faringal]
5 = [alveopalatal]	10 = [glotal]

CONSOANTES: (associadas ao auto-segmento C do tier esquelético)

Obstruintes:

	p	ph	t̚	t	th	d	k	kh	ʔ	h	ts	tsh	dz	tʃh
SOANTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SONORO	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
METÁSTASE RETARDADA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	+	+	+	+
PONTO DE ARTICULAÇÃO	1	1+10	3	4	4+10	4	7	7+10	10	10	4	4+10	4	5+10
DILATAÇÃO GLOTAL	0	+	0	0	+	0	0	+	-	+	0	+	0	+

Soantes: nasais , flapes laterais e aproximantes retroflexas

	m	ɱ	n	ɳ	ɲ	ɳ̌	ɻ	ɻ̌	ɻ̌̌	ɻ̌̌̌
SOANTE	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
SONORO	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
PONTO DE ARTICULAÇÃO	1	1	4	4	5	5	4	4	6	6
DILATAÇÃO GLOTAL	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+
NASAL	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-
LATERAL	0	0	0	0	0	0	+	+	-	-
TENSO	0	0	0	0	0	0	+	+	0	0
ALTO	0	0	0	0	+	+	0	0	0	0

Soantes: Semi-vogais, Consoantes palatalizadas/labializadas e Vogais altas

	j	ɟ	w	ɥ	Cʲ	Cʷ	i	u
SOANTE	+	+	+	+	α	α	+	+
SONORO	+	-	+	-	α	α	+	+
PONTO DE ARTICULAÇÃO	6	6	1/7	1/7	α	α+1/7	6	7
DILATAÇÃO GLOTAL	-	+	-	+	α	α	0	0
NASAL	-	-	-	-	α	α	α	α
LATERAL	0	0	0	0	α	α	0	0
TENSO	0	0	0	0	α	α	0	0
ALTO	+	+	+	+	+	+	+	+
POSTERIOR	-	-	+	+	-	+	-	+

VOGAIS: (associadas ao auto-segmento V do tier esquemático)

	i	e	ɛ	a	o	ɔ	u	ej	aj	oj	uj
SOANTE	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
ALTO	+	-	-	-	-	-	+	-+	-+	-+	+
BAIXO	-	-	-	+	-	-	-	-0	+0	-0	-0
POSTERIOR	-	-	-	+	+	+	+	-	+-	+-	+-
REDONDO	-	-	-	-	+	+	+	-	-	+-	+-
TENSO	0	+	-	0	+	-	0	0	0	0	0
NASAL	α	α	α	α	α	α	α	α	α	α	α
TOM	α	α	α	α	α	α	α	α-	α-	α-	α-

Comentários:

(1) o traço [-posterior] = [6 ponto-de-articulação] e o traço [+posterior] = [7 ponto-de-articulação];

(2) o traço multinário [α ponto-de-articulação] substitui vantajosamente os traços binários [α anterior], [α coronal], etc.(cf. Goldsmih 1990:289). A interpretação do ponto de articulação através de vários traços binários, cada um deles ocupando seu próprio tier, não condiz com o fato de que esses traços atuam sempre conjuntamente e nunca separadamente. A articulação do tipo contorno das obstruintes aspiradas e das consoantes palatalizadas/labializadas é indicada por uma dupla especificação sequencial [α+β ponto de articulação]. Quanto à articulação em dois pontos simultâneos, ela é indicada como [α/β ponto de articulação]. Assim,por exemplo, [p] = [1 ponto de articulação],[j] = [6 ponto de articulação], [w] =[1/7

ponto de articulação], [h] = [10 ponto de articulação], [p'] = [1+6 ponto e articulação], [tʷ] = [4+7 ponto de articulação], [kh] = [7+10 ponto de articulação];

(3) a distinção entre a dental [ɬ] e a alveolar [t] é feita pelo traço [3 ponto-de-articulação]/[4 ponto-de-articulação], ao invés do traço binário [α distribuído];

(4) a opção pelo traço [+ dilatação glotal] ('[α glottalic width]') parece particularmente feliz para descrever a classe natural, confirmada pelos dados empíricos do Baniwa, que é compartilhada pelo glide glotal, pelas obstruintes aspiradas e pelas soantes ensurdecidas. O traço [- dilatação glotal] descreve as consoantes glotalizadas, enquanto que a especificação não-marcada [Ø dilatação glotal] caracteriza as obstruintes e as soantes 'normais'. Este traço único substitui vantajosamente os dois traços alternativos [α spread glottis]/[α constricted glottis] propostos por Halle & Stevens (1971) emantidos no modelo geométrico de Clements (1985), assim como os traços [α heightened subglottal pressure] e [α glottal constriction] de Chomsky & Halle (1968). O traço binário [α dilatação glotal], adotado aqui, é bastante próximo do traço multinário [n glottal stricture] proposto por Ladefoged (1971) e que caracteriza a gradação de constrição glotal observada por Abramson & Lisker (citado em Fischer-Jørgensen, 1975:234), segundo a qual a sonorização e a aspiração constituem pontos numa escala única determinada pelo 'timing' relativo do início das vibrações glotais e da soltura da oclusão;

(5) o traço [α contínuo] fica omitido das matrizes acima, por ser redundante, deduzível do traço [α metástase retardada], e em razão da língua carecer da série inteira das obstruintes fricativas, uma vez que /h/ está interpretado como aproximante/glide glotal;

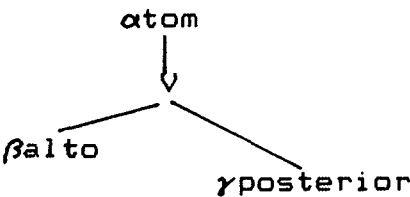
(6) os traços [α lateral] e [α tenso] servem para distinguirmos dois tipos "exóticos" de r que possui o Baniwa, a saber uma soante flape lateral alveolar sonoro /j/ e uma soante aproximante retroflexa fronto-alveolar sonora /ɟ/, e suas contrapartidas ensurdecidas /ɟ/ e /ɟ/. O traço [-tenso] caracteriza a batida simples dos flapes, por oposição virtual às vibrações múltiplas das verdadeiras vibrantes, tais como /r/. O traço [+lateral] caracteriza a lateralidade desse flape lateral, por oposição virtual ao [-lateral] do flape não-lateral /r/, ausente em Baniwa, mas em compartilha virtual com a aproximante lateral /l/ e a fricativa lateral /lʒ/, ambas também ausentes em Baniwa;

(7) o traço [+redondo] não está mencionado explicitamente na matriz acima das soantes, uma vez que, em Baniwa, ele é redundante em relação ao traço [α posterior];

(8) quanto ao traço [α posterior], ele poderia também ser dispensado, uma vez que ele é uma simples reduplicação de [6 ponto de articulação] (= palatal) e de [7 ponto de articulação] (= velar);

(9) o traço [1/7 ponto de articulação] (= labio-velar) opõe virtualmente [w] a aproximante labial [ɸ], e a aproximante velar [ɰ];

(10) a descrição dos fonemas vocálicos necessita de apenas três traços auto-segmentais, os demais sendo redundantes, associados à posição V, no tier esquelético:



ou seja,

[atom]		
[-posterior]		[+posterior]
[+alto]	i	u
[-alto]	e	a

É preciso acrescentar os traços [abaixo], [atenso] e [anasal] para descrever o sistema vocálico superficial, notadamente as variantes fonoestilísticas [ɛ], [o] e [ɔ]. Não havendo necessidade de distinguir as vogais distensas e arredondadas, o traço [aredondo] continua redundante em Baniwa.

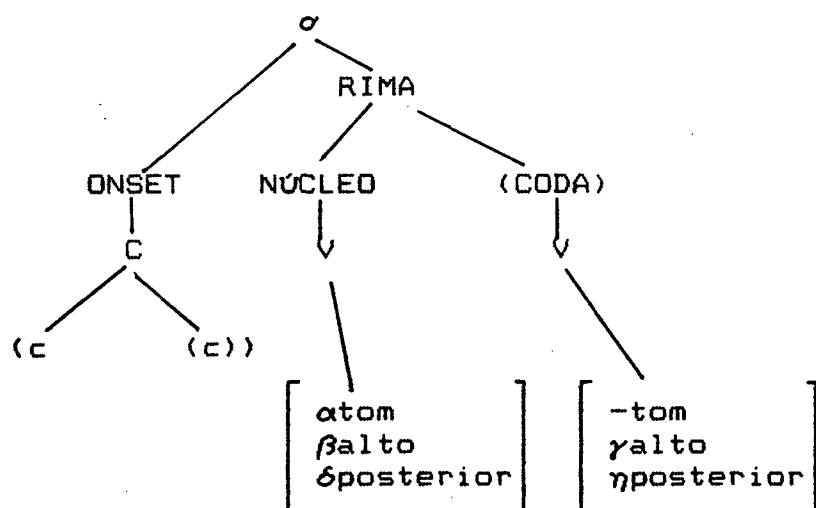
	[atom]	
	[-posterior]	[+posterior]
[+alto, -baixo]	i	u
[-alto, -baixo, +tenso]	e	o
[-alto, -baixo, -tenso]	ɛ	ɔ
[-alto, +baixo]		a

2.1.3. Estruturação silábica

As estruturas silábicas fonológica subjacente e fonética superficial apresentam as seguintes diferenças:

(a) a estrutura silábica fonológica é somente representada por sílabas abertas, exclusivamente do tipo "leve" /CV/ e do tipo "pesado" /CVV/,

ou seja:



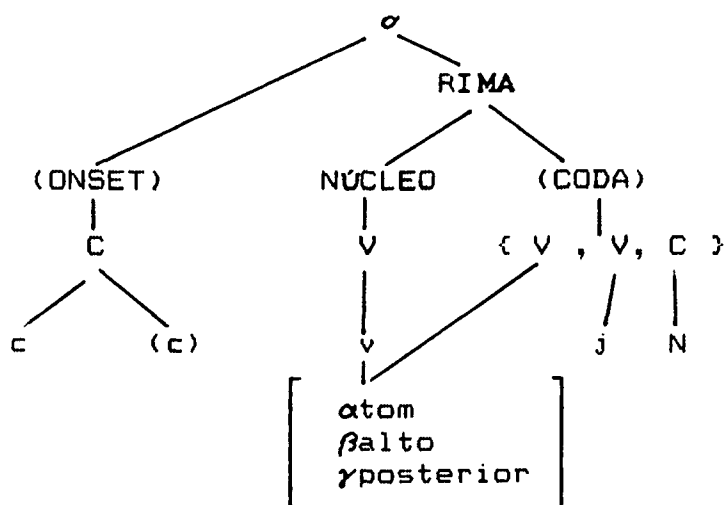
onde,

- o σ = sílaba, C e V = posição consonantal e vocálica do tier CV (também conhecido como 'esquelético' e 'timing', c = conjunto de auto-segmentos não prosódicos de qualquer consoante, [α tom] = auto-segmento tonal alto ou baixo, [-tom] = auto-segmento tonal baixo;

- os parênteses indicam um elemento estrutural facultativo. Portanto, (CODA) significa que, se o coda está presente, a sílaba é pesada mas, caso contrário, é leve. Do mesmo modo, (c (c)) significa que se há sequência de dois c, a posição C está associada ao 'contorno' africado /tʃ/ ou /dʒ/, que o primeiro c sozinho indica uma única consoante, enquanto que a ausência de c implica que C é flutuante. É importante salientar o fato de que, na estrutura subjacente, contrariamente à estrutura superficial, há sempre um onset no input fonológico, mesmo que esse esteja ocupado por um C flutuante, destinado a ser associado ou suprimido no decorrer da derivação.

(b) a estrutura silábica fonética é representada por sílabas abertas, do tipo "leve" [(C)V] e do tipo "pesado" [(C)V:], e sílabas fechadas por glide palatal do tipo [(C)Vj] ou por consoante nasal do tipo [(C)VN]

ou seja:



onde,

- o onset e o coda são facultativos, uma sílaba podendo ser constituída de apenas uma rima leve não precedida de consoante;

- o onset de tipo contorno pode ser uma africada, uma oclusiva aspirada ou uma consoante palatalizada ou labializada;

- quando o coda é constituído por uma posição V, este V pode ser associado à vogal do núcleo como segunda mora de uma vogal longa, ou a um glide palatal como segunda mora de um ditongo decrescente;

- quando o coda é constituído por uma posição C, este C pode ser associado a uma nasal.

Exemplos de sílabas fonéticas leves:

a. /CV/ ---> [CV] /nu\$-wá/ ---> [nú\$wa] "eu conto"

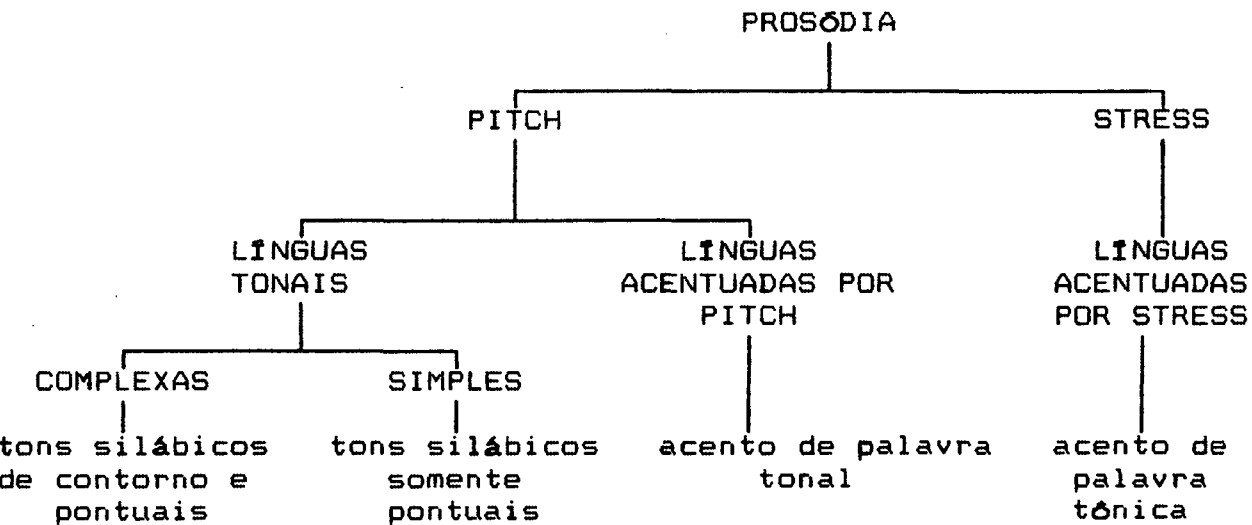
b. ---> [V] /Ci\$-wá/ ---> [i\$wa] "vocês contam"

Exemplos de sílabas fonéticas pesadas:

- c. /CVV/---> [CV:] /hée\$-ma/ ---> [hé:\$ma] "anta"
- d. ---> [V:]/Cíi\$na\$-jú/ ---> [í:\$na\$ju] "mulher"
- e. /CVV/ ---> [CVj] /háí\$ku/ ---> [háj\$ku] "árvore"
- f. ---> [Vj]/Cái\$ni/ ---> [áj\$ni] "vespa"
- g. /CVCV/ ---> [CVN] /CV'\$pa\$+nV\$-ti/ ---> [pán\$ti] "casa (absol.)"

2.2. Prosódia: língua tonal ou acentual?

A tipologia universal dos sistemas prosódicos reconhece que as línguas naturais se encaixam dentro do seguinte esquema dicotomicamente articulado:



Como todo e qualquer sistema lingüístico está constantemente sujeito a mudanças, seria de se esperar que exista algum processo dinâmico que reja certas derivas evolutivas entre os tipos prosódicos acima mencionados. Como prova disso, basta citar os não-poucos casos de línguas aparentadas que pertencem a tipos prosódicos diferentes, apesar

de originarem-se de uma língua ancestral que possuía seu próprio e único sistema prosódico. Em última instância, as fortes evidências recentes, que ressuscitaram a tese do monogenismo, levam à hipótese de que todas as línguas humanas descendem do Proto-Sapiens (paleolíngua que, obviamente, teria tido seu próprio sistema lingüístico, inclusive prosódico), a partir do qual deveriam teoricamente ser explicadas as derivas históricas de todos os mais diversos proto-sistemas do mundo. Dentro dessa perspectiva monogenista, haveria de explicar um dia os universais sincrônicos à luz das derivas diacrônicas. Um exemplo conhecido de mudança tipológica prosódica é o caso do sistema tonal do Proto-Indo-Europeu que evoluiu para um sistema acentual-pitch em latim clássico para passar em seguida para acentual-stress em latim vulgar. Outro exemplo clássico é o sistema tonal complexo, com tons modulados e pontuais, do Proto-Bantu e da maioria das línguas atuais da família, como o Kinyarwanda, que evoluiu para um sistema tonal simplificado com alternância de tons pontuais altos e baixos em algumas línguas como o Lingala, ou, de modo mais drástico, por catálise externa do superstrato Árabe, para um sistema acentual-stress como em Kiswahili.

Fromkin (1979:2) lembra que a simples questão de definir o que é uma língua tonal ainda é objeto de controvérsias. Ela lembra que apesar do fato dos lingüistas estarem discutindo e descrevendo línguas tonais há centenas de anos, eles não parecem estar de acordo a respeito da definição de uma língua tonal, não tendo ainda conseguido estabelecer um conjunto definitivo de critérios unanimemente aceitos para classificar

as línguas naturais em função da maneira com a qual o pitch (um fenômeno auditivo) e a frequência fundamental (um fenômeno acústico) são utilizados.

Segundo Angenot (1984), a classificação tipológica ternarista dos sistemas prosódicos (i.e. 'true tone' vs. 'pitch accent' vs.. 'stress accent') não passa de uma simplificação didática grosseira e insatisfatória, uma vez que uma comparação acurada das línguas do mundo revela que não há distinção estática mas sim um processo escalar dinâmico, segundo o qual os sistemas se transformam gradualmente de tonal para pitch e de pitch para stress, e inversamente. Assim, os fenômenos conhecidos como tonogênese e tonotanásia devem ser interpretados como simples estágios desse processo diacrônico pendulário de ida e volta, que atravessa os milênios.

McCawley (1979:113), em suas tentativas de definir critérios para distinguir uma língua verdadeiramente tonal, como seria o Chinês Mandarim, de uma língua acentual-pitch, como seria o japonês padrão, chegou a conclusões similares. Ele aponta vários casos de sistemas prosódicos mistos que não se adequam a esses dois tipos polarizados, mas que revelam diversos graus de co-ocorrência de tom e de 'pitch-accent'. Por exemplo, ao contrário do japonês padrão, certos dialetos como o de Honshu, acrescentam processos tonais ao uso acentual do pitch. Outro caso sui generis é o Luganda, uma língua bantu, que apresenta um sistema lexical subjacente pitch-accent e um sistema superficial tonal.

Comparando o Luganda com línguas Bantu, indiscutivelmente tonais em todos os níveis como o Kikuyu do

Kenya, e outras línguas intermediárias como o Tonga da Zâmbia, McCawley deduz que essa diversidade evidencia o desenvolvimento do sistema tonal Proto-Bantu com tons distintivos altos ou baixos em cada sílaba para um sistema pitch com a proeminência de uma única sílaba por palavra fonológica subjacente.

Segundo ele conclui, "One can ask the question: 'Is it a pitch-accent language or a tone language?' However that is a stupid question to ask. There is no reason for squeezing the diversity of phonological systems into a simple dichotomy. The only way in which a tonal/accental dichotomy can be maintained is to have that dichotomy dichotomize stages of derivations rather than whole languages."

A interpretação processual-dinâmica de Angenot (1984) e de McCawley (1979) é reforçada pelos dados Baniwa, cujo sistema é exatamente inverso ao do Luganda, uma vez que é constituído por um sub-sistema lexical subjacente que é tonal, e um sub-sistema pós-lexical superficial que é 'pitch-accent', (pelo menos nos registros fonoestilísticos normal e enfático, sendo possivelmente em transição para 'stress-accent' no registro fonoestilístico rápido/relaxado), ambos intergerenciados por um conjunto de regras ordenadas.

2.2.1. A imprescindibilidade do controle morfoprosódico

Enfatizar a importância do controle morfonológico em geral, e da morfoprosódia em particular, na elaboração da decomposição morfológica de uma língua é, obviamente, um

truísmo.

Contudo, a inobservância dessa exigência metodológica elementar e incontestada pode acarretar consequências de gravidade variável em função do tipo de língua analisada.

No caso dos dialetos do complexo Baniwa-Kuripáko, esmiuçar o sistema prosódico subjacente constitui uma condição prévia sine qua non para a identificação dos morfemas sucessivos constitutivos de qualquer enunciado. Isso deve-se essencialmente ao caráter extremamente aglutinante desses idiomas Arawák, que, neste aspecto tipológico, lembram as línguas bantu, com morfemas gramaticais essencialmente monossilábicos e raízes lexicais bissilábicas. Para reconhecer os morfemas, é necessário o domínio preliminar das regras acentuais (tonais e cíclicas no nível do 'stratum' lexical mas 'pitch accent' no nível pós-lexical), que interagem, de modo ordenado, com as regras de coalescência vocálica e consonantal.

A guisa de exemplificação de decomposição equivocada do Baniwa resultante de uma falta de controle do sistema morfoprosódico, basta examinar o seguinte exemplo extraído, entre outros, do artigo de AIKHENVALD (1991):

(p.6) "beiju was salted by me' (o beiju foi salgado por mim)

pethe nu -kije -ta -ni -ta
beiju 1SG SALT CAUSATIVE PASSIVE CL:OBJ.

FRANÇA (no prelo) e ANGENOT & FRANÇA (em preparação), propõem uma análise totalmente diferente do mesmo enunciado, baseada no controle prévio do sistema morfonológico:

"beiju was salted by me" (o beiju que eu causei ele salgar)

##péetà+hi # nù -iúkijá -i +tà -ni -' =i(+)tá##
beijú TEM:REL 1SG SALT TRANS CAUS 3SG NON-FEM PAS CL:OBJ

[pé:the nukijetani:ta]

Notas:

(a) /ahi/ --> hai --> he

(b) /u-iú/ --> u-ú --> u

(c) /a-i/--> e (cf. /a-i/ --> áj)

(d) a construção 'passiva' só existe na mente do tradutor português ou inglês

(e) o classificador -ta, para objeto, não existe, mas sim =i(+)ta, cujo /i/ inicial fusiona com o /i/ do morfema precedente.

(f) a palavra 'sal' é um empréstimo da Língua Geral, o que justifica o radical trissilábico.

(g) 'Floating Morpheme' (cf. Goldsmith) -' PASSADO (cf. -ká+jú POTENCIAL)

2.2.2. Considerações tipológico-comparativas sobre a prosódia Arawák

Até o presente momento ainda não foi reconstruído o sistema acentual do Proto-Maipure (Matteson 1972, Valenti 1986, Wise 1991a/b, Payne 1991b). Ao observar "I have made no attempt to account for stress, tone or any other diacritics

transcribed on the vowels in the daughter languages, as stress has not been adequately described in most of the descriptions of Maipuran languages", Payne (1991b:458) atribui essa situação à escassez de descrições prosódicas da família Maipure-Arawák.

Em resumo, qual é o estado atual da pesquisa no campo da prosódia Arawák? Não há dúvida de que uma parte considerável da literatura descritiva, hoje disponível, acerca das línguas Arawák, não fornece informação alguma sobre os sistemas acentuais subjacentes e nem mesmo sobre as realizações prosódicas superficiais. Contudo, há um número expressivo de estudos, que, embora careçam da identificação do sistema prosódico, oferecem uma acentuação consistente nos dados fonéticos/fonêmicos apresentados, provendo, assim, subsídios para eventuais tentativas de estabelecerem-se as regras e os padrões acentuais não contemplados pelos autores. É o caso, por exemplo, do Resígaro (Allin, 1976) e do Baniwa (Taylor, 1991). Recentemente, foram realizadas algumas análises pioneiras e primorosas, dentro da Fonologia Métrica, a respeito de poucas línguas, entre as quais o Piro, o Asheninca (Payne 1991) e o Guajiro (Alvarez, 1985).

Deve também ter contribuído ao adiamento da reconstrução da proto-prosódia, a existência de uma diversidade tipológica considerável dos padrões acentuais atestados nas línguas Arawák. Co-existem, na realidade, nessa família, línguas verdadeiramente tonais como o Resígaro e o Piapoco, e línguas acentuais do tipo 'pitch accent' ou 'stress accent', podendo atuar ciclicamente ou não. O Asheninca e o Guajiro, por exemplo, têm um sistema de acentuação não-cíclico (i.e. pós-lexical), que

se caracteriza por uma interação entre um padrão rítmico alternante direcionado e uma sensibilidade ao peso silábico. Por sua vez, como mostrar-se-á, as regras prosódicas do Baniwa do Içana são cíclicas (i.e. lexicais), interagindo no domínio do 'stratum' (e não da palavra fonológica pós-lexical), com as regras de afixação morfológica (Goldsmith, 1990:217 ff. Chap. 5 'Lexical Phonology'). Frente a esse caleidoscópio tipológico, submetido ao prisma dos universais lingüísticos, já se pode adiantar que há indícios de que o Proto-Maipure era tonal. O presente estudo deverá contribuir para uma pesquisa conjunta que está sendo realizada sobre a prosódia diacrônica das línguas Arawák, e, particularmente, do grupo Norte-Amazônico e do sub-grupo Rio Negro, cuja existência foi, recentemente, confirmada por Payne (1991b). Essa pesquisa é parte do Projeto Integrado de Pesquisas do CNPq 'Classificação da Família Arawák e Reconstrução do Proto-Maipure', coordenado pelo Prof. J.P. Angenot. Esse projeto está sendo desenvolvido no NUPELA (Núcleo de Pesquisa das Línguas Ameríndias), na Universidade Federal de Santa Catarina.

2.2.3. Distribuição fonotática superficial do acento "PITCH"

A nível de superfície, isto, é no output do componente fonológico pós-lexical, o acento Baniwa apresenta as seguintes características:

(a) a percepção auditiva dos parâmetros acústicos do acento não é fácil, sobretudo nas vogais breves. As relações complexas, no plano acústico e psico-acústico, entre a altura,

a intensidade e a duração estão sendo objeto de uma dissertação doutoral de I. Teles, sob a co-orientação dos Profs. J.-P. Angenot e J.-P. Zerling, de Strasbourg. A duração é independente da acentuação, uma vez que pode também afetar as vogais átonas. Existem certos indícios que levam à hipótese (que está sendo testada através de um estudo instrumental comparativo entre registros fonoestilísticos lento/formal e rápido/casual) de que o Baniwa, a nível fonético, estaria num estágio transitório, tendo esboçado uma mudança de acentuação-pitch para acentuação-stress, pelo menos nos registros hipo-articulados, e, portanto, mais distantes da intenção fonológica dos falantes. Se essa hipótese for confirmada acusticamente pela análise de Teles (1992), isso significaria que o Baniwa seria tonal a nível fonológico subjacente, acentual-pitch nos níveis fonéticos hiperarticulados e acentual-stress nos níveis fonéticos hipo-articulados

(b) a distribuição fonotática superficial do acento é a seguinte:

- acento oxítono (em monossílabos): [ph'á] 'tu'
- acento paroxítono: [jamakáʔi] 'roupa'
- acento proparoxítono: [bukúkuʔi] 'coruja'
- acento pré-proparoxítono: [nʷádaɰawa] 'estou ficando'

(c) em termos de frequência estatística, o acento paroxítono é de longe o mais atestado.

2.2.4. Sistema tonal subjacente

No seu esboço gramatical do Baniwa do Içana, Taylor (1991:17) reconhece "não ter conseguido realizar uma análise

satisfatória" do acento.

O presente estudo constitui portanto a primeira tentativa de interpretação do acento tônico superficial, de tipo 'pitch', do Baniwa. Essa análise se restringe ao domínio da palavra fonológica, o que explica o tratamento cíclico do componente lexical que estará proposto. Obviamente, uma pesquisa ulterior da acentuação frasal deverá recorrer ao modelo da Fonologia Métrica.

A acentuação secundária foi somente considerada de modo ocasional.

A nível subjacente morfolexical, o sistema não é acentual 'pitch' mas sim tonal, uma vez que uma mesma palavra fonológica pode conter várias sílabas com tom alto enquanto que as demais têm um tom baixo. Se o sistema fosse acentual haveria somente uma única sílaba com tom proeminente alto.

O sistema tonal subjacente é simples e resulta das seguintes associações de auto-segmentos tonais:

(a) um tom alto associa-se sempre ao núcleo da primeira sílaba dos morfemas lexicais nominais ou verbais;

(b) um tom alto associa-se ao núcleo silábico de certos morfemas gramaticais que constituem uma lista fechada;

(c) um tom baixo associa-se a todos os núcleos silábicos dos morfemas lexicais ou gramaticais que não receberam um tom alto.

2.3 Análise fonológica não-linear

2.3.1 Morfologia & Fonologia Lexical

No tratamento da Fonologia Gerativa Standard de Chomsky & Halle (1968), o componente fonológico tinha seu input nas estruturas superficiais do componente sintático e seu output na representação fonética. Essa proposta era tributária de uma teoria da sintaxe na qual as regras de formação de palavra constituíam apenas um subconjunto do conjunto das regras sintáticas. Assim, operações morfológicas só podiam ocorrer por via de concatenações e transformações sintáticas. Como lembra Pulleyblank (1986), a representação morfológica de uma palavra era somente determinada após a operação das regras sintáticas, de tal modo que a fonologia não podia ter acesso a uma sequência morfológica bem formada antes do nível pós-sintático ter sido alcançado. Em outros termos, segundo Chomsky & Halle, o conjunto inteiro de operações fonológicas tinha que ser aplicado necessariamente pós-sintaticamente. Com o ressurgimento de um componente de formação de palavra (Aronoff 1976), uma reavaliação da posição da fonologia gerativa standard se tornou indispensável.

No final dos anos setenta, uma série de propostas teóricas, relativas às relações existentes entre o que a Fonologia Estruturalista (e mais recentemente a Fonologia Natural) teria chamado as regras morfonológicas e as regras meramente fonológicas, foram sintetizadas na abordagem conhecida como Morfologia & Fonologia Lexical (Mohan 1982/1986, Kiparsky 1982a).

Como observou Kiparsky (1982b), para essas propostas novas foram decisivas a inserção na gramática gerativa da teoria morfológica de formação de palavra de Aronoff (1976), a

idéia de uma morfologia ordenada por níveis ou 'strata' (Siegel 1974), a identificação de restrições sobre as representações lexicais e as regras fonológicas, tais como a Condição de Alternância de Kiparsky (1973) ou a concepção de Fonologia Cíclica de Mascaró (1976), e aspectos das abordagens não-lineares conhecidas como Fonologia Auto-segmental (Goldsmith 1976) e Fonologia Métrica (Hayes 1981). Quando todas as idéias contidas nessas diversas propostas foram colocadas juntas para atuarem numa mesma direção, elas explicaram uma série de propriedades insuspeitadas das regras fonológicas e de suas relações com a morfologia e o léxico.

O propósito básico da Morfologia & Fonologia Lexical é que os processos derivacionais e os processos flexionais de uma língua são organizados em uma série de níveis ou 'strata'. Cada stratum é associado com um conjunto de regras fonológicas para as quais é estipulado o domínio de aplicação (por exemplo, 'com aplicação a partir do stratum k até o stratum n'). Além disso, a ordenação dos strata define a possível ordenação dos processos morfológicos na formação de uma palavra. O output de cada processo de formação de palavra é submetido, dentro do léxico, às regras fonológicas de seu stratum. Isso implica numa divisão básica das regras fonológicas entre as que são atribuídas a um ou mais de um stratum do léxico e as que atuam depois que as palavras tenham sido combinadas em enunciados no componente sintático. As primeiras regras, que são intrinsecamente cíclicas porque se reaplicam, nos seus devidos strata, após aplicação de cada regra de afixação, dizem respeito à Fonologia Lexical. As segundas, por sua vez, pertencem à Fonologia Pós-lexical,

conhecida também como Fonologia Frasal. Neste modelo, que enfatiza uma interdependência estreita entre certos processos fonológicos e certos processos morfológicos, o domínio das regras fonológicas é definido em termos de classes morfológicamente definidas, referidas como strata. As strata são pequenos compartimentos nos quais processos de afixação e regras fonológicas são armazenados juntos. Eles são linearmente ordenados, o primeiro stratum tendo como seu input potencial (ou domínio de operação) as raízes monomorfêmicas da língua. Cada raiz pode sofrer a afixação de um dos afixos do stratum 1, para, em seguida, ser confrontada a todas as regras fonológicas ordenadas do stratum 1, umas encontrando as condições de aplicação e outras não. No decorrer das operações sucessivas dentro de um stratum, os limites morfológicos internos introduzidos por regras de afixação (marcadas por um colchete]) são apagados de tal modo que uma regra de um determinado stratum nunca pode fazer referência a uma estrutura interna criada (e depois apagada) em um stratum anterior. Essa restrição é conhecida como Princípio de Supressão de Colchete.

Embora possa conter uma única afixação ou diversas afixações ordenadas, cada stratum deve produzir no seu output uma entrada lexical. Se uma formação lexical exige, por exemplo, cinco strata, isso significa que serão derivadas cinco entradas lexicais com complexidade morfológica crescente.

Nessa interação da fonologia e da morfologia, co-atuam dois princípios, o primeiro formulado pela Fonologia Auto-segmental e o segundo pela Fonologia Lexical:

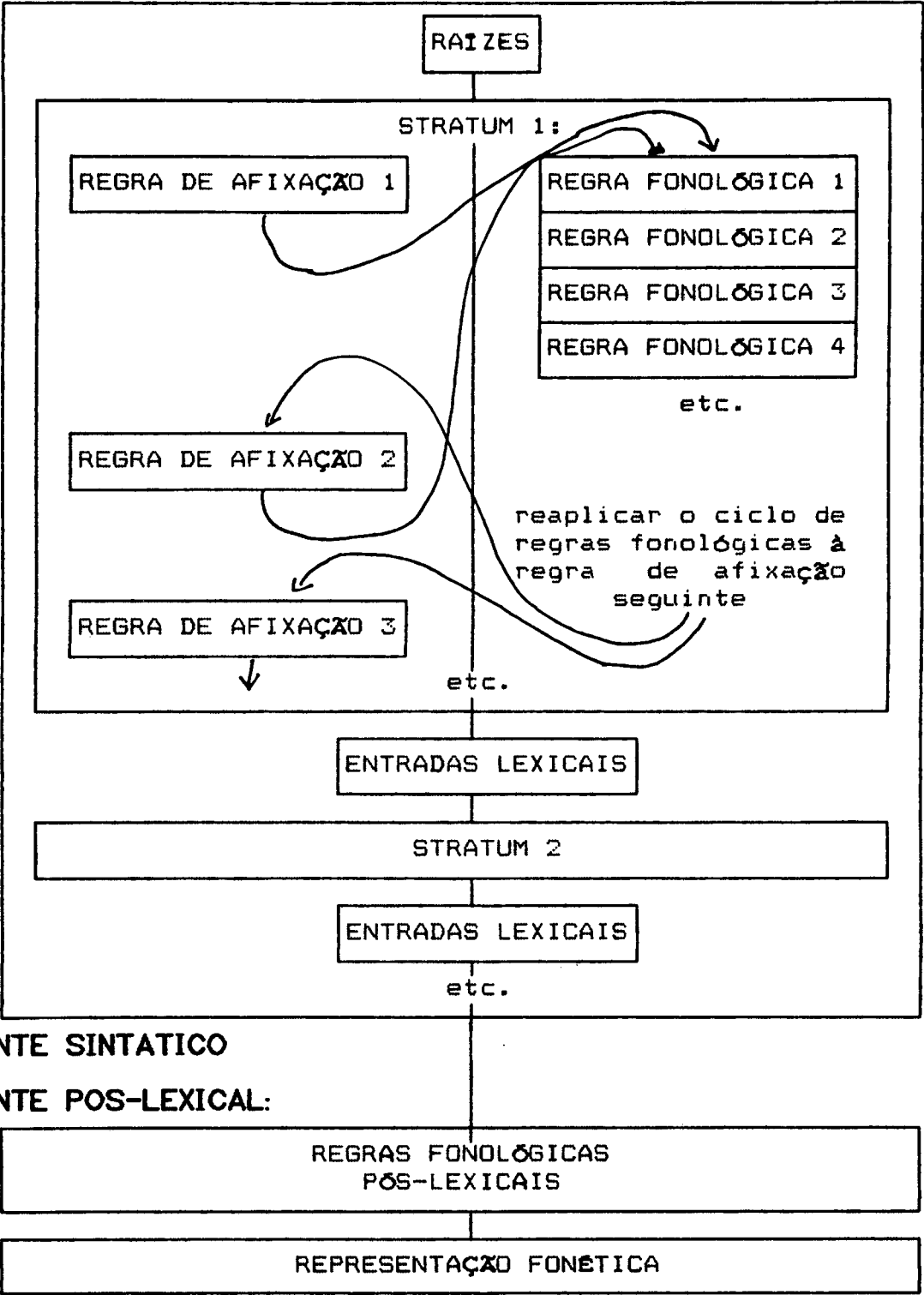
(a) "As convenções de associação auto-segmentais aplicam-se automaticamente a todos os estágios de uma derivação" (Goldsmith 1976);

(b) "O output de cada processo de formação de palavra é rastreado pelas regras do componente fonológico" (Mohanar 1982).

As principais propriedades que distinguem as regras fonológicas lexicais e pós-lexicais são as seguintes:

REGRA LEXICAL:	REGRA NÃO-LEXICAL:
a.pode referir-se à estrutura interna da palavra	a.não pode referir-se à estrutura interna da palavra
b.pode não aplicar-se por cima de uma palavra	b.pode aplicar-se por cima de uma palavra
c.pode ser cíclica	c.não pode ser cíclica
d.preserva a estrutura silábica	d.não necessita preservá-la
e.pode ter exceções lexicais	e.não pode ter exceções lexicais
f.deve preceder todas as regras pós-lexicais.	f.deve seguir todas as regras lexicais.

COMPONENTE LEXICAL:



No componente lexical do Baniwa do Içana, a sucessão de strata deriva a seguinte sequência de afixos morfológicos:

- (a) extensões da raiz:afixos parcial ou totalmente radicalizados/fossilizados formalmente identificáveis e paradigmaticamente comutáveis mas com autonomia semântica indeterminada;
- (b) afixos derivacionais primários, isto é, intracategoriais
- (c) afixos derivacionais secundários, isto é, intercategoriais
- (d) afixos flexionais

Mostrar-se-á que, em Baniwa, o sistema de acentuação pitch é totalmente previsível, a partir de regras tonais que atuam no nível lexical.

Na sua entrada no componente lexical, os morfemas apresentam as seguintes características tonais:

(a) a primeira sílaba da raiz tem sempre um tom alto, as demais tendo tons baixos

(b) os prefixos e os afixos derivacionais têm geralmente tons baixos

(c) os afixos flexionais da classe A nunca têm tons iniciais altos

(d) os afixos flexionais da classe B têm sempre tons iniciais altos

2.3.2. Fonologia auto-segmental

A teoria auto-segmental idealizada e iniciada por Goldsmith (1976) é, na realidade, uma continuação direta do modelo padrão de Fonologia Gerativa, divulgado sobretudo a partir do Chomsky & Halle (1968). Como no modelo clássico, a Fonologia Auto-segmental pretende produzir gramáticas

explícitas, constituídas de formas subjacentes e de regras de vários tipos. Essas regras, de aplicação sequencial e, até um certo ponto cíclica, derivam como output uma representação superficial, que serve como input para uma teoria fonética. A Fonologia Auto-segmental, juntamente com os demais modelos não-lineares complementares, a saber, a Fonologia Lexical e a Fonologia Métrica, pretende corrigir certos excessos da Fonologia Gerativa, que foram amplamente denunciados, sobretudo pelos seguidores da Fonologia Natural (Stampe (1973), Angenot et alii (1981), Dressler (1985), etc.). Ela pretende também preencher certos vácuos do modelo gerativo, tais como a ausência da sílaba e do pé como entidades intermediárias entre a palavra fonológica e o segmento, ou o tratamento superficial dado por Chomsky & Halle. aos fenômenos prosódicos, sobretudo à tonologia.

Uma representação auto-segmental difere das representações lineares familiares, seja fonêmica ou gerativa, pela sua constituição de dois ou mais "tiers" (fileiras, renques) paralelos de auto-segmentos (isto é, de segmentos autônomos). Cada tier consiste em uma sequência de auto-segmentos, mas os segmentos em cada tier diferem dos de outro tier no que diz respeito aos traços que os especificam. Cada traço que tem um papel fonológico numa língua estará presente em exatamente um único tier. Um tier, portanto, pode ser definido pelo(s) traço(s) que o compõem.

O conceito de auto-segmento resultou de uma contestação da imagem ingênua e falsa, mas amplamente aceita, de que um enunciado articulado ou percebido é constituído por uma sequência de pequenos eventos linear e temporalmente ordenados.

Na realidade, os componentes dos movimentos articulatórios - isto é, os traços da fonologia moderna - têm cada um sua própria vida separada, e, portanto, uma teoria fonológica adequada deverá dar conta desse fato e providenciar um meio de explicar as ligações que existem entre os movimentos individuais da língua, dos lábios et caetera, e as unidades maiores de organização, como por exemplo a sílaba. Para a fonologia auto-segmental, um auto-segmento é definido como uma unidade mental de organização, e como a unidade mínima de uma representação fonológica.

Além dos segmentos situados em 'tiers' separados, uma representação auto-segmental inclui linhas associativas entre os segmentos. Um par de tiers, juntamente com o conjunto de linhas associativas que os relacionam, é chamado de mapa ('chart'). De um ponto de vista meramente fonético, as linhas associativas representam a simultaneidade temporal, isto é, a co-registração entre os diferentes tiers, que correspondem cada um a uma sequência de movimentos articulatórios/transições acústicas distintas.

2.3.3 Regras lexicais e processos pós-lexicais

Ao todo 52 regras e processos descrevem e explicam o sistema fonológico do Baniwa-Siusí.

Deste conjunto, 35 regras fonológicas lexicais, das quais 20 são ordenadas extrinsecamente, e 15 são sub-regras não-ordenadas e, portanto, de aplicação simultânea (indicadas por letras: a,b,c, etc.), dão conta do sistema subjacente, enquanto que 16 processos pós-lexicais derivem o sistema

superficial.

Algumas convenções de formalização das regras auto-segmentais:

- (a) linha associativa plena $\begin{array}{c} X \\ | \\ Y \end{array}$ = os auto-segmentos X e Y estavam e continuam sendo associados
- (b) linha associativa intersectada $\begin{array}{c} X \\ | \\ X \\ | \\ Y \end{array}$ = os auto-segmentos X e Y estavam mas deixam de ser associados
- (c) linha associativa pontilhada $\begin{array}{c} X \\ \vdots \\ Y \end{array}$ = os auto-segmentos X e Y não estavam mas tornam-se associados
- (d) círculo pleno sem linha associativa \textcircled{X} = o auto-segmento X era e continua sendo flutuante
- (e) círculo pleno com linha associativa $\begin{array}{c} \textcircled{X} \\ | \\ Y \end{array}$ = o auto-segmento X era mas deixou de ser flutuante associar-se a Y
- (f) círculo pontilhado com linha associativa intersectada $\begin{array}{c} \textcircled{\cdot X} \\ | \\ X \\ | \\ Y \end{array}$ = o auto-segmento X não era mas torna-se flutuante, por dissociação generalizada
- (g) seta e zero $\dashrightarrow \emptyset$ = supressão de elemento

(h) mapas flutuantes, i.e. com número de associações auto-segmentais insuficiente para que haja realização fonética:

tom/vogal tonal flutuante:

[α tom]

↓
v

H = /h/ flutuante:

[+ dilatação glotal]

↓
c

Inventário das 35 regras lexicais (R) e dos 17 processos pós-lexicais (P):

Ŵ = [+tom], Ẃ = [-tom], V = [αtom], \$ = limite de sílaba

R1a	Coalescência tautorímica: Alongamento	$V\alpha V\alpha \rightarrow V:\alpha$
R1b	Coalescência tautorímica: Ditongação	$\{a,e\}i \rightarrow \{aj,ej\}$
R1c	Dissociação tautorímica: Palat./Labial	$\{i,u\} \rightarrow \{j,w\} / \text{---} V$
R2	Abaixamento tonal 1:	$\acute{\sigma} \rightarrow \sigma / \text{---}\sigma\grave{\eta}=\sigma\grave{\eta}\acute{\sigma}$
R3	Supressão de limite interno de palavra	$\{=,-,+\} \rightarrow \emptyset$
R4	Associação de tom flutuante alto	$V\$\prime \rightarrow \acute{V}$
R5a	Glidização de transição 1	$\emptyset \rightarrow \prime / e\text{---}\(a,u)
R5b	Glidização de transição 2	$\emptyset (\rightarrow) \{j,w\} / \{i,u\}\text{---}\$V\#$
R6	Supressão de consoante flutuante	$C[\emptyset F] \rightarrow \emptyset / \text{---}V[\alpha F]$
R7	Permuta tonal 1	$V\$\acute{V} \rightarrow V\\grave{V}
R8	Coalescência vocálica 1: fusão breve	$\acute{a}\$i \rightarrow \acute{e}\$$
R9a	Coalescência vocálica 2: Fusão longa 1	$V\alpha\$\acute{V}\alpha \rightarrow V:\alpha\$\$
R9b	Coalescência vocálica 2: Fusão longa 2	$a\$\acute{e} \rightarrow e:\$$
R9c	Coalescência vocálica 2: Fusão longa 3	$a\$\grave{u} \rightarrow a:\$$
R9d	Coalescência vocálica 2: Fusão longa 4	$V\$\acute{V}[\emptyset F] \rightarrow V:\$$
R9e	Coalescência vocálica 2: Simplificação 1	$u\$\acute{i} (\rightarrow) i\$\$
R9f	Coalescência vocálica 2: Simplificação 2	$u\$\acute{i} (\rightarrow) u\$\$
R9g	Coalescência vocálica 2:	
	Ditongação	$\acute{u}\$\acute{i} (\rightarrow) \acute{u}j\$\ / \text{---}\sigma(hV)\{\#, \# \}$
R10	Deslocamento de aproximante glotal	
		$\{\#, C\}V\$\{h,H\} \rightarrow \{h,\text{ç}h,\text{ç}H\}V\$\$
R11	Permuta tonal 2	$V\$\acute{V} \rightarrow V\$\grave{V} / \{h,H\}\text{---}$
R12	Coalescência vocálica 3: Alongamento	$\acute{a}\$\acute{a} \rightarrow \acute{a}:\$ / h\text{---}$
R13a	Coalescência vocálica 4: Encurtamento	$V\alpha\$\acute{V}\alpha \rightarrow V\alpha\$/ h\text{---}$
R13b	Coalescência vocálica 4: Fusão breve	$\{a,e\}\$\acute{i} \rightarrow \acute{e}\$/ h\text{---}$
R13c	Coalescência vocálica 4: Fusão longa	$\{a,e\}\$\acute{e} \rightarrow e:\$/ h\text{---}$
R13d	Coalescência vocálica 4: Simplificação 1	$u\$\acute{i} (\rightarrow) i\$/ h\text{---}$
R13e	Coalescência vocálica 4: Simplificação 2	$u\$\acute{i} (\rightarrow) u\$/ h\text{---}$

R13f Coalescência vocálica 4:

Simplificação 3 i --> Ø / {h,H}aj\$---

R14a Coalescência vocálica 5: Ditongação {á,é}\$1 --> {áj,éj}\$

R14b Palatalização/Labialização do onset

{i,u} --> {j,w}/---\$V

R15 Abaixamento tonal 2 ǝ --> ǝ / ǝǝǝ ---

R16 Inserção de limite de palavra flutuante Ø --> # / ǝǝǝ---ǝ

R17 Paroxitonização tonal

ǝǝǝ --> ǝǝǝ / #--- {#,#}

R18 Abaixamento tonal 3 ǝ --> ǝ / # --- (ǝ)

R19 Supressão de auto-segm/limite flutuante

{\,/,H,C[ØF],V[ØF],#} --> Ø

R20 Codização de nasal alveolar \$n --> n\$

P1 Pitch-acentuação de tom

{[+tom],[-tom]} --> {[1pitch],[3pitch]}

P2 Acentuação secundária [1pitch]-->[2pitch]/---#[1pitch]

P3 Fonetização/apagamento de limite de palavra #(#) --> { ,Ø}

P4 Aproximação retroflexa de flape lateral

ɭ --> ɭ / {i,e}----{i,e}

P5 Alveopalatalização de africada

{ts,dz} --> {tʃ,dʒ}/ ---i

P6 Aspiração de africada alveopalatal surda tʃ --> tʃʰ

P7 Nasalização vocálica V --> Ṽ / ---{m,n,p}

P8 Nasalização após aspirada não-inicial V --> Ṽ / Vh---

P9 Alveolarização de dental aspirada tʰ --> tʰ

P10 Desaspiração de soante ensurdecida

Çh[+soante] --> Ç[+soante]

P11 Palatalização primária de nasal alveolar: nʲ --> ɲ

P12a Degeminação de nasal codizada	$n \rightarrow \emptyset / \text{---}\n
P12b Supressão de nasal codizada	$n \rightarrow \emptyset / \text{---}\J
P13 Abaixamento vocálico fonoestilístico 1	$u \rightarrow o$
P14 Abaixamento vocálico fonoestilístico 2	$\{e,o\} \rightarrow \{\epsilon,\text{ɔ}\}$
P15 Supressão vocálica fonoestilística	$i \rightarrow \emptyset / m\text{---}C$
P16 Coalescência nasal fonoestilística	$\nabla mC \rightarrow \nabla C$
P17 Glotalização/duração emotiva	$\emptyset \rightarrow \{?,V\alpha\} / V\text{---}$

As regras e processos acima dizem respeito ao tratamento:

(a) das vogais	R1, R6, R8, R10, R11, R13, R14, P4, P5, P7, P8, P9, P10, P11
(b) das consoantes	R2, R12, R15, R20, P1, P2, P6, P10, P11
(c) dos tons/acentos	R3, R9, R17, R18, R21, R22
(d) dos elementos flutuantes	R5, R7, R16, R19
(e) dos limites	R4, R16, R19 R23

2.3.3.1 Regras lexicais

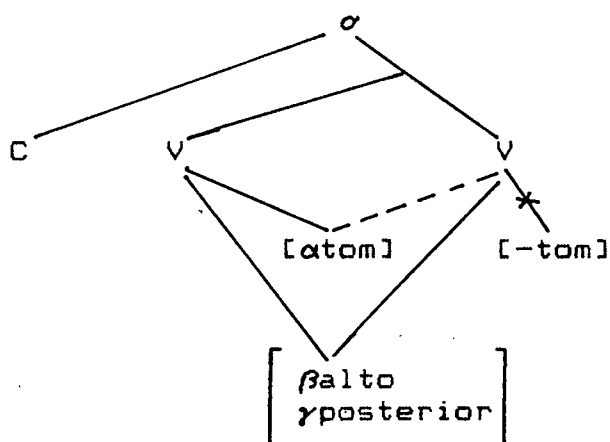
Cada regra sucessiva comporta:

- um número de ordem extrínseca seguido de rótulo
- uma formulação descritiva
- uma formalização auto-segmental
- exemplificações
- comentários eventuais
- a indicação dos limites de 'stratum', [], cada vez que a palavra fonológica contém pelo menos 2 'strata'. Em tais derivações, RM (= Regra Morfológica) indica a inserção de morfema(s), em decorrência da supressão dos limites de um stratum.

R1a COALESCÊNCIA TAUTORÍMICA: ALONGAMENTO $V\alpha V\alpha \rightarrow V:\alpha$

Três sub-regras não-ordenadas, R1a, R1b e R1c, aplicam-se simultaneamente às vogais tautorrímicas, i.e. constituídas por 2 posições V no 'skeletal tier', uma no núcleo e outra no coda, de uma mesma sílaba. R1 deve preceder R5, R8, R9 e R10, que tratam devogais contíguas heterossilábicas, a fim de evitar derivações errôneas, tais como /édai/ \rightarrow *[éde], em vez da forma correta [édaj] "banco". Somente */éda*i*/ daria *[éde] por aplicação de R8.

Uma sequência tautorrímica de duas vogais idênticas em tudo, menos o tom que pode ser diferente, funde-se em uma única vogal alongada, com o tom da primeira vogal.



Exemplos:

	/tsɿ:nù/	/hé:ma/	/[[[[Cú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	/ /má:pa/
R1a	tsɿ:nù	hé:ma	[[[[Cú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	má:pa
R6	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
RM	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R3	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R16	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R18	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R19	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
RM	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R3	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R17	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
RM	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R3	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R16	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R18	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
R19	-----	-----	[[[[ú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]	-----
P1	tsɿ:nu	hé:ma	u:nɿ jɿ kù pe jɿ	má:pa
P4	-----	-----	u:nɿ jɿ kù pe jɿ	-----
P5	tʃɿ:nu	-----	-----	-----
P6	tʃɿ:nu	-----	-----	-----
P7	tʃɿ:nu	hé:ma	ú:nɿ jɿ kù pe jɿ	-----
	[tʃɿnu]	[hé:ma]	[ú:nɿjɿkùpejɿ]	[má:pa]
	"cão"	"anta"	"nas águas"	"abelha"

O terceiro exemplo é composto de quatro 'strata' sucessivamente embutidos, cada 'stratum' sofrendo ciclicamente a aplicação do conjunto de todas as regras ordenadas (muitas delas tendo obviamente um efeito nulo em razão de sua descrição estrutural). Ou seja,

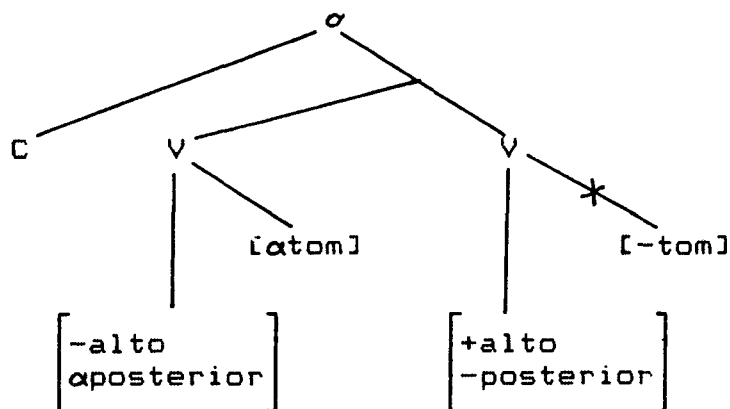
/Cú:nɿ/--> [ú:nɿ] "água",
 /[[Cú:nɿ]-jɿ+kù]/ --> [ú:nɿjɿkù] "na água",
 /[[[[Cú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]/--> [ú:nɿjɿkùpè] "nas águas",
 /[[[[Cú:nɿ]-jɿ+kù]-pè]-jɿ]/ --> [ú:nɿjɿkùpejɿ] "nas águas (variante)".

Convém lembrar que /C/ é apenas uma consoante flutuante, i.e. um auto-segmento posicional no tier esquelético, a qual, em razão da ausência de linhas associativas, não é fonetizável.

R1b COALESCÊNCIA TAUTORÍMICA: DITONGAÇÃO {a,e}i --> {aj,ej}

A sequência tautorímica de uma vogal não alta /a/ ou /e/ e da vogal anterior alta /i/ torna-se um ditongo decrescente

/aj/ ou /ej/.



A semivocalização da vogal palatal é decorrente da dissociação do auto-segmento [-tom].

Exemplos:

	/háikù/	/Cédàl/	/[[[[wájì]=hípà-ǵù]-náí]-pè]/
RM	-----	-----	[[[wájì =hípà-ǵù]-náí]-pè]
R1b	hájkù	Cédàj	----- -náí]-pè]
R2	-----	-----	[[[wájì =hípà-ǵù]-náí]-pè]
R3	-----	-----	[[[wájì hípà ǵù]-náí]-pè]
R6	-----	édàj	-----
R10	-----	-----	[[[wájì ipà ǵù]-náí]-pè]
R11	-----	-----	[[[wájì ipà ǵù]-náí]-pè]
R13a	-----	-----	[[[wájì pà ǵù]-náí]-pè]
R16	-----	-----	[[[wájì pà#ǵù]-náí]-pè]
R18	-----	-----	[[[wájì pà#ǵù]-náí]-pè]
R19	-----	-----	[[[wájì pà ǵù]-náí]-pè]
RM	-----	-----	[[wájì pà ǵù -náí]-pè]
R1b	-----	-----	[[wájì pà ǵù -náj]-pè]
R3	-----	-----	[[wájì pà ǵù náj]-pè]
R16	-----	-----	[[wájì pà ǵù #náj]-pè]
R17	-----	-----	[[wájì pà ǵù #náj]-pè]
R18	-----	-----	[[wájì pà ǵù #náj]-pè]
R19	-----	-----	[[wájì pà ǵù náj]-pè]
RM	-----	-----	[wájì pà ǵù náj -pè]
R3	-----	-----	[wájì pà ǵù náj pè]
R17	-----	-----	wájì pà ǵù náj pe]
P1	hájku	édaj	wájì pa ǵu náj pe]
P7	-----	-----	wájì pa ǵù náj pe]
P10	-----	-----	wájì pa ǵù náj pe]
	[hájku]	[édaj]	[wájìpàǵùnájpe]
	"árvore"	"banco"	"grupos de jovens (fem.)"

R1c DISSOCIAÇÃO TAUTORÍMICA: PALATALIZAÇÃO/LABIALIZAÇÃO: {i,u}
--> {j,w}/---V

Two phonetic tree diagrams illustrating the structure of the word 'alto'.

Left Tree:

- Root node σ branches into C and V .
- C is connected to V by a dashed line.
- V is marked with $[+atom]$ and a feature box containing:
 - $[+alto]$
 - $+posterior$
 - $6/7 \text{ ponto artic.}$

Right Tree:

- Root node σ branches into a dashed V and a feature box containing $[-tom]$.
- The dashed V is connected to the $[-tom]$ box by a dashed line.
- The dashed V is marked with a feature box containing:
 - $[-alto]$
 - $-posterior$
 - $6/7 \text{ ponto artic.}$

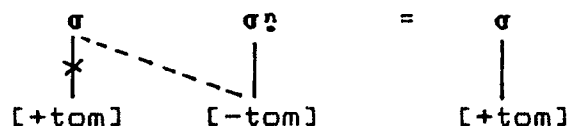
Exemplos:

	/Ci-kúit̥a-ni/	/Ciakaa+C\	/pi-núá/	/Catsia+n`+ji/
R1a/c	Ci-kwít̥a-ni	jaká:+C\	pi-nwá	Cats'á+n`+ji
R3	Ci kwít̥a ni	jaká: C\	pi nwa	Cats'á n` ji
R6	i kwít̥a ni	-----	-----	ats'á n` ji
R16	i kwít̥a#ni	-----	-----	ats'á n`#ji
R17	-----	jaká: C\	pi nwa	ats'á n`#ji
R18	i kwít̥a#ni	-----	-----	ats'á n`#ji
R19	i kwít̥a ni	jaká:	-----	ats'á n` ji
R20	-----	-----	-----	ats'án ji
P1	i kwít̥a ni	jaká:	pi nwa	ats'án ji
P7	i kwít̥a ni	-----	pi nwa	ats'án ji
	[ikwít̥áni]	[jaká:]	[pínwa]	[atʰánji]
	"(ele) o xinga"	"longe"	"(tu) matas	"homem"

R2 ABAIXAMENTO TONAL 1:

$\sigma \rightarrow \sigma / \text{---} \sigma \text{?} = \sigma \text{?} \sigma$

Um tom alto torna-se baixo, quando for seguido, diretamente ou não, pela sequência de um limite interno de palavra composta e de um tom alto.



R2 deve preceder R3 para evitar os efeitos das regras R14 e R16. Se a ordem fosse invertida, /Cápà=Cít̥a/ daria *[ápajta] em vez da forma correta [apájta]

Exemplos:

	/Cà+pà=Cità/	/dzamà=Hiwi/	/[[má=dá+jí]=Cémà+dzú]/
R2	Cà+pà=Cità	dzamà=Hiwi	[[mà=dá+jí]=Cémà+dzú]
R3	Cà pà Cità	dzamà Hiwi	[[mà dá jí]=Cémà+dzú]
R6	à pà ità	-----	-----
R7	à pá itá	-----	-----
R10	-----	dzamhá iwi	-----
R11	-----	dzamhá iwi	-----
R13b	-----	dzamhé wi	-----
R14a	à páj tà	-----	-----
R17	-----	-----	[[má dá jí]=Cémà+dzú]
RM	-----	-----	[má dá jí =Cémà+dzú]
R2	-----	-----	[má dá jí =Cémà+dzú]
R3	-----	-----	[má dá jí Cémà dzú]
R6	-----	-----	[má dá jí éma dzú]
R7	-----	-----	[má dá jí éma dzú]
R14b	-----	-----	[má dá jí éma dzú]
R16	-----	-----	[má dá jí éma#dzú]
R18	-----	-----	[má dá jí éma#dzú]
R19	-----	-----	[má dá jí éma dzú]
P1	a páj ta	dzamhé wi	má dá jí éma dzú
P7	-----	dzamhé wi	má dá jí éma dzú
P10	-----	dzam é wi	-----
	[apájta]	[dzaméwi]	[má dá jí éma dzú]
	"um (animado)"	"dois (pontiagudo)"	"três (contável)"

A representação subjacente /Cà+pà/ "um", ao invés de /Cápà/, deve-se à Claudete Lucyk (comunicação pessoal) que, no seu estudo do Tariána, interpreta o dito prefixo de 4a pessoa do singular /pà-/ "alguém", "(qualquer) um", como o mesmo morfema radical do numeral /-pa-/. Convém lembrar que a reconstrução do Proto-Maipure de Payne (1991b) é *ba, e que a forma superficial do Kuripako da Colômbia é [ba-]. Qualquer que seja a representação correta, /Cà+pà/ ou /Cápà/, o resultado após aplicação de R2 e R3 dá /Cápà=/.

R3 SUPRESSÃO DE LIMITE INTERNO DE PALAVRA: {=, -, +} --> Ø

Os limites internos de palavra, isto é, =, -, +, apagam-se.

{=, -, +} ----> Ø

A distinção entre limite de morfema comum, -, e de morfema tematizado, +, justifica-se no plano morfológico, onde expressa diferenças de grau de autonomia morfo-semantática com o morfema radical. Nas regras fonológicas, esta distinção somente interfere em R2.

R3 reflete o seguinte processo diacrônico universal de degeneração dos limites:

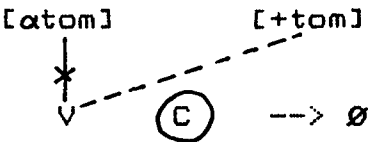
$$\#\# \rightarrow \# \rightarrow \underline{\#} \rightarrow = \rightarrow - \rightarrow + \rightarrow \emptyset$$

Exemplos:

	/Cà+pá=Cítà/	/nú-há/	/hiipà+dà/	/nú-híwi+dà/
R1a	-----	-----	hi:pà+dà	-----
R2	Cà+pá=Cítà	-----	-----	-----
R3	Cà pá Cítà	nù há	hi:pà dà	nù híwi dà/
R6	à pá ità	-----	-----	-----
R7	à pá ità	-----	-----	-----
R10	-----	ghù á	-----	ghù íwi dà
R11	-----	ghú à	-----	ghú íwi dà
R14a	à páj tà	-----	-----	-----
R14b	-----	ghw á	-----	ghw íwi dà
R17	-----	-----	hi:pá dà	ghw íwi dà
P1	a páj ta	ghw á	hi:pá da	ghw íwi da
P10	-----	g ^w á	-----	g ^w íwi da
	[apájta]	[g ^w á]	[hi:páda]	[g ^w íwída]
	"um (animado)"	"eu"	"pedra"	"minha cabeça"

R4 ASSOCIAÇÃO DE TOM FLUTUANTE ALTO:V\$' --> V̂

Um tom flutuante alto, ', substitui o tom da vogal precedente, o que provoca a supressão de sua sílaba que ficou reduzida a posições flutuantes no tier esquelético.



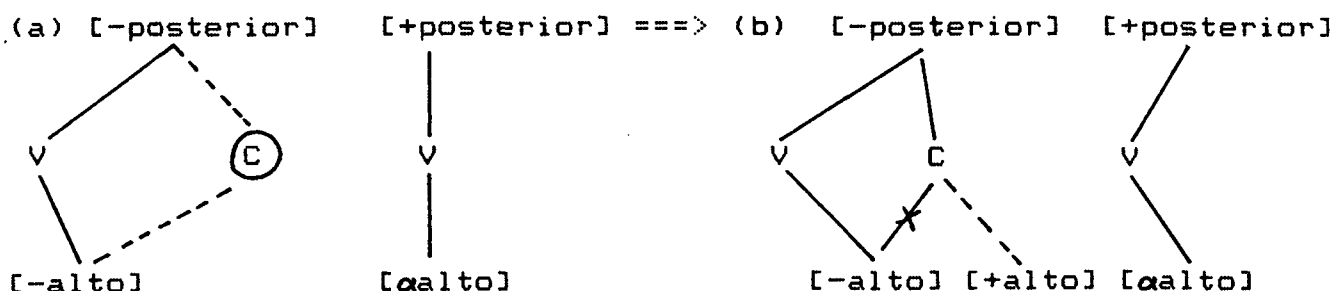
Exemplos:

	/nú-káwá+ /	/nú-pána+ /	/nú-kána+ /
R3	nú káwá	nú pána	nú kána
R4	nú káwá	nú pána	nú kána
R16	nú ká#wá	nú pá#ná	nú ká#ná
R17	nú ká#wá	nú pá#ná	nú ká#ná
R18	nú ká#wá	nú pá#ná	nú ká#ná
R19	nú ká wá	nú pá ná	nú ká ná
P1	nú ka wa	nú pa na	nú ka na
P7	-----	nú pã na	nú kã na
	[núkawa]	[núpãna]	[núkãna]
	"minha perna"	"(eu) planto"	"(eu) brilho"

Convém observar que estaregra R4 encontra-se em estágio probatório. Na realidade, R4 poderia ser eliminado mediante uma reinterpretação da estrutura temática dos exemplos, cujo custo consistiria sacrificar o padrão disssilábico/da/ dos radicais, ou seja, /nú-ká+wá/, /nú-pá+ná/, /nú-ká+ná/.

R5a GLIDIZAÇÃO DE TRANSIÇÃO 1: $\emptyset \rightarrow \text{J} / e---\$\{a,u\}$

Quando a vogal anterior semi-fechada e é separada de uma vogal posterior a ou u por uma posição flutuante C, a associação de seu auto-segmento palatalizante [-posterior] desdobra-se na direção de C, que, conseqüentemente, deixa de ser flutuante para tornar-se um glide palatal de transição intervocálica.



As ocorrências de hiato /e\$\{a,u\}/ são raras. No seguinte exemplo, onde o item para "choca" contém um primeiro stratum

[[kà-CáHí+wà+hí]] "com ovo" e um segundo stratum
 [[[[kà-CáHí+wà+hí]=Cápa-Jú]] "choca", a regra R5a aplica-se no
 segundo ciclo.

Exemplo:

		/[[[kà-[CáHí+wà+hí]]=Cápa-Jú]/
1o CICLO:	R3	[[[kà [CáHí wà hí]]=Cápa-Jú]
	R6	[[[kà [áHí wà hí]]=Cápa-Jú]
	R10	[[[kà [Há i yhá i]]=Cápa-Jú]/
	R13b	[[[kà [Hè yhé]]=Cápa-Jú]/
2o CICLO	RM	[[kà Hè yhé]=Cápa-Jú]/
	R10	[[kHà é yhé]=Cápa-Jú]/
	R13c	[[kHé: yhé]=Cápa-Jú]
3o CICLO	RM	[kHé: yhé =Cápa-Jú]
	R2	[kHé: yhé =Cápa-Jú]
	R3	[kHé: yhé Cápa Jú]
	<u>R5a</u>	[kHé: yhé 'ápa Jú]
	R16	[kHé: yhé 'ápa#Jú]
	R18	[kHé: yhé 'ápa Jù]
	R19	[kè: yhé 'ápa Jù]
P.PÓS-LEXICAIS	P1	ke: yhe 'ápa Ju
	P10	ke: y e 'ápa Ju
		[ke:ye'ápaJu]
		"choca"

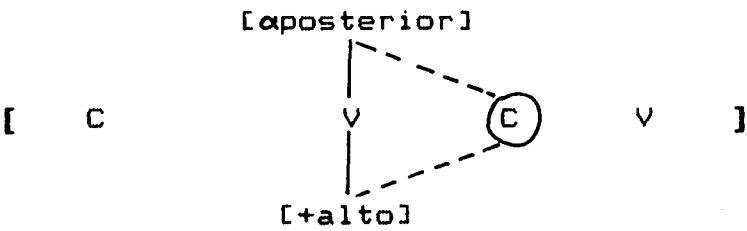
Neste exemplo, o primeiro 'stratum' é /[[CáHí+wà+hí]]/ --> [éye] "ovo", o segundo 'stratum', no qual está embutido o primeiro, é /[[kàHéyhe]]/ --> [ké:ye] "(estar) com ovo" e o terceiro 'stratum', no qual estão embutidos os dois primeiros, é /[[kHé:yhé=Cápa-Jú]]/ --> [ke:ye'ápaJu] "choca", adj. (= "de-ave-com-ovo").

R5b GLIDIZAÇÃO DE TRANSIÇÃO 2(OPCIONAL): Ø (-->) {j,w} / {i,u}---\$V#

Quando uma vogal alta, i ou u, é seguida por um auto-segmento posicional C flutuante e uma vogal final de palavra, o C flutuante torna-se opcionalmente um glide de transição homorgânico com a vogal precedente, quando a palavra é

dissilábica.

Esta regra é pragmática e fonoestilisticamente condicionada.



Exemplos:

	/C1-CÁ/	/nú-CÁ/	/há+míCà/
R3	C1 CÀ	nù CÀ	há míCà
R5b	C1 'á	nù wá	há mí 'á
R6	í 'á	nù wá	-----
R17	í 'á	nú wá	-----
P1	í 'a	nú wa	há mí 'a
P7	-----	-----	há mí 'a
	[í 'a]	[nú wa]	[há mí 'a]
	"(tu) das"	"(eu) dou"	"(ser) pesado"

R6a/bSUPRESSÃO DE CONSOANTE FLUTUANTE: C[ØF] --> Ø / [αF]---V[αF]

(a) Na posição intervocálica entre vogais não-flutuantes, o auto-segmento C flutuante apaga-se. Se a vogal seguinte for também flutuante, ambos permanecem até a aplicação de R17;

(b) Em posição inicial de palavra, o auto-segmento C flutuante também apaga-se, a não ser que a sílaba seguinte comece com outro C flutuante ou uma aproximante glotal plena /h/ ou flutuante /H/. Em outros termos, a aplicação de R6a bloqueia a de R6b.

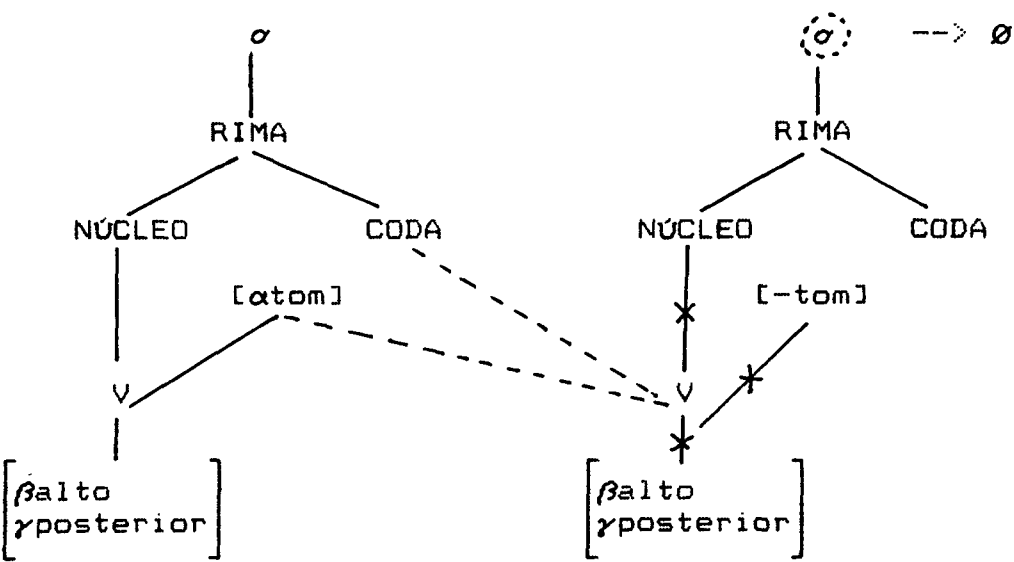
Exemplos:

	/hápe=Ci(+)tá-Ci/	/ná-Cá-Ciná/	/máts'á=ná-Ci/
R1c	-----	-----	máts'á=ná-Ci
R2	hápe=Ci(+)tá-Ci	-----	-----
R3	hápe Ci tá Ci	ná Cá Ciná	máts'á ná Ci
R6	hápe i tá i	ná á iná	máts'á ná i
R7	hápe i tá i	ná à iná	-----
R8	hápe i té	ná è ná	máts'á nè
R9b	-----	nè: ná	-----
R14a	hápej tè	-----	-----
R17	-----	-----	máts'á nè
P1	hápej te	nè: na	máts'á ne
	[hápejte]	[nè:na]	[máts'áne]
	"frio"	"eles foram"	"bonito (CL:alto)"
		(acabado)	

R9a COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: FUSÃO LONGA 1: {Vα\$Vα} ---> V:α\$

R9 que compreende 7 sub-regras simultâneas, R9a-g, descreve a coalescência de vogais heterossilábicas, que se tornaram contíguas após supressão de limite morfológico por R4 e de auto-segmento posicional flutuante por R7.

Vogais heterossilábicas contíguas e idênticas em todos seus traços não-tonais fusionam em uma única vogal longa tautorímica.



Exemplos:

	/jɪ-Cɪjə/	/wà-Cà/	/nù-Cúkà/
R3	jɪ Cɪjə	wà Cà	nù Cúkà
R6	jɪ i jə	wà á	nù ùkà
R7	jɪ i jə	wá à	nú ùkà
R9a	jɪ: jə	wà:	nú: kà
P1	jɪ: ja	wá:	nú: ka
	[jɪ:ja]	[wá:]	[nú:ka]
	"(ele) bebe"	"damos"	"(eu) chego"

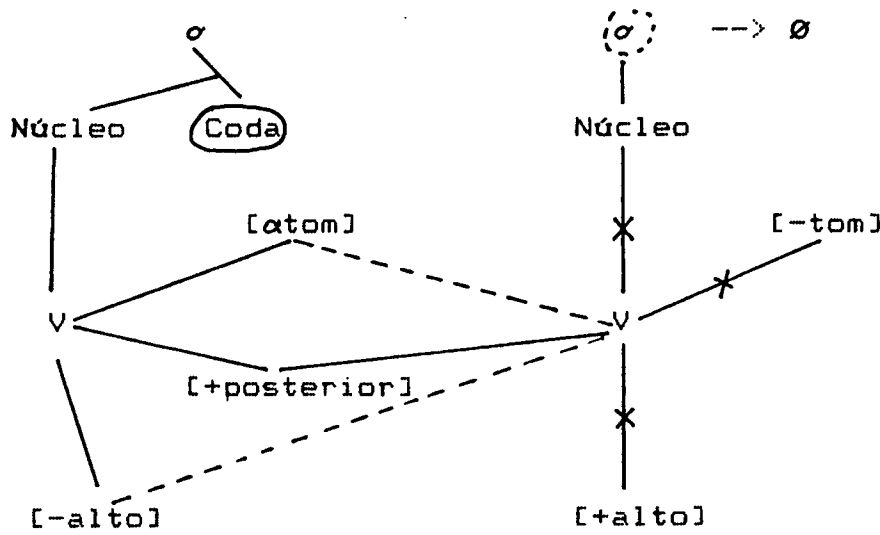
R9b COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: FUSÃO LONGA 2: a\$è ---> e:\$

	/ná-Cá-Cina/	/wà-Céma-Ci+tà/	/ná-Cékù-ká/
R3	nà Cá Cìnà	wà Cémà Cì tà	nà Cékù ká
R6	nà á inà	wà émà ì tà	nà ékù ká
R7	nà à inà	wà emà ì tà	nà èkù ká
R8	nà è nà	wá émè tà	-----
R9b	né: nà	wé: mè tà	né: kù ká
R16	-----	-----	né: kù#ká
R17	-----	wè: mé tà	-----
R18	-----	-----	né: kù#ká
R19	-----	-----	né: kù ká
P1	né: na	we: mé ta	né: ku ka
P7	ně: na	wě: mé ta	-----
	[ně:na]	[wě:méta]	[né:kuka]
	"eles foram"	"(nós) levantamos"	"(eles) estão
	(acabado)		correndo"

/aai/ --> /aai/ --> '/ae/ --> /e:/

77

Uma vogal posterior baixa, com tom alto ou baixo, e uma vogal posterior alta com tom baixo fusionam numa vogal posterior baixa, mantendo-se o tom da primeira vogal.

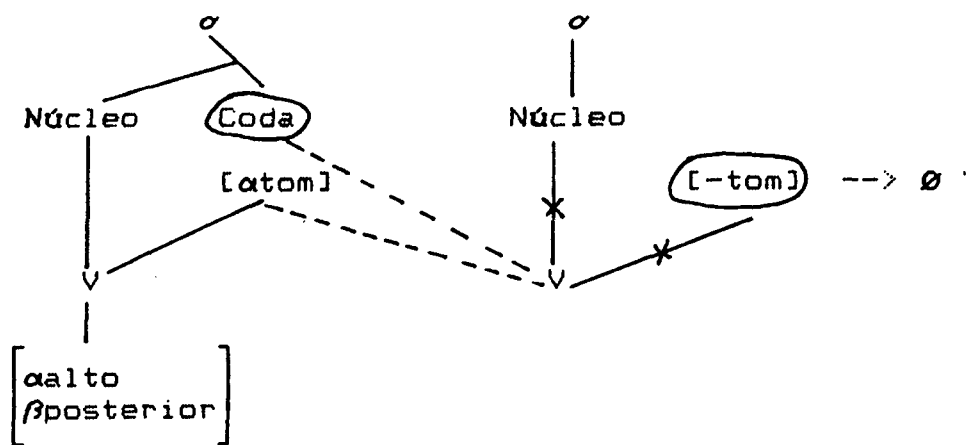


Exemplos:

	/wà-Cúma/	/pà-Cúkà/	/pà-Cúmàj-ní/
R1b	-----	-----	pà-Cúmàj-ní
R3	wà Cúma	pà Cúkà	pà Cúmàj ní
R6	wà úmà	pà úkà	pà úmàj ní
R7	wá ùmà	pá ùkà	pá ùmàj ní
R9c	wá: mà	pá: kà	pá: màj ní
R16	-----	-----	pá: màj#ní
R18	-----	-----	pá: màj#ní
R19	-----	-----	pá: màj ní
P1	má: ma	pá: ka	pá: maj ní
P7	mã: ma	-----	pã: mã_ ní
	[wá:ma]	[pá:ka]	[pã:mã_ní]
	"(nós) procuramos"	"chega-se"	"o piranha de alguém"

R9d COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: FUSÃO LONGA 4:V\$V[ØF] --> V:\$

Uma vogal completa se alonga quando fusiona com uma vogal flutuante seguinte.

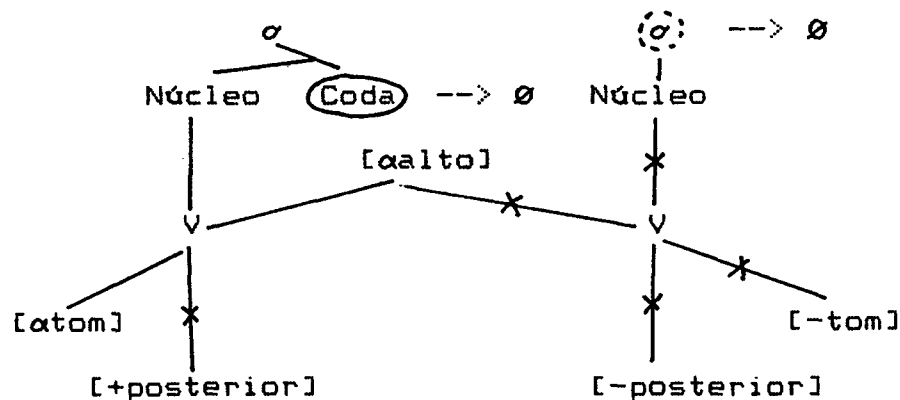


Exemplos:

	/nú-ŷpà+n'-nà/		/mà-ŷpà+n'-nà/
R3	nũ ŷpà n' nà		mà ŷpà n' nà
R9d	nú: pà n' nà		má: pà n' nà
R16	nú: pà#n' nà		má: pà#n' nà
R18	nũ: pà#n' nà		má: pà#n' nà
R19	nú: pà n nà		má: pà n nà
R20	nú: pàn nà		má: pàn nà
P1	nú: pan na		má: pan na
P7	nú: pã n na		má: pã n na
P12a	nú: pã na		má: pã na
	[nú:pãna]		[má:pãna]
	"minha casa"		"sem casa"

R9e COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: SIMPLIFICAÇÃO 1:
(OPCIONAL)u\$1 (--->) i\$

Uma vogal posterior alta, com tom alto ou baixo apaga-se opcionalmente diante de uma vogal anterior alta com tom baixo. Contudo, seu tom substitui o tom da vogal anterior alta.



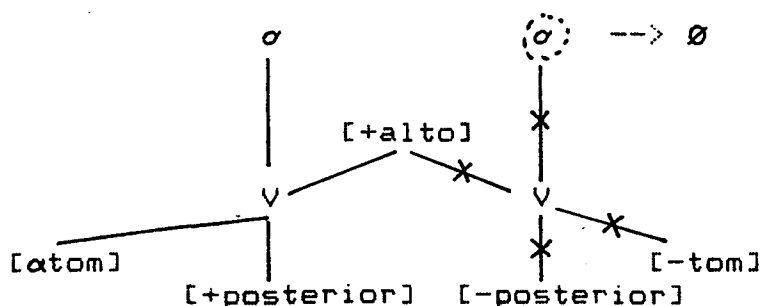
Exemplos:

	/nũ-Cĩmã/		/nũ-Cĩkãã/
R1a	-----		nũ-Cĩkã:
R3	nũ Cĩmã		nũ Cĩkã:
R6	nũ ĩmã		nũ ĩkã:
R7	nũ ĩmã		nũ ĩkã:
<u>R9e</u>	nĩ mã		nĩ kã:
P1	nĩ ma		nĩ ka:
P7	nĩ ma		nĩ ka:
	[nĩma]		[nĩka:]
	"(eu) provoço"		"(eu) rio"

R9f COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: SIMPLIFICAÇÃO 2:

(OPTIONAL) u\$1 (---) u\$

Uma vogal anterior alta com tom baixo apaga-se
opcionalmente quando está precedida por uma vogal posterior
alta, com tom alto ou baixo.



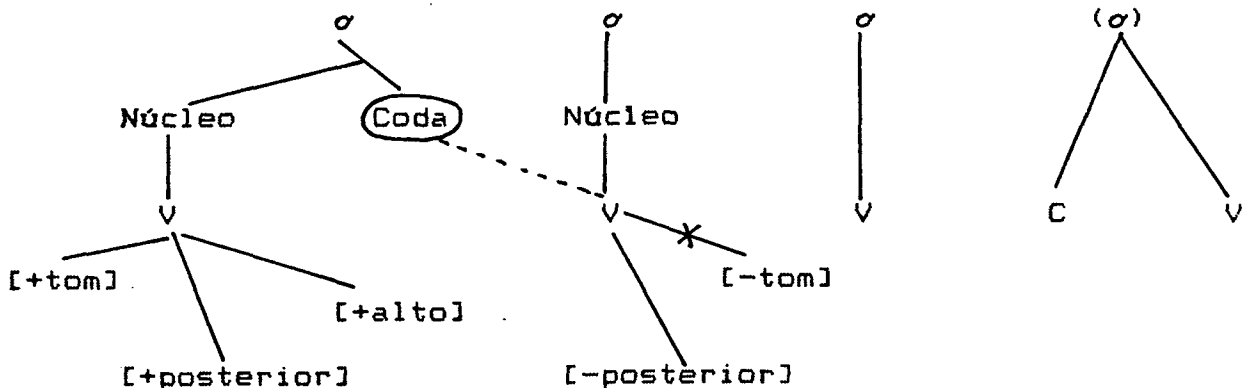
Exemplos:

	/nũ-Cĩniã+hã+Cĩ+ta/	/nũ-Cĩkãã/	/nũ-Cĩnũ-kã/
R1a/c	nũ-Cĩn'ã+hã+Cĩ+ta	nũ-Cĩkã:	nũ-Cĩnũ-kã
R3	nũ Cĩn'ã hã Cĩ ta	nũ Cĩkã:	nũ Cĩnũ kã
R6	nũ in'ã hã i ta	nũ ikã:	nũ inũ kã
R7	nũ in'ã hã i ta	nũ ikã:	nũ inũ kã
R8	nũ in'ã hẽ ta	-----	-----
R9f	nũ n'ã hẽ ta	nũ kã:	nũ nũ kã
R10	nũ ɸ'ã ẽ ta	-----	-----
R13b	nũ ɸ'ẽ: ta	-----	-----
R16	-----	-----	nũ nũ#kã
R17	nũ ɸ'ẽ: ta	-----	-----
R18	-----	-----	nũ nũ#kã
R19	-----	-----	nũ nũ kã
P1	nu ɸ'ẽ: ta	nũ kã:	nũ nu kã
P7	nũ ɸ'ẽ: ta	-----	nũ nu kã
P10	nũ ɸ'ẽ: ta	-----	-----
P11	nũ ɸ' ẽ: ta	-----	-----
	[nũnẽta]	[nũkã:]	[nũnuka]
	"(eu) esfrego"	"(eu) rio"	"(eu) estou vindo"

R9g COALESCÊNCIA VOCÁLICA 2: DITONGAÇÃO

(OPCIONAL):ú\$1 (→) új\$ /---σ(hV){#,#}

A sequência de duas vogais /ú/ e /i/ pode, opcionalmente, fundir num ditongo /új/ quando precede uma sílaba que é a última da palavra ou a penúltima seguida de /hV/. A regra R9g, que é simultânea a R9e e R9f, deve necessariamente preceder R10b.



A supressão tonal, ao invés de mudança tonal, indica que

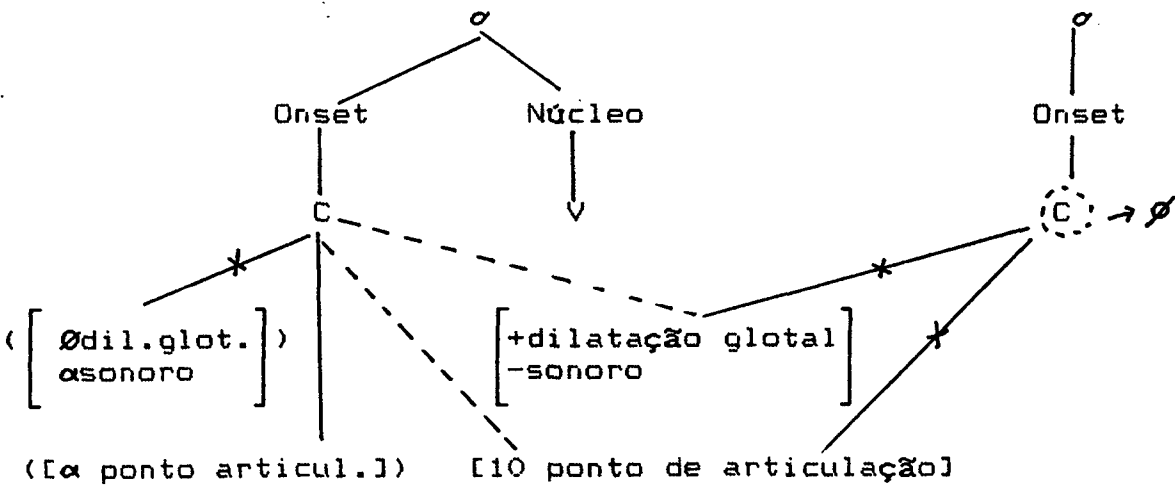
a segunda vogal foi semivocalizada.

Exemplos:

	/nù-Cíni+hà/	/nù-Cíjã/	/nù-Cí-nãj/
R1b	-----	-----	-----
R3	nù Cíni hà	nù Cíjã	nù Cí nãj
R6	nù íni hà	nù íjã	nù í nãj
R7	nú íni hà	nú íjã	nú í nãj
R9g	núj ní hà	núj jã	núj nãj
R10	núj qhí à	-----	-----
R14b	núj qh' à	-----	-----
P1	núj qh' a	núj ja	núj naj
P7	nũ qh' a	-----	nũ naj
P10	nũj q' a	-----	-----
P11	nũj p a	-----	-----
	[nũ_pa]	[nújja]	[nũ_naj]
	"(eu) como"	"(eu) bebo"	"comigo"

R10 DESLOCAMENTO DE APROXIMANTE GLOTAI: {#V,CV}\$(h,H) --> {h,Çh}V\$

Uma aproximante glotal, plena ou flutuante, sofre uma metátese com a vogal precedente, tornando-se uma articulação aspirada secundária da consoante com a qual fica eventualmente contígua. Se esta consoante for soante, ela ensurdece-se.



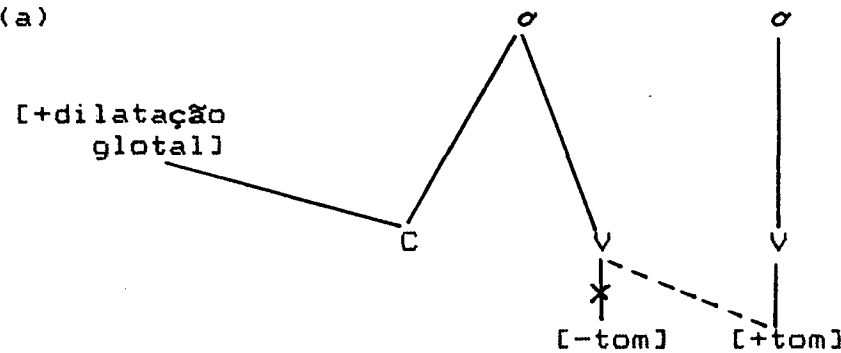
Exemplos:

	/nù-há/	/wà-Céma-ni+hi/	/pi-héma/	/màkà=túwi+hà/
R2	-----	-----	-----	-----
R3	nù há	wà Céma ni hi	pi héma	màkà túwi hà
R6	nù há	wà éma ni hi	pi héma	màkà túwi hà
R7	-----	wá éma ni hi	-----	-----
R9b	-----	wé: mà ni hi	-----	-----
R10	ghú á	wé: mà ghi i	phi éma	màkà túyhi á
R11	ghú á	-----	phi éma	-----
R13a	-----	wé: mà ghi	-----	-----
R14b	ghw á	-----	ph' éma	màkà túyhi' á
R17	-----	wè: má ghi	-----	-----
P1	ghw á	wé: má ghi	ph' éma	màkà túyhi' a
P7	-----	wé: má ghi	ph' éma	-----
P10	gw á	wé: má g i	-----	màkà túy' a
	[ghá]	[wé:mági]	[ph'éma]	[makatúy'a]
	"eu"	"passeamos"	"(tu) cozinhas na brasa"	"grande (quarto)"

Convém observar queo estágio com soante ensurdecida aspirada (que será desaspirada por efeito de P10) constitui uma etapa de processo natural, observada por exemplo em Baré da Venezuela (Sans Lopez, 1971) que atesta por exemplo [qh] em formas que no Baré de Cucuí já passaram para [q].

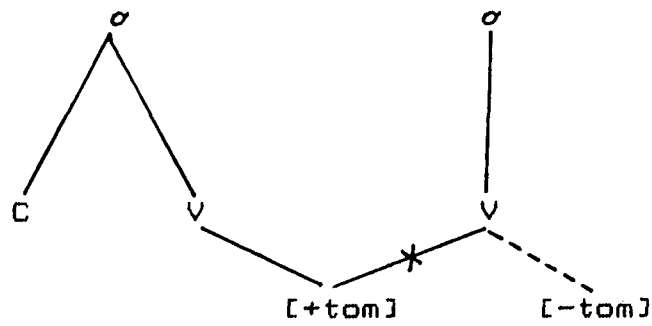
R11 PERMUTA TONAL 2: V\$V --> V\$V/ {h,H}---

Quando for precedida por uma consoante aspirada, uma seqüência formada por uma vogal qualquer com tom baixo e outra vogal qualquer com tom alto, sofre uma permuta de tons.



(b)

[+dilatação
glotal]

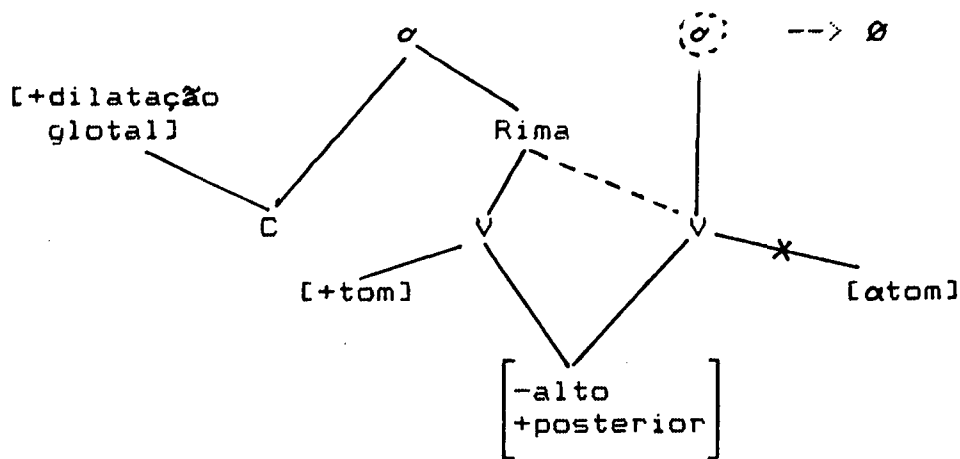


Exemplos:

	/pi-hikà/	/Cà+pá=hiwi/	/[[kà[Himà]]=nà]/
R2	-----	Cà+pà=hiwi	-----
R3	pi hikà	Cà pà hiwi	-----
R6	-----	à pà hiwi	-----
R10	phí ikà	à phà iwi	-----
R11	phí ikà	à phá iwi	-----
R13a	phí kà	-----	-----
R13b	-----	à phé wi	-----
RM	-----	-----	[[kà Himà]=nà]
R10	-----	-----	[[kHà imà]=nà]
R11	-----	-----	[[kHá imà]=nà]
R13b	-----	-----	[[kHé mà]=nà]
RM	-----	-----	[kHé mà =nà]
R3	-----	-----	[kHé mà nà]
R17	-----	-----	[kHè mà nà]
P1	phí ka	a phé wi	[kHe má na]
P7	-----	-----	[kHě má na]
	[phíka]	[aphéwi]	[kēmāna]
	"(tu) cavas"	"um (CL:pontiagudo)"	"pontudo
			(= "com-flecha-CL)"

R12 COALESCÊNCIA VOCÁLICA 3: ALONGAMENTO:
á\$a --> á:\$ / {h,H}---

Quando for precedida de uma consoante aspirada, duas vogais posteriores baixas sucessivas, a primeira com tom alto e a segunda com tom baixo, fusionam numa única vogal posterior baixa alongada com tom alto.



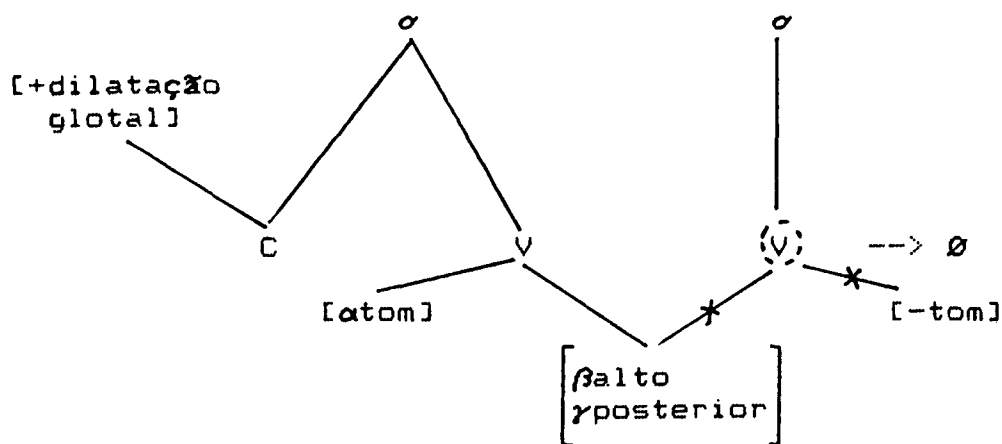
Exemplos:

	/wà-há:à/	/pà-há/	/wà-há/	/[[mádùà]=ká+hà-Ci]/
R1c	-----	-----	-----	[[mádʷà]=ká+hà-Ci]
R3	wà há:à	pà há	wà há	-----
R10	ʷhá á:à	phá á	ʷhá á	-----
R11	ʷhá á:à	phá á	ʷhá á	-----
R12	ʷhá: à	phá:	ʷhá:	-----
RM	-----	-----	-----	[mádʷà =ká+hà-Ci]
R2	-----	-----	-----	[mádʷà =ká+hà-Ci]
R3	-----	-----	-----	[mádʷà ká há Ci]
R6	-----	-----	-----	[mádʷà ká há i]
R10	-----	-----	-----	[mádʷà khá á i]
R13a	-----	-----	-----	[mádʷà khá: i]
R14a	-----	-----	-----	[mádʷà khá:j]
R17	-----	-----	-----	[mádʷà khá:j]
P1	ʷhá: à	phá:	ʷhá:	madʷà kha:j
P10	ʷ á: à	-----	ʷ á:	-----
	[ʷá:à]	[phá:]	[ʷá:]	[madʷákha:j]
	" enxugamos"	"qualquer pessoa"	"nós"	"curto"

R13a COALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: ENCURTAMENTO

Va\$Va --> VaS / {h,H}---

Uma vogal qualquer, outra que a, com tom baixo, se apaga quando for precedida da sequência formada por uma consoante aspirada e uma vogal idêntica em todos seus traços não-tonais.



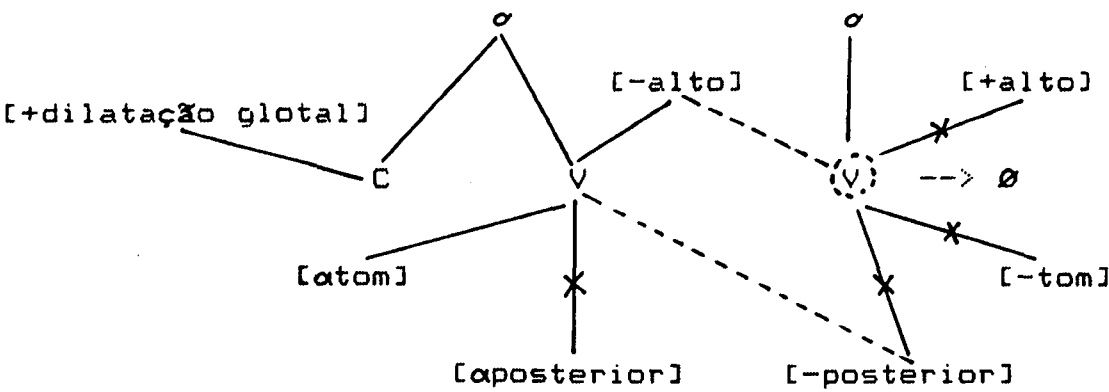
Exemplos:

	/nù-Hùkù+tsù/	/ji-hi+ɬápù-ní/
R3	nù Hùkù tsù	ji hi ɬápù ní
R10	nHù òkù tsù	jhi i ɬápù ní
R11	nHù òkù tsù	-----
<u>R13a</u>	nHù kù tsù	jhi ɬápù ní
R16	-----	jhi ɬápù#ní
R17	nHù kù tsù	-----
R18	-----	jhi ɬápù#ní
R19	n ù kù tsù	jhi ɬápù ní
P1	n u kù tsu	jhi ɬápu ní
P10	-----	J i ɬápu ní
	[nukútsu]	[jɪɬápuni]
	"(eu) lavo"	"(ele) sonha"

R13b COALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: FUSÃO BREVE :

{a,e}\$1 --> e\$ / {h,H}---

Quando for precedida de uma consoante aspirada, a sequência de uma vogal baixa, com tom alto ou baixo, e da vogal alta posterior com tom baixo fusiona numa vogal baixa posterior com o tom que tinha a primeira vogal.



Exemplos:

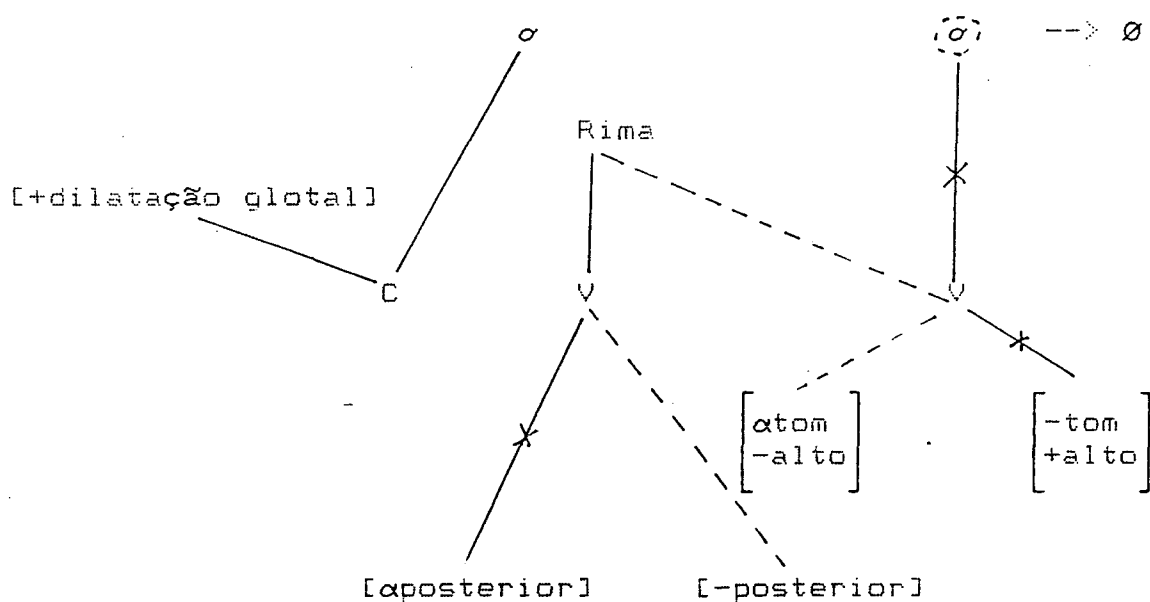
	/kúwè+hi/	/[[[Cáwà]+kà=dà]]-já+hi/	/kúpa+hi/
R1a	kú:wè+hi	-----	-----
R3	kú:wè hi	-----	kúpa hi
R6	-----	[[[áwà]+kà=dà]]-já+hi	kúpa hi
R10	kú:ɣhè i	-----	kúpha i
R13b	kú:ɣhè	-----	kúphe
RM	-----	[[[Cáwà kà dà]]-já+hi]	-----
R6	-----	[[áwà kà dà]]-já+hi]	-----
R17	-----	[[áwà kà dà]]-já+hi]	-----
RM	-----	[áwà kà dà -já+hi]	-----
R3	-----	[áwà kà dà já hi]	-----
R10	-----	[áwà kà dà jhá i]	-----
R13b	-----	[áwà kà dà jhé]	-----
R16	-----	[áwà kà dà #jhé]	-----
R18	-----	[áwà kà dà #jhé]	-----
R19	-----	[áwà kà dà jhè]	-----
P1	kú:ɣhe	awa kà da jhe	kúphe
P10	kú:ɣ e	awa kà da j e	-----
	[kú:ɣe]	[awakádaje]	[kúphe]
	"formiga-saúva"	"na direção do mato"	"peixe"

A estratificação do segundo exemplo é/[Cáwà]/ --> [áwa] 'ser denso', /[[[Cáwà]+kà=dà]/ --> [awakáda] 'mato', /[[[[Cáwà]+kà=dà]]-já+hi]/ --> [awakádaje] 'na direção do mato'

R13cCOALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: FUSÃO LONGA:
(a,e)\$e --> e:\$ / {h,H}---

Quando for precedida por uma consoante aspirada, a sequência de uma vogal baixa, com tom alto ou baixo, e de uma

vogal baixa anterior com tom baixo, funde-se numa vogal baixa anterior alongada com o tom que tinha a primeira vogal.



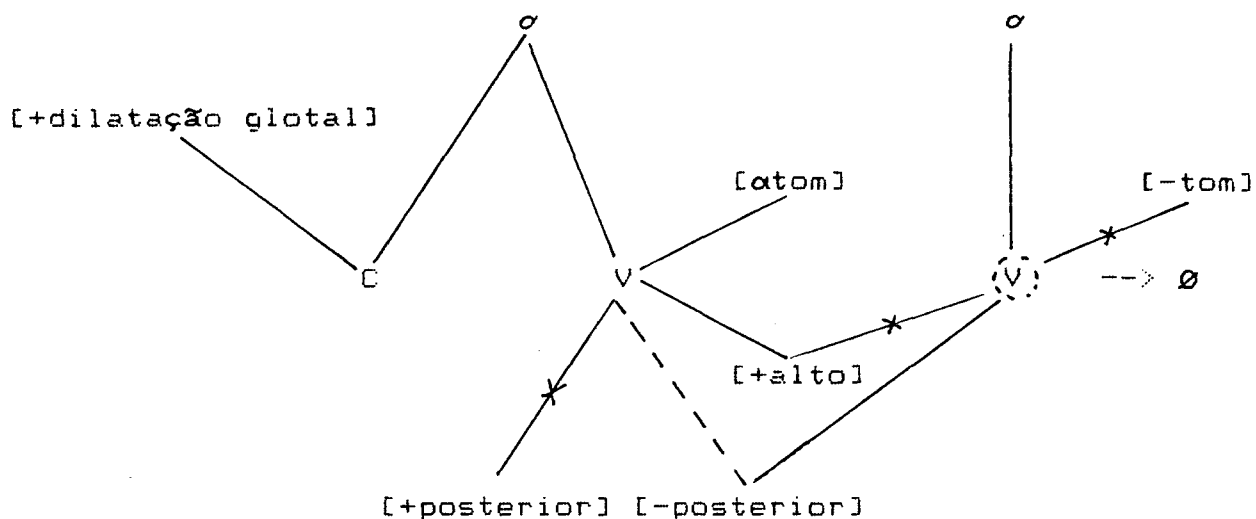
Exemplos:

	/nà-hépà-ká/	/nà-hétà-ká-wá/	/pà-héwà/
R3	nà hépà ká	nà hétà ká wá	pà héwà
R10	ghà épà ká	ghà étà ká wá	phà éwà
R11	ghà épà ká	ghà étà ká wá	phà éwà
R13c	ghé: pà ká	ghé: tà ká wá	phé: wá
R15	-----	ghé: tà ká wá	-----
R16	-----	ghé: tà#ká wá	-----
R18	-----	ghé: tà#ká wá	-----
R19	-----	ghé: tà ká wá	-----
P1	ghé: pa ka	ghé: ta ka wa	phé: wa
P10	g é: pa ka	g é: ta ka wa	-----
	[gépaka]	[gé:takawa]	[phé:wa]
	"estão acreditando"	"estão alagando"	"entramos"

R13d COALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: SIMPLIFICAÇÃO 1

(OPTIONAL) $u\$i \rightarrow i\$ / \{h, H\} \rightarrow$

Quando for precedida por uma consoante aspirada, a sequência da vogal alta posterior, com tom alto ou baixo e da vogal alta anterior com tom baixo, fusiona, opcionalmente, na vogal alta anterior como tom que tinha a primeira vogal.



Ocorreu, portanto, uma assimilação regressiva:

ui --> ii --> i

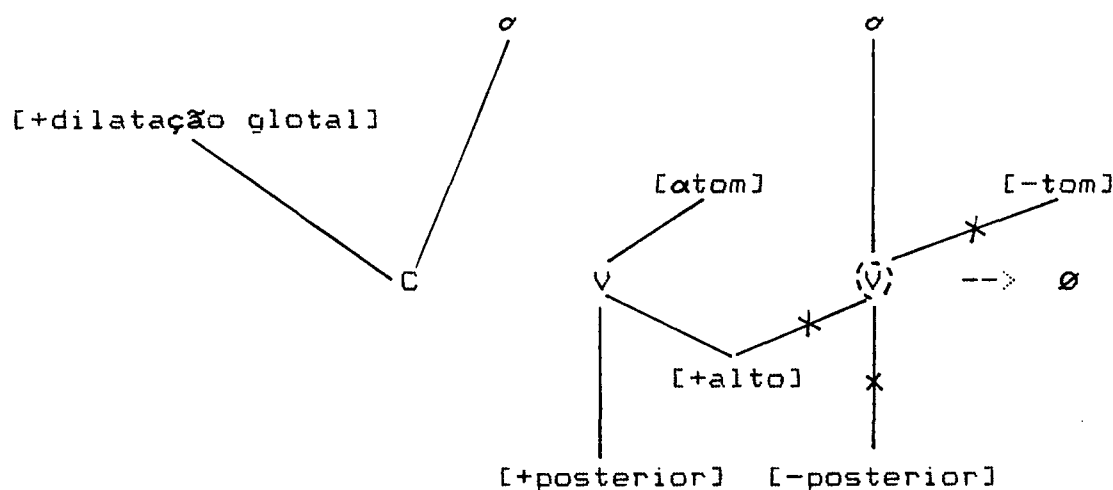
Exemplos:

	/nù-tùhi/	/nù-híjù+hi/	/nù-híjia/	/[[[Cú:ni]-jikù]-hi+ɬé]/
R1a	-----	-----	-----	[[[Cú:ni]-jikù]-hi+ɬé]
R1c	-----	-----	nù híj'ia	-----
R3	nù túhi	nù híjù hi	nù híj'ia	-----
R6	-----	-----	-----	[[[ú:ni]-jikù]-hi+ɬé]
R10	nù thúi	qhù i _h hù i	qhù i _j 'ia	-----
R11	-----	qhù i _h hi	qhù i _j 'ia	-----
R13d	nù thí	qhí i _h hi	qhí i _j 'ia	-----
R17	nú thi	-----	-----	-----
RM	-----	-----	-----	[[[ú:ni -jikù]-hi+ɬé]
R3	-----	-----	-----	[[[ú:ni jikù]-hi+ɬé]
R16	-----	-----	-----	[[[ú:ni #jikù]-hi+ɬé]
R18	-----	-----	-----	[[[ú:ni #jikù]-hi+ɬé]
R19	-----	-----	-----	[[[ú:ni jikù]-hi+ɬé]
RM	-----	-----	-----	[ú:ni jikù -hi+ɬé]
R3	-----	-----	-----	[ú:ni jikù hi ɬé]
R10	-----	-----	-----	[ú:ni jikhù i ɬé]
R13d	-----	-----	-----	[ú:ni jikhi ɬé]
R16	-----	-----	-----	[ú:ni jikhi #ɬé]
R17	-----	-----	-----	[ú:ni jikhi #ɬé]
R18	-----	-----	-----	[ú:ni jikhi #ɬé]
R19	-----	-----	-----	[ú:ni jikhi ɬé]
P1	núthi	qhí i _h hi	qhí i _j 'ia	ú:ni jikhi ɬé
P7	-----	-----	-----	ú:ni jikhi ɬé
P10	-----	q i i _h i	q i i _j 'ia	-----
	[núthi]	[níjil]	[qíj'ia]	[ú:ni _j ikhiɬé]
	"meu olho"	"meu joelho"	"(eu) risco"	"(saíndo) do rio"

R13e COALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: SIMPLIFICAÇÃO 2

(OPCIONAL) u*ɬ*i (→) u*ɬ* /{h,H}--

Há apagamento opcional da vogal alta posterior com tom baixo quando for precedida da sequência de uma consoante aspirada e da vogal alta posterior, com tom alto ou baixo.



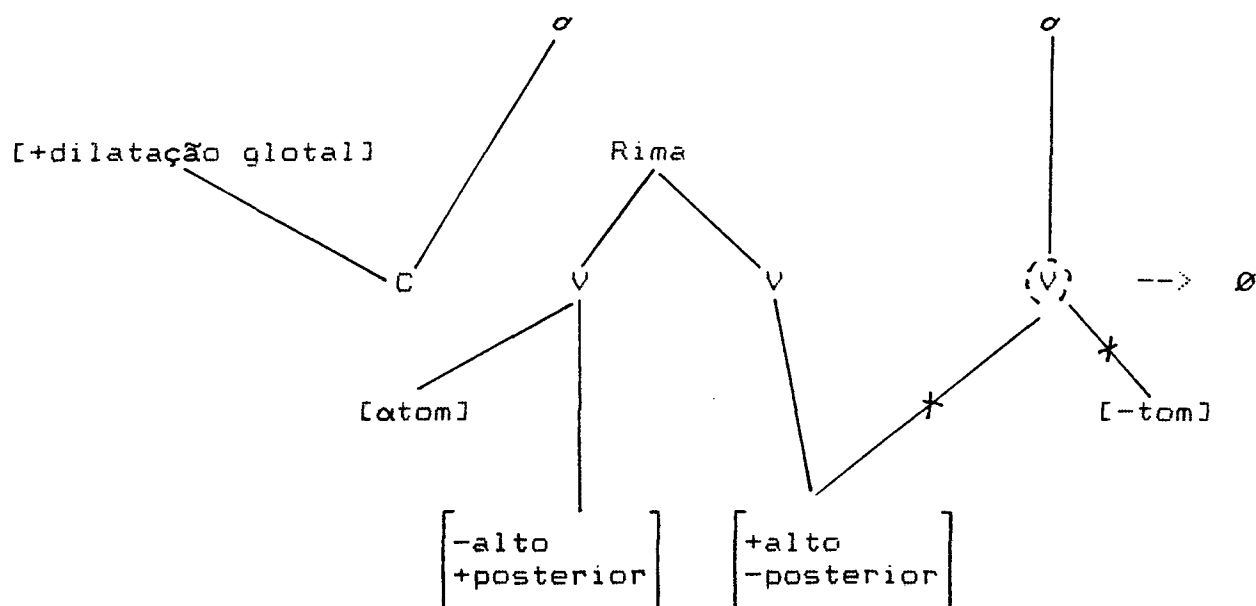
Exemplos:

	/nũ-hĩjũ+hi/	/nũ-hĩjĩa/
R1c	-----	nũ-hĩjĩa
R3	nũ hĩjũ hĩ	nũ hĩjĩa
R6	-----	-----
R10	ghũ iũhũ i	ghũ i jĩa
R11	ghũ iũhi	ghũ i jĩa
<u>R13e</u>	ghũ jũhi	ghũ jĩa
P1	ghũ jũhi	ghũ jĩa
P10	g ũ jũhi	g ũ jĩa
	[gũjĩ]	[gũjĩa]
	"meu joelho"	"(eu) risco"

R13f COALESCÊNCIA VOCÁLICA 4: SIMPLIFICAÇÃO 3:

$$i \rightarrow \emptyset / \{h, H\} a_j \$ \text{---}$$

Há apagamento da vogal alta anterior, com tom alto ou baixo, quando for precedida da sequência de uma consoante aspirada e do ditongo descendente /aj/ com tom alto ou baixo.



Exemplo:

R1b/c /【C1n1à+C1】【C1-h11pà-n1】/
R3 【C1n1à+C1】【C1-h1:pà-n1】
R3 【C1n1à C1】【C1 h1:pà n1】

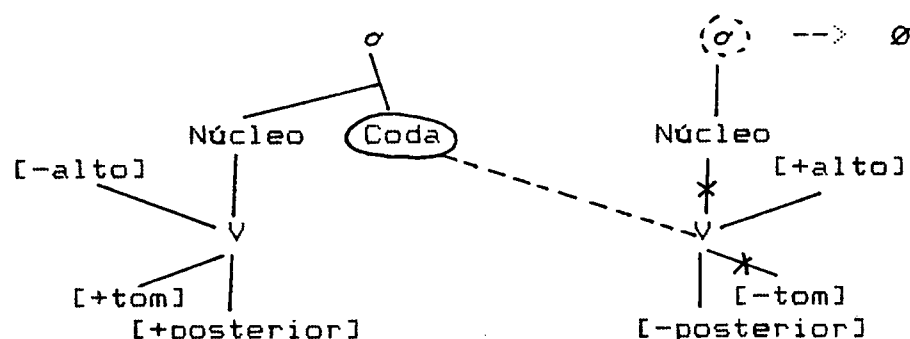
R6	[i n 'a i] [i h i : pã n i]
R10	[i n 'a i] [h i i : pã n i]
R11	[i n 'a i] [h i i : pã n i]
R13a	[i n 'a i] [h i pã n i]
R14a	[i n 'a j] [h i pã n i]
R16	[i # n 'a j] [h i pã n i]
R18	[i # n 'a j] [h i pã n i]
R19	[i n 'a j] [h i pã n i]
RM	[i n 'a j h i pã n i]
R10	[i q h 'a j i pã n i]
<u>R13f</u>	[i q h 'a j pã n i]
R16	[i q h 'a j pã # n i]
R17	[i q h 'a j pã # n i]
R18	[i q h 'a j pã # n i]
R19	[i q h 'a j pã n i]
P1	i q h 'a j pã n i
P7	i q h 'a j pã n i
P10	i q 'a j pã n i

[i qã j pã n i /
"cachoeira do diabo"

No exemplo acima, os dois strata não são embutidos mas sim coordenados, portanto, de aplicação simultânea.

R14a COALESCÊNCIA VOCÁLICA 5: DITONGAÇÃO:
(ã,é)\$1 --> {áj,éj}\$

A sequência de uma vogal baixa com tom alto e a vogal alta anterior com tom baixo torna-se um ditongo decrescente palatal com tom alto.



Exemplos:

Exemplos:

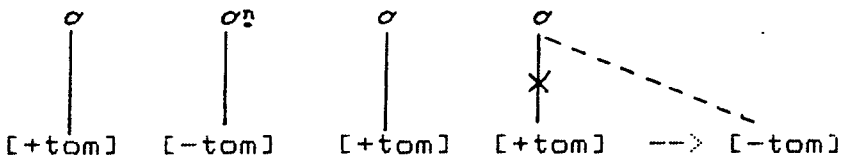
	/[[[[Ci-Céni]]+pè]-ɬi]-pè]/	/nù-Cápù+hà/	/ji-Cém'á-ká/
R1c	[[[[Ci-Céni]]+pè]-ɬi]-pè]	nù-Cápù+hà	ji-Cém'á-ká
R3	[[[[Ci Céni]]+pè]-ɬi]-pè]	nù Cápù hà	ji Cém'á ká
R6	[[[[i éni]]+pè]-ɬi]-pè]	nù ápù hà	ji ém'á ká
R7	[[[[i éni]]+pè]-ɬi]-pè]	nù ápù hà	ji ém'á ká
R10	-----	nù áphù á	ji ém'á ká
R14b	[[[[j éni]]+pè]-ɬi]-pè]	nʷ áphʷ á	j' ém'á ká
R16	-----	-----	j' ém'á#ká
R18	-----	-----	j' ém'á#ká
R19	-----	-----	j' ém'á ká
RM	[[[j éni +pè]-ɬi]-pè]	-----	-----
R3	[[[j éni pè]-ɬi]-pè]	-----	-----
R17	[[[j éni pè]-ɬi]-pè]	-----	-----
RM	[[j éni pè -ɬi]-pè]	-----	-----
R3	[[j éni pè ɬi]-pè]	-----	-----
R17	[[j éni pé ɬi]-pè]	-----	-----
RM	[j éni pé ɬi -pè]	-----	-----
R3	[j éni pé ɬi pè]	-----	-----
R17	[j éni pè ɬi pè]	-----	-----
P1	j éni pé ɬi pé	nʷ áphʷ á	j' ém'á ká
P7	j éni pé ɬi pé	-----	j' ém'á ká
	[jěnipéɬipe]	[nʷáphʷá]	[j'ém'áká]
	"filhos"	"(eu) mergulho"	"está cheirando"

O primeiro exemplo acima é composto dos quatro 'strata' seguintes: /Ci-Céni/-->[jěni] "vosso filhote", /[[[Ci-Céni]]-pè]/ --> [jěnipe] "vosso filho", /[[[[Ci-Céni]]-pè]-ɬi]/ --> [jěnipéɬi] "filho (abs.)", /[[[[[Ci-Céni]]-pè]-ɬi]-pè]/ --> [jěnipéɬipe] "filhos (abs.)".

Exemplos:

	/nù-há/	/nù-héni/	/ji-Cápù+hà/	/Ci-Cápù+hà+ká/
R3	nù há	nù héni	ji Cápù hà	Ci Cápù hà ká
R6	nù há	nù héni	ji ápù hà	Ci ápù hà ká
R10	ghù á	ghù éni	ji áphù á	i áphù á ká
R11	ghù á	ghù éni	ji áphù á	i áphù á ká
R14b	ghʷ á	ghʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á ká
R16	ghʷ á	ghʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á#ká
R18	ghʷ á	ghʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á#ká
R19	ghʷ á	ghʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á ká
P1	ghʷ á	ghʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á ká
P10	qʷ á	qʷ éni	j' áphʷ á	j áphʷ á ká
	[qʷá]	[qʷéni]	[j'áphʷá]	[j'áphʷáká]
	"eu"	"minha orelha"	"(ele) mergulha"	"(vocês) estão mergulhando"

Um tom alto torna-se baixo se for precedido de dois outros tons altos na mesma palavra fonológica.



Exemplos:

	/hútsù-mé-ní/	/kùtsàj+C`-mé-ká-ní/	/nú-mútù-ká-wá/
R1b	-----	kùtsàj+C`-mé-ká-ní	-----
R3	hútsù mé ní	kùtsàj C` mé ká ní	nú mútù ká wá
R15	hútsù mé ní	kùtsàj C` mé ká ní	nù mútù ká wà
R16	hútsù#mé ní	kùtsàj C`#mé ká ní	nù mútù#ká wà
R17	-----	kùtsàj C`#mé ká ní	-----
R18	hútsù#mé ní	kùtsàj C`#mé ká ní	nù mútù#ká wà
R19	hútsù mé ní	kùtsàj mé ká ní	nú mútù ká wá
P1	hútsu me ni	kutsáj me ka ni	nu mútu ka wa
P7	hútsù mē ní	kutsǎ me kǎ ní	nǔ mútu ka wa
	[hútsùmēni]	[kutsǎ_mekǎni]	[nǔmútukawa]
	"levantou-se"	"é aleijado"	"estou saindo"

No segundo exemplo, R16 aplica-se recursivamente, de direita para esquerda, ou seja, /kùtsàjmékàní/ --> /kùtsàjmékàní/--> /kùtsàjmékàní/.

Convém observar que R14 somente atua no domínio de um único e mesmo stratum: [σσ̣σ̣σ̣] --> [σσ̣σ̣σ̣].

Quando a palavra tem mais de um stratum,o resultado é

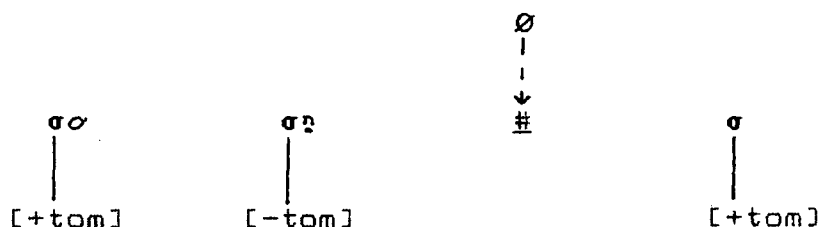
outro, por exemplo:

[[σσ?σ] σ] --> [[σσ?σ] σ] por R17 --> **[σσ?σσ]** por RM -->
[σ?σσσ] por R16 --> **[σ?σσσ]** por R17.

R16 INSERÇÃO DE LIMITE DE PALAVRA FLUTUANTE:

\emptyset --> # / σσ?---σ

No domínio de uma palavra fonológica, um limite de palavra flutuante é inserido diante de uma segunda sílaba com tom alto.



segunda sílaba com tom alto, esta sílaba funciona como se ('as if') fosse precedida de um limite de palavra, o que é confirmado pela regra seguinte, R17.

Este limite de palavra 'as if', é interpretado, no plano da descrição sincrônica como um limite flutuante, cuja flutuância é definida pela associação exclusivamente com o tier esquelético mas sem que haja uma linha associativa com o início de palavra morfológica. No plano diacrônico, tudo indica que um limite flutuante # resulta do enfraquecimento degenerativo de um limite de palavra #.

Por exemplo, em /tʃínù/ --> [tʃí:nu] 'cão', o limite inicial de palavra fonológica 'normal', i.e. não-flutuante, #, é associado com uma palavra morfológica, ao passo que em

/nú-kámù-ká/ --> [nukámuka] 'estou esquentando', o limite de palavra fonológica flutuante, #, introduzido por esta R16 diante do morfema progressivo /ká/, não é associado a nenhum início de palavra morfológica. Ou seja, os seguintes mapas associativos como output de R16:

t s i : n u

n u k á m u # k á

[C V V C V]

[C V C V C V [C V]

NOME ALIENÁVEL

VERBO 1a SING. PROGRESSIVO

Convém lembrar que os limites internos de palavra, - e +, já foram suprimidos por R3

Exemplos:

	/Ci-kwítã-ní/	/[[nú-kájtè]-ká+jú]/
R1a/c	Ci-kwítã-ní	[[nú-kájtè]-ká+jú]
R3	Ci kwítã ní	[[nú kájtè]-ká+jú]
R6	i kwítã ní	-----
<u>R16</u>	i kwítã#ní	-----
R18	i kwítã#ní	-----
R19	i kwítã ní	-----
RM	-----	[nú kájtè -ká+jú]
R3	-----	[nú kájtè ká jú]
<u>R16</u>	-----	[nú kájtè ká#jú]
R17	-----	[nú kájtè ká#jú]
R18	-----	[nú kájtè ká#jú]
R19	-----	[nú kájtè ká jú]
P1	i kwítã ní	nu kájtè ká jú
P7	i kwítã ní	-----
	[ikwítãní]	[nukájtéka jú]
	"ele o xinga"	"minha perna" "para eu falar"

R17 PAROXITONIZAÇÃO TONAL: ǝǝǝǝ --> ǝǝǝǝ / #---{#,#}

O único tom alto que se manteve dentro da palavra fonológica desloca-se para a penúltima sílaba, portanto, duas

posições antes do limite final de palavra, seja ele pleno ou flutuante (isto é, com comportamento 'as if').

[-tom] [+tom] [-tom] ? (#,#) ==> [-tom] ? [+tom] [-tom] (#,#)

1 2 3 4 3 2 1 4

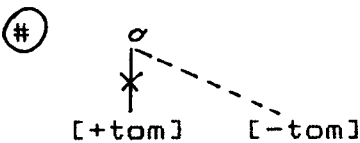
Exemplos:

	/Ciákää+C`/	/hiipà+dà/	/nú-káwà+`/	/[[hùtsù-mé]-tà]
R1a	jàká: +C`	hi:pà+dà	-----	-----
R3	jàká: C`	hi:pà dà	nù káwà	[[hùtsù mé]-tà]
R4	-----	-----	nù káwà	-----
R16	-----	-----	nù ká#wá	[[hùtsù#mé]-tà]
R17	jàká: C`	hi:pà dà	nù ká#wá	-----
R18	-----	-----	nù ká#wá	[[hùtsù#mè]-tà]
R19	jàká:	-----	nù ká wà	[[hùtsù mè]-tà]
RM	-----	-----	-----	[hùtsù mè -tà]
R3	-----	-----	-----	[hùtsù mè tà]
R17	-----	-----	-----	[hùtsù mé tà]
P1	jàká:	hi:pà da	nù ka wa	[hutsu mé ta]
P7	-----	-----	-----	hutsu mé ta
	[jàká:]	[hi:páda]	[núkawa]	[hutsuméta]
	"longe"	"pedra"	"minha perna"	"levantar"

No terceiro exemplo, R18 aplica-se ciclicamente, em cada 'stratum', primeiramente em [hùtsùme] "levantar-se", e em seguida em [hutsuméta] "levantar".

R18 ABAIXAMENTO TONAL 2: σ --> σ / # ---

Um tom alto torna-se baixo depois de um limite de palavra flutuante.



Exemplos:

/Ci-kúitá-ni/ /húju+hi-mé-ni/ /[[ji-wáda+ka-Cà+ka]wá]/

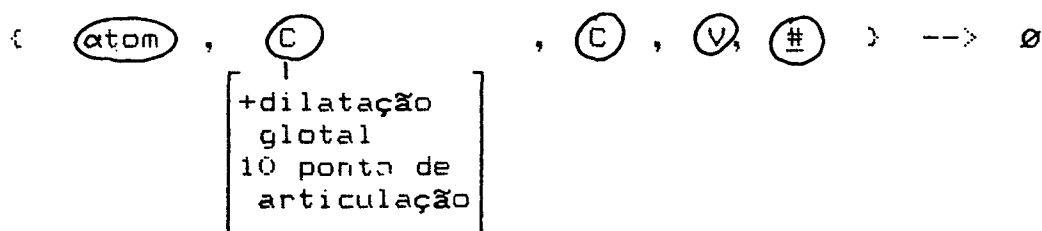
R1a/c	Ci-kʷiɬa-ni	-----	-----
R3	Ci kʷiɬa ni	hújù hi mé ni	[[ji wáɖa ká Cɔ ká]wá]
R6	i kʷiɬa ni	-----	[[ji wáɖa ká a ká]wá]
R9a	-----	-----	[[ji wáɖa ká: ká]wá]
R10	-----	hújhù i mé ni	-----
R13e	-----	hújhù mé ni	-----
R15	-----	hújhù mé ni	-----
R16	i kʷiɬa#ni	hújhù #mé ni	-----
R17	-----	-----	[[ji wáɖa ká: ká]wá]
R18	i kʷiɬa#ni	hújhù #mé ni	-----
R19	i kʷiɬa ni	hújhù mé ni	-----
RM	-----	-----	[ji wáɖa ká: ká wá]
R16	-----	-----	[ji wáɖa ká: ká#wá]
R18	-----	-----	[ji wáɖa ká: ká#wá]
R19	-----	-----	[ji wáɖa ká: ká wá]
P1	i kʷiɬa ni	hújhu me ni	[ji wáɖa ká: ká wá]
P7	i kʷiɬa ni	hújhù mē ni	-----
	[ikʷiɬani]	[hújhmēni]	[jiwáɖaká:kawa]
	"ele o xinga"	"ele furou"	"ele acaba (intrans.)"

R19 SUPRESSÃO DE AUTO-SEGMENTO/LIMITE FLUTUANTE:
 (` , ´ , H , C [Ø] , V [Ø] , # } --> Ø

Todo elemento flutuante, auto-segmento ou limite, apaga-se.

Convém observar que todos os elementos flutuantes, que não são fonetizáveis em razão de sua sub-especificação, estão eliminados antes do input do componente pós-lexical, e dos processos 'cross word boundaries'.

R19 possui a seguinte restrição: a supressão da aproximante glotal flutuante em posição inicial de palavra, ou seja /#H/ somente ocorre na derivação do último stratum (cf exemplo de R5a)



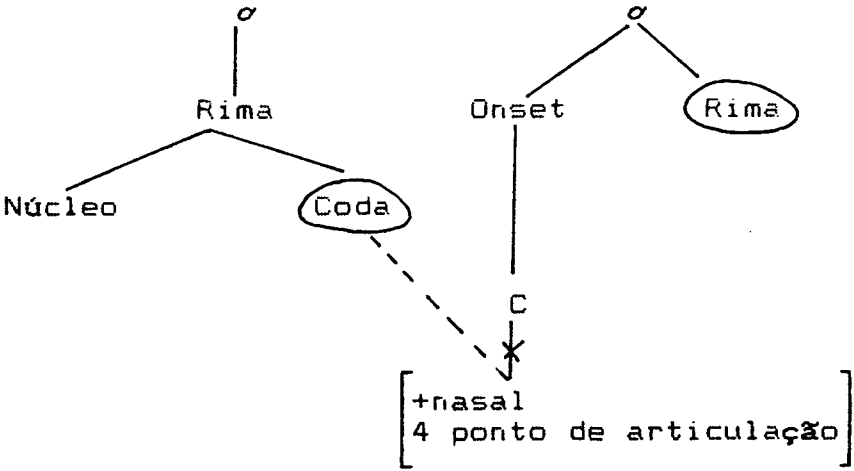
Exemplos:

	/Ci-kúitã-ni/	/Ciakãã+C`/	/Vpã+n`-ti/	/Ca+pã=dã+'pã+n'+nã/
R1a/c	Ci-k'wĩtã-ni	jakã:+C`	-----	-----
R2	-----	-----	-----	Ca+pã=dã+'pã+n'+nã
R3	Ci k'wĩtã ni	jakã: C`	Vpã n` ti	Cã pã dã 'pã n' nã
R4	-----	-----	-----	Cã pã dã pã n' nã
R6	i k'wĩtã ni	-----	-----	ã pã dã pã n' nã
R16	i k'wĩtã#ni	-----	-----	ã pã dã pã#n' nã
R17	-----	jakã: C`	Vpã n` ti	-----
R18	i k'wĩtã#ni	-----	-----	ã pã dã pã#n' nã
R19	i k'wĩtã ni	jakã:	pã n ti	ã pã dã pã n nã
R20	-----	-----	pãn ti	ã pã dã pãn nã
P1	i k'wĩtã ni	jakã:	pãn ti	a pa dã pan na
P7	i k'wĩtã ni	-----	pãn ti	a pa dã pãn na
P12a	-----	-----	-----	a pa dã pã na
	[ik'wĩtãni]	[jakã:]	[pãnti]	[apadãpãna]
	"ele o xinga"	"longe"	"casa (abs.)"	"um (CL: casa)"

R20 CODIZAÇÃO DE NASAL ALVEOLAR:

\$n --> n\$

Após supressão da vogal tautossilábica seguinte por efeito da aplicação de R19, a nasal alveolar se reassocia, como coda, à sílaba precedente.



Exemplos:

	/Cãtsiã+n`-ji/	/Vpã+n`-ti/	/Ci-wén'tã/
R1c	Cãts'ã+n`-ji	-----	-----

R3	Cáts'á n' jí	Vpá n' tí	Cí wén'tá
R6	áts'á n' jí	Vpá n' tí	í wén'tá
R16	áts'á n' #jí	-----	-----
R17	áts'á n' #jí	Vpá n' tí	í wén'tá
R18	áts'á n' #jí	-----	-----
R19	áts'á n' jí	pá n' tí	í wén tá
R20	áts'án jí	pán tí	í wén tá
P1	ats'án jí	pán tí	í wén tá
P7	ats'án jí	pán tí	í wén tá
	[atʃ'ánjí]	[páñtí]	[iweñtá]
	"homem"	"casa (abs.)"	"vocês compram"

2.3.3.2. PROCESSOS PÓS-CÍCLICOS:

Esses processos agrupam o que os modelos não-lineares anteriores denominavam regras (morfo)fonológicas 'cross word boundary' (sandhi rules), e regras de realização fonética, tanto alofônicas como fonoestilísticas. Eles não são cíclicos nem ordenados extrinsecamente, mas sim intrinsecamente.

P1 PITCH-ACENTUAÇÃO DE TOM:

{[+tom],[-tom]} --> {[1pitch],[3pitch]}

O tom alto de cada palavra fonológica é reinterpretado como acento tônico de altura com a especificação escalar [1pitch]. Os demais tons da palavra, necessariamente baixos, recebem o traço [3pitch].

{[+tom],[-tom]} --> {[1pitch],[3pitch]}

Ex.:	/Cí-kúit̃à-ní/	/dápí/	/Cáini+dzú/	/dáapà/	/híipà+jú/
R1a	-----	----	-----	dá:pà	hí:pà+jú
R1b	-----	----	Cáini+dzú	-----	-----
R1c	Cí-kwít̃à-ní	----	-----	-----	-----
R3	Cí kwít̃à ní	----	Cáini dzú	-----	hí:pà jú
R6	i kwít̃à ní	----	ájni dzú	-----	-----
R16	i kwít̃à#ní	----	ájni#dzú	-----	hí:pà#jú
R18	i kwít̃à#ní	----	ájni#dzú	-----	hí:pà#jú
R19	i kwít̃à ní	----	ájni dzú	-----	hí:pà jú
P1	i kwít̃à ní	dápi	ájni dzú	-----	hí:pa jú
P7	i kwít̃à ní	----	ájni dzú	-----	-----
	[ikwít̃àni]	[dápí]	[ájnidzú]	[dá:pa]	[hí:pa jú]
	"ele o xinga"	"cipó"	"mosquito"	"paca"	"sapo"

P2 ACENTUAÇÃO SECUNDÁRIA:

[1pitch] --> [2pitch] /## W [1pitch] X # Y ---- Z ##

O acento [1pitch] do segundo membro de um sintagma nominal ou verbal torna-se um acento secundário com o valor [2pitch].

(a) [1pitch] --> [2pitch] /## W [1pitch] X # Y ---- Z ##

(b) [1pitch] [3pitch] (-->) 2 1 / --- # [2pitch]
1 2

Ex.: /ɟù-kápà#nú-há/
R3 ɟù kápà#nú há
R10 ɟù kápà#nú á
R11 ɟù kápà#nú á
R14a ɟù kápà#núw á
P1 ɟu kápà#núw á
P2a ɟu kápà#núw á
[ɟukápáɣwá]
P2b [ɟukápáɣwá]
"ela me vê"

P3 FONETIZAÇÃO/APAGAMENTO DE LIMITE DE PALAVRA: #(#) --> { ,Ø}

O limite de palavra, # dentro de um sintagma ou ## entre sintagmas de um mesmo enunciado ou se apaga ou é realizado foneticamente por uma pausa. Esse processo tem motivações pragmáticas e fonostilísticas.

#(#) --> { ,Ø}

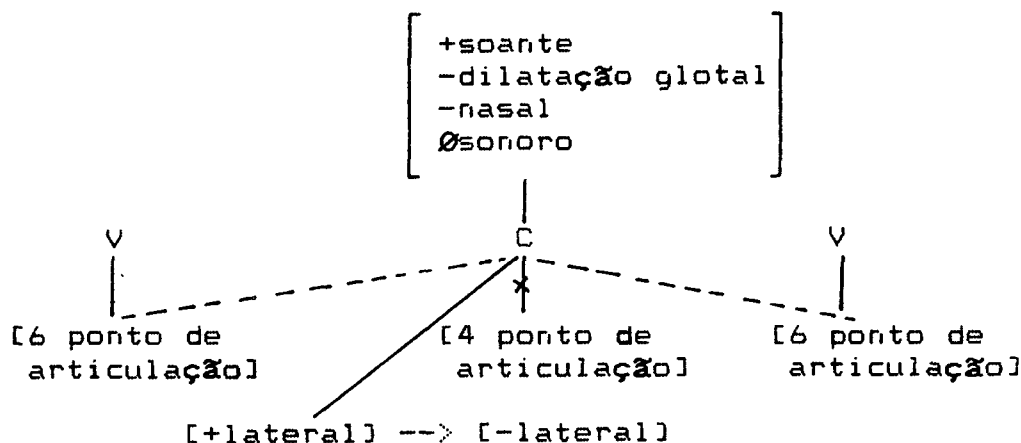
A simbolização { ,Ø} indica uma pausa virtual, uma vez que o limite fonológico de palavra pode ser opcionalmente apagado ou fonetizado por uma pausa atualizada no meio do enunciado, e obrigatoriamente fonetizado no final do enunciado, i.e. do 'breath group'. Como cada palavra é cercada por um limite de palavra #, um inicial e outro final, no encontro de duas palavras sucessivas haverá necessariamente dois limites contíguos, ou seja ##. Contudo se uma das duas palavras é um clítico (i.e. uma entidade morfológica intermediária entre a palavra e o morfema), haverá um único limite #.

Ex.: /[Cí:nà][Cí-ná:]/
R1a [Cí:nà][Cí-ná:]
R3 [Cí:nà][Cí ná:]
R6 [í:nà][í ná:]
R17 [í:nà][í ná:]
P3a [í:na ína:]
Rm [í:ná##í ná:]
P3b [í:nà í ná:]
R7 [í:ná í ná:]
R14a [í:ná j ná:]
R16 [í:#ná j ná:]
R18 [í:#ná j ná:]

R19 [i: nã j nã:]
 [i:nãjna:]
 "as mulheres mandam"

P4 APROXIMAÇÃO RETROFLEXA FRONTO-PALATAL DE FLAPE LATERAL:
 {j,j} --> {ɟ,ɟ} / {i,e} --- {i,e}

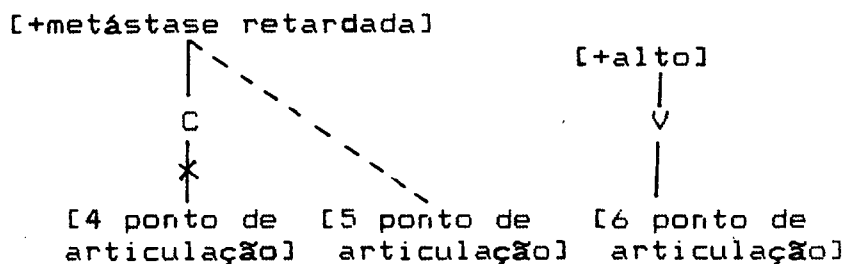
Um flape lateral, sonoro ou ensurdecido, torna-se uma aproximante fricativa, entre vogais palatais.



Ex. /káji+jí/	/híCi+jí/	/kátsi+jí/	/nú-kí+jí/
R3 káji jí	híCi jí	kátsi jí	nú kí jí
R6 -----	hí i jí	-----	-----
R9a -----	hí: jí	-----	-----
R15 káji#jí	hí: #jí	kátsi#jí	nú kí#jí
R17 káji#jí	hí: #jí	kátsi#jí	nú kí#jí
R18 káji jí	hí: jí	kátsi jí	nú kí jí
P1 káji jí	hí: jí	kátsi jí	nu kí jí
<u>P4</u> káji ɟí	hí: ɟí	kátsi ɟí	nu kí ɟí
[kájiɟí]	[hí:ɟí]	[káɟhiɟí]	[núkiɟí]
"batata doce"	"rato"	"jacaré"	"meu tio"

P5 ALVEOPALATALIZAÇÃO DE AFRICADA: {ts,dz} --> {tʃ,dʒ} / ---i

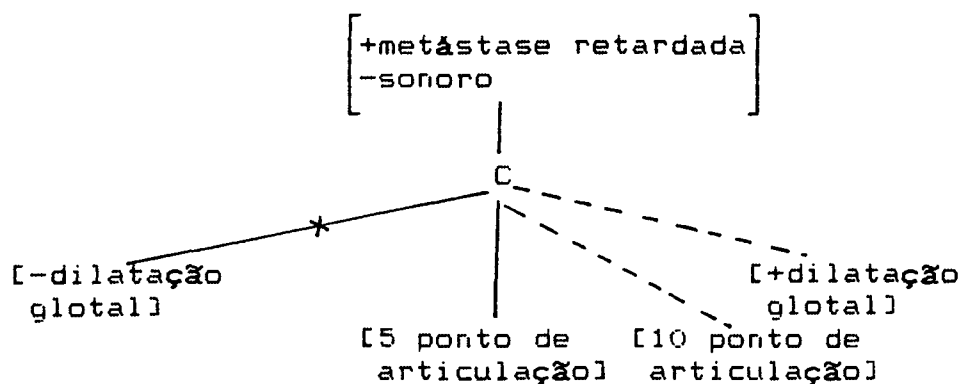
Uma africada alveolar, surda ou sonora, se alveopalataliza diante da vogal alta anterior.



Ex.:	/pútsiã/	/tsiĩnú/
R1a	-----	tsi: nú
R1c	púts'ã	-----
P1	púts'ã	tsi: nu
P5	pútʃ'ã	tʃi: nu
P6	pútʃ'ã	tʃi: nu
P7	-----	tʃi: nu
	[pútʃ'ã]	[tʃi: nu]
	"molhado"	"cachorro"

P6 ASPIRAÇÃO DE AFRICADA ALVEOPALATAL SURDA: tʃ --> tʃʰ

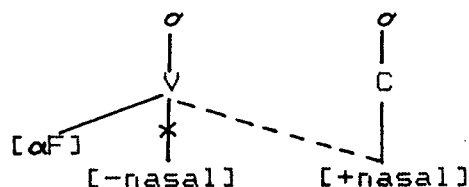
A africada alveopalatal surda se torna aspirada.



Ex.:	/pútsiã/	/tsiĩnú/
R1a	-----	tsi: nú
R1c	púts'ã	-----
P1	púts'ã	tsi: nu
P5	pútʃ'ã	tʃi: nu
P6	pútʃʰ'ã	tʃʰi: nu
P7	-----	tʃʰi: nu
	[pútʃʰ'ã]	[tʃʰi: nu]
	"molhado"	"cachorro"

P7 NASALIZAÇÃO VOCÁLICA: V --> Ṽ / ---{m,n,ɲ}

Uma vogal oral é nasalizada pela consoante nasal seguinte.

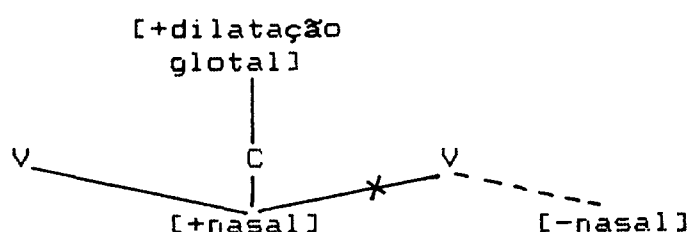


Ex.:	/Ci-kúĩtã-nĩ/
R1a/c	Ci-kʷĩtã-nĩ
R2	Ci kʷĩtã nĩ
R6	i kʷĩtã nĩ
R14	i kʷĩtã#nĩ

R16 i kwɪt̪ã#ni
 R17 i kwɪt̪ã ni
 P1 i kwɪt̪ã ni
 P7 i kwɪt̪ã ni
 [ikwɪt̪ãni]
 "ele o xinga"

P8 NASALIZAÇÃO APÓS ASPIRADA NÃO-INICIAL: V --> Ṽ / Vh---

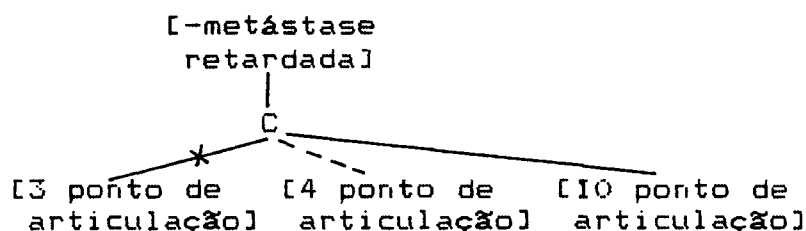
Uma vogal oral é nasalizada por uma aproximante glotal [h] que não seja inicial de palavra fonológica.



Ex.: /【CániãC`#há】/
 R1c 【Cán'ãC`#há】
 R6 【án'ãC`#há】
 R17 【án'ãC`#há】
 R18 【àn'ãC`#há】
 R19 【àn'ã há】
 P1 an'á ha
 P7 ɔn'á ha
 P8 ɔn á ha
 P11 ɔn á hã
 [ɔnáhã]
 "aqui"

P9 ALVEOLARIZAÇÃO DE DENTAL ASPIRADA t̪h --> th

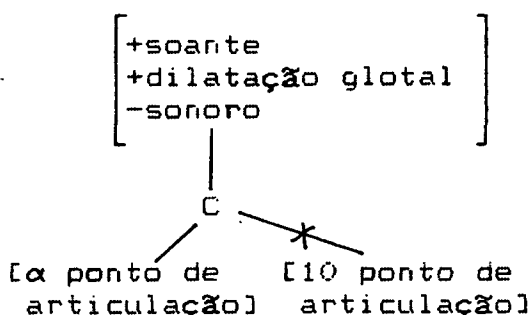
A oclusiva dental aspirada surda torna-se alveolar. Em outros termos, há uma neutralização da oposição entre oclusivas aspiradas dental e alveolar, em favor da segunda.



Ex.: /dʒa:ɬe=heni/
 R1a dʒa:ɬe=heni
 R2 dʒa:ɬe=heni
 R3 dʒa:ɬe hen i
 R10 dʒa:ɬhe eni
 R11 dʒa:ɬhe eni
 R13a dʒa:ɬhe ni
 P1 dʒa:ɬhe ni
 P7 dʒa:ɬhe ni
P9 dʒa:thē ni
 [dʒa:thēni]
 "filhote de tucano"

P10 DESASPIRAÇÃO DE SOANTE ENSURDECIDA: ɟh[+soante] --> ɟ[+soante]

As soantes ensurdecidas perdem sua aspiração.

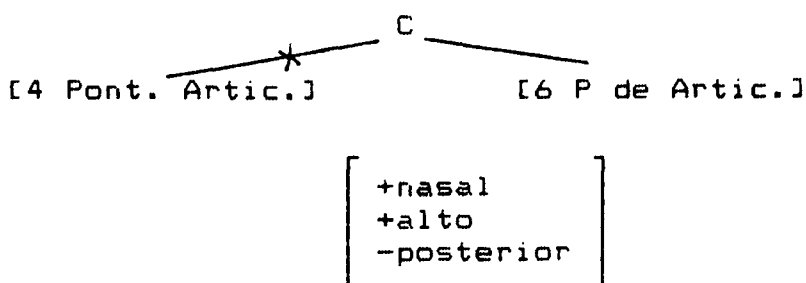


Ex.: /nũ-há/
 R3 nũ há
 R10 ɲhũ á
 R11 ɲhũ á
 R13b ɲhʷ á
 P1 ɲhʷ á
P10 ɲʷ á
 [ɲʷá]
 "eu"

P11 PALATALIZAÇÃO PRIMÁRIA DE NASAL ALVEOLAR: n' ---> ɲ

A nasal alveolar com articulação secundária palatalizada torna-se nasal palatal.

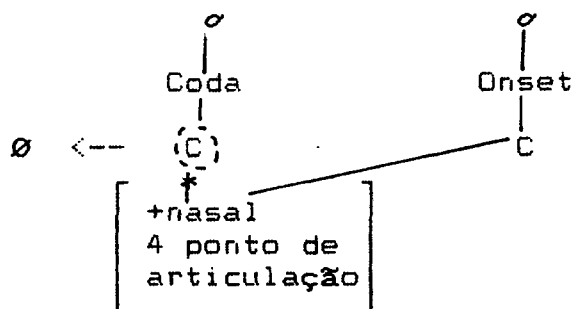
Uma nasal alveolar com articulação secundária pós-palatalizada /n'/ torna-se uma nasal palatal /ɲ/, perdendo assim seu caráter de contôrno (i.e. quando dois auto-segmentos 'tautotierícos' são associados sequencialmente a um mesmo auto-segmento posicionaldo tier CV.



Ex.:	/nũ-Cĩni+hà/	/wà-niápà/
R1c	-----	wà-n'ápà
R3	nũ Cĩni hà	-----
R6	nũ ĩni hà	wà n'ápà
R7	nũ ĩni hà	-----
R9g	nũj ni hà	-----
R10	nũj ɸhĩ à	-----
R13b	nũj ɸh' à	-----
R14	nũj ɸ' à	-----
P1	nũj ɸ' a	wa n'ápa
P7	nũj ɸ' a	-----
P11	nũj ɸ a	wa n ápa
	[nũjɸa]	[wapápa]
	"(eu) como"	"(nós) benzemos"

P12a DEGEMINAÇÃO DE NASAL CODIZADA: $n \rightarrow \emptyset / \text{---} \$ n$

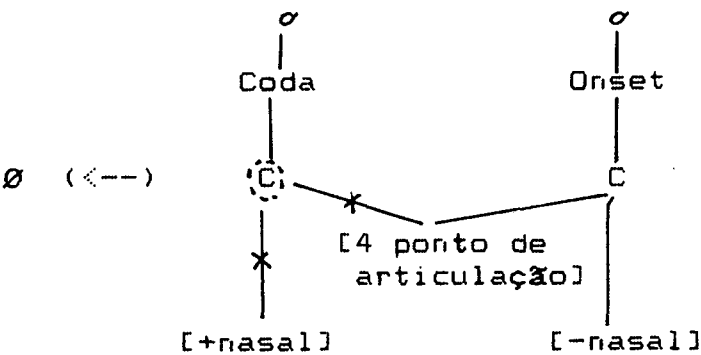
A nasal alveolar codizada apaga-se diante de uma outra nasal alveolar em posição onset da sílaba seguinte.



Ex.:	/nũ-Ŵpà+n'-nà/	/mà-Ŵpà+n'-nà/
R3	nũ Ŵpà n' nà	mà Ŵpà n' nà
R9d	nũ: pà n' nà	má: pà n' nà
R16	nũ: pà#n' nà	má: pà#n' nà
R18	nũ: pà#n` nà	mà: pà#n` nà
R19	nũ: pà n nà	má: pà n nà
R20	nũ: pàn nà	má: pàn nà
P1	nũ: pan na	má: pan na
P7	nũ: pǎn na	má: pǎn na
P12a	nũ: pǎ na	má: pǎ na
	[nũ:pǎna]	[má:pǎna]
	"minha casa"	"sem casa"

P12b SUPRESSÃO DE NASAL CODIZADA (opcional): n (-->) Ø / ---\$J

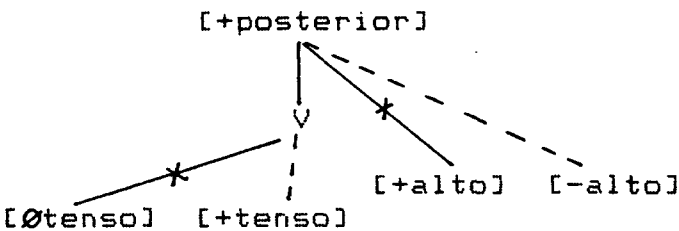
A nasal codizada pode apagar-se diante de um flape alveolar em posição 'onset' da sílaba seguinte.



- Ex.: /Cátsiã+n`-jĩ/
R1c Cáts'ã+n`-jĩ
R3 Cáts'ã n` jĩ
R6 áts'ã n` jĩ
R16 áts'ã n`#jĩ
R17 áts'ã n`#jĩ
R18 áts'ã n`#jĩ
R19 áts'ã n` jĩ
R20 áts'ã n` jĩ
R1 áts'ã n` jĩ
R7 áts'ã n` jĩ
[atʃh'ã(n)jĩ]
"homem"

P13 ABAIXAMENTO VOCÁLICO FONDESTILÍSTICO 1: u (-->) o

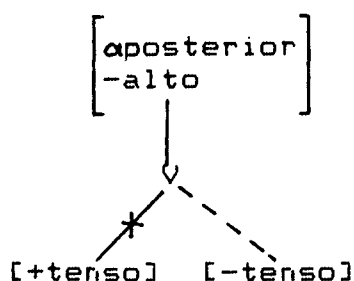
Por motivação fondestilística, a vogal alta posterior pode abaixar-se para o



- Ex.: /Cúũni/
R1a Cú:ni
R6 ú:ni
R1 ú:ni
R7 ũ:ni
[ũni]
[õni]
"água"

P14 ABAIXAMENTO VOCÁLICO FONDESTILÍSTICO 2: {e,o} (-->) {ɛ,ɔ}

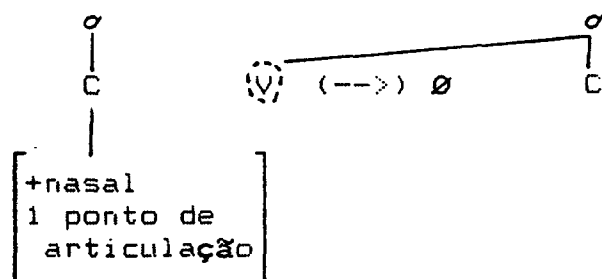
Por motivação fonoestilística, as vogais e e o podem afrouxar-se.



Ex.:	/Cú:ni/	/dzé:/
R1a	Cú:ni	dzé:
R6	ú:ni	---
P1	ú:ni	dzé:
P7	ũ:ni	---
	[ũni]	[dzé:]
	[øni]	---
	[ɔni]	[dzé:]
	"água"	"tatu"

P15 SUPRESSÃO VOCÁLICA FONESTILÍSTICA (opcional): i (→) Ø / m---C

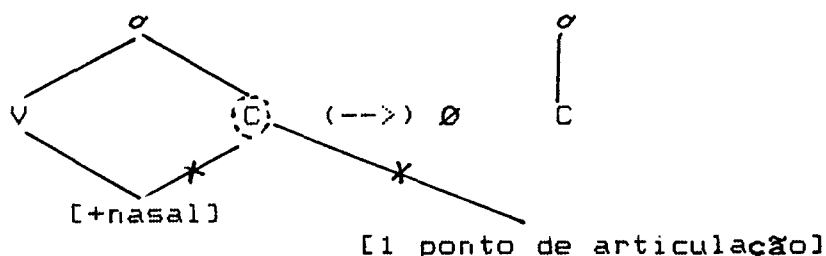
A vogal i pode ser apagada entre a nasal bilabial e outra consoante.



Ex.:	/Ci-pú+hi+C`m1+ɬe/
R3	Ci pú hi C` m1 ɬe
R6	i pú hi C` m1 ɬe
R10	i phú i C` m1 ɬe
R13e	i phú C` m1 ɬe
R16	i phú C`#m1 ɬe
R17	i phú C`#m1 ɬe
R18	i phú C`#m1 ɬe
R19	i phú m1 ɬe
P1	i phú m1 ɬe
P7	i phũ m1 ɬe
P15	i phũ m ɬe
P16	i phũ ɬe
	[iphũmiɬe]
	[iphũɬe]
	[iphũɬe]
	"depois de você"

P16 COALESCÊNCIA NASAL FONDESTILÍSTICA (opcional): $VmC \rightarrow VC$

A sequência de uma vogal oral e de uma nasal bilabial pode fundir-se em uma vogal nasalizada.



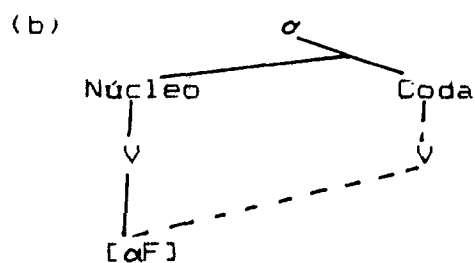
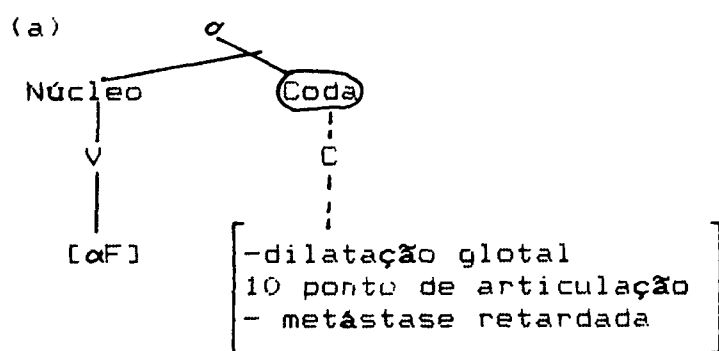
Ex.: /Ci-pú+hi+C`+mí+te/

R3	Ci	pú	hi	C`	mí	te
R6	i	pú	hi	C`	mí	te
R10	i	phú	i	C`	mí	te
R13e	i	phú		C`	mí	te
R16	i	phú		C`#mí	te	
R17	i	phú		C`#mí	te	
R18	i	phú		C`#mí	te	
R19	i	phú			mí	te
P1	i	phú			mi	te
P7	i	phú			mi	te
P15	i	phú			m	te
P16	i	phú				te

[iphúmi_{te}]
 [iphú_mte]
 [iphú_{te}]
 "depois de você"

P17 GLOTALIZAÇÃO/DURAÇÃO EMOTIVA: $\emptyset \rightarrow \{?, V\alpha\} / V\alpha\text{---}$

Certos estados emotivos se manifestam fonicamente por uma glotalização ou um alongamento da última vogal do enunciado. A motivação deste processo é pragmático-semântica.



Ex.: /jɪ-Cá-wá/ + EMOÇÃO

R3	jɪ Cá wá
R6	jɪ á wá
R7	jɪ à wá
R14b m	j' á wá
R16	j' á#wá
R18	j' á#wá
R19	j' á wá
P1	j' á wa
P17a	[j'áwa?]
P17b	[j'áwa:]

"(ele) foi embora"

2.3.4.. NATIVIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

A importância da 'loan phonology' foi destacada principalmente pela Fonologia Natural (Stampe 1973; Dressler 1985; Angenot, Spa & Yengo (1974), Holden (1976), Lovins (1974). A nativização dos empréstimos deixou de ser encarada como fenômeno senão curioso, pelo menos marginal, mas como uma fonte decisiva de evidências externas para identificar a realidade psicológica e o grau de produtividade dos processos naturais de um sistema fonológico. As regras abaixo descrevem a recodificação perceptual pelo ouvinte/falante Baniwa, através de seu filtro fonológico, das realizações fonéticas de empréstimos de origem portuguesa.

2.3.4.1. Corpus representativo:

01	missa	[ˈmisa]	-->	[mítsa]
02	lápiz	[ˈlapis]		[jápi]
03	barra de ferro	[ˈbaxa]		[tʃhipaɣá:pu] < /tsi+páɣá=Cápu/
04	boné	[boˈnɛ]		[bɔ̃ne]
05	saia	[ˈsaja]		[tsája]

06	rádio	['xadʝu]	[ɣádʝu]
07	saco	['saku]	[tsáku]
08	garrafa	[ga'xafa]	[gaɣápha]
09	prata	['pata]	[paɣáta]
10	chumbo	['ʃũmbu]	[ʃũmbu]
11	facção = machete (esp.)	[ma'tʃete]	[matseta]
12	chapéu	[ʃa'pew]	[tsapéwa]
13	mesa	['meza]	[méɖza]
14	forno = poêle (franc.)	['pʷaɪ]	[pʷáɣi]
15	méia(s)	['meja]	[méja]
16	pilha	['piʎa]	[píla]
17	sapato	[sa'patu]	[tsapátu]
18	camisa	[ka'miza]	[kamítsa]
19	papel	[pa'pew]	[papéɣa]
20	palito	[pa'litu]	[paɣítu]
21	lenço	['lẽnsu]	[ɣétsu]
22	goiaba = guayaba (esp.)	[gʷa'java]	[wajáwa]
23	caresma	[ka'ezma]	[kaɣiɖámaj]
24	cacau	[ka'kaw]	[kakáwa]
25	colher	[ko'ʎex]	[kuɣéja] < /kúje=Cíà/ CL:casca
26	cruz	['kuz]	[kuɣútsa]
27	jambo	['ʒãmbu]	[ɖãmbu]
28	limão	[li'mãw]	[iɣimáwa] < Ci- PS + radical

2.3.4.2 Alguns processos de codificação perceptual:

[α stress] --> /α pitch/ todos os exemplos acima

Ø	----> /Vα/ / C---CVα	em 09, 23, 26
Ø	----> /a/ / w---#	em 12, 19, 24, 28
Ø	----> /i/ / j---	em 14
[x]	----> Ø / ---#	em 25
	----> /j/	em 03, 06, 08
[w]	----> /j/ / ---a#	em 19
[s]	----> Ø / ---#	em 02
[s]	----> /ts/	em 01, 05, 07, 17, 21
[z]	----> /dz/	em 13, 23, 27
	----> /ts/	em 18, 26
[ʃ]	----> /ts/	em 12
	----> se mantém	em 10, 30
[tʃ]	----> /ts/	em 11
[f]	----> /ph/	em 08
[b]	----> /p/	em 03
	----> se mantém	em 04
[g ^w]	----> /w/	em 22
[v]	----> /w/	em 22
[ɭ]	----> /j/	em 02, 14, 20, 21, 28
[ʎ]	----> /j/	em 16, 25
[ɮ]	----> /j/	em 09, 23
[ʋ]	----> /V/	em 21, 27
[e]	----> /a/	em 11

3.0 Fonologia Diacrônica

Payne (1991) apresenta 244 étimos Proto-Maipure (ou Proto-Arawák stricto sensu), dos quais 203 são morfemas lexicais por ele reconstruídos e 41 são morfemas gramaticais previamente reconstruídos em Payne (1987), Payne (1990), Wise (1988) e Wise (1990).

Desse total de 244 étimos, foram identificados 146 cognatos Baniwa-Siusi, dos quais 127 morfemas lexicais e 19 morfemas gramaticais, conforme o seguinte inventário das glossas reconstruídas por Payne (1991). A numeração dos cognatos refere-se à ordenação dos étimos de Payne, alistados no final deste capítulo.

3.1 Sistemas Fonológicos do Proto-Maipure e do Baniwa-Siusi

3.1.1 Consoantes:

Sistema fonol P-Maipure: BIL.DENT. ALV. A-P RETR. PAL VEL GLOT

OCLUSIVAS SURDAS	p	.	t	.	.	.	k	.
OCLUSIVAS SONORAS	b	.	d
OCLUSIVAS ASPIRADAS SURDAS	ph	.	th	.	.	.	kh	.
FRICATIVAS SURDAS	.	.	s	ʃ
AFRICADAS SURDAS	.	.	ts	tʃ
NASAIS	m	.	n
VIBRANTE	.	.	r
APROXIMANTE LATERAL	.	.	l
APROXIMANTES	j	w	h

<u>Sistema fonol. Siusi</u>	BIL.	DENT.	ALV.	A-P.	RETR.	PAL.	VEL.	GLOT.
OCLUSIVAS SURDAS	p	t̪	t	.	.	.	k	.
OCLUSIVAS SONORAS	b	.	d
AFRICADA SURDA	.	.	ts
AFRICADA SONORA	.	.	dz
NASAIS	m	.	n
FLAPE LATERAL	.	.	ɭ
APROXIMANTES	ɟ	j	w	h

CONSOANTES FLUTUANTES:

C e V no 'skeletal tier' e sem associação

H = 'floating' glotal, só associado ao 'skeletal tier'

Enquanto que a presença de /h/ é indicada pela metátese seguida de aspiração/ensurdecimento da consoante precedente e pela coalescência /ai/ --> [e] em vez de [aj], a presença do /H/ flutuante detecta-se somente pela fusão vocálica.

<u>Sistema fonético Siusi</u>	BIL	DENT	ALV.	A-P.	RETR	PAL.	VEL.	GLOT
OCLUSIVAS SURDAS	p	t̪	t	.	.	.	k	ʔ
OCLUSIVAS SONORAS	b
OCLUSIVAS ASPIRADAS SU	ph	.	th	.	.	.	kh	.
AFRICADA SURDA	.	.	ts
AFRICADAS ASPIRADAS SU	.	.	tsh	tʃh
AFRICADA SONORA	.	.	dz
NASAIS	m	.	n	.	.	ɲ	.	.
NASAIS SURDAS	ɱ	.	ɳ	.	.	ɲ̥	.	.
FLAPE LATERAL SONORO	.	.	ɭ
FLAPE LATERAL SURDO	.	.	ɟ̥
APROXIMANTES SONORAS	ɟ	j	w	.
APROXIMANTES SURDAS	ɟ̥	ɟ̥	w̥	h

VOGAIS ALTAS	i	u	i:	u:	ɪ	ʊ
VOGAIS MÉDIAS ALTAS	e	o	e:	o:	ɛ	ɔ
VOGAIS MÉDIAS BAIXAS	ɛ	ɔ	ɛ:	ɔ:		
VOGAIS BAIXAS	a		a:		ɶ	

DITONGOS DECRESCENTES: ej, aj, uj, oj, ɛ_, ɶ_, ʊ_, ɔ_

Cada vogal fonética pode ser breve ou longa, acentuada ou átona, oral ou nasal, havendo uma única vogal acentuada ('PITCH') para cada realização fonética de uma palavra fonológica.

LIMITES:

LIMITES FONOLÓGICOS: ##, #, #, =, -, +, \$

LIMITES FONÉTICOS: ##, \$

3.2. Cognatos Baniwa-Siusí dos étimos Proto-Maipure

Para cada par sucessivo de étimo Proto-Maipure e cognato Baniwa-Siusí:

1a linha: glossa numerada

2a linha: étimo Proto-Maipure, numerado conforme lista traduzida de Payne 1991

3a linha: representação fonológica subjacente do cognato

4a linha: realização fonética do cognato (formas dependentes com prefixos 1SG)

002 "abelha"

* m a b a
/ m àà p à /
[m á: p a]

003 "acima" > "céu"

* j e n u h [k i]
/ éé n ù /
[é: n u]

004 "água"

* u n i
* u h n i (Angenot & Vegini
/ úú n i /
[ú: n i]

005 "amargo"

* k e p h i d i
/ h i p i t i /
[h i p i t i]

006 "andar 1"

* j a n i
/ -à n i + h i +k á +w á //
[n^w á: p i k a w a]

008 "animal" > "animal
de caça"

* p t r a
-p i t á /
[n u p i t a]

009 "anta"

* k e m a
/ h éé m á /
[h é: m a]

010 "arco" > "arco para
onça"

* [t a] p o
/(dzaàwí) i -ts iá p ù +t i /
[dza:w i: tʃ^h a p ú t i]

014 "batata doce"

* kh a l i [th i]
/ k á j i +j i /
[k á j i t i]

015 "beber"

* i th a
/ -i t á /
[n(ʷ) i /ú t a]

016 "beija-flor"

* p i m i [t i]
/ p i m i /
[p i m i]

017 "bicho-do-pé"

* i d i t u
/ i t i t ù /
[i t i t u]

018 "boca 1"

* n u m a
/ -n ú m á /
[n ú n ú m a]

021 "bom"

* kh ei m e
/ m á (+)ts iá / (?)
[m á tʃ^h a]

022 "braço 1"

* d a n a [ph a]
/ -n àà p á /
[n ú n á: p a]

025 "branco 2"

* k a tʃ o p a [l ai]
/ h á j e / (?)
[h á j e]

026 "cabeça"

* k i w t
/ -h i w i +d á /
[p^w i w i d a]

027 "cabelo 1"

* s i
/ -ts i k ù +j é / (?)
[n u tʃ^h i k u j e]

029/030 "caminho 1/2" ABS.

* a h t t n t # a p u
/ i n i p ù /
[i n i p u]

030 "caminho 2" POS.

* a p u
/ á p ù +w á /
[n^w a p ù w á n a]

032 "carne de comer"

* i p e
/ -i p e /
[n^w i p e]

034 "carvão"

* m e n kh i
/ m é +h i /
[m é]

035a "casa 1" ABS. 035b "casa 1" POS.

* p a n i
/ V p á +n ' -t i /
[p á n t i]

* p a n a
/ -V p á +n ' +n á /
[n ú: p á n a]

038 "cavar"

* k i [k a]
/ -h i k á /
[q(w) i / ú k a]

040 "chegar"

* k au
/ -ú k á /
[n ú: k a]

041 "cheirar"

* a m t [s a]
/ -é m i - á /
[n^w é m ' a]

042a "chifre"

* ts i w i
/ -ts ú w á /
[n u ts ú w a]

042b "chifre > "espinho" de 366

* ts i w i
/ -i w i / (?) cf. 066 /
n^w i w i]

" 043 "cinza"

* p a l i f i
p á j i H i +á (+) d á /
p a j ' á d a]

e "CL.: pontiagudo"

/ =h i w i /
[a ph é w i]

044 "cipó"

* a h ph i h [tj a]
/ d á p i /
[d á p i]

045 "cobra 1"

* a ph i
/ áá p i /
[á: p i]

047 "comer"

* n i k a
/ -i n i +h á /
[n^ú p a]

049 "cortar"

* t u [k a]
/ -t á k á +á +h á /
[n u t á kh a:]

050 "coruja"

* p u n p u l i
/ p úú p ù +j i /
[p ú: p u j i]

051 "costas, ombro"

* d i n p t
/ -t iá p á /
[n u t ' á p a]

052 "coxa 1"

* b o k i
/ -p ú h i -n à /
[n u ph i n a]

058 "cutia"

* ph t k t l i
/ p i i h i +ts i /
[ph i: tʃ i]

062 "dente"

* a h ts e
/ -é ts à /
[nʷ é ts a]

064 "dois 1"

* j a m a
/ dz à m à /
[dz à m ǣ]

067 "dormir"

* i m a [k a]
/ -H i m à -à /
[n ũ/ɥ m a:]

070 "esterco" > "excremento"

* i t i k a
/ -i j à +h à /
[n ú j ɟ a]

e "CL.: bosta"

/ = j á +h à /
[a p á ɟ a]

073 "fígado"

* u h b a n a
/ -j +h ú p à +n à /?
[n u ɟ u p à n a]

cf. /-j\ / < "sangue" + "planta"??

(cf. Payne, 1991:410)?

077 "flor"

* d e w i
/ -i w i /
[nʷ i w i /

056 "cupim"

* kh a m a th a
/ k á m á j á /
[k ǣ m á j a]

061 "dar 3"

* d a
/ -á /
[n ú ʷ a]

063 "doce"

* b u ts i [w a]
/ p ú j i +dz à /
[p u j i dz a]

066 "dor" > "sofrer

(= com espinho)"
* k a tʃ i [w i] "dor"
/ k á +i w i / cf. 042
[k á j w i]

069 "esposa"

* t n o
/ -i n +ú /
[nʷ ɥ n u]

072 "ficar em pé 2"

* d t m a
/ -é m à /
[nʷ é m a]

075 "flecha 1" > "pontudo

(= com dardo)"
* k a -f u m e ts a
/ k á -H i m à -n à /
[k ǣ m ǣ n a]

078 "fogo"

* d i k a h ts i]
/ j i dz è /
[j i dz e]

079 "folha", "plantar"

* p a n a
/ -p á n á + ' /
/ p á n a =p á / "folha"
[n ú p a n a]

082 "formiga 3" > "saúva"

* k u d t
/ k ú w e + h i /
[k ú: y e]

083 "frio 1"

* k i p a
/ h á p e /
/ h á p á -d é / (Nimuendajú)
[h á p e]

086 "fumaça"

* k t t j a [l i]
/ -H i t á +k á /
[n w i t á k a]

087 "garça 1"

* m a r a d t
/ m áá] è /
[m á:] e]

089 "garra 1" > "unha 1"

* s e u t a
/ -ts ú t á /
[n u ts ú t a]

092 "gordura 1, banha 1"

* k t d e
/ -h i t i /
[q w i t i]

093 "gordura 2", "banha 2"

* j u i [n] [k a]
/ -(i) w i +k á /
[n w i w i k a]

095 "gritar"

* i j a
/ -i dz á / "chorar"
[n w i dz a]

097 "homem 2"

* a d i a [l i]
/ á ts iá +n +j i /
[a t j h á (n) j i]

098 "irmão"

* p e r t [p e]
/ -p éé h è -j i "irmão velho"
[n ú p h e: j i]

099 "jacaré"

*k a s i u [k t t h t]
/ k á ts i +j i /
[k á t j h i j i]

100 "joelho"

* k t r u
/ -h i j ú +h i /
[q (w) ú/i j i]

102 "lagarto" > "calango"

* l u p u
/ d ú w p ú /
[d ú: p u]

104 "lago 2"

* k a t l e [s a]
/ k á j i +t á /
[k a j i t a]

106 "lavar 2"

* j u k u
/ -H ú k ú ts ú /
[n u k ú ts u]

108 "língua"

* n e n e
/ -é n è n è /
[n w è n è n e]

109 "longe"

* t a e h k u
/ t éé k ú /
[t é: k u]

112 "lua"
 * k a h t th i
 / k áá H i +j i /
 [k é: j i]

113 "macaco 1"
 * ph u d a t e
 / p ú w e /
 [p ú w]

116 "mandioca"
 * k a n i [th t]
 / k ái n i /
 [k áj n i]

117 "mão"
 * kh a p t
 / -k áá p i /
 [n u k á: p i]

119 "mau", "ruim"
 * m a h t i
 / m áá (+)ts i /
 [m á: t h i]

123 "molhado 2"
 * p o d a
 / p ú +ts iá /
 [p ú t h 'a]

124 "morcego"
 * p t h d e r t
 / p i t e -j i /
 [p i t e j i]

125 "morrer"
 * k a m a
 / n ú -dz á m i / (??)
 [n u dz á m i]

126 "mosquito"
 * h ai n i j u
 / ái n i +dz ú /
 [áj n i dz u]
 cf. [ájni] "vespa"

127 "mulher"
 * t j t n a [r u]
 / i i n á -j ú /
 [f: n a j u]

128 "nariz"
 * k t r t
 / -h i +t á k ú / ?
 [q(w) i/u t á k u]

131 "novo"
 * w a d a l i
 / w á j i /
 [w á j i]

132 "olho"
 * [l] u k t
 / -t ú h i /
 [n ú th i]

133 "onça 1" > "cachorro"
 * ts i n i
 / ts i i n ú /
 [t h f: n u]

135 "orelha 1"
 * [d a] k e n i [a k u
 / -h é n i /
 [q w é n i]

137 "osso"
 * [n] a p i
 / -á p i /
 [n w á p i]

138 "outro"
 * b a j i n a
 / p á +tà(+)wá / (??) /
 / =p á +wá/ CL.:além [q(w) ú/f m a]
 [apá p a wa]

139 "ouvir"
 * k e m a
 / -h i m á /
 [n w á p i]

140 "paca"
 * l a p a
 / d á p á /
 [d á: p a]

141 "pai"
 * [h a n] i t h i
 -h á n i -j i
 [p w á n i j i]

142 "passaro"
 * k u d t [p t r a]
 / k e +p i j á /
 [k e p i j a]

143 "pé"
 * k t h t i [b a]
 / -h i p á /
 [p w i p a]

144 "pedra 1"
 * k h i b a
 / h i i p á / 'cachoeira'
 / h i i p a +d a / 'pedra'
 [h i: p á d a]

146 "peito", "tórax"
 * t i k u
 -i k ú +d á /
 [n u k ú d a]

147 "peixe"
 * k o p a k i
 / k ú p á +h i /
 [k ú p h e]

151 "pena, pluma"
 * p i d t
 / -p e p i / (?)
 [n u p e p i]

152 "perna"
 * k a w a
 / -k á w á + ' /
 [n ú k a w a]

153 "pesado"
 * [m] i n a
 / h á +m i C á /
 [h á m i j a]

155 "pescoço 2"
 * k e n u
 / -H i n ú +j ú /
 [n ú n ú j u]

158 "pimenta"
 * a t j t d t
 / áá t i /
 [á: t i]

160 "piranha"
 * u m a
 / ú m á +j /
 [ú m a j]

162 "porco do mato >
 queixada"
 * a h b t j a
 / áá p i d z á /
 [a: p i d z a]

163 "pote 1"
 * k o p i [t h i] (?)
 / á k á +h i +p i +d á //
 [a k h e p i d a]

166 "pulga"
 * k h a j a p a
 k á w á +n á
 +h i +j ú/
 [k a w á p e j u]

167 "quati"
 * k h a h p e d i
 / k áá p i +j i /
 [k a: p i j i]

168 "rabo"
 * i d i [p h i]
 / -i t i +p i /
 [n w i t i p i]

169 "raiz de 3SG"

* p a l e
/ -p á +j i /
[j i p a j i]

173 "sangue"

*[m] i t h a h [n a]
/ -i j á -n á /
[n^w i j á n a]

176 "teta, seio"

* t e n t
/ -i n i /
[n^w i n i]

177 "semente" > "choca (= com ovo)"

* k a -a k i
/ k á -á H i +w á +h i /
[k é: y e]

180 "sol 1"

* k a m ui
/ k á +m ú+i /
[k á m^w i]

183 "tabaco 1"

* j t m a [d e]
/ dz éè m á /
[dz é: m a]

187 "tatu 1"

* j e t i
/ dz éè /
[dz é:]

190 "tio"

* k u h k o
/ k i -j i / (?)
[n ú k i j i]

193 "um"

* b a
/ á +p á /
[á p a]

170 "rato"

* k t h t l i
/ h i i -j i /
[h i: j i]

174 "sapo"

* k i h p a r u
/ h i i p á +j ú /
[h i: p a j u]

177 "semente de 3SG",
"CL.: obj. pequeno"

* a k i
/ -H i j á +h i /
/ =H i j i +h i /
[j i: j i]

179 "tia 2"

* a h k u [r o]
/ -k úi -j ú /
[n ú k^w i j u]

182 "sonhar"

* t a p u [n i]
* t j a p o -
/ -h i +j á p ù -n i /
[g(w) u/i j á p ð n i]

186 "tartaruga 2"

* h i k u l i
/ i k ù +j i /
[i k u j i]

189 "terra"

* k t p a t j i
/ h i p á i /
[h i p a j]

192 "três"

* m a p a
/ m á - /
[m á d a j i]

194 "umbigo" >
"cordão umbilical"

* m o k h i o
/ -m ú t s iù /
[n ð m ú t j^h u]

196 "urucu(m)"

* a b i n k i t h t
/ p i h i +j i- /
[p h i j Y m á p a] [n u p i d z u]

197 "varrer"

* p t [d a]
/ -p i +d z ù /
[n u p i d z u]

198 "verde"

* j t p u l e
/ h i p ù +j e
[h i p ù j e]

200 "vermelho"

* k t r a
/ i j á +i /
[i j a j]

203 "voar"

* a r a
/ -áá j á /
[n w á: j a]

210 "1SG."

* n u-
/ n ù- /
[n u / w-]

211 "2 SG."

* p t-
/ p i- /
[p i / j-]

212 "3SG MASC." >
"3SG NAO FEM"

* l t-
/ j i- /
[j i / j-]

213 "3SG FEM/neutro" > "3SG FEM" 214 "1PL"

* t h u-
/ j ù- /
[j u / w-]

* w a-
/ w á- /
[w a-]

215 "2PL"

* h i-
/ i- /
[i / j-]

216 "3PL"

* n a-
/ n á- /
[n a-]

217 "atributivo"

* k a-
/ k á- /
[k a-]

218 "privativo"

* m a-
/ m á- /
[m a-]

219 "possessivo 1"

* n e
/ -n i / (?)
[-n i]

220 "possessivo 2"

* t e
/ -t e /
[-t e]

224 "absoluto"

* t j i
/ -t i /
[-t i]

225 "causativo"

* t a
/ -t á /
[-t a]

230 "futuro"	232 "interrogativo"
* s i a	* k a
/ -t̥ a /	/ -k a /
[-t̥ a]	[-k a]
236 "passado"	241 "recíproco"
* m i n i	* k a k a
/ -m i /	/ -a +k a /
[-m i]	[-a +k a]
242 "reflexivo/intransitivo"	243 "transitivizador"
* w a	* i
/ -w a /	/ -i /
[-w a]	[-i]

3.3 Regras fonológicas de deriva diacrônica

Os números sublinhados indicam mutações não-terminais, isto é, sujeitas à aplicação de regra(s) subsequente(s).

Os números são repetidos quando há mais de uma ocorrência num mesmo item.

3.3.1 Oclusivas Bilabiais

*ph, *b, *p

*ph	> **p	<u>005</u> <u>023</u> <u>044</u> <u>045</u> <u>058</u> <u>113</u> <u>168</u>
*b	> **p	<u>002</u> <u>052</u> <u>063</u> <u>073</u> <u>138</u> <u>143</u> <u>144</u> <u>162</u> <u>193</u> <u>196</u>
*p, **p	> w / ja---	166
	> h / #---*lai	025
	> p / n.d.a.	002 005 008 016 023 030 032 035 043 044 045 050 050 051

052 058 063 073 079 083 098
 102 113 117 123 137 138 140
 142 143 144 147 151 162 163
 167 168 174 182 189 193 197
 198 211

3.3.2 Oclusivas Alveolares

*th, *d, *t

*th	> **r	<u>014</u> <u>015</u> <u>056</u> <u>099</u> <u>112</u> <u>141</u> <u>173</u> <u>196</u> <u>207</u> <u>213</u>
	> ɹ / ---i,e	014 099 112 141 196
	> ɹ / ---u,a	015 056 173 207 213
*d	> ɹ / ---*i	005 017 051 078 079 097 121 158 162 167 168
	/ i---*e	092 124
	> ts / ---*ia	097
	> Ø / n.d.a.	022 061 077 <u>082</u> 087 <u>113</u> 123 131 135 142 151 158
	> w / u---e	082 113
*t	> t / ---*u,*a	017 049 089 109 225
	/ + ---*e	220
	> Ø / ---i	016 029 070 113 143 146 176 187
	> ts / ---ia	010

3.3.3 Oclusivas Velares

*kh, *k

*kh	> **k	<u>014</u> <u>021</u> <u>034</u> <u>056</u> <u>117</u> <u>144</u> <u>166</u> <u>167</u> <u>194</u>
*k, **k	> ts / *o---*io	194
	> h / ---*i,*e,*ɨ	005 009 <u>021</u> 026 034 038 052 058 083 <u>086</u> 092 099 100 128 132 135 139 143 144 147 <u>155</u> 170 174 <u>177</u> 189 196 <u>200</u>
	> H / V---V	086 155 177 <u>200</u>
	> Ø / #---V	200
	/ #---*ei	021
	> k / n.d.a.	014 040 <u>047</u> 049 056 066 <u>067</u> <u>070</u> 075 <u>078</u> 082 093 099 104 106 109 112 116 <u>125</u> 142 146 147 152 163 166 167 177 179 180 186 <u>190</u> 190 217 232 233 <u>241</u>
	> ɭ /*ti---*a	070
	> h /*ni---*a	047
	> dz / *i---e < ai	078
	/ +---mi	125 ?
	> Ø / a---a#	067 ?
	/ ---*uhk	190 ?
	/ +---*a+ka	241 ?

3.3.4 Africadas Surdas

*ts, *tʃ

*ts	> ts / #---*i,*e	042 133
	> t̥ / *u---i	063
	> Ø / V---V	062 075 078
*tʃ	> ts /*ah---i	119
	> t̥ / +---apo	182 224
	/ +---i#	
	> Ø / #---*i	127
	/ V---V	025 044 066 158 189

3.3.5 Fricativas Alveolar/Alveo-Palatal

*s, *ʃ

*s	> ts / ---*i	027 099 230
	/ ---u	089
	> t / ---a	104
	> Ø / *ɨ---*a	041
*ʃ	> h / #---	<u>043</u> <u>075</u> <u>106</u> 198
	> H / V---V	043 075 106

3.3.6 Nasais

*m, *n

*m	> m	002 009 016 018 021 034 041
		056 064 067 072 075 087 119
		125 139 153 160 180 183 192
		194 218 236

*n	> n / \$---	003 004 006 018 022 029 047
		069 073 079 108 116 126 127
		133 135 141 <u>153</u> 155 173 176
		182 210 216 219

> Ø / CVCi\$--a	153
-----------------	-----

> Ø / ---\$	034 050 051 093 196
-------------	---------------------

3.3.7 Líquidas

*l, *r

*l	> t / +---uk†	132
	> d / #---	102 140
	> ts /*k†---*i	058
	> j	014 025 043 050 104 131 169
		170 186 198 212

*r	> j / ---i,e	087 098 124 <u>128</u>
	> Ø / *†---*†	128 ?
	> j / ---u,a	008 100 127 142 174 179 200
		203

3.3.8 Glides

*w, *j, *h

*w	> w	026 042 066 077 131 152 214 242
*j	> Ø / +---ani	006
	/ #---enu	003
	/ *a---*a	166
	> dz	064 095 126 162 183 187
*h	> Vα / Vα---\$	<u>003</u> 004 <u>044</u> <u>044</u> <u>062</u> <u>073</u> <u>078</u> 119 109 <u>124</u> <u>143</u> 162 167 <u>173</u> 174
	> Ø / ?	003 044 044 062 073 078 124 173
	> h / +\$---	141
	> Ø / \$---	126 186 215

3.3.9 Vogais

*ai, **ai	> ai/ stress	126
	> e	025 078
*au	> a	040
*eu	> u	089
*ui	> wi	093 180
*ia	> a / *s---	230
	> ia	097
*a†	> a	104
*iu	> i	099

*io	> ju / ts---	194
*ae	> ee	109
**ei	> ee	187
**ae	> e	062 087 113
**ea	> a	075
**ue	> e / k---	142
**ie	> e / p---	151
	> i / t---	153
*i	> a / #h---	083
	> u / ts---wa	042
	/*tsin---	133
	> ` / n---+C	035
	> i	004 005 005 006 015 016 016
		017 017 026 032 027 034 038
		042 042 043 044 045 047 050
		051 052 058 063 066 066 067
		070 077 095 116 119 126 131
		133 135 137 141 141 144 146
		147 153 163 167 168 168 168
		170 173 174 177 182 186 186
		189 196 215 224 236 243
*e	> a / *eim---	021
	> i / aJ---ta	104
	/ aJ---#	169
	/ *p---d	167
	/ *t---n, #	113 176
	/ *d---wi, #	077 092

	/ **n---#	219
	/ *k---	005 139 155
> e		003 009 032 034 098 108 108 113 124 135 187 198 220
*j	> e / #d---	072 082 087 142 151 <u>158</u>
	/ #j---	183
	> a / *p---#	051
	> i	008 014 026 029 029 041 058 058 069 086 087 092 098 099 100 112 117 124 127 128 142 143 162 170 176 189 196 197 198 200 211 212
*a	> e / ---*m+	041
	> ia / i+*t---	010
	> ai / k---ni	116
	> a	002 002 006 008 009 014 015 018 022 022 025 030 035 038 041 043 044 045 047 049 056 056 056 061 064 064 066 067 070 072 073 073 075 075 079 079 086 087 089 093 095 097 099 104 112 117 119 125 127 131 137 138 139 140 140 141 142 143 144 147 152 152 153 158 160 162 162 166 166 167 169 173 173 174 180 182 183 189 192 193 200 203 203 214 216 217 218 225 232 241 242

*o,*u	> a / *t---ka	049	(?)
	/ *k---pi	163	(?)
	> i / *f---m	075	(?)
	/ *k---#	190	(?)
	> ui / *k---ro	179	
	> Ø / *k---d†	142	
	> u	003 004 010 017 018 030 050	
		050 052 063 069 073 082 100	
		102 102 106 106 109 113 123	
		126 127 132 146 147 155 160	
		174 179 182 186 194 198 210	
		213	

AFÉRESE VOCÁLICA:

*V	> Ø / #---	196
	/ Ø---	022

PRÓTESE VOCÁLICA:

Ø	> V / #---C	108 193
---	-------------	---------

ALONGAMENTO VOCÁLICO:

*V	> V: / [+stress]	002 003 004 009 022 045 050
		058 082 087 098 102 112 117
		119 127 133 140 144 158 162
		167 170 174 183 187 203

Na listagem abaixo, dos étimos de Payne (1991b), o primeiro número diz respeito à ordenação alfabética portuguesa (na qual estão grifados os cognatos Siusi atestados) e o segundo número à ordenação inglesa do texto original.

001/059	ABAND, LEQUE/fan
<u>002</u> /019	ABELHA/bee (> MEL/honey)
<u>003</u> /188	ACIMA/up, EM CIMA/above (> CÉU/sky)
<u>004</u> /196	ÁGUA/water
<u>005</u> /022	AMARGO/bitter
<u>006</u> /191	ANDAR 1, CAMINHAR/walk 1)
007/192	ANDAR 2, CAMINHAR/walk 2)
<u>008</u> /003	ANIMAL/animal (> DOMÉSTICO/domesticate)
<u>009</u> /170	ANTA/tapir
<u>010</u> /026	ARCO/bow cf. FLECHA 1
011/182	ÁRVORE/tree
012/159	AZEDO/sour
013/018	BANHAR-SE/bathe
<u>014</u> /168	BATATA DOCE/sweet potato
<u>015</u> /050	BEBER/drink
<u>016</u> /095	BEIJA-FLOR, COLIBRI/HUMMINGBIRD
<u>017</u> /036	BICHO-DO-PÊ/chigoe flea
<u>018</u> /122	BOCA 1/mouth 1
019/123	BOCA 2/mouth 2
020/124	BOCA 3/mouth 3
<u>021</u> /081	BOM/good
<u>022</u> /007	BRAÇO 1/arm 1
023/008	BRAÇO 2/arm 2 (> MÃO/hand, OMBRO/shoulder)
024/199	BRANCO 1/white 1

025/200 BRANCO 2/white 2
026/087 CABEÇA/head
027/084 CABELO 1/hair 1 (> PELAGEM 1/fur 1cf. PENA)
028/085 CABELO 2/hair 2 (> PELAGEM 2/fur 2 cf. PENA)
029/137 CAMINHO 1, TRILHA, PICADA/path 1, road, trail
030/138 CAMINHO 2, TRILHA, PICADA/path 2, road, trail
031/073 CARNE/flesh (> CARNE DE COMER/meat)
032/113 CARNE DE COMER 1/meat 1cf. CARNE
033/114 CARNE DE COMER 1/meat 1cf. CARNE
034/034 CARVÃO/charcoalcf. CINZA
035/092 CASA 1/house 1
036/093 CASA 2/house 2
037/094 CASA 3/house 3 (> MORAR/dwell)
038/048 CAVAR/dig
039/044 CEREAL/corn, MILHO/maize
040/011 CHEGAR/arrive
041/154 CHEIRAR/smell
042/091 CHIFRE/horn (> ESPINHO/thorn)
043/014 CINZA/ash cf. CARVÃO
044/190 CIPÓ/vine, CORDA/rope
045/156 COBRA 1/snake 1
046/157 COBRA 2/snake 2
047/057 COMER/eat
048/089 CORAÇÃO/heart
049/037 CORTAR/chop, cut
050/134 CORUJA/owl
051/015 COSTAS/back (> OMBRO/shoulder)
052/172 COXA 1/thigh1
053/173 COXA 2/thigh 2

054/150 CUNHADA/sister-in-law, PRIMA/cousin

055/030 CUNHADO/brother-in-law (> CUNHADO DE HOMEM/
brother-in-law of male)

056/171 CUPIM/termite

057/046 CURAR/cure, REMÉDIO/remedy (> ERVA MEDICINAL/medicinal
grass)

058/002 CUTIA/agouti

059/078 DAR 1/give 1

060/079 DAR 2/give 2

061/080 DAR 3/give 3

062/179 DENTE/tooth

063/167 DOCE/sweet

064/185 DOIS 1/two 1

065/186 DOIS 2/two 2

066/136 DOR/pain, MACHUCAR/hurt

067/153 DORMIR/sleep

068/082 ERVA, GRAMA/grass

069/201 ESPOSA/wife

070/052 ESTERCO/dung (> EXCREMENTO/excrement)

071/160 FICAR EM PÊ 1/stand1

072/161 FICAR EM PÊ 2/stand 2

073/106 FIGADO/liver

074/158 FILHO/son

075/012 FLECHA 1/arrow 1 (> ARCO/bow)cf. ARCO

076/013 FLECHA 2/arrow 2 (> LANÇA/spear)

077/074 FLOR/flower

078/067 FOGO/fire (> LENHA/firewood) cf. FOGO

079/103 FOLHA/leaf (> PLANTAR/plant, CAMPO/field)

080/004 FORMIGA 1/ant 1

081/005 FORMIGA 2/ant 2 (> FORMIGA-ISULA/isula)

082/006 FORMIGA 3/ant 3
083/041 FRIO 1/cold1
084/042 FRIO 2/cold 2
085/077 FRONTE, TESTA/forehead
086/155 FUMAÇA, FUMAR/smoke
087/183 GARÇA 1/guan 1, PERU 1/turkey1
088/184 GARÇA 2/guan 2, PERU 2/turkey 2
089/038 GARRA 1/claw 1 (> UNHA 1/fingernail 1)
090/039 GARRA 2/claw 2 (> UNHA 2/fingernail 2)
091/031 GAVIÃO/buzzard
092/061 GORDURA 1/fat 1, BANHA 1/grease 1
093/062 GORDURA 2/fat 2, BANHA 2/grease 2
094/020 GRANDE/big
095/045 GRITAR/cry
096/111 HOMEM 1/man 1 (> PESSOA 1, GENTE 1/person 1 cf.
PESSOA)
097/112HOMEM 2/man 2 (> PESSOA 2, GENTE 2/person 2 cf. PESSOA)
098/029 IRMÃO/brother
099/033 JACARÉ/cayman
100/099 JOELHO/knee
101/105 LÁBIO/lip
102/107 LAGARTO/lizard
103/101 LAGO 1/lake 1 (> PANTANO/swamp)
104/102 LAGO 2/lake 2
105/193 LAVAR 1/wash 1
106/194 LAVAR 2/wash 2
107/068 LENHA/firewood cf. FOGO
108/178 LINGUA/tongue

109/060 LONGE/far
 110/108 LONGO 1, COMPRIDO 1/long 1
 111/109 LONGO 2, COMPRIDO 2/long 2
112/117 LUA/moon
113/115 MACACO 1/monkey1
 114/116 MACACO 2/monkey 2
 115/119 MÃE/mother
116/032 MANDIOCA/cassava, manioc
117/086 MÃO/hand cf.
 118/096 MARIDO/husband (> ESPOSO/spouse, COM/with)
119/016 MAU/bad (> FEITICEIRO/witch)
 120/064 MEDO 1/fear 1 (> RESPEITO 1/respect 1)
 121/065 MEDO 2/fear 2 (> RESPEITO 2/respect 2)
 122/197 MOLHADO 1, ÚMIDO/wet 1
123/198 MOLHADO 2, ÚMIDO/wet 2
124/017 MORCEGO/bat
125/047 MORRER/die (> DOENTE/sick)
126/118 MOSQUITO/mosquito
127/202 MULHER/woman
128/131 NARIZ/nose
 129/023 NEGRO/black
 130/130 NOITE/night
131/129 NOVO/new
132/058 OLHO/eye
133/097 ONÇA 1/jaguar 1 (> CACHORRO/dog)
 134/098 ONÇA 2/jaguar 2
135/054 ORELHA 1/ear 1
 136/055 ORELHA 2/ear 2

137/025 OSSO/bone
138/133 OUTRO/other (> TODO/all)
139/088 OUVIR/hear
140/135 PACA/paca
141/063 PAI/father
142/021 PÁSSARO/bird
143/076 PÉ/foot
144/162 PEDRA 1/stone1
145/163 PEDRA 2/stone 2
146/035 PEITO, TÓRAX/chest (> ABDÔMEN/abdomen)
147/070 PEIXE 1/fish 1
148/071 PEIXE 2/fish 2
149/151 PELE 1/skin 1
150/152 PELE2/skin 2
151/066 PENA, PLUMA/feather, PELAGEM/fur
152/103 PERNA/leg (> CANELA/shin)
153/090 PESADO/heavy
154/126 PESCOÇO 1/neck 1
155/127 PESCOÇO 2/neck 2, GARGANTA 1/throat 1
156/128 PESCOÇO 3/neck 3, GARGANTA 2/throat 2
157/141 PESSOA, GENTE/person cf. HOMEM
158/140 PIMENTA/pepper, capsicum, Cayenne pepper
159/110 PIOLHO/louse
160/142 PIRANHA/piranha
161/053 POEIRA/dust (> CINZA/ash)
162/139 PORCO DO MATO, CAITITU, PECARI/peccary
163/143 POTE 1/pot 1 (> POTE DE CERAMICA PARA COZER 1/ceramic
cooking pot 1)

164/144 POTE 2/pot 2 (> POTE DE CERÂMICA PARA COZER 2/ceramic
cooking pot 2)

165/069 PRIMEIRO/first

166/072 PULGA/flea 167/040 QUATI/coati, QUATIMUNDE/coatimundi

168/169 RABO, CAUDA/tail

169/147 RAIZ/root

170/145 RATO/rat, RATINHO/mouse

171/100 SABER/know

172/148 SAL/salt

173/024 SANGUE/blood

174/175 SAPO/toad

175/051 SECO/dry

176/027 SEIO/breast (> LEITE/milk)

177/149 SEMENTE/seed (> FRUTA/fruit, OVO/egg)

178/120 SOGRA 1/mother-in-law 1, TIA 1/aunt1

179/121 SOGRA 2/mother-in-law 2, TIA 2/aunt 2

180/164 SOL 1/sun1(> VERÃO/summer)

181/165 SOL 2/sun 2(> DIA/day)

182/049 SONHAR/dream

183/176 TABACO 1/tobacco 1 (> FUMAÇA, FUMAR cf. FUMAÇA)

184/177 TABACO 2/tobacco 2 (> FUMAÇA, FUMAR cf. FUMAÇA)

185/180 TARTARUGA 1/tortoise 1

186/181 TARTARUGA 2/tortoise 2

187/009 TATU 1/armadillo 1

188/010 TATU 2/armadillo 2

189/056 TERRA/earth

190/187 TIO/uncle, SOGRO/father-in-law

191/028 TRAZER/bring

192/174 TRÊS/three
193/132 UM/one
194/125 UMBIGO/navel, umbilicus
195/189 URINA/urine
196/001 URUCU/achiote
197/166 VARRER/sweep
198/083 VERDE/green, AZUL/blue (> VERDOENGO)
199/203 VERME/worm
200/146 VERMELHO/red
201/195 VESPA, MARIMBONDO/wasp
202/043 VIR/come cf. CHEGAR
203/075 VOAR/fly
204/243 CLASSIFICADOR: BENEFATIVO/classifier benefactive
205/238 CLASSIFICADOR: LINEAR/classifier linear
206/241 CLASSIFICADOR: OCO/classifier: container, cavity, hole
207/239 CLASSIFICADOR: PASSADO/classifier past
208/242 CLASSIFICADOR: RECÍPROCO/reciprocal
209/240 CLASSIFICADOR: SINUOSO/classifier: long, slender,
snake-like
210/204 1SG/I, may
211/205 2SG/you your
212/206 3SG m./he, his
213/207 3SG f./neutro/she, it, her, its
214/208 1PL/we, our
215/209 2PL/you, your
216/210 3PL/they, their
217/212 ATRIBUTIVO/atributive
218/211 PRIVATIVO/privative

<u>219</u> /213	POSSESSIVO 1/possessive1
<u>220</u> /214	POSSESSIVO 2/possessive 2
221/215	POSSESSIVO 3/possessive 3
222/216	POSSESSIVO 4/possessive 4
223/217	POSSESSIVO 5/possessive 5
<u>224</u> /218	POSSESSIVO ABSOLUTO/absolute
<u>225</u> /220	CAUSATIVO/causative
226/236	CONDICIONAL/conditional
227/227	DIRECIONAL 1/directional 1
228/228	DIRECIONAL 2/directional 2
229/229	DIRECIONAL 3/directional 3
<u>230</u> /232	FUTURO/future
231/230	IMPERFECTIVO/imperfective
<u>232</u> /237	INTERROGATIVO/interrogative
233/226	LOCATIVO/locative
234/222	MEDIATIVO/mediative
235/235	NEGATIVO/negative
<u>236</u> /244	PASSADO, MORTO, ABANDONADO/past, dead, abandoned
237/223	PASSIVO/passive
238/231	PERFECTIVO 1/perfective 1
239/234	PERFECTIVO 2/perfective 2
240/233	PROGRESSIVO/progressive
<u>241</u> /225	RECÍPROCO/reciprocal
<u>242</u> /224	REFLEXIVO/reflexive
<u>243</u> /219	TRANSITIVIZADOR, CAUSATIVO/transitivizer, causative
244/221	VERBALIZADOR/verbalizer

4.0 Tratamento informatizado do corpus

4.1 Intergerenciamento de 'Softwares'

Atualmente, qualquer pesquisa que se queira desenvolver, tanto na área descritiva, como na área comparativa das línguas indígenas, torna-se quase que obsoleta e artesanal, caso venha prescindir do recurso à análise computadorizada. Angenot et alii (1992), diante dos problemas enfrentados para a realização do projeto 'Informática Aplicada à Linguística Indígena: Classificação e Reconstrução da Família Arawák', propuseram um tratamento fonético sequenciado entre cinco programas de softwares, a fim de poderem minimizar as dificuldades enfrentadas pela equipe.

Havia um problema crucial, que emperrava a indispensável integração da descrição fonético-fonológica e da descrição morfo-sintática: como compatibilizar o programa CHIWRITER (Horstmann, 1989), com suas múltiplas fontes para transcrições fônicas, com os demais programas já compatibilizados entre si: SHOEBOX (Wimbish, 1990), IT (Simons & Versaw, 1988), TEXT ANALYSIS, PC-KIMMO (Antworth, 1990), TA (JAARS, 1988), CLAN (Spektor, 1988), AMPLE (Weber et alii, 1988), WORDSURV (Wimbish, 1989), FIESTA (Alsop & Johnston, 1989), juntamente com o sistema operacional MS-DOS 5.0 (Stultz, 1991)?

Este capítulo tem por objetivos:

(1) demonstrar aos usuários de programas de linguística computacional - sejam eles ou não indigenistas - uma ferramenta que permitirá imprimir, em alfabeto API, os resultados de suas pesquisas gramaticais, lexicais ou textuais;

(2) desenvolver sua própria análise lingüística, a partir dos programas SHOEBOX, IT, WORD5 e CHIWRITER;

(3) elaborar um dicionário, a partir do intergerenciamento de programas de análise lingüística e programas processadores de texto: WORD5, SHOEBOX, IT e CHIWRITER.

SHOEBOX é um programa desenvolvido pelo SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC (SIL) para gerenciamento de banco de dados, programado especialmente para elaborar arquivos de lingüistas. Usando SHOEBOX, o lingüista pode entrar, editar e analisar dados léxicos, textuais, antropológicos ou outros tipos de dados. Com SHOEBOX, o usuário pode, por exemplo:

- manter um simples dicionário, ou um léxico mais complexo;
- interlinearizar textos, onde novas palavras são automaticamente introduzidas no dicionário;
- elaborar arquivos gramaticais e análises de dados de textos;
- entrar e arquivar notas culturais;
- manter bancos de dados não-lingüísticos, tais como listas de endereços, catálogos de livrarias; além de outras funções.

WORD5 é um processador de textos, com uma memória bastante poderosa; além de fazer colunas tipo jornalístico, documento de dados, dicionário alfanumérico, cálculos, etc.

IT é um sistema de processador de Texto Interlinear. Trata-se de uma coleção de ferramentas para construção de um corpus de textos analisados. Os programas básicos do IT resumem-se, principalmente, a:

- ITPREP (Pré-processador de Texto Interlinear). Recebe como entrada um arquivo de texto sem formato e produz como saída um arquivo em formato de texto interlinear, de acordo com o arquivo

de controle e com o modelo de texto interlinear que também se proporcionam como entradas desse programa. O arquivo de texto, que se dá como entrada, deve ser um arquivo ASCII puro (TESTE.TXT). importante observar que utilizamos um modelo hipotético, somente a pretexto de demonstração, e o batizamos de TESTE, juntamente com as suas respectivas extensões, por exemplo: TESTE.DOC, TESTE.TXT, TESTE.ITX, TESTEPRE.CTL, TESTEMOD.ITM, TESTEXTR.CTL, TESTE1.DOC, TESTE2.DOC, TESTE.CHI, etc. O arquivo de controle (por exemplo, TESTEPRE.CTL) proporciona uma descrição de arquivo de texto de entrada e permite que ITPREP divida o texto em unidades e designe valores de referência a cada uma delas. O modelo de texto interlinear (por exemplo, TESTEMOD.ITM) define a estrutura do arquivo de saída de ITPREP. O arquivo de saída (por exemplo, TESTE.ITX) será usado como arquivo de entrada para o programa ITP.

-ITP (Processador de Texto Interlinear). Trata-se de uma ajuda automatizada para a anotação de textos. Tem como entrada um texto em formato interlinear (por exemplo, TESTE.ITX). Usa uma base de dados léxicos (por exemplo, TESTELEX.ITL) e a interação com o usuário para produzir um texto interlinear alinhado verticalmente. A base de dados léxicos é atualizada constantemente de modo automático ao se usar ITP. A forma da interlinearização já está definida pelo modelo de texto interlinear que foi associada ao texto ao se usar ITPREP. Cada vez que se usa ITP, o programa produz um arquivo de reserva que contém o arquivo antes da interlinearização (por exemplo, TESTE.BAK). O programa ITP pode ser usado de modo automático de anotação ou de modo de edição (para fazer trocas no texto ou na

base de dados léxicos).

-LEX-EXTR (Extrator de Dados da Base de Dados Léxicos).

LEX-EXTR converte a informação contida numa base de dados léxicos (por exemplo, TESTELEX.ITL), a qual não é legível para o olho humano, e a converte em sua representação ASCII ao produzir um arquivo léxico em formato standart (por exemplo, TESTELEX.SFL). Para esse fim, tem que se proporcionar também como entrada um arquivo de controle (por exemplo, (TESTELEX.CTL).

-ITL-BAK (Reserva e Redimensiona um arquivo ITL). ITL-BAK produz uma cópia nova do arquivo base de dados léxicos (por exemplo, TESTELEX.ITL) e guarda o arquivo velho com a extensão BAK (por exemplo, TESTELEX.BAK). O arquivo novo recebe o mesmo nome (por exemplo, TESTELEX.ITL), mas elimina o espaço inútil, o qual é reorganizado para ser acessado quando preciso e, se for necessário, aumentar sua capacidade. Note que é preciso verificar a cada determinado momento esse programa, já que os arquivos ITL não aumentam sua capacidade automaticamente.

CHIWRITER é um programa endereçado a autores matemáticos, cientistas, técnicos e lingüistas que trabalham com textos de línguas estrangeiras. Trata-se de um processador de palavras com fontes diferentes, as quais podem ser desenhadas, dependendo da necessidade do usuário. Fundamental para lingüistas que trabalham com o API.

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos lingüistas, que trabalham com línguas indígenas, é a apresentação do corpus através do Alfabeto Fonético Internacional -API. Uma vez que é possível compatibilizar vários programas, esses problemas desaparecem, além disso, torna-se possível realizar

análises lingüísticas de um número de dados muito maior, num espaço de tempo muitíssimo menor.

O usuário, desta proposta, deve observar que os programas são gravados, aqui, em disco rígido, ou seja, drive C: isto não quer dizer que não se possa fazê-lo em disquetes, usando drive A ou drive B, ou mesmo em disco rígido, drive D.

Após criar diretórios, para cada um dos programas SHOEBOX, WORD5, CHIWRITER e IT, e, em seguida, copiar todos os arquivos desses programas dentro dos diretórios, deve-se observar se dentro do diretório de IT têm os seguintes arquivos, com as respectivas extensões, através dos seguintes comandos:

```
C:\>cd it
```

Enter

```
C:\IT>dir/p
```

Enter

No vídeo aparecerá a lista dos arquivos.

<u>sample1.itm</u> <u>itprep2.ct1</u> <u>convert1.ct1</u> <u>generate.ct1</u>
--

Certifique-se de que estes 4 arquivos estão presentes em seu diretório. Caso não os encontre, deve ter havido algum problema com seu disquete, por exemplo, ter apagado, acidentalmente, algum dos programas.

Se isso acontecer, é preciso gravar novamente o programa

IT em seu disco rígido (isso, em nosso caso, pois você poderá estar trabalhando em drives A ou B).

É importante dispor do programa original IT Version 1.1, 1988, elaborado pelo Summer Institute of Linguistics, em disquete, a fim de que se possa ter sempre disponível os arquivos do programa, pois em caso de deletamento, por equívoco, de quaisquer desses mesmos arquivos; e não só do programa IT, mas também de WORD5, SHOEBOX e CHIWRITER, será possível recuperá-los. Além disso, pode ser que ocorra um problema com a memória do seu computador, e você necessitará copiá-los novamente.

O arquivo SAMPLE1.ITM

```
\#
\# Sample interlinear text model for -- for Lau language
\#

\reference_field marker      ref
                    refers_to text_name

\text_field marker          tx
                    punctuation ".,()<>!?;

\aligning_field mapping_name MORPHEMIC_REPR
                    marker      mr
                    from        tx
                    morpheme_break -
                    itl_file    sample1.itl
                    saved        yes

\aligning_field mapping_name GLOSS
                    marker      mg
                    from        mr
                    morpheme_break -
                    itl_file    sample1.itl
                    saved        yes

\freeform_field mapping_name FREE_TRANSLATION
                    marker      ft
                    from        tx
```

Fig. 01

O arquivo ITPREP2.CTL

```
\#  
\# itprep control file for untagged Lau text  
\#  
  
  \unit_break__characters .,  
  \default_unit_type      clause
```

Fig. 02

O arquivo CONVERT1.CTL

```
\#  
  \# lex-extr control file for sample1.itl  
  \#  
  
  \convert mapping_name MORPHEMIC_REPR  
           itl_file      sample1  
  
  \convert mapping_name GLOSS  
           itl_file      sample1  
  
  \one_gloss_per_line no  
  \gloss_separator      ;
```

Fig. 03

O arquivo GENERATE.CTL

```
\#  
  \# Sample control file for MPPG-GEN  
\#  
  
\generate mapping_name MORPHEMIC_REPR  
           itl_file      sample1  
           size 10  
  
\generate mapping_name GLOSS  
           itl_file      sample1  
           size 10
```

Fig. 04

Embora a preparação para o uso do IT parta desses 4 arquivos, mais tarde, será possível, elaborar outros arquivos a partir desses já existentes.

Antes de utilizar esses programas o pesquisador já deverá ter decidido qual objetivo pretende alcançar com sua análise lingüística, isso porque os programas serão elaborados a partir desses objetivos.

Acreditamos que a melhor forma de saber manusear todos esses programas é testar, passa a passo, cada uma das etapas. Para isso procuramos demonstrar, a seguir, como dever-se-á proceder até a apresentação final dos dados.

C:\IT>cd..\word5

Enter

C:\WORD5>word

Enter

Esc

Transferir (procure com a seta ou aperte a letra T)

Carregar (procure com a seta ou aperte a letra C)

(digitar um nome de arquivo para ser copiado no programa IT; aqui, como já dissemos, batizamos de TESTE.DOC, ou optar por um dos arquivos já digitados, que se encontram em F1, para tanto, basta apertar F1)

TESTE.DOC

Enter

S

Como esse arquivo será copiado para o programa IT, é necessário proceder da seguinte maneira: após a digitação de cada palavra dar um ponto e no caso de frases, deve-se dar um espaço após digitar cada palavra e dar um ponto ao final da oração; isso deve ser efetuado assim, pois entrarão como unidades no programa de interlinearização (Fig. 05).

Por exemplo:

i'nu. ha'pe. a':pi. tsi':nu. nuka':pi. pa'ntTi. lRiwe'nta.
--

(Todas essas palavras e/ou frases aparecerão no programa IT como unidades em ordem numérica de entrada, com os respectivos 'templates').

Por exemplo:

```

\re TESTE :UNIDAD 1

\tx i'nu.
\dm

\re TESTE :UNIDAD 2

\tx ha'pe.
\dm

\re TESTE :UNIDAD 3

\tx a':pi.
\dm

```

Fig. 05

Embora tenhamos optado digitar nosso texto em WORD5 (TESTE.DOC), o mesmo poderia ter sido digitado em SHOEBOX (TESTE.TXT), bastaria renomear as extensões dos arquivos.

Esc

Transferir

Salvar (aperte a seta e depois com a barra de espaço, escolher a opção "Só-texto". Deve-se salvar nessa opção para a compatibilização da linguagem ASCII entre os programas WORD5 e IT.

Enter

S (para confirmar a perda de formatação, a fim de poder exportar para o programa IT)

Esc

Fim

C:\WORD5>copy teste.doc c:\it\teste.txt

Enter

Se o corpus tivesse sido digitado em SHOEBOX, bastaria tê-lo feito em F9 e nomeado de teste.txt.

Para se trabalhar com o programa IT, é necessário antes criar 4 arquivos, de outros 4 já existentes.

```
C:\WORD5\cd..\it
```

Enter

```
C:\IT>copy sample1.itm testemod.itm
```

Enter

```
C:\IT>copy itprep2.ct1 testeprep.ct1
```

Enter

```
C:\IT>copy convert1.ct1 testextr.ct1
```

Enter

```
C:\IT>copy generate.ct1 testeger.ct1
```

Enter

```
C:\IT>cd..\shoebox
```

Enter

```
C:\SHOEBOX>sh
```

Enter

F9

Transfer

Enter

Load

Enter

F1 (Com a tecla Page down, escolher a opção Testeger.ct1

e apertar Enter)

Na tela aparecerá a Figura 04.

Esc (Aqui se deve preparar o programa mppg-gen para o arquivo léxico.it1)

Colocar o cursor após o primeiro caracter # e

digitar em CAPS LOCK o nome do arquivo, por exemplo, na primeira linha: TESTEGER.CTL

Na segunda linha, deve-se digitar: ARQUIVO DE CONTROLE DO PROGRAMA MPPG-GEN PARA LEXICO.ITL

Na terceira linha, deve-se digitar: PREPARADO POR MARIA CRISTINA VICTORINO DE FRANÇA (isto, no nosso caso).

Na quarta linha, deve-se digitar a data da preparação do arquivo: OUTUBRO DE 1992

Essas 4 linhas devem ser centralizadas, para melhor estética do arquivo.

Em seguida, deve-se posicionar o cursor após mapping_name e digitar o 'template' para a futura análise interlinear. Por exemplo, se houver necessidade de divisão morfológica, deve-se criar o 'template' "DM", nesse caso, digitar-se-á DIVISAO_DE_MORFEMAS (atenção ao caracter "_" separando as palavras).

Logo abaixo da palavra "DIVISAO", digitar testelex.itl

Deve-se deletar "size 10"

Delete uma linha.

Digitar o nome do próximo 'template' criado para a análise, aqui GLOSSA_DO_MORFEMA

Digitar testelex.itl abaixo da palavra "GLOSSA".

Depois de pronto, o arquivo dever-se-á apresentar na tela assim:

```

\#                      TESTEGER.CTL
\# ARQUIVO DE CONTROLE DO PROGRAMA MPPG-GEN PARA LEXICO.ITL
\#      PREPARADO POR MARIA CRISTINA VICTORINO DE FRANÇA
\#                      OUTUBRO DE 1992

\generate mapping_name  DIVISAO_DE_MORFEMAS
                  itl_file      testelex.itl

\generate mapping_name  GLOSSA_DO_MORFEMA
                  itl_file      testelex.itl

```

Fig. 06

Em seguida, deve-se proceder conforme os comandos abaixo:

Esc

Transfer

Save

Enter

Transfer

Enter

Load

F1

Com a tecla page down, optar pelo arquivo: testemode.itm

Enter

Esc

Na tela aparecerá o arquivo sample1.itm (figura 01), mas deve ser substituído pelo arquivo testemod.itm, como mostrará a figura 07.

Posicionar o cursor após o primeiro carácter # e digitar as alterações de acordo com os objetivos a serem atingidos na futura análise.

Foram criados 'templates' para divisão de morfemas "dm"

e para glossa de morfemas "gm".

Quanto à divisão de morfemas optamos pelos sinais ==#+, os quais devem ser repetidos nas glossas também.

O 'template' "tp" corresponde à tradução do português e o 'template' "ng" corresponde a notas gramaticais.

Observe como ficará nosso arquivo de controle testemod.itm (figura 07), para a nossa análise:

```
\#                                TESTEMOD.ITM
\# MODELO DE TEXTO INTERLINEAR BASICO PARA A LINGUA BANIWA-SIUSI
\#      PREPARADO POR MARIA CRISTINA VICTORINO DE FRANÇA
\#                                OUTUBRO  DE 1992

\reference_field marker re
      refers_to NOME_DO_ARQUIVO

\text_field      marker tx
      punctuation ".,()[ ]?!*/\#

\aligning_field  mapping_name DIVISAO_DE_MORFEMAS
      marker      dm
      from         tx
      morpheme_break ==#+
      itl_file     testelex.itl
      saved        yes

\aligning_field  mapping_name GLOSSA_DO_MORFEMA
      marker      gm
      from         dm
      morpheme_break ==#+
      itl_file     testelex.itl
      saved        yes

\freeform_field  mapping_name TRADUÇÃO PARA_PORTUGUES
      marker      tp
      from         tx

\freeform_field  mapping_name NOTAS_GRAMATICAIIS
      marker      ng
      from         tx
```

Fig. 07

Esc

Transfer

Save

Enter

Enter

Enter

Transfer

Load

Enter

F1 (Com a seta, optar pelo arquivo TESTEPREP.CTL))

Enter

Aparecerá no vídeo o arquivo itprep2.ct1 (figura 02). Os procedimentos, aqui, ocorrem conforme as instruções anteriores.

Esc

Vá fazendo as modificações necessárias.

O arquivo testepre.ct1 ficará assim, depois de pronto:

```
\#                                TESTEPRE.CTL
\# ARQUIVO DE CONTROLE DO PROGRAMA ITPREP PARA LINGUA BANIWA-SIUSI
\#                                PREPARADO POR MARIA CRISTINA VICTORINO DE FRANÇA
\#                                OUTUBRO DE 1992

\unit_break_characters .
\default_unit_type :UNIDAD
\output_line_length 60
```

Fig. 08

Esc

Transfer

Enter

Save

Enter

Enter

Transfer

Enter

Load

Enter

F1

testextr.ct1

Enter

Esc

Aparecerá o arquivo convert1.ct1 (figura 03), no visor do seu micro computador.

Aqui, as modificações também devem seguir as instruções anteriores.

O arquivo testextr.ct1, depois de pronto, apresentar-se-á assim no vídeo:

```
\#                                TESTEXTR.CTL
\# ARQUIVO DE CONTROLE DO PROGRAMA LEX-EXTR PARA LEXICO.ITL
\#     PREPARADO POR MARIA CRISTINA VICTORINO DE FRANÇA
\#                                OUTUBRO DE 1992

\convert mapping_name DIVISAO_DE_MORFEMAS
        itl_file      testelex.itl

\convert mapping_name GLOSSA_DO_MORFEMA
        itl_file      testelex.itl

\one_gloss_per_line yes
```

Fig. 09

Esc

Transfer

Save

Enter

F10

Enter

C:\SHOEBOX>cd..\it

Enter

C:\IT>mpg-gen -f (este comando é para criar o
léxicoctl, que gerará o léxico.itl)

Enter

testegerctl

Enter

C:\IT>itprep

Enter

testeprectl

Enter

teste.txt

Enter

Enter

testemod.itm

Enter

C:\IT>lex-extr

Enter

testextrctl

Enter

Enter

C:\IT>itp

Enter

Aparecerão os arquivos com as extensões itx, com a seta
optar por teste.itx

Enter

Dar início à análise interlinear dos dados. É preciso lembrar que aqui, damos apenas os procedimentos mais gerais para uso do IT e que o domínio do programa todo deve ser feito a partir do próprio manual How to use IT.

A cada espaço de tempo, recorrer ao programa itl-dir, para redimensionar o tamanho do arquivo.

Após o término de todas as unidades do arquivo teste.itx, fazer:

```
C:\IT>copy testelex.sfl c:\word5\teste1.doc
```

Enter

Sair do programa IT e entrar no programa WORD5.

```
C:\IT>cd..\word5
```

Enter

```
C:\WORD5>word
```

Enter

Transferir

Carregar

teste1.doc

Enter

Esc

No vídeo, aparecerá a arquivo testelex.sfl, mas renomeado aqui de teste1.doc (Figura 10):

```
\type glossary
```

```
\atmc yes
```

```
\mppg name DIVISAO_DE_MORFEMAS from tx to DM
```

```
\mppg name GLOSSA_DO_MORFEMA from tx to GM
```

```
\tx matsJa'jte
```

```
\gm [[matsia']=i'ta-i]
```

```
\auto
```

```
\tx IRiwe'nta
```

\gm [lRi-we'n'-ta]
 \auto

 \tx ajni'dzu
 \gm [[a'ini]-dzu]
 \auto

 \tx hi:pa'da
 \gm [[hi'ipa]-da]
 \auto

 \tx pi':pirRi
 \gm [pi'pi-lRi']
 \auto

 \tx pipi':rRi
 \gm [pi-pi'ilRi]
 \auto

 \tx lRi'rRSWa
 \gm [lRi-rRu'ha]
 \auto

 \tx lRJa'wa
 \gm [lRi-a']-wa']
 \auto

 \tx ha':pe
 \gm [ha'ape]
 \auto

 \tx ha'pe
 \gm [ha'pe]
 \auto

 \tx pa'ntTi
 \gm [pan'-tTi]
 \auto

 \tx ha'jku
 \gm [ha'iku]
 \auto

 \tx e'daj
 \gm [e'dai]
 \auto

 \tx a':pi
 \gm [a'api]
 \auto

 \tx nuka':pi
 \gm [nu-ka'api]
 \auto

\tx tsi':nu
\gm [tsi'inu]
\auto

\tx i'nu
\gm [i-i'/'nu]
\auto

\tx i'Ja
\gm [i-a']
\auto

\tx ja'
\gm [i-a']
\auto

\tx ju'ma
\gm [i-u'ma]
\auto

\tx [ha'iku]
\gm a'rvore.
\auto

\tx [[matsia']
\gm bom/bonito {PRIV+feio?}
\auto

\tx a']
\gm ir
\gm dar

\tx u'ma]
\gm desejar
\auto

\tx [pan'
\gm casa
\auto

\tx [e'dai]
\gm banco
\auto

\tx i'ta
\gm CL16
\auto
\tx ka'api]
\gm ma~o
\auto

\tx [lRi
\gm 3SG NA~O FEM
\auto

\tx [tsi'inu]
\gm cachorro

\auto

\tx 1Ri']

\gm 3SG NA~O FEM

\auto

\tx pi'ilRi]

\gm enviar

\auto

\tx i]

\gm 3SG NA~O FEM

\auto

\tx [i

\gm 2PL

\auto

\tx [ha'pe]

\gm friamente

\auto

\tx [ha'ape]

\gm verdadeiramente

\auto

\tx [pi'pi

\gm pupunha

\auto

\tx we'n'

\gm comprar

\auto

\tx dzu]

\gm TEM: ASSIM

\auto

\tx [nu

\gm 1SG

\auto

\tx i' (

\gm CL15

\auto

\tx da]

\gm CL06

\auto

\tx rRu'ha]

\gm deitar

\auto

\tx [pi

\gm 2SG

\auto

```

\tx wa']
\gm INTR
\auto

\tx [a'api]
\gm cobra
\auto

\tx ta]
\gm Ml
\auto

\tx i'/'nu]
\gm vir
\auto

\tx tTi]
\gm ABS
\auto

\tx [[hi'ipa]
\gm cachoeira
\auto

\tx [[ma(
\gm bom/bonito {PRIV (+) feio?}
\auto

\tx [[a'ini]
\gm mosquito
\auto

```

Fig.10

Para o programa WORD5, foi criado um alfabeto padronizado provisório, compatível e, portanto, exportável para os programas SHOEBOX, IT e CHIWRITER. Esse alfabeto segue os seguintes princípios:

- para os sons que, no alfabeto IPA, coincidem com o teclado convencional, mantivemos esses mesmos caracteres. Por exemplo: [p,t,k,d,n,m,a,e,i,u] etc..

- para os sons que, no alfabeto IPA, NÃO coincidem com os caracteres do teclado normal, usamos seqüências de dois (ou mais) caracteres do teclado, que não são atestados nas grafias das palavras portuguesas ou de outras línguas como o inglês, o

alemão, o francês ou o espanhol. Trata-se de usar uma letra minúscula seguida sempre de uma maiúscula. Por quê? Uma vez que nas línguas, aqui presentes, não há nenhuma ocorrência desse tipo, será fácil evitar que a transcrição de certas palavras portuguesas seja afetada ulteriormente, quando da conversão, pelo programa CHIWRITER. Por exemplo:

a' -> á

e' -> é

lR -> J

lRS -> J

nS -> ñ

rRS -> r

tT -> t

c^ -> ç

É preciso observar que os primeiros caracteres a serem substituídos em CHIWRITER, devem ser aqueles que foram convencionados com três letras, caso contrário o programa identificará as seqüências duplas e triplas da mesma forma. Como seria o caso, por exemplo, de "lRS" e "lR". Se pedíssemos ao programa para fazer as trocas das seqüências "lR" primeiro, ele também faria das seqüências de "lRS". E como resultado teríamos os sons "J " e "JS", ao invés de "J " e "J ".

No arquivo teste1.doc (figura 10), deve-se fazer uma limpeza geral, deletando-se tudo, menos os pares superpostos tx e gm.

O resultado dessa operação é mostrado logo abaixo no

arquivo teste.doc (figura 11)

\tx [ha'iku]

\gm a'rvore.

\tx [[matsia']

\gm bom/bonito {PRIV+feio??}

\tx a']

\gm ir

\tx a']

\gm dar

\tx u'mal

\gm desejar

\tx [pan'

\gm casa

\tx [e'dai]

\gm banco

\tx i'ta

\gm CL16

\tx ka'api]

\gm ma~o

\tx [lRi

\gm 3SG NA~O FEM

\tx [tsi'inu]

\gm cachorro

\tx lRi']

\gm 3SG NA~O FEM

\tx pi'ilRi]

\gm enviar

\tx i]

\gm 3SG NA~O FEM

\tx [i

\gm 2PL

\tx [ha'pe]

\gm friamente

\tx [ha'ape]

\gm verdadeiramente

\tx [pi'pi

\gm pupunha

\tx we'n'

\gm comprar
\tx dzu]
\gm TEM: ASSIM

\tx [nu
\gm 1SG

\tx i'(
\gm CL15

\tx da]
\gm CL06

\tx rRu'ha]
\gm deitar

\tx [pi
\gm 2SG

\tx wa']
\gm INTR

\tx [a'api]
\gm cobra

\tx ta]
\gm M1

\tx i'/'nu]
\gm vir

\tx tTi]
\gm ABS

\tx [[hi'ipa]
\gm cachoeira

\tx [[ma(
\gm bom/bonito {PRIV (+) feio?}

\tx [[a'ini]
\gm mosquito

Fig. 11

C:\WORDS>

C:\WORDS>word

Enter

Esc

Transferir

Carregar

teste1.doc

É preciso digitar os 'templates' tx de acordo com o número de gm, que tenham a mesma representação formal, por exemplo:

\tx a'
\gm ir
\gm dar

Deve ficar assim:

\tx a'
\gm ir
\tx a'
\gm dar

Fig. 12

Salvar em disquete com um novo nome: teste2.doc.

Ordenar alfabeticamente os pares tx e dm.

F6

CTRL + page Dn

Enter

Biblioteca

Enter

Classificação

Enter

Alfanumérico

Enter

Enter

A figura 13 mostra o resultado:

\gm 1SG
 \gm 2PL

 \gm 2SG
 \gm 3SG NA~O FEM

 \gm 3SG NA~O FEM
 \gm 3SG NA~O FEM

 \gm a'rvore.
 \gm ABS
 \gm banco
 \gm bom/bonito {PRIV (+) feio?}

 \gm bom/bonito {PRIV+feio?}
 \gm cachoeira

 \gm cachorro
 \gm casa

 \gm CL06
 \gm CL15

 \gm CL16
 \gm cobra

 \gm comprar
 \gm dar

 \gm deitar
 \gm desejar

 \gm enviar
 \gm friamente

 \gm INTR
 \gm ir

 \gm M1
 \gm ma~o

 \gm mosquito
 \gm pupunha

 \gm TEM: ASSIM
 \gm verdadeiramente

 \gm vir
 \tx [[a'ini]

 \tx [[hi'ipa]
 \tx [[ma(

 \tx [[matsia']
 \tx [a'api]

\tx [e'dai]
 \tx [ha'ape]

 \tx [ha'iku]
 \tx [ha'pe]

 \tx [i
 \tx [lRi

 \tx [nu
 \tx [pan'

 \tx [pi
 \tx [pi'pi

 \tx [tsi'inu]
 \tx a']

 \tx a']
 \tx da]

 \tx dzu]
 \tx i'(

 \tx i'/'nu]
 \tx i'ta

 \tx i]
 \tx ka'api]

 \tx lRi']
 \tx pi'ilRi]

 \tx rRu'ha]
 \tx ta]

 \tx tTi]
 \tx u'ma]

 \tx wa']
 \tx we'n'

Fig. 13

Apagar todas as linhas dos 'templates' tx alfabetizados e as linhas dos 'templates' restantes devem ser emuneradas com números ímpares, e depois salvar em disquete com o nome teste4.doc.

01 1SG
 03 2PL

05 2SG
07 3SG NA~O FEM

09 3SG NA~O FEM
11 3SG NA~O FEM

13 a'rvore.
15 ABS

17 banco
19 bom/bonito {PRIV (+) feio?}

21 bom/bonito {PRIV+feio?}
23 cachoeira

25 cachorro
27 casa

29 CL06
31 CL15

33 CL16
35 cobra

37 comprar
39 dar

41 deitar
43 desejar

45 enviar
47 friamente

49 INTR
51 ir
53 M1
55 ma~o

57 mosquito
59 pupunha

61 TEM: ASSIM
63 verdadeiramente

Fig. 14

Copiar o arquivo teste2.doc do disquete, onde há a lista não alfabetizada dos pares \tx e \gm.

Manualmente, deve-se substituir cada par \gm pelo mesmo número correspondente do arquivo teste4.doc.

Assim:

\tx [ha'iku]
13\gm a'rvore.

\tx [[matsia']
21\gm bom/bonito (PRIV+feio?)

\tx a']
51\gm ir

\tx a']
39\gm dar

\tx u'ma]
43\gm desejar

\tx [pan'
27\gm casa

\tx [e'dai]
17\gm banco
\tx i'ta
33\gm CL16

\tx ka'api]
55\gm ma~o

\tx [lRi
11\gm 3SG NA~O FEM

\tx [tsi'inu]
25\gm cachorro

\tx 1Ri']
07\gm 3SG NA~D FEM

\tx pi'ilRi]
45\gm enviar

\tx i]
09\gm 3SG NA~D FEM

\tx [i
03\gm 2PL

\tx [ha'pe]
47\gm friamente

\tx [ha'ape]
63\gm verdadeiramente

\tx [pi'pi
59\gm pupunha

\tx we'n'
37\gm comprar

\tx dzu]
61\gm TEM: ASSIM

\tx [nu
01\gm 1SG

\tx i'(
31\gm CL15

\tx da]
29\gm CLO6

\tx rRu'ha]
41\gm deitar

\tx [pi
05\gm 2SG

\tx wa']
49\gm INTR

\tx [a'api]
35\gm cobra

\tx ta]
53\gm M1

\tx i'/'nu]
65\gm vir

\tx tTi]
15\gm ABS

\tx [[hi'ipa]
23\gm cachoeira

\tx [[ma(
19\gm bom/bonito {PRIV (+) feio?}

\tx [[a'ini]
57\gm mosquito

Fig. 15

Em seguida, manualmente, substituir cada 'template' \tx por um número par superior ao 'template' \gm.

14\tx [ha'iku]
13\gm a'rvore.

22\tx [[matsia']
21\gm bom/bonito {PRIV+feio?}

52\tx a']
51\gm ir

40\tx a']
39\gm dar

44\tx u'ma]

43\gm desejar

28\tx [pan'

27\gm casa

18\tx [e'dai]

17\gm banco

34\tx i'ta

33\gm CL15

56\tx ka'api]

55\gm ma~o

12\tx [lRi

11\gm 3SG NA~O FEM

26\tx [tsi'inu]

25\gm cachorro

08\tx lRi']

07\gm 3SG NA~O FEM

46\tx pi'ilRi]

45\gm enviar

10\tx i]

09\gm 3SG NA~O FEM

04\tx [i

03\gm 2PL

48\tx [ha'pe]

47\gm friamente

64\tx [ha'ape]

63\gm verdadeiramente

60\tx [pi'pi

59\gm pupunha

38\tx we'n`
37\gm comprar

62\tx dzu]
61\gm TEM: ASSIM

02\tx [nu
01\gm 1SG

32\tx i'(
31\gm CL15

30\tx da]
29\gm CLO6

42\tx rRu'ha]
41\gm deitar

06\tx [pi
05\gm 2SG

50\tx wa']
49\gm INTR

36\tx [a'api]
35\gm cobra

54\tx ta]
53\gm M1

66\tx i'/'nu]
65\gm vir

16\tx tTi]
15\gm ABS

24\tx [[hi'ipa]
23\gm cachoeira

20\tx' [[ma(
19\gm bom/bonito {PRIV (+) feio?}

58\tx [[a'ini]

57\gm mosquito

Fig. 16

Copiar novamente em disquete com o nome de arquivo teste5.doc e em WORD5 listar alfanumericamente os números pares e ímpares.

01\gm 1SG
02\tx [nu

03\gm 2PL
04\tx [i

05\gm 2SG
06\tx [pi

07\gm 3SG NA~O FEM
08\tx [Ri']

09\gm 3SG NA~O FEM
10\tx i]

11\gm 3SG NA~O FEM
12\tx [[Ri'

13\gm a'rvore.
14\tx [ha'iku]

15\gm ABS
16\tx tTi]

17\gm banco
18\tx [e'dai]

19\gm bom/bonito (PRIV (+) feio?)
20\tx [[ma(

21\gm bom/bonito (PRIV+feio?)
22\tx [[matsia']

23\gm cachoeira
24\tx [[hi'ipa]

25\gm cachorro
26\tx [tsi'inu]

27\gm casa
28\tx [pan'

29\gm CL06
30\tx da]

31\gm CL15
32\tx i' (

33\gm CL16
34\tx i'ta

35\gm cobra
36\tx [a'api]

37\gm comprar
38\tx we'n'

39\gm dar
40\tx a']

41\gm deitar
42\tx rRu'ha]

43\gm desejar
44\tx u'ma]

45\gm enviar
46\tx pi'ilRi]

47\gm friamente
48\tx [ha'pe]

49\gm INTR
50\tx wa']

51\gm ir
52\tx a']

53\gm M1
54\tx ta]

55\gm ma~o
56\tx ka'api]

57\gm mosquito
58\tx [[a'ini]

59\gm pupunha
60\tx [pi'pi

61\gm TEM: ASSIM
62\tx dzu]

63\gm verdadeiramente
64\tx [ha'ape]

65\gm vir
66\tx i'/'nu]

Fig. 17

C:\WORD5>

C:\WORD5>cd..\CHI

Enter

C:\CHI>

C:\CHI>cw

Enter

Import

C:\Word5\teste2.doc (Fig. 17)

Agora, bastará fazer as substituições das convenções:

Esc

Screen

Replace

Por exemplo:

1R
Enter
J (este carácter está na nossa Fonte F3, na tecla m
maiúscula)
Enter
All
Enter
Esc
Screen
Replace
wS
Enter
y (este carácter está na nossa Fonte F3, na tecla 5)
Enter
All
Enter

Ainda, deve-se apagar todos os 'templates' \gm e \tx.

Ao final teremos:

01 1SG
02 nu

03 2PL
04 i

05 2SG
06 pi

07 3SG N20 FEM
08 j1

09 3SG NãO FEM
10 i

11 3SG NãO FEM
12 Ji

13 árvore.
14 háiku

15 ABS
16 tTi

17 banco
18 édai

19 bom/bonito (PRIV (+) feio?)
20 ma

21 bom/bonito (PRIV+feio?)
22 matsiá

23 cachoeira
24 híipa

25 cachorro
26 tsíinu

27 casa
28 pan'

29 CLO6
30 da

31 CL15
32 i

33 CL16
34 ita

35 cobra
36 áapi

37 comprar
38 wén'

39 dar
40 á

41 deitar
42 rRúha

43 desejar
44 úma

45 enviar
46 píji

47 friamente
48 hápe

49 INTR
50 wá

51 ir
52 á

53 Ml
54 ta

55 mão
56 káapi

57 mosquito
58 áini

59 pupunha
60 pípi

61 TEM: ASSIM
62 dzu

63 verdadeiramente
64 háape

65 vir
66 1/'nu

Fig. 18

Restará, agora, imprimir em CHIWRITER.

Esc

Printer

Go

Enter

4.2 Amostra do corpus interlinearizado

Optamos por apresentar apenas 100 unidades representativas dentre as 5201 do corpus interlinearizado no IT .

\re SIUSI :UNIDAD 1

\tx ɪnu.

\dm [i -ɪ/'nu]

\gm 3SG INDEF-vir

\tp T: Vocês vêm.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 2

\tx há:pe.

\dm [há:pe]

\gm friamente

\tp T: Frio.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 3

\tx á:pi.

\dm [á:pi]

\gm cobra

\tp T: Cobra.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 4

\tx há:pe.

\dm [há:pe]

\gm verdadeiramente

\tp T: Verdadeiro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 5

\tx tʃhí:nu.

\dm [tʃhí:nu]

\gm cachorro

\tp T: Cachorro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 6

\tx nuká:pi.

\dm [nu-káapi]

\gm 1SG-mão

\tp T: Minha mão.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 7

\tx pán̄i.

\dm [pán' -t̄i]

\gm casa -ABS

\tp T: Casa.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 8

\tx Jiwen̄ta.

\dm [ji -wén' +ta]

\gm 3SG NAO FEM-comprar {RAIZ + TEM14}

\tp T: Ele compra.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 9

\tx Ji'áwa.

\dm [[ji -á]-wá]

\gm 3SG NAO FEM-ir -INTR

\tp T: Ele vai.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 10

\tx Ji'úwa.

\dm [ji -júha]

\gm 3SG NAO FEM-deitar

\tp T: Ele deita.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 11

\tx ajnídzu.

\dm [[áini]+dzu]

\gm mosquito {vespa + TEM: ASSIM}

\tp T: Mosquito/carapanã.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 12

\tx hájku.

\dm [háiku]

\gm árvore

\tp T: Árvore.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 13

\tx édaj.

\dm [édai]

\gm banco

\tp T: Banco.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 14

\tx júma.

\dm [i -úma]

\gm 2PL-procurar/desejar/querer

\tp T: Vocês desejam.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 15

\tx í'ja.

\dm [i -á]

\gm 2PL-dar

\tp T: Vocês dão.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 16

\tx já.

\dm [i -á]

\gm 2PL-dar

\tp Vocês dão.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 17

\tx matʃ'ájte.

\dm [[ma(+)'tʃhía] =i(+)'ta-i]

\gm bom/bonito {bem {PRIV (+) feio?=CL15 -3SG NÃO FEM}

\tp T: Bonito.

\ng Caso /ma/ não fosse um PRIVATIVO, mas sim, a sílaba inicial do radical, a representação subjacente seria /mátʃhia/.

\re SIUSI :UNIDAD 18

\tx pí:piji.

\dm [píipi+jí]

\gm pupunha {RAIZ + 3SG NÃO FEM}

\tp T: Pupunha.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 19

\tx pipí:ji.

\dm [pi-pííji]

\gm 2SG-enviar

\tp T: Você envia.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 20

\tx hi:páda.

\dm [[híipa]+da]

\gm pedra {cachoeira + CL06}

\tp T: Pedra.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 21

\tx aphepáda.

\dm [[ápa]=hí(+)+pa+da]

\gm um =CL10 {CL09 + CL06 ??}

\tp T: Um (pedaço).

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 22

\tx núka:je.

\dm [nu-káa:je+']

\gm 1SG-corção {RAIZ + TEM8}

\tp T: Meu coração.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 23

\tx pí:nwa.

\dm [pi-inu+a]

\gm 2SG-matar {RAIZ + TEM1}

\tp T: Você mata.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 24

\tx j'éma.

\dm [ji -éma]

\gm 3SG NAO FEM-morar

\tp T: Ele mora.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 25

\tx n'éma.

\dm [nu-éma]

\gm 1SG-morar

\tp T: Eu moro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 26

\tx j'áku.
\dm [ji -áku]
\gm 3SG NAO FEM-dizer/falar

\tp T: Ele fala.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 27

\tx nʷáku.
\dm [nu-áku]
\gm 1SG-dizer/falar

\tp T: Eu falo.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 28

\tx j'úma.
\dm [ji -úma]
\gm 3SG NAO FEM-procurar/desejar/querer

\tp T: Ele deseja.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 29

\tx nʷitu.
\dm [nu-ít+u]
\gm 1SG-filha {RAIZ + FEM}

\tp T: Minha filha.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 30

\tx kájda.
\dm [kái(+)da]
\gm praia {RAIZ +? CLO6}

\tp T: Praia.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 31

\tx hapéjte.

\dm [[hápe] =1(+ta-i]
\gm frio {friamente =CL15 -3SG NAO FEM}

\tp T: Frio.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 32

\tx nújnaj.
\dm [nu-'i+nái]
\gm 1SG-RELAC ASSOC

\tp T: Comigo.

\ng cf. COLETIVO /-nái/

\re SIUSI :UNIDAD 33

\tx hámuji.
\dm [[ha+mú]+jɨ]
\gm ano/estiagem {quente {PE1 + RAIZ} + 3SG NAO FEM}

\tp T: Ano.

\ng Cf. /ha+mú/ 'estar quente', /-ka+mú/ 'esquentar' e
/ka+mú+i/ 'sol'

\re SIUSI :UNIDAD 34

\tx jaká:.
\dm [ɨakaa+C']
\gm longe {RAIZ + TEM2}

\tp T: Longe.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 35

\tx núʷa.
\dm [nu-á]
\gm 1SG-dar

\tp T: Eu dou.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 36

\tx ɠʷá.
\dm [nu-há]

\gm 1SG-DEIT

\tp T: Eu.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 37

\tx Jikápa q^wá.

\dm [[ji -kápa]#nu -há]

\gm 3SG NAO FEM-ver #1SG-DEIT

\tp T: Ele me vê.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 38

\tx Jikapá q^wá.

\dm [[ji -kápa]#nu -há]

\gm 3SG NAO FEM-ver #1SG-DEIT

\tp T: Ele me vê.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 39

\tx Jikájte.

\dm [[ji -káite]

\gm 3SG NAO FEM-falar

\tp T: Ele fala.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 40

\tx Jikajtékaqu.

\dm [[ji -káite]-ka+qú]

\gm 3SG NAO FEM-falar -POTENC

\tp T: Para ele falar.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 41

\tx J'áwaKK.

\dm [[ji -á]-wá] -KK]

\gm 3SG NAO FEM-ir-INTR-EMOC

\tp T: Ele foi embora!

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 42

\tx wájakK.

\dm [[wa-ja]háha] -KK]

\gm 1PL -ir -EMOC

\tp T: Vamos!

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 43

\tx wájakK.

\dm [[wa-ja]háha] -KK]

\gm 1PL -ir -EMOC

\tp T: Vamos!

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 44

\tx j'áwa:.

\dm [[[ji] -á]-wá] -:]

\gm 3SG NAO FEM-ir-INTR-EMOC

\tp T: Ele foi embora.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 45

\tx mátf'akKtsa.

\dm [[[ma(+)]tfia] -KK] -tsá]

\gm Ótimo {bom/bonito {bem {PRIV (+) feio?-EMOC-RESTR}}

\tp T: Ótimo!

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 46

\tx ina:.

\dm [i -i/'na+a]

\gm 2PL-mandar {RAIZ + TEM1}

\tp T: Vocês mandam.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 47

\tx i:na.

\dm [iina]

\gm mulher

\tp T: Mulher(es).

\ng Mulheres ou "mulherada": aqui há ausência de plural.

\re SIUSI :UNIDAD 48

\tx i:na ina:.

\dm [iina] [i -i/'na+a]

\gm mulher 3SG INDEF-mandar {RAIZ + TEM1}

\tp T: As mulheres é que mandam.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 49

\tx yépa.

\dm [wa-hípa]

\gm 1PL-pegar

\tp T: Pegamos.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 50

\tx yé:pa.

\dm [wa-hépa]

\gm 1PL-acreditar

\tp T: Acreditamos.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 51

\tx hápe.

\dm [hápe]

\gm friamente

\tp T: Frio.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 52

\tx há:pe.

\dm [háape]

\gm verdadeiramente

\tp T: Verdadeiro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 53

\tx júma:.

\dm [ju -Híma+a]

\gm 3FEM-dormir (RAIZ + TEM1)

\tp T: Ela dorme.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 54

\tx jú:ma.

\dm [ju -úma]

\gm 3FEM-procurar/desejar/querer

\tp T: Ela procura.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 55

\tx nukápa.

\dm [nu-kápa]

\gm 1SG-ver

\tp T: Vejo.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 56

\tx nuká:pi.

\dm [nu-káapi]

\gm 1SG-mão

\tp T: Minha mão.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 57

\tx wé:paka.
\dm [[wa-hípa] -ká]
\gm 1PL -pegar -PROG

\tp T: Estamos pegando.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 58

\tx wé:paka.
\dm [[wa-hépa] -ká]
\gm 1PL -acreditar-PROG

\tp T: Estamos acreditando.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 59

\tx pí:nu.
\dm [pi-í/'nu]
\gm 2SG-vir

\tp T: Você vem.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 60

\tx pí:nu.
\dm [pi-ín+u]
\gm 2SG-mulher {cônjuge + FEM}

\tp T: Sua mulher.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 61

\tx púwe.
\dm [púwe]
\gm macaco

\tp T: Macaco.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 62

\tx phí:tʃhi.
\dm [píihi+tʃhi]

\gm cutia {RAIZ + TEM3}

\tp T: Cutia.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 63

\tx kúphe.

\dm [kúpa+hi]

\gm peixe {RAIZ + TEM: RELAC}

\tp T: Peixe.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 64

\tx tá:ja.

\dm [táa_hja]

\gm duramente

\tp T: Ser duro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 65

\tx n^witu.

\dm [nu-1t+u]

\gm 1SG-filha {RAIZ + FEM}

\tp T: Minha filha.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 66

\tx ithi_hi.

\dm [i -túhi -_hi]

\gm 3SG INDEF-olho -ABS

\tp T: Olho.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 67

\tx pé:the.

\dm [péeta+hi]

\gm beiju {RAIZ + TEM: RELAC}

\tp T: Beiju.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 68

\tx ʔi:we.

\dm [ʔiwe]

\gm remo

\tp T: Remo.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 69

\tx dʒá:ʔe.

\dm [dʒáʔe]

\gm tucano

\tp T: Tucano.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 70

\tx dʒa:théni.

\dm [dʒáʔe =(h)éni]

\gm tucano =filhote

\tp T: Filhote de tucano.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 71

\tx newiki.

\dm [néwi+ki]

\gm ser humano/pessoa {RAIZ + TEM4}

\tp T: Pessoa.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 72

\tx kenakúda.

\dm kénakuda

\gm quantos

\tp T: Quantos.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 73

\tx akhepida.

\dm [[áka(+)>hi(+)>pi] =da]

\gm vasilha de barro {RAIZ + TEM: REALC + ?}=CL06

\tp T: Vasilha de barro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 74

\tx itsákha.

\dm [itsa+ká(+)>ha]

\gm linha para pescar {anzol + CL16}

\tp T: Linha para pescar.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 75

\tx bajúme.

\dm [bájú+`+mé]

\gm arrebentar {RAIZ + TEM5 + RESULT}

\tp T: Arrebentar.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 76

\tx bukúkuji.

\dm [búkuku+jí]

\gm coruja {RAIZ + 3SG NAO FEM}

\tp T: Coruja.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 77

\tx bújume.

\dm [bújú+`+mé]

\gm machucar {RAIZ + RESULT}

\tp T: Machucar.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 78

\tx dé:pi.
\dm [déepi]
\gm anoitecer

\tp T: Noite.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 79

\tx dá:pa.
\dm [dáapa]
\gm paca

\tp T: Paca.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 80

\tx manúpe.
\dm [mánu+pe]
\gm muitos {RAIZ + PLUR}

\tp T: Muitos.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 81

\tx jimútu.
\dm [ji -mútu]
\gm 3SG NAO FEM-sair

\tp T: Ele sai.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 82

\tx mēpatsa.
\dm [[ma+hípa] -tsá]
\gm pegar {PRIV + RAIZ}-RESTR

\tp T: Não pegues!

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 83

\tx numéje:ji.
\dm [nu-máhi+je -ji]
\gm 1SG-irmão menor-3SG NAO FEM

\tp T: Meu irmão menor.

\ng O alongamento vocálico de POSS1 não é explicado.

\re SIUSI :UNIDAD 84

\tx né:ni.

\dm [néeni]

\gm DEIXIS

\tp T: Ai.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 85

\tx nʷinʷa.

\dm [nu-1/'nu+a]

\gm 1SG-matar/bater-se/brigar {RAIZ + TEM1}

\tp T: Eu mato.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 86

\tx nʷi qʷa.

\dm [nu-1/'nu+ha]

\gm 1SG-morder {RAIZ + TEM6}

\tp T: Morder.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 87

\tx nʷáge:.

\dm [nu-ánaa+hi]

\gm 1SG-saber {RAIZ + TEM: RELAC} ?

\tp T: Sei.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 88

\tx nʷipa:.

\dm [nu-1/'nia+a]
\gm 1SG-bater {RAIZ + TEM1}

\tp T: Bato.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 89

\tx nukep^wéta.

\dm [[nu-kéniu+a] -i+ta]

\gm 1SG -começar {RAIZ + TEM1}-TRANS + CAUS

\tp T: Eu começo.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 90

\tx n^wiğa.

\dm [nu-1/'ni+ha]

\gm 1SG-comer {RAIZ + TEM6}

\tp T: Eu como.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 91

\tx nuğéta.

\dm [nu-1/'ni+ha+i+ta]

\gm 1SG-esfregar/pintar/passar sabão na roupa {RAIZ + TEM6 + TRANS + CAUS}

\tp T: Eu esfrego.

\ng Relação semântica com -1/'ni+ha 'comer'?

\re SIUSI :UNIDAD 92

\tx tsakhá.

\dm tsákaha ?

\gm também ?

\tp T: Também.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 93

\tx tsú:daji.

\dm [[tsúu] =da -jɨ]

\gm pequeno/curto=CL06-3SG NAO FEM

\tp T: O que é pequeno.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 94

\tx tsé:tu.

\dm [tséetu]

\gm cesto

\tp T: Cesto.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 95

\tx mitsa.

\dm [mitsa]

\gm missa/semana

\tp T: Missa/semana.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 96

\tx tʃhɨ:nu

\dm [tʃhɨinu]

\gm cachorro

\tp T: Cachorro.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 97

\tx hámuji.

\dm [[ha+mú]+jɨ]

\gm ano/estiagem {quente {PE1 + RAIZ} + 3SG NAO FEM}

\tp T: Ano/estiagem.

\ng Cf. /ha+mú/ 'estar quente', /-ka+mu/ 'esquentar' e /ka+mú+i/ 'sol'.

\re SIUSI :UNIDAD 98

\tx hé:ma.
\dm [héema]
\gm anta

\tp T: Anta.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 99

\tx dzá:wi.
\dm [dzáawi]
\gm onça

\tp T: Onça.

\ng

\re SIUSI :UNIDAD 100

\tx kádzu.
\dm ká(+)dzu
\gm assim

\tp T: Assim.

\ng

4.3 Dicionário Português-Siusi

- Os verbos atributivos são seguidos do sufixo de 3SG /-ní/.
- Os nomes inalienáveis possuídos e os verbos ativos são precedidos do prefixo de 1SG /nú-/ 'eu, meu'.
- A nasalização previsível da vogal diante de nasal está omitida na transcrição.
- (EM) = Empréstimo do português ou espanhol.

abacate	[pijída]
abacaxi	[má:wi <u>ɲ</u> u]
abdomen	cf. fígado
abelha	[mapéna i <u>ɲ</u> áda]
abelha	[má:pa]
abelha	[mapéna]
abelha africana	[tíde mápani]
abelha operária	[mapéna]
abóbora	[ju <u>ɲ</u> úmu]
abraço	[phedwáka]
abridor de lata	[pameta <u>ɲ</u> úpa láta](EM)
abrir	[numé:ta]
abrir brecha	[hajá:ni]
abundar	[hu <u>ɲ</u> éni]
acabar	[nu <u>ɲ</u> ájta]
acabar (TRANS)	[nuwadzáka]
acabar (INTR)	[nuwadzaká:kawa]
açaí	[manákhe]
açaizeiro	[manakhépinaku]

acaricuara	[túphi:]
acender	[nudukúpa]
acne	cf. espinha facial
acordar (TRANS)	[nuka:ɣ'éta]
acordar (INTR)	[nukáɣ'a]
acordar (INTR)	[ká:ɣini]
acreditar	cf. responder
adoecer	[nuda:mi]
adúltera	[madwidʷámi]
adúltero	[madʷiniɟími]
adulto	[pedaɟ'eténa]
aeroporto	[aviãu ɟiwakaɟúda] (EM)
afastar	[qʷenéta]
afastar-se	cf. dividir-se
afogar	[nʷawípa]
agora	[pándza]
água	[ú:ni]
água que ferve	[ithjakagaj]
aguilhão	[nʷíwi]
agulha	[á:wi]
ai	[né:ni]
ai	[né:je]
ajuda	[ikitʃhindatakáda]
ajudar	[nukitsindáta]
alagar	[qʷeɟéta]
alagar-se	[qʷeɟa]
alegria	[iɟimáte]
alfinete	[awfinétʃhi] (EM)

algodão	[amáɲu]
amanhã	[théwena]
amanhecer	[pidzú:meni]
amar (1)	[numéɬa]
amar (2)	[nupédu]
amarelo	[é:wani]
amarrar	[nupáɬa]
amiga	cf. amigo
amigo	[nikitʃhinda]
amor	[ipedzukhéte]
andorinha	[ɬiɬipi]
anel	[ánew] (EM)
animal	[itʃhiɬi]
animal de caça	[nupíɬa]
ano	[hámuɬi]
anoitecer	[dé:pini]
anta	[hé:ma]
antena de rádio	[rádiw jantenani]
antipático	[menajtétɬa]
ânus	[jeɬekúɬi]
anzol	[ɬtsa]
apagar	[nudzaɬikéta]
apagar-se	[dzaɬime]
apanhar	[nuniwa]
aparecer	[kathiná:ni]
aparelho de som	[makína] (EM)
aparelho de som	[aparéɬu] (EM)
apodrecer	[nú:pa]

apontador de lápis	[pakematakaʒúda]
aqui	[átaha]
aqui	[apáha]
ar	[káwaʒe]
aranha	[éni]
arara	[ádaʒu]
arariranha	[pídu]
arbusto	[matʃhidaʒída]
arco	[i:tʃh'apúʒi]
arco-íris	[héw'a]
arder (picante)	[há:kani]
argila	[káʒe]
arrancar	[ʒúʒa:] / [ʒíʒa:]
arraia	[jámaʒu]
arrancar mandioca	[numáʒa]
arrastar-se	[ʒiʒákʷa] / [ʒiʒáka]
arrastar-se no chão	[ʒíts'a]
arrebentar	cf. quebrar
arrebentar	[pháʒimeni]
arrebentar	[baʒúmeni]
arroz	[áxus]
artéria	[pataʒapíte]
artelho	[ʒitúkʷa káwe pakapída]
árvore	[háʒku]
árvore	[haʒkúna]
asa de abelha	[mapéna iphémi]
asfalto	[máʒni]
assado	[mitʃhíʒi]

assim	[kádʊ]
assinalar	[nukhena:náta]
assobio	[pewíʔaka]
até	[té] (EM)
atirar	[nuɖawíta]
atirar	[nutuʝúka]
atravessar um rio	cf. nadar
aurora	[kámʷi imútukawa]
ave	[iʝakápa]
avião	[jaʝakája]
avô	[ɖwéʝi]
axila	[pakʷapi mákaʝiku]
azar	[menajtésa]
azarado	[menajtésa iká:pi]
baba	[panumájkaje]
baba	[ʝikaʝipeje]
bacia	[basíʔa] (EM)
bagagem	cf. carga
bainha	cf. curuáta
balança	[papéʝa ʝikaʝúda]
balançar	[nupukʷita]
balançar (rede)	[nuʝapátha]
balançar-se	[nupúku]
balanço	[ikʷaʝaʝikáda]
balde	[báwɖʝi] (EM)
balde de água	[bawɖʝú:ni] (EM)
balsa	[báwsa] (EM)
bambu	[jáʝawa]

banana	[paʝána]
banana comprida	[paʝána hemápaʝi]
bananal	[paʝanáda]
bananal	[paʝanápi]
banco	[édaʝ]
bandeja	[padekaʝuda iɣaudaʝi]
banha	cf. gordura
banheiro	[papíta kaʝúda]
barata	[aʝáwe]
barba	[itʃhinumáʝi]
barba de milho	[kanatʃhíkuʝe]
barranco	[hekaɾáwa]
barriga	[iʝadáʝi]
barriga da perna	[páʝi]
barriga da perna	[ikawadáʝi]
barrinha de ferro	[tʃhipáʝa hi:páda]
barrinha de ferro	[tʃhipaʝá:pu]
barulho	[ʝimáni]
bastar	[núkʷa]
batata doce	[káʝiʝi]
batom	[paʝléta ʝúpa panúma]
bater	[nʷípa:] / [nújpa:]
bater-se	[nʷínʷa]
bebê	[keʝáʝtaʝi]
beber	[nʷíʝa] / [nújʝa]
bebida de banana	[paʝáka]
beija-flor	[pími]
beijo	[ʝitsutsuka]

beiju	[pé:the]
benefactivo	[pidá]
benzer	[nupápa]
benzer (do pajé)	[nupútsʷa]
berço	[jenipéʔi ip'étaje]
berne	[iʎéntʃi]
berne de cão	[madúguʎu]
berro	cf. grito
bicho da seda	[wáʎi]
bicho-do-pé	[itʃitu]
bico	cf. nariz
bico de beija-flor	[pími hitáku]
bigode	[itʃhinumáʃi]
bigode de capivara	[kétu itʃhinúma]
bisavó	[péʎumi]
bisavó	cf. avó
boba	[magekádaʎu]
bobo	[magekáʃte]
boca	[nunúma]
bocejo	[ʎimé:taka ʎinúma]
bochecha	[ikakúʃi]
boiar	[numáʎa]
boiar	[nuʃámʷa]
bola	[bóla] (EM)
bolha	[patúʎa makáne]
boné	[bo:né] (EM)
bonito	[matʃ'áʃte]
borboleta	[káwi]

borboleta	[makáju]
borracha	[boxája] (EM)
borrachudo	cf. carapanã
bosta	[nújja]
botija de gás	[tídeja]
boto	[amána]
braço	[nuná:pa]
branco (não indígena)	[jajanáwi]
brecha	[hajajáwani]
brigar	cf. bater-se
brilhar	[núkana]
brilhar	[kejá:ni]
brilho	[kéja:]
brincadeira	[tupikádaɟi]
brincar	[nutupíka]
brinco	[h'entadate]
brisa	[káwaje hapédaɟi]
broto	[híte]
broto	[ɟipúdu]
broto de feijão	[fejzáũ híte] (EM)
bucho	[paɟáda]
bulê	[búli] (EM)
buraco na pedra	[hi:padáphi]
buraco no chão	[ɟinumáwa]
cabaça	[kabása] (EM)
cabeça	[q̣wiwída]
cabeceira (de rio)	[ú:ni hiwídami]
cabelo	[nutɟhíkuje]

cabelo de milho	[kanatʃhikuje]
caber	cf. bastar
cabo de aço	[tʃhipajákha]
caça	[wíni]
caça de anta	[itʃhiqi hé:ma]
caça de macaco	[itʃhiqi púwe]
cacau	[kakáwa] (EM)
cachaça	[jajáke]
cacho	cf. curuáta
cacho de assaí	[manákhe]
cacho de banana	cf. banana
cachoeira	[hí:pa]
cachorro	[tʃhí:nu]
cachorro selvagem	[maboʃiboʃi]
cadáver	[majʼumétemi]
cadeira	[kadéra] (EM)
cadela	[tʃhí:nu inaʃúna]
cair	[qíwa]
caixa d'água	[ú:ni aʃúda]
caixa de anzóis	[ítsa]
caixa de fósforos	[másu pajítu] (EM)
caixa de madeira	[káʃa hajkúda] (EM)
caixa de palitos	[pajítu] (EM)
caixa de plástico	[káʃa plastikúda] (EM)
caju	[akáju]
cal	[tʃhíta]
calango	[híwe]
calango	[dú:pu]

calango marrom	[akaɣámaɣi]
calar-se	[má:kukani]
calcanhar	[pakuɣúda]
calcinha	[inaɣu ikʷékani] (EM)
caldeirão	[kawderáw] (EM)
calo	[hi:páda kapája]
cama	[káma] (EM)
camarão	[ɕá:ka]
caminhão	[kamipáw]
caminho (POS)	[nʷapúwa] / [nʷapuwána]
caminho (ABS)	[inípu]
camisa	[kamítsa] (EM)
camisinha	[kamizípa] (EM)
campo limpo	[matʃh'áphi]
camundongo	[ɣi:ɣ'éni]
cana de açúcar	[má:pa]
canção	[nukantánika]
canela	[pakawaphítɿ]
caneta	[lapizéru] (EM)
canibal	[nawiki igakákawa]
caniço	[i:tsápu]
cano	[ú:ni iɕajnakauúda]
canoa	[íta]
canoinha	[iténi]
cansar-se	[há:mani]
capim	[maɣitʃhi]
capim alto	[matʃhíkawa]
capim baixo	[matʃhídaɣi]

camundongo	[ʃi:ɟ'ɛni]
cana de açúcar	[má:pa]
canção	[nukantánika]
canela	[pakawaphiɬi]
caneta	[lapizéru] (EM)
canibal	[nawíki iɣakákawa]
caniço	[i:tsápu]
cano	[ú:ni idɔajnakaɟúda]
canoa	[íta]
canoinha	[itɛni]
cansar-se	[há:mani]
capim	[maɟitʃhi]
capim alto	[matʃhíkawa]
capim baixo	[matʃhidaɟi]
capinzal	[matʃhidaɟikʷa]
capivara	[kɛɬu]
cara	[ɟ'ɛkʷa]
caracol	[tʃhíkʷa]
carangueijo	[ká:tʃhi]
carapanã	cf. mosquito
carga	[ke:ɬáda]
carisu	[phe:ɟuméki]
carne	[nʷípe]
carniça	[ekúka]
carrapato	[kúpaɟi]
carrapicho	[tʃhitamédajɪ]
carrapicho	[awída]
carregar	[nukɛɬadáta]

carro	[káju]	
carta	[káxta]	(EM)
caruru	[tʃhiátʃhi]	
carvão	[tʃidɐmɐni]	
carvão	[mɛ]	
casa (POS)	[nú:pana]	
casa (ABS)	[pántʃi]	
casar-se (a mulher)	[kájniɟinu]	
casar-se (o homem)	[kájnuni]	
casca de cebola	[sebolája]	
casca de mandioca	[kajníja]	
cascavel	[adájpi]	
casco de jabuti	[itʃhidája]	
catarro	[wétʃhi]	
causar	[níma]	
cavalo	[kaválu]	(EM)
cavar	[púka]	
caverna	[haɟajáwani hidápa]	
caxini	[ɟajákhi]	
caxini	[padɔawajúna]	
céu	[é:nu]	
céu da boca	[patájaje]	
céu de Deus	[diwenuɟikuɟe]	
cega	[maɟidájumi]	
cego	[maɟidájimi]	
celebrar a festa da puberdade	cf benzer	
cemitério	[napapéku kaɟúda newíki]	
cenoura	[senóa]	

cera	[mapad ^w ɪɲa]	
cerca	[kuɭáɭa]	
cesta	cf. cesto	
cesto	[tʂétu]	(EM)
cesto feito de cipó	[ká:me]	
chamar	[nuwána]	
chápeu	[tsapéwa]	(EM)
chegar	[nú:ka]	
cheia	[ɟimutákawa]	
cheirar	[n ^w émʼa]	
cheirar mal (carniça)	[ɪ:ɲajni]	
cheiro	[ɟítani]	
chifre	[núts ^w a]	
chinelo	[sandájʼa]	(EM)
chipanzé	[k ^w ata]	
chiqueiro	[kutʂhijaɣúda]	
choca (com ovo)	[ké:ɣe]	
chorar	[n ^w ɪdza] / [nújdza]	
choupana	[panɬʼéni]	
choupana	cf. casa	
chover	[ɪdzakani]	
chumbo	[ɟúmbu]	(EM)
chuva	[ɪdʒa]	
chuveiro	[ú:ni mutukaɣúda]	
cicatriz	[ɪdʒanéte japú ^w ami]	
cigarra	[dʒúɭu]	
cílio	[itʂipitʂhɪɬi]	
cimento	[siméntu]	(EM)

cinza	[páʝi]	
cinza	[paʝ'áda]	
cipó	[dápi]	
cipó enrolado nos pés	[ideŋapukúʝi]	
cisco	[paʝi:piʝa]	
clara de ovo	[ʝ'ajédaʝi]	
clavícula	[paʝ'ápa]	
coador	[paɕenéta kaʝúda]	
cobertor	[jaʝuphéʝi]	
cobra	[á:pi]	
cobiçar	cf. amar (1)	
cobra coral	[dúki]	
cobra d'água	cf. jibóia	
cobre	[kóbri]	(EM)
coceira	[wedáʝi]	
coceira (muita)	[wepéʝi]	
coco	[kóku]	(EM)
cogumelo	[ipaʝmí:ʝi]	
coisa comprida	[ʝikiʝikikhaʝ]	
coito	[itaʝakhéʝi]	
colar	[maʝújo]	
colchão	[kowʝáw]	
coleção	[jaʝikáda iniwa]	
colher	[kuʝéja]	(EM)
colher	cf. apanhar	
colméia	[má:pa aʝaʝúda]	
começar (TRANS)	[nukeŋwéta]	
começar (INTR)	[nukéŋwa]	

comer	[nʷiɲa] / [núɲa]
comércio	[pána pawénta kaɲúda]
comida	[iɲawadáɲi]
comigo	[núɲaɲ]
companheiro	cf. amigo
comprar	[nuwénta]
construir	cf. fazer
contar	[nukáɲte]
contar	[núwa]
contas	cf. missanga
contracâmbio	[kʷáda]
copo	[ú:ni]
copo d'água	[kanéku ú:ni]
coração	[núka:ɲe]
corda	[ɣunúɲu]
corda para atar rede	[hinúɲu]
cordão umbilical	[numútʃɲu]
corpo	[padáki]
corredeira	[ɲʲekukákha]
corrente de rio	[ú:ni hɲekúkha]
correr	[nʷéku] / [ɣʷéku]
cortador de unha	[patakakúpa patʃúta]
cortar	[nudáka]
cortar (sem arrancar)	[nutákha:]
cortar o cabelo	[ɣiwíta]
corte	cf. roupa
coruja	[bukúkujɪ]
coruja	[pú:puɲɪ]

costa	[ithamáɬi]
costas	[nuɬ'ápa]
costela	[papeɟamápi]
cotovelo	[panapawáthe]
cotovelo (ponta)	[patawíɟe]
couro de lontra	[pidúja]
couro de onça	[ɖa:wí:ja]
coxa	[nuphína]
coxo	[kútsaj]
cozinhar	[nudʒána]
cozinhar na brasa	[qʷéma]
crânio	[phewidápi]
cravar	[nutúda]
crepúsculo	[de:pína]
crescer	[nutawípa]
criação (animal)	[pataupáda]
criança	[jenipéɬi]
cruz	[kuɟútsa]
cruzeiro do sul	[kuɟútsa]
cueca	[kʷéka]
cuia	[á:ɬa]
cume (morro)	[ɟipujiku]
cumieira	[itugíwinaku]
cunhada	[nunídʷa]
cunhado	[nuɟimáɬajɟi]
cupim	[kamáɟa]
cupinzeiro	[kamaɟáda]
curuáta de açai	cf. açai

curuáta de inajá	cf. inajá
curuáta de pupunha	cf. pupunha
curupira	[awakajúna]
cuspir	[ɣiwita]
cutia	[phɪ:tʃhi]
dai	[ɣé:tɛ]
dançar	[nujápa]
dar	[nʷá] / [núʷa]
dar de comer	[nukapáwa]
dedo da mão	[nuka:phíwi]
dedo do pé	[ɣʷiphéwi]
dedo mindinho	[tʃiki]
defecar	[nútu]
deitar	[núʷa]
deixar	[nukáda:]
deixar	[numáka]
desjejum	[najjaka kamúka]
demônio	[ipájmi]
demorar	[dujúmeni]
dente	[nʷétsa]
dente canino	[petsatajaʷipe]
dente molar	[pakakuɟikhʷe]
derramar	[nʷáɟu]
derrubar	[nú:ka]
desaparecer	[nupápa]
descascar	[núku]
descer	[nu:ɟúku]
desenhar	cf. escrever

desenho	[pa de naʃi da]
desmanchar	[nuke _ɲ ʷéta]
desmanchar-se	[nuʃéwa]
desodorante	[pumenjágaʃ]
despedaçar	cf. cortar
deus do trovão	[maʃiʃi]
dia	[hekʷápi]
dia seguinte	[théwaduʃe]
diabo	[ípaʃ]
diadema	[paʃamaʃita]
diarréia	[tú:ʃi]
diferente	[pʷadʒátsa]
dinheiro	[paʃáta]
discurso	cf. fala
divertir-se	[nutsímaka]
dividir cf.	afastar
dividir-se	[ŋʷenéta]
dizer	[nʷáku]
dobrar	[nutsikejéta]
doce	[puʃi da daʃi]
doce	[puʃi da]
doença	[i da amikáte]
doer	[kájni]
doer	[kájwini]
doido	cf. louco
dois	[dʒáma]
dono	[numínaʃi]
dono de algo	[imínanaʃ]

dor	[kajwika]
dormir	[níma:]
dourado	[púje]
edifício	cf. casa
égua	[kaválu inaɟúna] (EM)
elástico	[plastikukha] (EM)
eliminar	[nupé:ku]
embriagar-se	[nudewána]
embrulho de papel	[papéja] (EM)
embrulho de papel	[ipahéta káda papéja]
embrulho de peixes	[kúphe]
embrulho de roupa	[tsája]
empurrar (só para frente)	[nupe:ɟáta]
empurrar (em qualquer direção)	[nudwíta]
encher	[nuketá:ta]
encontrar	[nu:kéta]
encostar	[nupátu]
enfocar	cf. brilhar
enganar	[numanéta]
engolir	[numajéta]
enguia elétrica	[ɟakáta]
então	[méwejiku]
enteado	[matawipákaje]
enterrar	cf. esconder
enterro	[papekukáni]
entrada	[phewakajúda]
entrar	[ɠwéwa]
envelope	[káxta jajúda]

enviar	[nupí:ʝi]
enxugar	[ɔʷáʝa]
época das chuvas	[idáʝaniʝi]
época das pupunhas	[pi:piʝ'aniʝi]
época de jejum	[kaʝidáʝamaj]
erva	[tapedápe]
errar	[má:tsini]
escada	[peʝakakúʝna]
escola	[pakadəkatakakúʝda]
esconder	[nudáwa]
escorpião	[dájɛ]
escravo	[inukajtapáda hípaʝ nakhite]
escrever	[núdana]
escuridão	[kadawaka]
escutar	[ɔíma] / [ɔúma]
esfregar	[nʷipéta]
esfregar roupa para lavar	[nuts'úka]
espantar	[nuʷ'éta]
espelho	[kana:ʝi]
esperar	[nuwápa]
espingarda (L.G.)	[múkawa]
espinha	[paʝɔápi]
espinha facial	[jekʷeʝéʝi]
espinho	[dúwiʝu]
espinho	cf. aguilhão
espinho	[nʷíwi]
espirrar	[ɔutsíɔa]
espirro	[patʝiɔaka]

esposa	[nʷɪnu]
esposo	cf. marido
espuma de rio	[u:níkaje]
espuma de sabão	[sabãw ɪkaje] (EM)
esquecer	[numawadáka]
esquecer	cf. deixar
esquentar	[nukámu]
esquilo	[mádeɟi]
estar aberto	[haɟá:ni]
estar carregado	[ke:ɬádani]
estar cerca	cf. ser pequeno
estar cheio	[pákhameni]
estar com medo	[núɣʷu]
estar com medo	[káɟuni]
estar com saúde	[maɟéna:ni]
estar com sede	[máka:ɟeni]
estar com sede	[mawiɬákajni]
estar com suor	[keɲápeni]
estar com vergonha	[kapájmanini]
estar cru	[i:nátsani]
estar doente	[kaɟená:ni]
estar limpo	cf. ser limpo
estar limpo	[maduɣénani]
estar longe	[jaká:ni]
estar maduro	cf amarelo
estar pesado	[hamɪʔani]
estar quebrado	[túkumeni]
estar quente	[hámunɪ]

estar seco	[mé:ʔani]
estar sem vergonha	[mapájnani]
estar sujo	[duwenáni]
estar sujo	[ka:píʔani]
estar suspenso	[núkʷa]
estar triste	[inúna:ni]
estar vazio	[me:ʔádani]
esteio	[tóphi]
estiagem	cf. ano
estiagem	cf. ano
estilingue	[pájnʷa ʔupa kepiʔéni]
estojo para lápis	[pakáda kaʔúda lápi]
estômago	[paʔada]
estória	cf. fala
estrábico	[ʔiʔimajetaka]
estragar	[numáʔsika]
estrangeiro	[inukadapáda hípaj nakíte]
estrela	[hiwíʔi]
excremento	[núʔʔa]
expiração	[káwaje imútukawa]
face	[majíʔe]
facho	cf. tocha
faísca	[ʔíʔa iwáʔsa:kawa]
faixa para carregar bebês	[pákʷa pikaʔúda jenipéʔi]
fala	[nʷakúna]
falar	[ká:kuni]
falar	cf. contar
falar mal de alguém	[numáʔsita]

faltar	[kanákajni]
fantasma	cf. demônio
farinha	[matsuka]
fatia fina de abacaxi	cf. abacaxi
favo	[jidúŋ'aju]
fazer	[nudekáta]
fazer barulho	cf. soar
fazer entrar	[ŋwéta]
fazer	[nude:ŋi]
fazer frio	[hápeni]
febre	[hámu]
fechar	[nʷita]
feder	[é:kuni]
feijão	[kumána]
feitiço	[pamatʃhikaka]
ferrão	cf. agulha
ferro	[tʃhipája]
ferver	[iθja]
fezes	cf. bosta
ficar em pé	cf. levantar-se
fígado	[nujupána]
ficar	[nʷáda]
ficar de pé	[nʷéma]
fila de formigas	[kú:ye]
filha	cf. filho (criança)
filha (parente)	[nʷitu]
filho	[nʷiji]
filho (criança)	[nʷenípe]

filhote	[p ^w éni]
fincar	cf. cravar
fio de tucum	[kumaɟ'ákha]
fio elétrico	cf. fio de tucum
flauta	[ɟ'ápi]
flauta	[japuɟútu]
flauta	[phe:ɟúma]
flecha	[ɕawithjapúti]
flecha	[kapáwi]
flechar	cf. atirar
flechar	[nú:ku]
flor	[n ^w iwi]
floração	[kéwi káɟwa káɟku]
floresta	[háɟku ɟimáɟiku]
focar	cf. brilhar
fogo	[tiɕe]
fogueira lugar	[páɟi]
folha	[panáphe]
folha	[ɟíphe]
folha de babana	[paɟanáphe]
folha de caraná	[tína]
fome	[mawitákaj]
força	[kedzaɟúdaɟi]
força	[kedzá:ku]
formiga	[ikawípe]
formiga lava- pé	[kawípe jokukápe]
formigueiro	[kawípe ipána]
fossa	[thewákaje]

fossa	[híɖa kúɽi]	
fralda	[jamakaɽiwána]	
fraqueza	[ɱeɖaɽúdaɽi]	
freira	[paɽtádʷa]	
frigideira	[paɽitutakaɽʷápi]	
frio	[hápe]	
fruta	[haɽkúthe]	
fugir	[nupɽtu]	
fumaça	[nʷitáka]	
furar	[nuɽúɽʷa]	
furar	[húɽumeni]	
gado	[he:mápi]	
galho	[ɽikénaku]	
galinha	cf. galo	
galinha choca	[kaɽáka ke:ɣe ɽapáɽu]	
galinheiro	[kaɽáka ɽaɽúda]	
galo	[kaɽáka]	
gambá	[waɽitʃhi]	
gancho de rede	[pɽéta imʷatakaɽúna]	
gancho de rede	[pɽéta iɽukaɽúna]	
garça	[má:ɽi]	
garganta	[paɰédaɽiku]	
garra	cf. unha	
garrafa	[gaɽáfa]	(EM)
garrafa	[vídu]	(EM)
garrafa térmica	[kafe ɽaɽúna]	(EM)
gasolina	[gazolína]	(EM)
gata	[piɽána inaɽúna]	

gato	[piʃána]
gavião	[péʒi]
geladeira	[papéta kaʒúda pajʒawáda]
gengiva	[petsápa]
gente	[newiki]
gente selvagem	cf. curupira
gerador	[kamaʒájda]
gibi	[pakapakaʒúda patʷéni]
goiaba	[wajáwa]
goma	[ʒ'ána]
gordura	[ɔʷiʃi]
gostar	cf. amar (2)
gota	[iɔ́a]
grávida	[kewédani]
granizo	[enʷiʒi]
gravar	cf. gravar
graviola	[wiʒiwa]
grilo	[ɔ́:ʒu]
gripe	[yéʃi]
gritar	[ɔʷemátha]
gruta	[haʒajawáne]
guerreiro	[ú:wi]
habitante	cf. homem
himen	[inaʒu iʒipíkha]
himen	[inaʒu itsupáte]
hoje	[upika]
homem	[atʃh'á(n)ʒi]
homossexual	[kaʒʷénaʒi]

hora	[óa]	(EM)
horta	[pan'ajida]	
hospedar	[nukʷadáta]	
hospital	[tapedápana]	
idade	[jimujite]	
igarapé	[ipawápu]	
ilha	[kadunuji]	
inajá	[wé:ʔiji]	
inchaço	[jiʔakáda]	
indigestão	[ma:ʔʃhídaʔi paʔqáka]	
inimigo	[qepʷinda]	
inseto	[ʔʃhímuda]	
intestino fino	[paʔápi tsúkhaʔ]	
intestino grosso	[paʔápi makákhaʔ]	
inundação	[hanipáka ú:ni]	
inverno	[péwja]	
ir	[nʷá] / [núʷa]	
ira	[kéʔʷa]	
irmã	[nukitʃhídʷa]	
irmã maior	[nupheʔunáʔpe]	
irmã menor	[nuwedʷanáʔpe]	
irmão maior	[núphe:ʔi]	
irmão menor	[numéʔe:ʔi]	
irrigação	[phekanika jáʔʷa kiniki ʔíkuʔe]	
isca	[ipanáʔi]	
isqueiro	[ʔidəhʷi]	
já	[ú:pi]	
jabuti	[itʃhída]	

jacaré	[kátʃhiʝi]
jacu	[máʝe]
jaquatirica	[majakáʝa]
jagada	[kaɖaʝi]
jantar	[najnahaka depiʔani]
jararaca	[ú:ni kaʝiʝe]
jararacuçu	[eʝiʔa]
jato (de água)	[paɖaketaʝúda ʝiɖe]
javali	[a:piɖa]
jejum	[majɔakaka]
jibóia	[ɖuʝéma]
jibóia	[hámu]
joelho	[ɔʷiʝi]
jogar	[nukakúʝa]
jogar fora	cf. eliminar
jornal	[jakuʝiʔhe]
jovem	cf. adulto
jovem (homem)	[waʝipáʝi]
lábio	[panumáʝa]
lágrima	[itiʰʝaʝiáʝi]
lágrima	[paʰʝaʝa]
lapis	[ʝápi]
lâmpada	[kamaʝáʝda]
lacrau	[káphi]
lado	[ape:maɖu]
ladrão	[kajnatédaʝi]
lagarta	[putaʝu]
lagarta (come folha de açaí)	[maʝipeʝu]

lagarta (come folha de mandioca)	[wetwetuji]	
lagarto	[dú:pu]	
lago	[kajiṭa]	
lago de água estancada	[kajiṭáphi]	
laje	[hi:pákʷa]	
lama	[kajitáɰʷa]	
lampion	cf. lâmpada	
lança	cf. flecha	
lança	[muɰúku]	
lanterna	[kamaɰájku]	
lasca	[kájku iwana]	
lata	[láta]	(EM)
lata de óleo	[ól'u]	(EM)
lata de querosene	[láta kerozéne]	(EM)
lavar	[nukútsu]	
lésbica	[kaɰwédaɰu]	
lêndia	[tújdʷe]	
lebre	[lébi]	(EM)
leite	[damuɰiṭu]	
leite	[ip'áte]	
lembrar	cf. pensar	
lenço	[jétsu]	
lentidão	[medaɰúdaɰi]	
lepra	[ipakáda]	
leque	[tapékʷa]	
leste	[kámʷi h'ewajinéɰe]	
levantar	[nʷeméta]	
levantar-se	[ɰiníku] / [ɰuníku]	

levantar-se de repente	[ɔutsuméta]
levar	[núde:]
lexicalização conetiva	[méwejiku]
língua	[nʷenéne]
língua	cf. fala
língua de tamanduá	[tháju inéni]
língua geral	[patʷá]
limão	[iɟimáwa]
linha de algodão	[ɬawajikha]
linha de costura	cf. linha de algodão
linha para pescar	[itsákha]
litro	[lítu] (EM)
livro	[lívú] (EM)
lixo	[duhenádaɟi jaɟúda]
lobo	[ɔɟá:wi]
lombriga	[kuɟupitu]
longe	[jaká]
louco	[ipikakáda]
lousa	[kʷádu] (EM)
louva-a-deus	[bínoɟi]
lua	[ké:ɟi]
luz	[kamáɟaj]
macaco	[púwe]
macaco barrigudo	[kapaɟu]
macaco guariba	[ítʃhi]
macaco meio preto	[háju]
macaco prego	cf. macaco
macaco preguiça	[wánu]

levantar-se de repente	[ɣutsuméta]
levar	[núde:]
lexicalização conetiva	[méwejiku]
língua	[nʷenéne]
língua	cf. fala
língua de tamanduá	[tháɟu inéni]
língua geral	[patʷá]
limão	[iɟimáwa]
linha de algodão	[ɬawaɟíkha]
linha de costura	cf. linha de algodão
linha para pescar	[itsákha]
litro	[lítu] (EM)
livro	[lívu] (EM)
lixo	[duhenádaɟi jaɟúda]
lobo	[dʒá:wi]
lombriga	[kuɟupitu]
longe	[jaká]
louco	[ipikakáda]
lousa	[kʷádu] (EM)
louva-a-deus	[bípoɟi]
lua	[ké:ɟi]
luz	[kamáɟaj]
macaco	[púwe]
macaco barrigudo	[kapaɟu]
macaco guariba	[itʃhi]
macaco meio preto	[háɟu]
macaco prego	cf. macaco
macaco preguiça	[wánu]

macaco vermelho	[kaɣʷiɣi]	
machado	[nuɖu:káni]	
macho	[tʃhánɣi]	
machucar	[bújumeni]	
madeira	cf. árvore	
madrasta	[phadʷakána]	
madrugada	[depipahátʷa]	
mãe	[ɣádʷa]	
maleta	[maléta]	(EM)
maloca	[panapánɣi]	
mamadeira	[jenipétɣi iɣakaɣúna]	
mamilo	[pájni hitáku]	
manco	cf. coxo	
mandar	[nína:]	
mandi	[kewíte]	
mandioca	[kájni]	
manhã	[depʷátu]	
manteiga	[mantéga]	(EM)
mão	[nuká:pi]	
maracujá	[muntúɣu]	
margem	[ú:ni inumápi]	
marido	[nʷiniɣi]	
marreco (de rio)	[maxéku]	
massa	[mása]	
matar	cf. bater-se	
mato	[awakáda]	
meditar	cf. pensar	
medroso	[kaɣújite]	

meia	[méja]	(EM)
meia (par)	[tsapátu imejána]	(EM)
melancia	[balánsia]	(EM)
menina	[inaɣwéni]	
mensagem	[idejkatajkúɽi]	
menstruação	[kanupakápa]	
mentira	[iɣáɽi]	
mercadoria	[nudaɣwagéwa]	
mergulhar	[nʷáɣa]	
mês	[ké:ɽi]	
mesa	[méɽa]	(EM)
metal	cf. ferro	
metal em geral	[tʃh'páɣa]	
mexer	[nupatáka]	
mexer	[kanánini]	
migalha	[ɽidúpa]	
minhoca	[umápi]	
missanga	[maɣwí:u]	
mistério	[katsapagekakʷaka]	
montanha	[hiɽápa]	
montanha pequena	[ɽikúpa]	
montar (uma canoa)	[nudukúɣa]	
montaria	[idukujáka]	
monte	[ɽenudaɽi]	
moquear	[numíte]	
morada	[pemakawa]	
morango	[muntuɣwéni]	
morcego	[píteɽi]	

morder	[núŋʷa]
morrer (= agonizar?)	cf. morrer
morrer	[maɿ'úmeni]
morro	cf. monte
mosca	[doɿu]
mosca	[mú:ne]
mosquiteiro	[ajniðumaka]
mosquito	[tʃhimip'aɿu]
mosquito	[ajniðu]
mostrar	[nukaɾáta]
mostrar	[nuɾá:ta]
motor de barco	[motou]
muda	[makudaɿu]
mudo	[makudaji]
mula	[mula]
mulher	[i:naɿu]
mundo	[hekʷapi]
musgo	[muɟewa]
mutuca	[héɟi]
nadadeira	[kuphejphe]
nadar	[nʷáɿa:]
nádegas	[pawaphi]
nambu	[mami]
não	[kaɿu]
não	[pa]
não	[ɲame]
não aparecer	[mathina:ni]
não ser ladrão	[maɾáɟteni]

não ter caça	[mawínini]
não mexer	[manánini]
não suar	[mepápeni]
não ter brilho	[méja:ni]
não ter ponta	[memánini]
não ter valor	[makʷádani]
narina	[gitákujiku]
nariz de tamanduá	[tháju hitáku]
nascente	[ipawpu hiwidami]
nascer	[hí:kuni]
nascer	[med de énini]
nata	[taɣawakaɣ'ekʷa leitʃhi]
navalha	[patakaɣupa tʃhikuɣe]
néctar	[puɣidaka: ɣíwi]
nesse instante	[kadyuwéjiku]
neta	[nudakédʷa]
neto	[nudákeɣi]
nevoeiro	[itamana]
ninho (que homem quebra)	[ɣ'ewe ɣipoko]
ninho (que mulher quebra)	[ɣiewe ɣupuku]
nó	[hiwathel]
noite	[dé:pi]
nome	[ipitanáɣi]
norte	[ɣiwanapanakite]
novilho	[hemenina tʃhanɣina]
novo	[waɣidaɣini] / [waɣi:téni]
nuca	[panuɣuda]
nuvem	[itamana]

obscurecer-se	[kadawákani]
oeste	[kámwi imutuginahite]
olho	[nóthi]
ombro	[iṭiapaṭi]
ombro	cf. costas
onça	[dʒá:wi]
onda	[jikutakutani]
onda	[jipukha]
orelha	[qʷéni]
órfã	[mageḍwami]
órfão	[mageneṭimi]
orvalho	[putʃhʲakamaṭitʃhi]
osso	[nʷápi]
ótimo!	[matʃhʲáta]
ouro	[ewapeṭi hipadape]
outra vez	[tsénakha]
ouvido	[phehenakujiku]
ouvir	cf. escutar
ovo de galinha	[kajakéwe]
paca	[dʒá:pa]
pacote	[padami]
pacu	[kaṭama]
pacu	[keṭapókujil]
padrasto	[phaniṭikana]
pagar	[nukawípa]
pai	[qʷániṭil]
pajé	[inupaṭutakajta]
palafita	[ḍenundaṭi pánṭil]

palavra	cf. fala	
paletó	[paletó]	(EM)
palha	[tamaʝidape]	
palito	[paʝitu]	
palma da mão	[paká:pi ikudáʝiku]	
palmeira	[háʝku ʝima]	
palmito	[pawmɪtu]	(EM)
pamonha	[pabiʝitanipe]	
panacu de maniua	[kiniki]	
panela com água fervendo	panela [thʝakawa]	
panela com água fervendo	panela [ithʝakada]	
panela com água fervendo	panela [thʝakanaha]	
panela com água que ferve	[ithʝakawa]	
panela de mel	[panéla mápa]	(EM)
pântano	[otohotopaʝi]	
pão	[pãw]	
papa de milho	[kanamingawa]	
papagaio	[wá:ʝu]	
papel	[papéʝa]	(EM)
papo	[pawedaʝikuja]	
parede	[ʝiwaj]	
parente	[ʝikitʃʝenápe]	
parte do rio cercada por areia e pedra	[najtánja]	
partes de animais ou vários animais	[itʃʝʝi]	
partir (cortar)	[nuké:ta]	
passar	[nude:na]	

passar sabão na roupa	cf. esfregar
passarinho	[kepijéni~]
pássaro	[kepíja]
pássaro de pescoço vermelho	[tajakaja]
passar	[nʷemáqi]
pátio	[pánɰi numájiku]
pato	[puɰiɰi]
pato	[pátu] (EM)
pato pequeno	[puɰiɰi piketemiɰi]
pau	cf. árvore
pau para tipiti	[phʷukúɰi]
pé	[qʷipa]
pé de algodão	[amanʷuna]
pé de assaí	[manakhépi]
pé de manga	[mága]
pé de milho	[kána inana]
pé de pimenta	[á:ɰi]
pedaço	[hipáda]
pedaço da língua	[ɰʷenéne]
pedaço de banana	[pajanapáda]
pedaço de pau	cf. árvore
pedacinho	[idúpe]
pedido	[ikaiteka]
pedra	[hi:páda]
pedra plana	[hi:pákʷa]
pedrada	[hipadáda]
pedrinha	[hi:pátʰe]
pegada	[phajpaɰumi]

pegar	[ɔ́pa] / [ɔ́pa]
peido	[patamaki]
peito	[nukúda]
peixe	[kúphe]
peixe elétrico	[dakáɬa]
peixe-boi	[kúphe he:mána]
peixinhos	[ɬéphe]
pele	[núja]
pele de jacaré	[katʃhiɬja]
pelo	[idɬi]
pelo do nariz	[phetakuɬikwɬu]
pena	[nupépi]
peneira	[dupitʃhi]
pénis	[iɬite]
pénis (frouxo)	[patʃhimeni]
pensamento	[papipetakhe]
pensar	[nʷawá:da]
pensar	[nʷapipéta]
pente de cabelo	[mawida]
pentear-se	[nupʷáka]
pentelho	[itʃhiwite]
perder	cf. eliminar
perder-se	[mánaɬini]
perna	[núkawa]
perna de abelha	[mapena ikawani]
peru	[piu] (EM)
pescado de casca dura	[ɬá:ma]
pescar	[nʷitsaɬéta]

pescar	[níma]	
pESCOÇO	[nunúɟu]	
peSSoa	[aphépa]	
peSSoal	cf. gente	
pia	[pada:ta ɟupa]	
pica-pau	[kúwe]	
pilha	[píʎa]	(EM)
pimenta	[á:ɬi]	
píncel	[patʃh'ntaje ɟupa]	
píncel	[patʃh'ntaje ɟupa pánɬi]	
pintar	cf. esfregar	
pintura	[patʃh'ntajika]	
piolho	[tújda]	
piranha	[úmaj]	
pires	[paɟutweni]	(EM)
piriquito	[maj'anu]	
pisar	[núphwa]	
pista	[písta]	(EM)
pium	[mapeɟi]	
planta	[paniɟáɬi]	
plantação	[panjaɬida]	
plantação de banana	[pajanaphi]	
plantar	[núpana]	
pluma	[ɟipepi]	
pluma	cf. pena	
pneu para carro	[káɟu ipa]	
pó	[duhenaka]	
pobreza	[kenadaɟi]	

poço	[j'ána]
poça	[kajitaphi]
poder	cf. acabar
polpa	[pan'at̪i:pe]
pólvora	[mukawakʷi]
pombo	[hujitu]
pomo-de-Adão	[paku:je]
ponta	[jimána]
ponta	[jipujiku]
ponta	[jiwida]
ponta	[nʷimána]
ponta de flecha	[t̪idʲa imana]
pontapé	[papaka pahajpaju]
ponte	[pafakauna]
pontudo (com dardo)	[kemána]
popa	[jiwap'eda]
por quê	[kʷawada]
pôr-do-sol	[kámʷi hiwakawa]
porca	[kótʃhi inauna]
porco	[kótʃhi]
porco do mato	[apíɕa]
porco espinho	[ipauada]
porta	[panʔinúma]
porto	[unájje]
poste	[kamaʔaj iʔukauna]
pote	[akhepída]
povoado	[ɕakajékʷa]
povoado	[nemakaʔʷaphi]

povoado	[dʒakaje]
praia	[kájda]
prata	[paɰáta]
prato	[paɰútu]
prêmio	[gapanínda] (EM)
preocupação	[ɰitaka ɰikajewa]
presente	[pheapakatsapa]
prima	cf. irmã
primo	[paɰimajtaɰi]
privada	[petukaɰuda]
proa	[itajtaku]
procurar	cf. mexer
procurar	cf. querer
programa de rádio	[phemakaɰuda jakuɰi]
provocar	cf. causar
pular	[nuwátʃa:]
pulga	[itíɰu]
pulga	[kawáɰeɰu]
pulga (de gente)	[ifitáte]
pulmão	[patatani]
pulseira	[pana apapi]
pulso	[panapa idokuɰa kakawa]
pupunha	[pí:piɰi]
pus	[ɰikaj]
quadrilha	[kʷadɪʎa] (EM)
quadrilha	[tupikaɰudagã]
quantos	[kenakúda]
quarto	[ɰúɰʎa]

quati	[ka:píʔi]
quatro	[ʔikʷa]
quebrar	[nubáʔʷa]
quebrar	[nutúkhʷa]
quebrar	[nutukuméta]
queimar	[níma]
queimar	[ɕimájta] / [ɕumájta]
queixada	cf. javali
queixo	[paweda]
querer	[nú:ma]
querosene	[keozéni] (EM)
quilo de bolacha	[kílu boláʃa] (EM)
rã comestível	[ɕɔʔjaʔi]
rabo	[nʷíʔipi]
rachar	[numatáka]
rádio	[áɖʔu] (EM)
raiar o dia	[hekʷápiɲi]
raio de sol	[kámuj ikanake]
raiva	[iʔʷate]
raiz	[ʔipáʔi]
ralo	[á:da]
ramo	[hájku hiwidaʔta]
ramo	cf. broto
rapaz	cf. homem
raposa	cf. onça
rasgar	[núʔsawa]
rato	[hí:ʔi]
recepiente que contém caxiri	

mais forte do que pad a awa _{ju}	[ja _j ákhi]
recipiente com água que ferve	[ú:ni ith _j aká:pa]
recipiente com caxiri	[pad a awa _{ju}]
recipiente com caxiri	[pad a awa _{ju} khed a ak ^w apaj]
recipiente grande com caxiri	[pad a awa _{ju} úna makhéku]
rede	[p _j éta]
rede para dormir	[p _j éta]
rede para pescar	[tú:da]
redemoinho	[t _j i _j ^w a]
refletir	cf. pensar
relâmpago	[_j i _j ep _j ukadanaku]
relampejar	[ipé _j u]
relógio	[kám ^w i hinána]
relógio	[kám ^w i jakawa]
remango	cf. poço
remar	[nudéna:]
remédio	[tápe]
remo	[t _j i:we]
repetir uma ação	[nup _j éta]
represa	[kajtakane]
represa	[najtakane]
respiração	[pe _j akapa kajewa]
responder	[n ^w épa]
ressaca	[dáj]
revista	[pakapaka _j uda qenaph _j e]
riacho	[ipaup ^w eni]
rim	[pathepe]
rio	cf. água

riqueza	[i _ɟ iwkadaph ^h ume]
rir	[níka:]
risada	[ikakhe _ɬ e]
riscar	[q ^w i _ɟ 'a] / [qí _ɟ 'a]
roça	[kiníki]
roça abandonada	[hé:ɲami]
rochedo	[pak ^w aká _ɟ te]
rochedo	[hi:pák ^w a]
rolo de barbante	[ipa _ɟ akada paweta _ɟ upa]
rolo de cipó	[adápi]
ronco	[ka _ɟ ini]
rosto	[jek ^w a _ɟ i]
roubar	[nuɲá _ɟ tu]
roupa	[jamaká _ɟ i]
sabão	[sabãw] (EM)
saber	[n ^w áɣe:]
sabonete	[sabonét _ɬ hi] (EM)
sabugo	[ɟi _ɟ 'apa]
saco de cal	[tsáku káw]
sacola	[tsá:ku]
sagüi	[wáki]
saída	[pamutuka _ɟ uda]
saia	[tsája] (EM)
sair	[numútu]
sal	[jukí _ɟ a]
salgueiro	[ke _ɟ amata]
saliva	[panúɣa]
samambaia	[udáwi]

sangue	[nʷiɟána]
sapato	[tsapátu]
sapo	[hí:paɟu]
sarna	[itupaɽe]
satanás	cf. demônio
satisfação	[kaɽíma]
saúde	[idakiɟikuɽi]
saúva	[kaiwiɟi]
saúva	[kawipe]
saúva	[kú:ɣe]
sede	[makajekápha]
seio	[nʷíni]
seiva	[hajkʷikaj]
semana	[mítsa]
semente	[ɟí:ɟi]
sentar-se	[nú:ɣa:]
sentir-se feliz por estar	
livre do inimigo	cf. divertir-se
sepultura	[iɟiɟi]
ser abundante	[manákajni]
ser adulto	cf. ser velho
ser agradável	[ɣíwini]
ser alegre	[kaɽímani]
ser aleijado	[kutsájmekani]
ser alto	[dɛ:nunini]
ser alto	[japíni]
ser amargo	[hipíɽini]
ser antigo	[ú:pi]

ser assinalado	[khená:na]
ser baixo	[tú:muni]
ser bom	cf. ser bonito
ser bonito	[máts'ani]
ser branco	[há:jeni]
ser bravo	[kéɰ'wani]
ser bravo	[má:tsini]
ser calmo	[méɰ'wani]
ser comprido	cf ser alto
ser curto	cf. ser pequeno
ser de tamanho reduzido	[mád'wani]
ser desanimado	[maɰ'fmani]
ser dobrado	[dʒikimeni]
ser doido	[magek'hájni]
ser doido	[padáɰ'ani]
ser duro	cf. ser firme
ser feio	[má:tsini]
ser firme	[tá:ɰani]
ser forte	[kedzá:kuni]
ser forte	[khedzá:kuni]
ser fraco	[medzá:kuni]
ser fraco	[ɱedzá:kuni]
ser grande	[hanípani]
ser grande	[makádaɰini]
ser humano	[apáɰta]
ser humano	cf. gente
ser iluminado	[madawákani]
ser ladrão	[kapáɰteni]

ser leve	[tʰamúmeni]
ser limpo	[ma:pítʰani]
ser maduro	cf. ser velho
ser magro	[mépeni]
ser mau	cf ser feio
ser medroso	cf. estar com medo
ser moído fino	[bitʰimeni]
ser molhado	[pútʰʲani]
ser pequeno	[tsú:meni]
ser pobre	[khená:ni]
ser pontiagudo	[kemánani]
ser preto	[ítʰani]
ser profundo	[the:wákani]
ser rápido	cf. ser veloz
ser rasgado	[tsʰú:mekani]
ser redondo	[jabúʲeni]
ser redondo	[madzakagíni]
ser reto	[madžakanini]
ser silencioso	[mémani]
ser silencioso	[méməni]
ser solitário	cf. ser pobre
ser sujo	[ka:pítʰani]
ser tranquilo	[hamíʲpani]
ser tranquilo	[manánini]
ser velho	[pedáʲʲani]
ser veloz	[képeni]
ser verdadeiro	[há:peni]
ser verde	[hipúʲeni]

ser vermelho	[iɭajni]
seringueira	[ɔɓekajnana]
serra	[itakhakada]
serragem	[ɭidupe]
silêncio	[makudana]
sim	[ɔhɔ]
sinal	cf. verruga
sinal	[hinána]
sino	[sinu] (EM)
soar	[kɛmani]
soar	[khɛmani]
sobrinha	[papeɭʷitu]
sobrinho	[papeɭʷiɭi]
socar em pilão	cf. cravar
sofrer	[ɔiɭaphita]
sogra	cf. tia
sogra	[núpe:ɭu]
sogro	cf. tio
sogro	[pakeɭi]
sogro	[ɭipáweɭi]
sol	[kámʷj]
soldado	[tsuɭáɭa]
solteira	[majniɭidaɭutʷa]
solteiro	[majnʷitetsa]
solução	[pakumaka]
sombra	[ɭinapaja]
sonhar	[ɔitápuni]
sonho	[tapuɭi]

sono	cf. ressaca
soprar	[núph'ja]
sorte	[kenajte]
subir	[qí'ja] / [qú'ja]
subir	cf. levantar-se
suco	[akajwa]
sucuri	cf. cobra
sucuriçu	cf. jibóia
sucuriçu	[i'jwa]
sucuriçu	[umáwaji]
sujeira	[upí'ta]
sul	[padɛkema'ahi]
suor	[ke'pápe]
surda	[menaku'jikudaçu]
surdo	[menaku'jikudaji]
surubim	[ku'jeçi]
sutiã	[najo'açuda]
tabaco	[dɛ:ma]
também	[tsakhá]
tambor de madeira	[tãboçida hajkuda]
tampa de panela	[pané'ja ipana]
tampa de panela	[çi:panaíta]
tapioca	[mété]
tapuru	[akoçu]
tartaruga	[íkuçi]
tatear	cf. mexer
tatu	[a'jidáçi]
tatu	[dɛ:]

taturana	[káphi]
tecido	[tu:dáku]
tecido	[tu:damáka]
tecido feito de tucum	[kumaj'áku]
tela de aranha	[e:niká'ja]
tela para cercar	[tʃhipajamáka]
tela qualquer	[tu:damáka]
telha	[zinku] (EM)
telhado	[pána hi:pajda]
tempestade	[énu idʒani kawajejipa]
tempo das águas	[u:níjaa]
tempo das águas	[idʒaniʃi]
ter caça	[kawínini]
ter força	[kedʒa:kuni]
terçado	[matseta]
tecer	[núpaka]
ter valor	[kakʷádani]
ter visão antes de morrer	[khenímani]
terra	[hipaj]
testa	[jekʷaʃi]
testículo	[pejʷe]
testículo	[peyʷe]
testículo	[jakajayéʃi]
teta	[pajni]
teta	cf. seio
tia	[núkʷiʃu]
tio	[núkiʃi]
tipiti	[ʃiʃuʃipi]

tirar	[ɾúta]
toalha	[tuaʎa]
tocha	[thuʎume]
tocha	[kamáʎaj]
tomar banho	[nupita]
tomate	[tomatʃhi] (EM)
toráx	[papaʎemaphi]
torneira	[ú:ni hʎekukaʎukha]
tornozelo	[patawiʎe]
torrar	[numéʎa]
touro	[hé:ma haniʎina]
trabalhar	cf. fazer
tracajá	cf. jabuti
trança	[ʎipakakawa]
trança	[ʎiʎʷakakawa]
trançar	[nutʃipáta]
trator	[t á toR] (EM)
travesseiro	[pewida iʎʷakaʎúda]
tribo	cf. gente
tristeza	[inunakaje]
tromba	[itakuna]
tronco	[pawaʎudaʎi]
trovão	[ʎipaka]
tuberculose	[idʒamikheʎi khepatekhʎada]
tucano	[dʒá:ʎe]
tucum	[kumáʎ'a]
tucunaré	[dʒá:pa]
tucupi	[kájn'a]

tutano	[ʝiʝiʝiku]
uacu	[awɪ:ɲa]
úbere	[hé:ma in'ada]
um (pele)	[ápa]
um (objetos redondos e coisas em geral	[apáda]
um (líquido)	[apága]
um (pássaros, objetos que voam	[apá:pa]
um (objetos finos e pontudos)	[apá:pu]
um (lado, metade)	[apéma]
um (objetos finos)	[aphéku]
um (masculino humano)	[aphépa]
um (pedaço)	[aphepáda]
um (objetos pontiagudos)	[aphéwi]
um (cachos)	[apé]
um (pele, couro, objeto plano)	[apájja]
um (metade)	[apájda]
um (objetos pequenos em forma de grãos)	[apéʝi]
um (animado em geral)	[apájta]
um (tecidos)	[apáku]
um (superfícies planas)	[apák'va]
um (sinuoso em geral)	[apákha]
um (feminino e pares)	[apáma]
um (cortes de roupas)	[apamáka]
um (objetos altos e grandes)	[apána]
um (embrulhos)	[apápa]
um (outro)	[apáwa]

um (aberturas em geral)	[apáwa]
um (caminhos)	[apapéku]
um (objetos finos)	[apápi]
um (espaços cercados)	[apáphi]
um (fezes)	[apá _ɟ a]
um (frutas)	[apáthe]
um (objetos preparados para serem transportados)	[apapúku]
umbigo	emutʃhite
unha	[nutsúta]
urina	[tʃipaʒe]
urinar	[nudáka]
urubu	[wá:ɖuʒi]
urucu	[phi _ɟ imápa]
vagalume	[awítɛ]
vagalume	[tʃúke]
vagem	[kumanakha]
vagina	[inaʒu i _ɟ i]
vamos!	[wá _ɟ a]
varinha	[hajkʷápu]
vasilha de barro	[akhepída]
vaso de flor	[poʒia iwa kaʒuda]
vaso sanitário	cf. privada
vassoura	[tapi _ɟ ʷa]
varrer	[nupíɖu]
veado	[né:ʒi]
veia	[itaʒapiteʒi]
vela	[véla] (EM)

velha	cf. velho
velho	[pedáɟ'a]
velório	[pawapakani]
vendaval	[kawaɟe kedɟakudaji]
veneno	[kawiwadaji]
veneno de flecha	[maukuɟ'a]
ventilador	[iph'akada]
vento	[káwa:ɟe]
ver	[nukápa]
verão	cf. ano
verdade	[hapedaji]
verdadeiro	[há:pe]
verdura	[pan'ate]
vergonha	[kapajmaniɟe]
verme	cf. lombriga
verruga	[kupatu]
vespa	[ájni]
vez	[apawáɟi]
vida	[pémaka] dif de [pemáka]
vidro de xampu	[vídu ʃámpu] (EM)
vinho	[ʃibé]
vinho de patauá	[punuma]
violão	[patukanita]
vir	[nínu]
virar	[nukapúku]
virar-se	cf. virar
visita	[jaɟika ikapa]
voadeira	[vwadéa] (EM)

voltar	[núdʼa]
voltear	cf. voltar
vomitar	[nukátha]
vômito	[ikhataketi]
vulcão	[hidʒapana tɪdena]
xampu	[ʃámpu] (EM)
xingar	[nukʷiʔa]
zangão	[tʃhimuda]
zangado	[keɟʷa]
zangar-se	cf. ser bravo
zarabatana	[mawípi]
zoar	cf. soar

5.0 ANEXOS

01. Expedição busca origem dos idiomas indígenas
02. Expedição Lingüística ao Alto Rio Negro (AM)
03. Expedição Lingüística ao Alto Rio Negro (AMAZONAS)
04. Expedição A AMAZONIA II
05. Arawak, um mistério a ser desvendado
06. Região estudada revela potencial
07. Tecnologia de ponta facilita trabalho
08. Estudos salvam idioma do esquecimento total
09. Mapa de grupos Maipure
10. Mapa de Noble (1963)
11. Diagrama de Noble (1965)
12. Mapa das línguas Arawák
13. Mapa com localização das línguas Arawák
14. Localização parcial de aldeias Baniwa
15. Mapa do Alto Rio Negro e do Içana desenhado por um índio Baniwa



Ná tribo de Marília, as crianças falam Baniwa

Expedição busca origem dos idiomas indígenas

Carlos Stegemann

FLORIANÓPOLIS — Adquiriram falantes no continente americano até dois séculos atrás, por indígenas estabelecidos no território que vai da Flórida ao Paraguai, começaram a ser pesquisados por linguistas e estudantes de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, nesta expedição que ficará 90 dias na região de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, próximo ao Pico da Neblina e da fronteira com a Colômbia e a Venezuela. A expedição, com partida marcada para junho, será chefiada pelo francês naturalizado brasileiro Jean Pierre Angenot, professor do Departamento de Letras da UFSC, e sua mulher, a soviética Alexandra Altkovskiy Angenot.

Essa expedição vai nos permitir reconstruir a língua-mãe de mais de 60 idiomas indígenas vivos e descobrir mais informações sobre a origem comum das línguas indígenas das Américas", diz Jean Pierre. A decisão de estudar os idiomas da família Arawak, para a partir deles reconstruir o proto-Arawak tal como falavam de Flórida ao Paraguai, surgiu numa reunião em março do ano passado, no Colorado (EUA), com especialistas em estudos históricos comparativos de línguas americanas. "O professor Aryon Rodrigues, da Universidade de Brasília, nos mostrou que a família Arawak sofre um fenômeno raro de pesquisas comparativas, apesar de sua importância", explicou. "A América do Sul é o maior laboratório do mundo para o estudo de línguas que a ciência ainda não descreveu", reforça Alexandra.

Na região de São Gabriel da Cachoeira, a 200 quilômetros de Manaus, os 20 mil índios falam cerca de 30 línguas de pelo menos cinco famílias diferentes. "Levando em consideração que existem 130 línguas indígenas catalogadas no Brasil, a proporção de um quinto delas daquela região é um fenômeno científico", aponta-se Angenot, que esteve lá em janeiro preparando a expedição. Cerca de 10 mil índios praticam o idioma Baniwa, ramificação do Arawak, além de outros como Mawé, Awa, Mandinka. Há ainda uma língua sem relação com o Arawak, pois tem origem tupi-guarani: é a Mura. Esse idioma é o que os linguistas chamam de língua franca, isto é, funciona para os povos da região uns ou outros como o inglês para os ocidentais — é compreendida por índios de diferentes tribos, caboclos e brancos brasileiros, colombianos e venezuelanos. Segundo Angenot, também a Baniwa é uma língua "viva", que em muitos casos substitui o português da região.

Com verbas do CNPq e da Fapsc, que estão financiando a expedição, An-

genot também trouxe para Florianópolis duas nativas da região — Marília Fontes Rodrigues, 27 anos, e Deomida Oliveira Máximo, de 23 anos. Apesar dos nomes portugueses, herdados de ex-moradores da região, as índias falam na maior parte do tempo os idiomas originários da região. "Falamos mais Baniwa que português na minha comunidade (Ukuli, com 16 famílias). Só usamos português para falar com quem não sabe Baniwa", conta Marília. "Nossa língua nativa não vai desaparecer, pois as crianças também preferem usá-la", explica. Marília e Deomida estão em Florianópolis participando de um curso de alfabetização. "Foi um pedido das Missões Salesianas, muito influentes no Alto Rio Negro, como condição para nos ajudarem nas pesquisas linguísticas", diz Alexandra Altkovskiy, responsável pelas cartilhas e preparação das indígenas.

Para estudar a língua Arawak, que hoje no Brasil está reduzida à Amazônia Legal mas já esteve presente em quase todo o Norte e Centro-Oeste do país, os 15 pesquisadores usaram tecnologia inédita em trabalhos de campo de linguística. "Vamos substituir gravador, papel e caneta por computadores portáteis, abastecidos por pilhas solares e com conversores analógico-digita e digitais-analógicos", descreve Jean Pierre Angenot. A utilização desse equipamento foi aprendida por pesquisadores de vários países num curso concluído na última sexta-feira, promovido pelo Instituto Linguístico de Verbo, sediado em Brasília, e pela universidade catarinense.

Como esse equipamento, os dados coletados são armazenados em disquete; a voz é convertida em onda sonora e pode ser reproduzida por um alto-falante. "Um sistema de software permite também segmentar qualquer trecho da gravação, seja uma sílaba ou uma palavra", diz Alexandra. Outro programa de análise fono-estatística, com base num banco de dados, facilita a formação de uma árvore genealógica dos idiomas, utilizando comparações e classificações. "Há um ganho incrível de tempo e de dinheiro, pois as informações recolhidas a cada expedição só podiam ser analisadas na volta. Agora faremos tudo numa só etapa", anima-se Alexandra, que considera a introdução desses equipamentos "um marco para a linguística no Brasil".

"O acesso a essa tecnologia vai permitir que o resgate das línguas indígenas seja feito numa velocidade competitiva", diz Jean Pierre Angenot. "Essas línguas são um legado universal que está desaparecendo". É mais ou menos como as reservas ecológicas de fauna e flora, onde o patrimônio mais importante é o banco genético que elas representam.

Expedição Linguística ao Alto Rio Negro (Amazonas)

A Expedição Linguística ao Alto Rio Negro, como já noticiada no Jornal do Brasil (Rio), Jornal O Estado (Florianópolis), Diário Catarinense (Florianópolis, 22/04/91), Jornal Evolução (São Bento do Sul, 07/05/91), teve como idealizador, o Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, belga naturalizado brasileiro, e sua esposa, a soviética Alexandra Yunevna Aikhenvald Angenot, ambos professores da UFSC.

Esses dois pesquisadores montaram um projeto que visa descobrir as línguas indígenas Arawak, notadamente aquelas do Alto Rio Negro, exatamente as menos estudadas dessa vasta família linguística que, em tempos passados, habitavam grande parte do Caribe, o norte da América do Sul (Colômbia, Venezuela, Guianas e Suriname), parte do Peru, Bolívia e Paraguai, o Norte da Amazônia, parte do Xingu e parte do Mato Grosso do Sul.

Abraçaram essas causas mais 17 pesquisadores, alunos do curso de graduação, mestrado e doutorado da UFSC.

Estabelecida a equipe de pesquisa e levando em consideração as diretrizes formuladas no projeto (aprovado pelo CNPq), no dia 08/07/91, seguiram para o noroeste amazônico, além dos dois professores mencionados acima, seis doutorandos, oito mestrandos, dois graduandos e um bolsista de apoio técnico.

A expedição saiu de Florianópolis com destino a Manaus às 7 horas da manhã. Na cidade de Manaus os pesquisadores foram alojados no Quarteirão do Corpo de Bombeiros, graças à

gentileza do Comandante da Polícia Militar, Coronel Amílcar da Silva Ferreira. No dia 10/07/91, às 19 horas saiu o barco rumo a São Gabriel da Cachoeira. Depois de 59 horas ininterruptas de navegação, desfrutando de uma paisagem nunca vista, de um rio de eternas águas negras e, aproximadamente, quatorze metros acima do seu nível o de um eclipse solar, aportamos em Camanauas, porto próximo a São Gabriel da Cachoeira, às 5 horas da manhã.

São Gabriel foi fundada em 1761 pelo Cap. José da Silva Delgado a mando de Portugal para tentar conter a onda expansionista da coroa espanhola. Hoje a cidade - sede do município com uma área territorial comparável ao Estado de Santa Catarina - conta com uma infra-estrutura básica própria de uma cidade ainda pequena. Possui hotel, barcos, hospital, comércio, além de no verão dispor de uma imensa praia de areias brancas. Nos últimos anos, porém, com a execução do Projeto Calha Norte, o progresso parece cominar a passos mais largos. Prestam serviço militar naquele município mais de 1.200 homens distribuídos em dois quartéis, sete destacamentos ao longo das fronteiras com a Colômbia e Venezuela e um alojamento da Aeronáutica.

A população nativa é, ainda hoje, basicamente de origem indígena, mas a miscigenação já é evidente. Pode-se ver, também, olhos azuis e cabelos loiros de estrangeiros que visitam a cidade.

A construção dos padres salesianos só começou em 1960. Ocupa, para efeito de comparação, um quar-

teirão inteiro e é constituída da igreja (hoje catedral do bispado), hospital (hoje mantido pelo exército), colégio do 1º e 2º graus (antigamente com regime de internato), ginásio de esporte, sede do bispado, casa paroquial, casa das irmãs e oficinas.

Já nos primeiros dias, ao mesmo tempo que nos acomodávamos num alpendro alugado, procuramos entrar em contato com as autoridades constituintes de São Gabriel. A acolhida não poderia ter sido melhor. O Prefeito Municipal, Sr. José Ribamar Caldas de Lima Filho colocou a nossa disposição o micro-ônibus da prefeitura; o comandante da 5ª UFF (Batalhão Especial da Fronteira), Sr. Ten-Cor. Francisco de Assis Abrão, prontificou-se fornecer a alimentação à toda a equipe; o Comandante do BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), Sr. Major Aristomenes Barroso Magno ofereceu os veículos disponíveis de sua corporação (um caminhão coberto e um ônibus); a Aeronáutica reservou lugares em seus aviões para o deslocamento dos pesquisadores às comunidades indígenas em busca de informantes.

Considerando a grande distância das comunidades indígenas da sede do município, a burocracia da FUNAI, a dispersão da equipe, o Prof. Jean-Pierre optou por trazer os informantes à cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Resolvidos os problemas de alojamento, instalação dos computadores e gravadores, alimentação e informantes, a equipe da pesquisa, ou seja, a coleta de dados.

EXPEDIÇÃO LINGÜÍSTICA AO ALTO RIO NEGRO (AMAZONAS)

A Expedição Lingüística ao Alto Rio Negro, teve como idealizador, o Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, belga naturalizado brasileiro, e sua esposa, a soviética Alexandra Yurievna Aikhenvald Angenot, ambos professores da UFSC.

Esses dois pesquisadores montaram um Projeto que visa descrever as línguas indígenas Arawak, notadamente aquelas do Alto Rio Negro, exatamente as menos estudadas dessa vasta família Lingüística que, em tempos passados, habitavam grande parte do Caribe, o Norte da América do Sul (Colômbia, Venezuela, Guianas e Suriname), parte do Peru, Bolívia e Paraguai, o Norte da Amazônia, parte Xingu e parte do Mato Grosso do Sul.

Abraçaram essa causa 17 pesquisadores, alunos do curso de Graduação, Mestrado e Doutorado da UFSC, que seguiram para o Noroeste Amazônico.

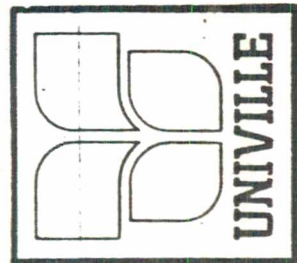
A expedição saiu de Florianópolis com destino a Manaus às 7 horas da manhã. Na cidade de Manaus os pesquisadores foram alojados no Quartel do Corpo de Bombeiros, graças a gentileza do Comandante da Polícia Militar, Coronel Amílcar da Silva Ferreira. No dia 10/07/91, às 19 horas sai o barco rumo a São Gabriel da Cachoeira. Depois de 59 horas ininterruptas de navegação, desfrutando de uma paisagem nunca vista, de um Rio de eternas águas negras e, aproximadamente, quatorze metros acima de seu nível e de um Eclipse Solar, aportou em Camanaus, porto próximo a São Gabriel da Cachoeira, às 5 horas da manhã.

São Gabriel foi fundada em 1761 pelo Cap. José da Silva Delgado a mando de Portugal para tentar conter a onda expansionista da coroa Espanhola. Hoje a Cidade - Sede do Município, com uma área territorial comparável ao Estado de Santa Catarina - conta com uma infra-estrutura básica própria de uma cidade ainda pequena. Possui Hotel, Bancos, Hospital, Comércio, além de no verão dispor de uma imensa praia de areias brancas. Nos últimos anos, porém, com a execução do Projeto Calha Norte, o progresso parece caminhar a passos mais largos. Prestam serviços Militar naquele Município mais de 1200 homens distribuídos em dois Quartéis, sete destacamentos ao longo das fronteiras com a Colômbia e Venezuela e um alojamento da Aeronáutica.

A população nativa e, ainda hoje, basicamente de origem indígena, mas a miscigenação já é evidente. Pode-se ver, também, olhos azuis e cabelos loiros de estrangeiros que visitam a cidade. Nessa paisagem desenvolveu-se a pesquisa, cujas principais conclusões serão publicadas nas próximas semanas.

Valdir Vegini

Prof. da FURJ e Membro da Expedição



EXPEDIÇÃO À AMAZÔNIA II



O Conselho Nacional de desenvolvimento científico e tecnológico - CNPQ e FINEP - Financiadora de estudos e projetos, estão financiando a expedição científica a São Gabriel da Cachoeira, da qual participa o Prof. Valdir Vegini que leciona lingüística na Furj.

Como parte do programa, duas nativas da região - Marcília Fontes Rodrigues, de 27 anos e Deonilda Olívia Máximo, de 23 (na foto), estão visitando a Universidade Federal de Santa Catarina. Apesar dos nomes Portugueses, herdados de

Encerra-se amanhã na Furj a exposição "Drumond - alguma poesia". Os 238 painéis com textos e fotos ficaram nos corredores do prédio da administração por 22 dias e o evento foi muito concorrido, tendo sido visitado por mais de mil pessoas entre estudantes, professores, autoridades e sociedade em geral.

A Furj já tem programado mais duas exposições, uma vinda do museu de arte de Joinville para maio e uma da AAPLAJ

- Associação dos artistas plásticos de Joinville para o mês de junho, durante a realização da II Semana de Educação Artística.

ex-moradores da região, as índias falam na maior parte do tempo os idiomas originais da raça. "Falamos mais BANIWA que Português na minha comunidade (Ukuki, com 16 famílias). Só usamos Português para falar com quem não sabe BANIWA, conta Marcília. "Nossa língua Nativa não vai desaparecer pois as crianças também preferem usá-la", explica.

Para estudar as línguas ARAWAK, que hoje no Brasil estão reduzidas a Amazônia legal, mas já esteve presente em quase todo o norte e centro-oeste do País, quinze pesquisadores da UFSC usarão tecnologia inédita em trabalhos de campo de lingüística.

"Vamos substituir gravador, papel e caneta por computadores portáteis, abastecidos por painéis solares e com conversores analógico-digitais e digitais-analógicos", descreve Jean Pierre Angenot, o Prof. Belga naturalizado Brasileiro que chefiará a expedição.

A utilização desse equipamento foi aprendida por pesquisadores de vários países num curso concluído no início de março, promovido pelo Instituto lingüístico de verão, sediado em Brasília e pela Universidade Catarinense."

Com esse equipamento, os dados são armazenados em disquete, a voz é convertida em onda sonora e pode ser reproduzido por um alto-falante.

Um sistema de "Software" permite também segmentar qualquer trecho da gravação, seja uma sílaba ou uma palavra", diz a professora Soviética Alexandra Angenot que também faz parte da equipe. Outro programa de análise fonotática, com base num banco de dados, facilita a formação de uma árvore genealógica dos idiomas usando comparações e classificações. "Há um ganho incrível de tempo e de

dinheiro, pois as informações recolhidas a cada expedição só podiam ser analisadas na volta agora faremos tudo numa só etapa", anima-se Alexandra, que considera a introdução desses equipamentos "um marco para a lingüística no Brasil".

"O acesso a essa tecnologia vai permitir que o resgate das línguas indígenas seja feito numa velocidade compatível", diz Jean-Pierre Angenot. "Essas línguas são um legado universal que está desaparecendo. E mais ou menos como nas reservas ecológicas de fauna e flora, onde o patrimônio mais importante é o banco genético que elas representam."



"Deomida fala Nheengatu, língua geral do alto Rio Negro"

Arawak, um mistério a ser desvendado

Pesquisadores dedicam-se ao estudo da língua falada há 50 séculos por tribos do continente americano para ter acesso a conhecimentos milenares

IMARA STALLBAUM

No filme *Medicine Man*, o apaixonado cientista interpretado por Sean Connery refere-se à



Floresta Amazônica como uma superflora abarrotada de substâncias vegetais que podem se transformar em importantes fontes de cura para os males da humanidade.

Na vida real, o não menos apaixonado professor Jean Pierre Angenot, do Departamento de Letras da UFSC, prepara desde agora uma expedição de pesquisadores catarinenses e da Universidade de Liège, na Bélgica, que vai estudar o uso medicinal de diversas plantas da região do município de São Gabriel da Cachoeira.

Na região de São Gabriel da Cachoeira, a mil quilômetros de Manaus, próximo ao Pico da Neblina, vivem 20 mil índios que falam cerca de 30 línguas. Dessas, pelo me-

ra, no Alto Rio Negro, Amazônia, sob orientação de quem manipula essas essências há milhares de anos: os índios. E em particular os que utilizam línguas originadas da língua-tronco Arawak.

Considerada a mais falada das cinco línguas mães indígenas utilizadas até 50 séculos atrás no continente americano, a Arawak serviu a tribos desde a Flórida (EUA) até o Paraguai. Angenot, um corpulento belga naturalizado brasileiro de 52 anos, 14 deles vividos em Santa Catarina, desde 1991 coordena o projeto destinado a mapear as línguas derivadas desta família lingüística.

Na região de São Gabriel da Cachoeira, a mil quilômetros de Manaus, próximo ao Pico da Neblina, vivem 20 mil índios que falam cerca de 30 línguas. Dessas, pelo me-

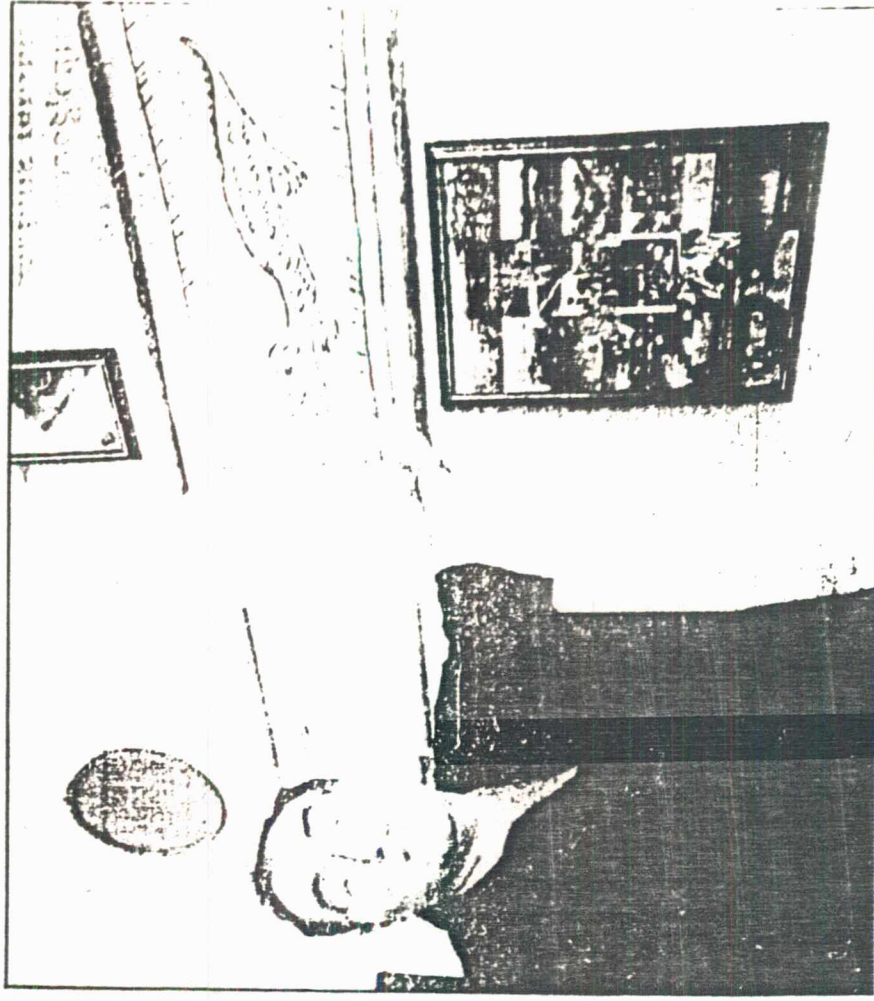
nos sete são derivadas do Arawak.

ÚLTIMO SOBREVIVENTE - Com recursos do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e apoio da UFSC, o projeto *Informática Aplicada à Lingüística Indígena: Classificação da Família Arawak e Reconstrução do Proto-Arawak* encaminha-se para uma fase decisiva. No dia 1º de julho, Angenot voltará pela terceira vez à área estudada. Desta vez não estará acompanhado dos 16 pesquisadores e dois professores da UFSC e 14 alunos de mestrado e doutorado em lingüística indígena - que integraram a primeira expedição, em junho de 1991.

Do grupo deste ano farão parte outros seis professores e alunos. O grupo pretende identificar o até então desconhecido idioma Yabána, também derivado do Arawak. Ele é falado por um único índio, cuja tribo foi destruída há meio século por invasores yanomamis.

■ SEQUE

Desafio



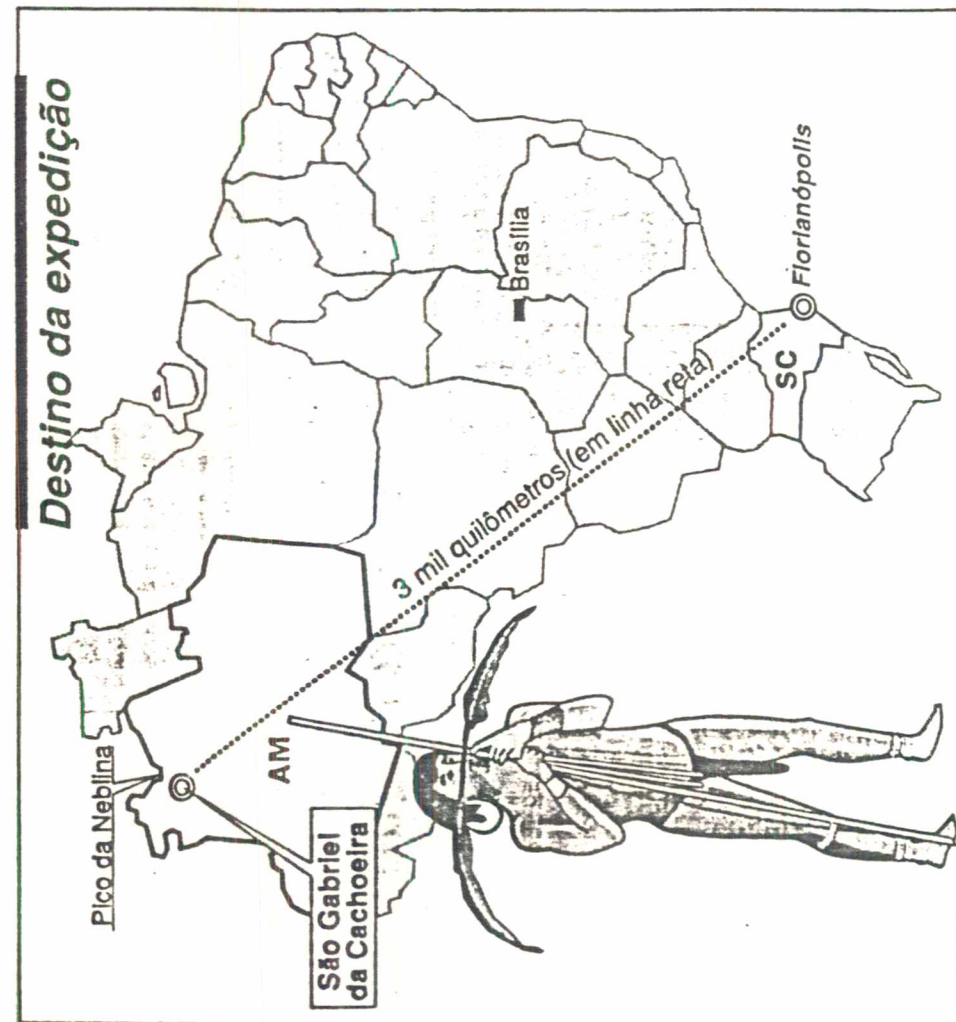
Angenot mostra trabalho feito por índios que falam línguas derivadas do Arawak

CLIDE DE OLIVEIRA

▼ BABEL INDÍGENA (2)

Região estudada

revela potencial



São Gabriel da Cachoeira foi considerada um fenômeno científico. Lá, ainda são faladas parte das 170 línguas usadas pelos índios brasileiros

O remanescente da população indígena no Brasil, cerca de 214 mil indivíduos,

divide-se entre o Parícuti que Xingue a região de São Gabriel da Cachoeira, a cerca



de 106 quilômetros do Pico da Neblina, no Alto Rio Negro. Enquanto a primeira é a mais conhecida, até 1991 as populações existentes na segunda - mais de 30 povos diferentes, dos quais pelo menos sete utilizam idiomas

originados das cinco famílias de línguas indígenas documentadas no mundo (Tupacano, Macu, Tupi, Yanomami e Arawak) - não eram pesquisadas.

A decisão de pesquisar, entre as várias línguas faladas em São Gabriel, unicamente as derivadas da Arawak, surgiu numa reunião em março de 1990, no Colômbio (EUA), entre especialistas em estudos históricos comparativos de línguas ameríndias.

Nesse encontro, Jean Pierre Angenot soube que,

apesar de sua importância, a família Arawak sofria um verdadeiro vácuo de pesquisas comparativas. Quem se dispusesse a estudá-las deveria concentrar suas pesquisas na América do Sul, o maior laboratório do mundo nesse tema.

Para Angenot, que ficou responsável pelos estudos no Brasil enquanto outros dois cientistas pesquisam o mesmo tema no Peru e na Venezuela, São Gabriel da Cachoeira é um "fenômeno científico". Nela estão catalogados 20 mil índios. A importância da região aumentou mais ainda quando se sabe que nela é falada ainda uma quinta parte das 170 línguas ainda usadas pelos índios brasileiros. ■ **STCUE**

Tecnologia de ponta facilita trabalho

Computadores portáteis com vários programas ajudam estudos lingüísticos de campo e, inclusive, a formação de uma árvore genealógica dos idiomas

Para estudar as línguas Arawak, que no Brasil hoje estão reduzidas à Amazônia Legal, mas já estiveram presentes em quase todo o Norte e Centro-Oes-

te brasileiros, a equipe de Jean Pierre Angenot usa tecnologia inédita em trabalhos de lingüística de campo. O gravador, papel e caneta, por exemplo, fo-

ram substituídos por computadores portáteis abastecidos com painéis solares e com conversores analógico-digitais (pegam as ondas sonoras e as transformam em sinais digitais) e digitais-analógicos.

Com o equipamento, os dados são armazenados em disquetes, a voz é convertida em onda sonora e

pode ser reproduzida por alto-falante. Um programa utilizado, além disso, permite segmentar qualquer trecho da gravação, seja uma sílaba ou uma palavra. Outra opção, é um outro programa, de análise fono-estatística, que com base num banco de dados facilita a formação de uma árvore genealógica dos idiomas usando com-

parações e classificações.

A utilização de semelhante tecnologia resulta num ganho incrível de tempo compatível com a urgência exigida ao trabalho.

Em expedições tradicionais, os dados recolhidos só podiam ser analisados na volta dos pesquisadores à sua base. Agora a análise ocorre simultaneamente à

coleta das informações desejadas.

Os dados colhidos no trabalho de campo serão utilizados em outro de reconstrução histórica-comparativa que incluirá a análise de documentos, o relato de lendas e contos indígenas. Esses dados integrarão um dicionário a ser produzido.

Pesquisador destaca a riqueza da linguagem

Programa de índios, numa alusão a algo que não tem graça nenhuma, é, definitivamente, uma expressão que Jean Pierre Angenot, doutor em lingüística pela Universidade de Leiden, na Holanda, em 1971, não usa jamais.

É que Angenot conhece boa parte da riqueza da linguagem indígena. "Eles têm palavras específicas para cada tipo de peixe, por exemplo, e detêm um conhecimento sobre a natureza que só poderemos acessar depois de conhecermos sua língua e cultura", diz o pesquisador. A riqueza cultural dos grupos investigados chega a tal ponto que os grandes especialistas em *strychnos* - veneno de flecha.

O conhecimento que os

índios têm sobre os vários usos da floresta começará a ser identificado no ano que vem, durante a terceira expedição prevista pelo projeto. Marcada para iniciar em julho de 1994, estendendo-se até dezembro, essa etapa terá como co-responsável o diretor do Instituto de Farmácia de Liège, Luc Angenot, irmão de Jean Pierre.

O projeto também está interferindo na consciência indígena. Assim é que, a pedido dos próprios entrevistados na selva, os pesquisadores acabaram improvisando um curso de alfabetização dos índios em seus idiomas nativos durante a expedição de 1991, agora oficializado. Essa atividade tem o patrocínio da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos) do Governo Federal.

■ SEQUE ♦

▼ BABEL INDÍGENA (4)

Estudos salvam idioma do esquecimento total

Pesquisas lingüísticas lutam para registrar os vocabulários de línguas ameaçadas de extinção como a Warekêna, ramificação do Arawak

"Morre o homem, morre a língua", assegura o professor Jean Pierre Angenot,



certodeque o ditado cumpriu-se à risca no caso da língua Baré, derivada da

Arawak e que, segundo o pesquisador, é quase um sinônimo de Amazônia. Por força de aculturação, os representantes dessa tribo de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, hoje falam português ou outra língua indígena.

O idioma só não caiu em completo esquecimento graças a um único índio, Candelário, que foi contatado em julho de 1991, quando tinha 73 anos. Na ocasião, apesar de sua mãe, a única pessoa com quem conversava no idioma nativo, ter morrido há 32 anos, Candelário ainda dominava o Baré. "Comparamos o vocabulário que ele usava com relatos de viajantes do início do século e comprovamos que ele dominava a língua mesmo que, pela morte da mãe, a tenha congelado na mente por mais de três décadas", admira-se Angenot.

Candelário morreu vítima de uma forte gripe em janeiro deste ano. Não fosse o estudo lingüístico de Angenot, o Baré, que o índio usava apenas em monólogos tristes quando bebia - e isso

aconteciam com frequência - teria desaparecido sem deixar nenhuma marca.

DESCONHECIDA - Outra língua que assim como o Baré é uma ramificação do Arawak e também está com os dias contados, é a Warekêna. Ela é falada por apenas 20 índios da região de São Gabriel da Cachoeira na faixa etária dos 50 anos. Outra, da mesma região, a Táriána, é utilizada por apenas uma aldeia, cujos membros ainda não foram quantificados.

Em melhor situação estão a Baniwa, da qual já são conhecidas cerca de cinco mil palavras. Ela é falada ainda hoje por 5.460 índios que a subdividiram em pelo menos três dialetos. A Kuri-páko é praticada por 4.210 nativos. Dois dos dialetos da última já foram estudados.

Um dos principais desafios da segunda expedição lingüística comandada por Angenot e que partirá no próximo mês de julho de Florianópolis é contatar um velho índio que vive na ilha de Wabadá, no Rio Negro. A existência desse indivíduo foi descoberta por um missionário da região e relatada a Angenot recentemente. O velho pode fornecer informações sobre uma língua da qual só são conhecidas 50 palavras, a Yabáana, da família Arawak. ■

Monólogos tristes



CLÉIDE DE OLIVEIRA/DC

Candelário: só falava língua Baré quando bebia

RESISTÊNCIA ARAWAK

Arawak é uma das cinco línguas-tronco indígenas conhecidas e ainda com representantes no mundo. Já foi falada no passado por tribos que habitaram grande parte do Caribe, Norte da América do Sul (Colômbia, Venezuela, Guianas e Suriname), parte do Peru, Bolívia, Paraguai, Norte da Amazônia, e também parte do Xingu e do Mato Grosso do Sul.

O Arawak ainda é falado por alguns sobreviventes de tribos localizadas no Alto Rio Negro, Peru e Venezuela. Também há a presença desse idioma em Honduras, na América Central.

Figure 2: Approximate locations of Maipuran language groups





Drawn after John Howland Rowe's map of 1951 and John Alden Mason's map of 1950

Groves are those of Noble 1963

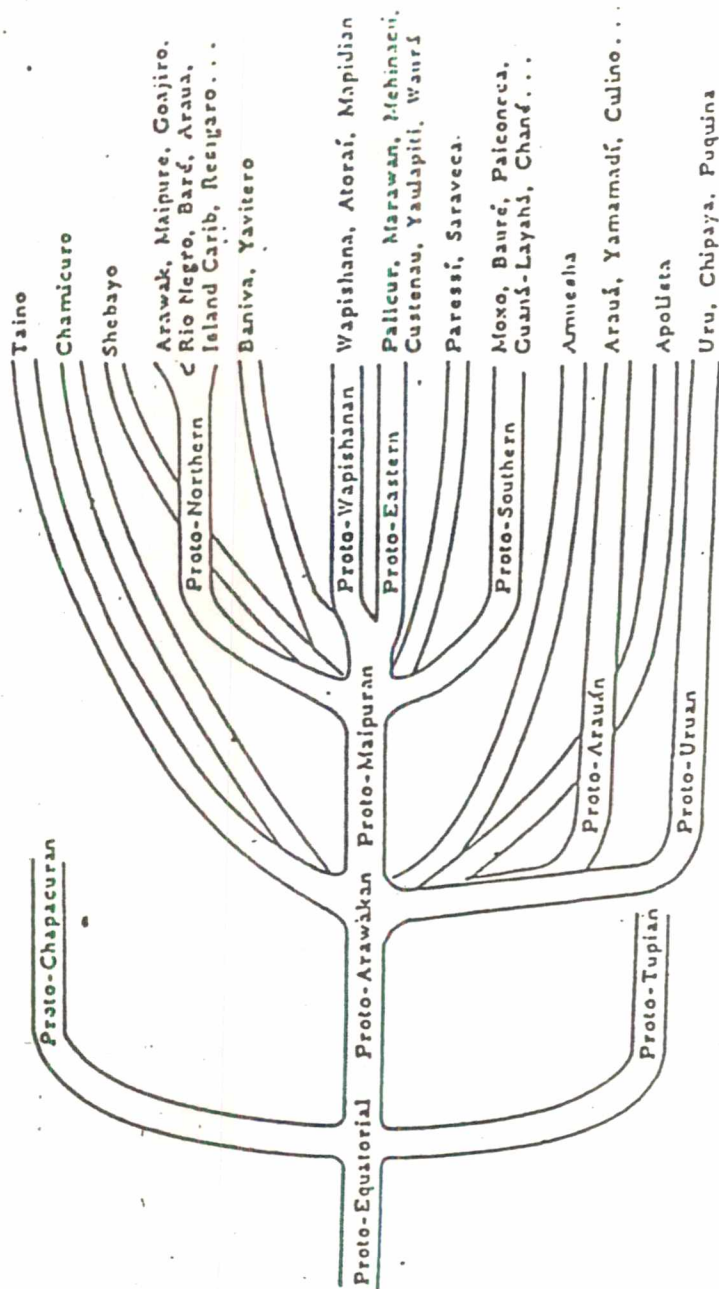
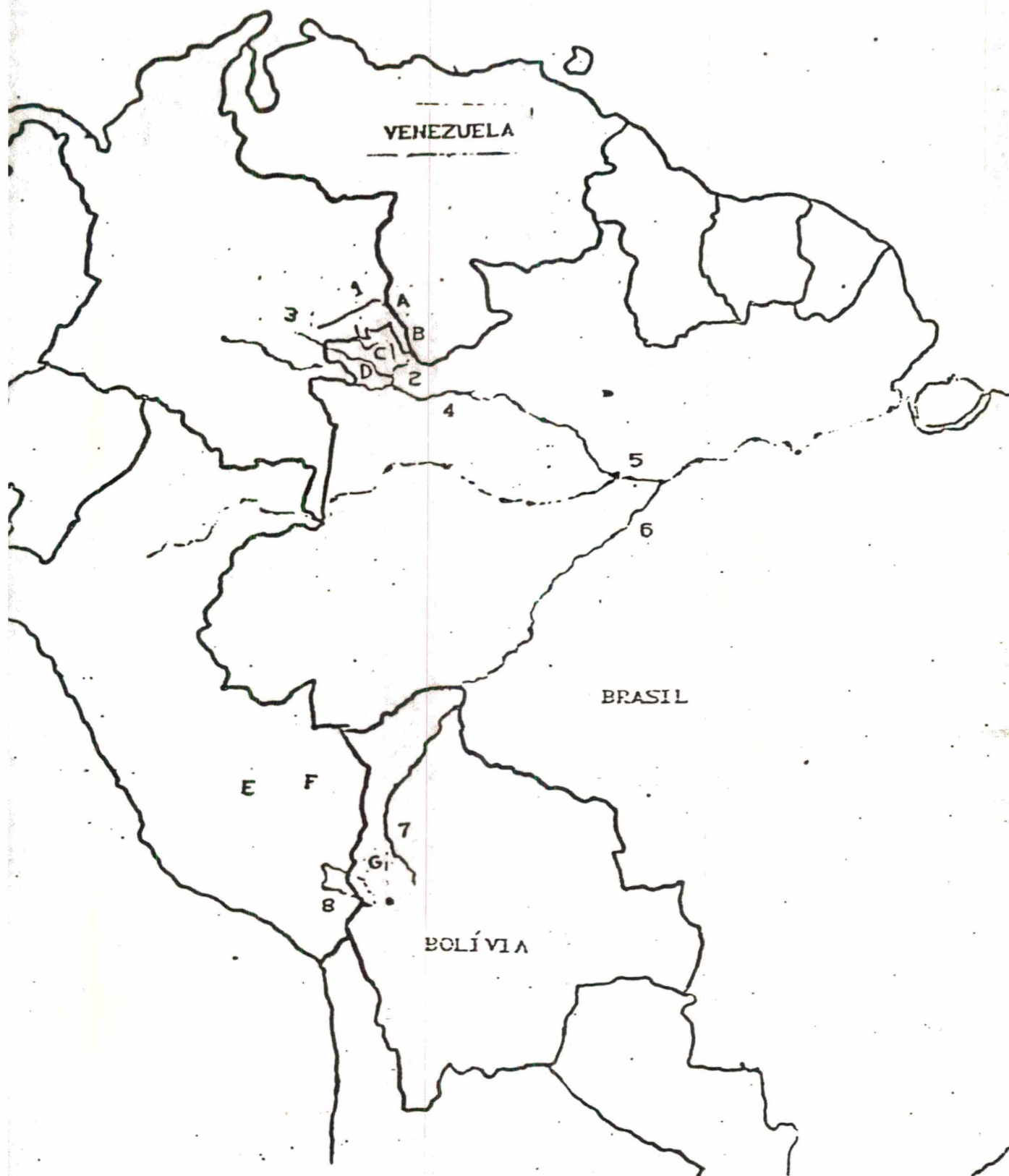


Figure 3: Diagram of Noble's Arawakan Stammbaum (1965)



A = BANIWA DO GUAINIA
 B = WAREKENA ORIGINAL
 C = WAREKENA DO XIE
 D = BANIWA DO IçANA
 E = KAMPA
 F = INAPARI
 G = APOLISTA

1 = RIO GUAINIA
 2 = RIO XII
 3 = RIO IçANA
 4 = RIO NEGRO
 5 = RIO AMAZONAS
 6 = RIO NADEIRA
 7 = RIO BENI
 8 = LAGO TITICACA

Anexo 13

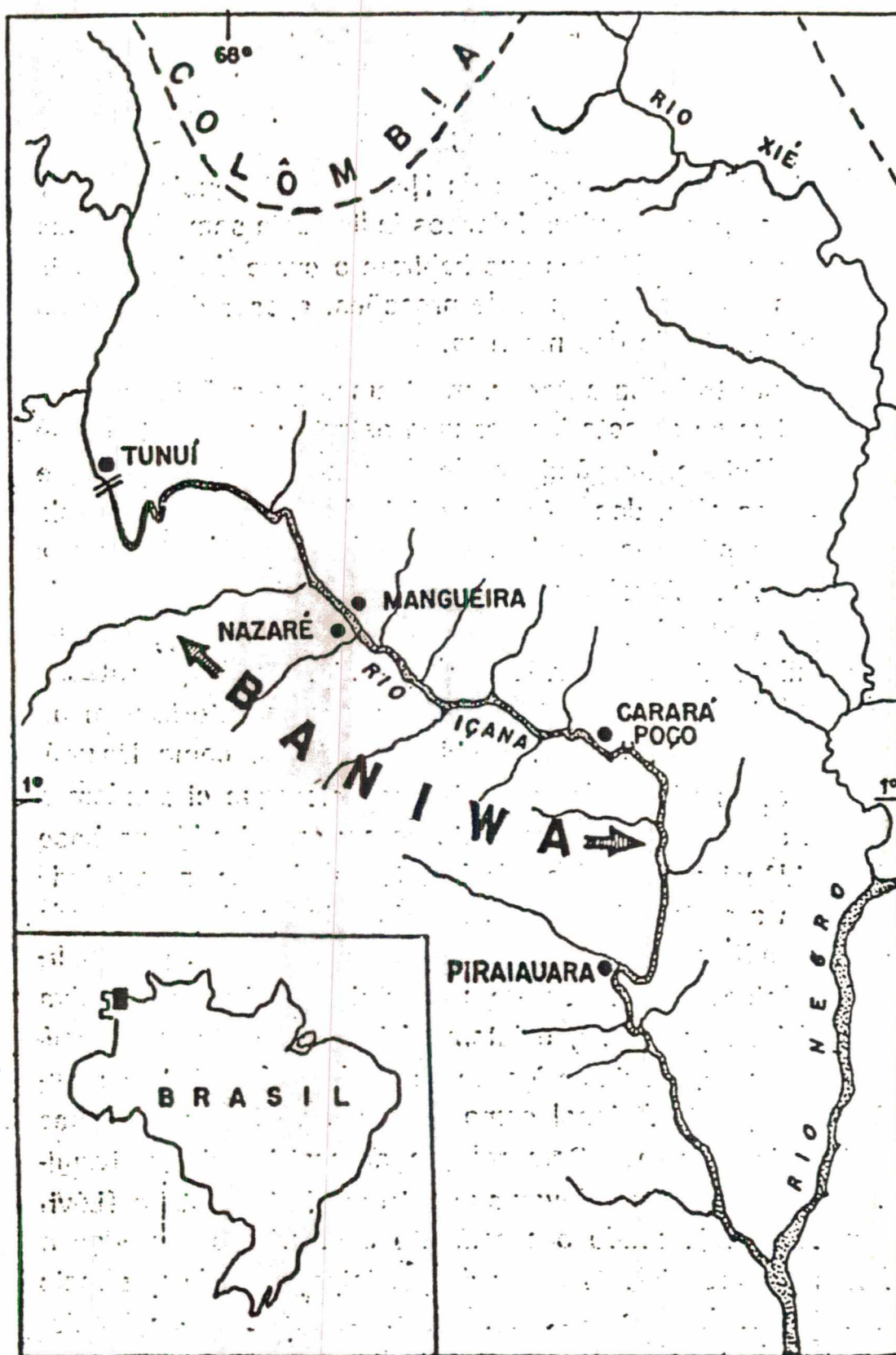


Fig. 1 — Localização parcial de aldeias Baniwa

Amexo 14

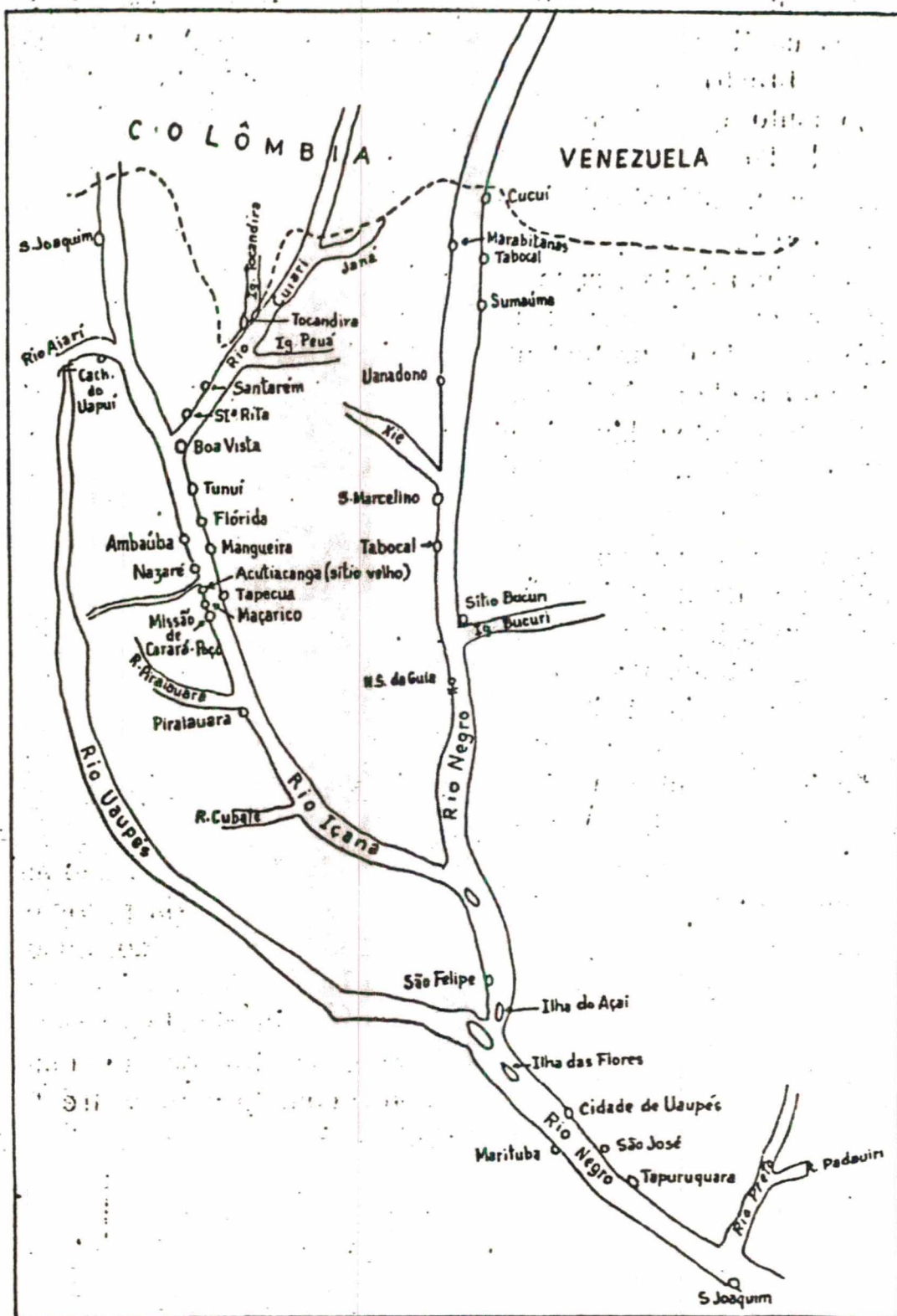


Fig. 1 — Mapa do alto rio Negro e do Içana desenhado por um índio Baníwa.

Anexo 15

6.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. (1991). Classes Nominais do Baniwa. (mimeo)
- ALLIN, T. R. (1976). A grammar of Resigaró. Horleys Green, High Wycombe, Buckinghamshire, England, Summer Institute of Linguistics.
- ALSOP, J. & JOHNSTON, C. (1989) FIESTA: Fast Interactive Editor of Scripture and Text Analysis: A Program for Translators and Linguists. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.
- ALVAREZ, J. G. (1985). Aspects of the Phonology of Guajiro. Ph.D.Dissertation, University of Essex, Great Britain.
- ANGENOT, J-P., Spa. Jaa & Yengo, dya M. (1974). Interprétation générative du phénomène de l'emprunt linguistique: les mots Kikongo d'origine française. Lubumbashi: CELTA, National University of Zaire.
- ANGENOT, J-P. et alii (1981). 'A note on downdrift, low-raising and downstep'. In: Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics. In: UFSC Working Papers in Linguistics - An International Series - NEL, SC.
- ANGENOT, J-P., FRANÇA, Ma. C. V. de & MARTINS, V. (1992). Para um Tratamento Fonético - Input: Shoebox-IT-Word 5-TA. Output: CHIWRITER [IPA]. Florianópolis, Brasil: UFSC Working Papers in Linguistics, Série 'Línguas Indígenas', 59.
- ANGENOT, J-P. & VEGINI, V. (1992). O Apolista que ama o Baniwa do Guainia que ama o Warekéna do Xié que não ama ninguém. UFSC. Working Papers p-16.
- ANTWORTH, E.L. (1990) PC-KIMMO: A Two-level Processor for Morphological Analysis. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.
- ARONOFF, M. (1976) Word Formation in Generative Grammar. Linguistic Inquiry monograph Series, nO 1, Cambridge, Mass.: MIT Press.

- BRINTON, D. G. (1891). The American Race: a Linguistic Classification and Ethnographic Description of the Native Tribes of North and South America. New York.
- BRÜZZI, A. A. da S. (1961). Discoteca Etno-Linguístico-Musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi. Missão Salesiana do Rio Negro. Am - Br.
- BRÜZZI, A. . A. da (1977). A Civilização Indígena do Uaupés. 2 ed. Las - Roma p.33.
- CHAMBERLAIN, A. F. (1913). Nomenclature and Distribution of the Principal Tribes and Sub-tribes of the Arawakan Linguistic Stock of South America. in: Journal de la Société des Américanistes de Paris, v. 10.
- CHAPMAN, S. & DERBYSHIRE, D. C. (1991). "Paumarí". in: D. C. Derbyshire & G. Pullum, eds. Handbook of Amazonian Languages. vol 3, Mouton de Gruyter, Berlin, New York, pp. 161-351
- CHOMSKY, N & HALLE, M. (1968). The Sound Pattern of English. New York: Harper and Row.
- CLEMENTS, G. N. (1985). "The geometry of phonological features". in: Phonology Yearbook 2: 223-52.
- CRÉQUI-MONTFORT, G. & RIVET, P. (1913). "La langue Saraveká". Linguistique Bolivienne. In: Journal de la Société des Américanistes de Paris. Otuké - , t. X, fasc. II.
- DERBYSHIRE, D. & PULLUM, G. (1991). "Introduction". in: D. C. Derbyshire & G. Pullum, eds. Handbook of Amazonian Languages. Vol. 3. , Mouton de Gruyter, Berlin, New York. p. 3 , p. 12
- DRESSLER, W. U. (1985). Morphonology: the dynamics of derivation. Ann Arbor, Mich. : Karoma.
- FRANÇA, N. A. (1991). Pequeno Vocabulário do Baniwa-Siusi. ELARN1 - UFSC (mimeo).
- FROMKIN, V. (1979). Tone: A Linguistic Survey. Academic Press.

- GALVÃO, E. (1959). Aculturação indígena no Rio Negro". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série: Antropologia, Belém (7):5.
- GILIJ, F. S. (1780-84). Saggio di storia americana, o sia, Storia naturale, civile e sacra d'ogni e delle provincie spagnuole di Terra-Ferma nell'America meridional. 4 vls. Roma (Traducción castellana del vol IV de M. G. y B. C. Romero. 1955. Bogotá: Academia de Historia. Traducción Castellana de dos vols I-III de A. Tovar. 1965. Caracas: Academia Nacional de Historia.)
- GOLDSMITH, J. A. (1976). Autosegmental Phonology. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana.
- GOLDSMITH, J. A. (1990). Autosegmental & Metrical Phonology. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell.
- GOMES, M. et alii (1992). Dados de Campo sobre o Baniwa-Siusi coletados na ELARN1 (1a Expedição Lingüística ao Alto Rio Negro). Florianópolis, Brasil: UFSC Working Papers in Linguistics, Série 'Línguas Indígenas', 56.
- GREENBERG, J. (1956). "The general classification of Central and South American Languages". Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences. Philadelphia.
- GRIMES, B. F. (1988). Ethnologue: Languages of the World. 11a ed. Summer Institute of Linguistics. Dallas, Texas.
- HALLE, M. & STEVENS, K. (1971). A Note on Laryngeal Features. MIT Research Laboratory of Electronics Quarterly Progress Report # 101; 198-213.
- HARRISON, C. (1986). "Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara". in: D. Derbyshire & G. Pullum (eds.), pp. 407-439.
- HAYES, B (1981). A Metrical Theory of Stress Rules. Cambridge Mass.: MIT Ph.D. dissertation.
- HERVAS & PANDURO, L. (1800). 'Catalogue de las lenguas de las naciones conocidas, y numeración, división y clases de estas según la diversidad de sus idiomas y dialectos". Lenguas y Naciones Americanas. Vol 1, Madrid.

- HOLDEN, K. (1976). Assimilation rates of borrowings and phonological productivity. Language 52:131-146.
- HORSTMANN, C. (1989) Hortsman Software Design Corportation CHIWRITER: The Scientific/Multifont Word Processor for the IBM PC and Compatibles. San Jose, CA.
- HURKO, N. (1991). Pequeno Vocabulario do Baniwa-Siusi. ELARN1 - UFSC (mimeo).
- HYMAN, L. M. (1983). A Theory of Phonological Weight. University of Southern California.
- JAARS, Inc. (1988) TA: The Text Analysis User's Manual.
- KAUFMAN, T. (1990). "Language History in South America What We Know and How to Know More. In: Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Language. Austin University of Texas Press.
- KINDER, L. von (1936) Gramática y vocabulrio de la lengua huitota. (Boletín de Estudios Históricos, Suplemento nº 4) Pasto, Colombia: Imprenta del Departamento de Nariño.
- KIPARSKY, P. (1968/1973). "How abstract is phonology?", Indiana University Linguistics Club.
- KIPARSKY, P. (1982a). "Lexical Morphology and Phonology". in: I.S. Yang, (ed.). Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin.
- KIPARSKY, P. (1982b) "From Cyclic Phonology to Lexical Phonology". in: H.van der Hulst & N. Smith (eds.) The Structure of Phonological Representations. Dordrecht, Holland: Foris Publications.
- KOCH-GRÜNBERG, T. (1911). Aruak-Sprachen Northwestbrasilien und der angrenzenden Gebiete. Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft. In: Wien, Bd., XLI.
- KOCH-GRÜNBERG, T. (1928) Vom Roraima zum Orinoco. Ergebnisse einer reise in nordbrasilien und Venezuela in den jahren 1911-1913, Vierter Band: Sprachen, Mit Einer Karte.

- LADEFOGED, P. (1971). Preliminaries to Linguistic Phonetics. Chicago: University of Chicago Press.
- LISKER, L. & AMBROMSON, A. S. (1971). Distinctive features and language control. Language 47, p. 767-785.
- LOUKOTKA, Č. (1935). "Clasificación de las lenguas Sudamericanas". Revista del Instituto de Ethologia de la Universidad Nacional de Tucumán.
- LOUKOTKA, Č. (1968). Classification of South American Languages. Johannes Wilbert, ed. Los Angeles: University of California Press.
- LOVINS, J. B. (1974). Why loan phonology is natural phonology. In: Bruck, Fox and Lagaly, pp. 240-250.
- McCawley, (1979). 'What is a Tone Language?' In: Tone A Linguistic Survey. Ed. V. A. Fromkin. Academic Press, New York, San Francisco, London.
- MARTIUS, C. F. P. von (1863). Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. vol II. Erlangen.
- MASCARÓ, J. (1976). Catalan Phonology and the Phonological Cycle. Cambridge, Mass.: MIT Ph.D. dissertation.
- MASON, J. A. (1950). "The Languages of South American Indians". in: Handbook of South American Indians 6ed. by Julian H. Steward (Washington: Bureau of American Ethnology, Bulletin 143), pp. 161-317.
- MATTESON, E. (1964). Algunas afiliaciones de la familia Arawak. XXXV Congreso Internacional de Americanistas: México, p. 519.
- MATTESON, E. (1972) "Proto-Arawakan". in: E. Matteson et alii, eds. Comparative Studies in Amerindian Languages. (Janua Linguarum, Series Practica, 127). The Hague: Mouton. pp. 160-242.
- MEILLET, A. & COHEN, M. (1927). "Langues de l'Amérique Sud: Arawak". In: Les langues du monde. Paris. pp. 1102-1108
- Microsoft Corporation (1989) Microsoft (R) WORD: Versão 5.

- MOHANAN, K. P. (1982). The Theory of Lexical Phonology. PhD dissertation, MIT.
- MOHANAN, K. P. (1983). The Structure of the Melody. Unpublished paper, MIT.
- MOHANAN, K.P. (1986). The Theory of Lexical Phonology. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company.
- MONSONYI, E.E. (1968). El idioma de Lingüística Arahua. Economía y Ciencias Sociales Caracas: Universidad de Venezuela.
- NIMUENDAJÚ, C. (1955). "Reconhecimento dos rios Içana, Ayarú & Uaupés. Apontamentos Lingüísticos: Léxico Walipéri-Dakénai". in: Journal de la Société des Américanistes de Paris, pp. 602-604..
- NOBLE, G. K. (1965). "Proto-Arawakan and its descendants". Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics, Publication 38. in: International Journal of American Linguistics. 31, no 3, Part II, Bloomington, Indiana.
- OLIVEIRA, A. E. de (1975). A terminologia do parentesco baniwa - 1971. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série: Antropologia, Belém (56): 1-3.
- OLIVEIRA, A. E. de (1979). Depoimentos Baniwa sobre as relações entre índios e "civilizados" no rio Negro. Boletim do Museu Emílio Goeldi. Nova Série: Antropologia, Belém (72):3
- PAYNE, David. L. (1987). "Some Morphological Elements of Maipuran Arawakan: Agreement Affixes and the Genitive Construction". in: M. R. Key, ed. Comparative Linguistics of South American Indian Languages. Special issue of Language Sciences, (9)1, 57-75
- PAYNE, David. L. (1991a). Clasificadores Nominales: La interacción de la fonología, la gramática y el léxico en la investigación comparativa del Maipurán. In: Revista Latino Americana de Estudios Etnolingüísticos. Vol 6, ed. I. P. Pastor, Lima, Perú.

- PAYNE, David. L. (1991b). "A classification of Maipuran (Arawakan) Languages based on shared lexical retentions". in: D.C. Derbyshire & G.K. Pullum, eds. Handbook of Amazonian Languages. Vol. 3. Berlin/New York: Mouton - De Gruyter.p. 355-499.
- PAYNE, Dorys L. (1986). "Noun classification in Yagua". In: Noun Classes and Categorization in Typological Perspective. Ed. Colette Craig, pp. 113-131, Amsterdam: J. Benjamins.
- PAYNE, Dorys. L. (1990). "Morphological Characteristics of Lowland South American Languages". in: Dorys Payne (ed).Amazonian Linguistics Studies in Lowland South American Languages. University of Texas Press, Austin, p. 213.
- PAYNE, J. K. (1991). "Los patrones de acentuación en el Ashéninka". Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos. 7:9-36.
- PULLEYBLANK, D. (1986). Tone in Lexical Phonology. Dordrecht, Holland:D. Reidel Publishing Company.
- RIVET, P. (1924/1952). "Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles". In: A. Meillet & M. Cohen eds. Les Langues du Monde. Paris, pp. 639-712.
- RODRIGUES, A. D. (1986). Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. SP, Ed. Loyola.
- RUHLEN, M. (1976). A guide to te languages of the world. Languages Universals Project. Stanford, University, p. 142-143.
- SALAZAR, G. V. G. (1991). Pequeno Vocabulário do Baniwa-Siusi. ELARN1 - UFSC (mimeo).
- SANS, R. L. (1971). El Bare: estudio lingüístico. Caracas Venezuela. Diss.
- SEKI, L. et alii (1991). História e conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Parque do Xingu. Projeto Integrado de Pesquisa, CNPq, Campinas, UNICAMP.
- SIEGEL, D. (1974) Topics in English Morphology. Cambridge, Mass.: MIT Ph.D. dissertation.

- SIMONS, G. F. & VERSAW, L. (1988) How to Use IT: A Guide to Interlinear Text Processing. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.
- SOUZA MELLO, A. A. (1992). Pequeno Vocabulário do Baniwa do Içana (dialetos Hohôdene e Siusi). Working Papers in Linguistics, Florianópolis: UFSC, (no prelo).
- SPEKTOR, L. (1988). CLAN.Chield Language ANalysis. Carnegie Mellon University Pittsburgh.
- STAMP, D. (1973). A dissertation on natural phonology. Tesis para obter el grado de Ph. D. University of Chicago.
- STEINEN, K. von den. (1886/1942). O Brasil Central. Tradução de C. Canabrava. Brasileira, Série Extra, vol 3, Companhia Editora Nacional, SP.
- STRANGFELD, R.A. (1988) The RAP Programming Language. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.
- STULTZ, R. A. (1991) MS-DOS 5.: Guia de Referência Completo.
- TAYLOR, G. (1991). Introdução à Língua Baniwa do Içana. Campinas, Brasil: Editora da UNICAMP.
- TELES, I. M. (1992). 'Considerações preliminares sobre o fator físico que determina a proeminência acentual em Baniwa-Hohôdene.' in: VI Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. Maringá. Anais... Maringá: UEM. (no prelo)
- TOVAR, A. & TOVAR, C. L. (1984). Catálogo de las lenguas de América del Sur. Madrid: Editorial Gredos.
- VALENTI, D. M. (1986) A Reconstruction of the Proto-Arawakan Consonantal System. New York University. Ph.D. dissertation.
- VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M. (1977). Classification and Index of the World's Languages. New York, Elsevier North Holland Inc.

WEBER, D.J., Black, H.A. & McConnel, S. R. (1988) AMPLE: A Tool for Exploring Morphology. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.

WIMBISH, J. S. (1989) WORDSURV: A Program for Analysing Language Survey Word Lists. Dallas, Texas: Summer Institute of Linguistics.

WIMBISH, J.S. (1990) SHOEBOX: A Data Management Program for the Field Linguistic. SIL & Pattimura University, Indonesia.

WISE, M. R. (1987). Afijos Causativos y Comitativos en idiomas de la familia Arawaka Maipuran. Instituto Lingüístico de Verano. I Congreso Peruano de Lingüística y Filología . Lima p. 291

WISE, M. R. (1991a) "Un estudio comparativo de las formas pronominales y sus funciones en las lenguas arawakas nortekas". in: Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos. 7:183-200.

WISE, M. R. (1991b) "Morfosintaxis comparativa y subagrupaciones de las lenguas arawakas maipurán". in: Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos. 7:259-282. Summer Institute of Linguistics.